

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**LARISSA FRAZÃO SILVA**

**“Tragam-me uma camisa verde”**: fascismos, integralismo e a indumentária

Juiz de Fora

2025

**LARISSA FRAZÃO SILVA**

**“Tragam-me uma camisa verde”**: fascismos, integralismo e a indumentária

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Frazão Silva, Larissa.

“Tragam-me uma camisa verde” : fascismos, integralismo e a indumentária / Larissa Frazão Silva. -- 2025.  
201 p.

Orientador: Leandro Pereira Gonçalves  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Ação Integralista Brasileira. 2. Indumentária. 3. Fascismos. 4. Estética Fascista. I. Pereira Gonçalves, Leandro, orient. II. Título.

**Larissa Frazão Silva**

**“Tragam-me uma camisa verde”:  
fascismos, integralismo e a indumentária**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História . Área de concentração: História, Cultura e Poder

Aprovada em 26/02/2025

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves** - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva**

Universidade Federal do Rio de Janeiro/Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Toni Morant i Ariño**

Universitat de València//Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profa. Dra. Andrelise Gautério Santorum**

Universidade de Lisboa

Juiz de Fora, 07/02/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Pereira Gonçalves, Professor(a)**, em 26/02/2025, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANDRELISE GAUTERIO SANTORUM, Usuário Externo**, em 28/02/2025, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Toni Morant i Ariño, Usuário Externo**, em 03/03/2025, às 04:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francisco Carlos Teixeira da Silva, Usuário Externo**, em 07/03/2025, às 08:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2235739** e o código CRC **60EA2C40**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, aos colegas de curso e a todos os professores que contribuíram para minha trajetória.

Ao Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves, pelo apoio e orientação constantes desde o ensino médio, passando pela graduação e iniciação científica, até as linhas finais desta dissertação.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa que foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Toni Morant i Ariño, pela disciplina cursada em sua jornada pelo Brasil, pelas contribuições na banca de qualificação e pela presença na banca final.

Ao Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva, pelas indicações na banca de qualificação e presença na banca final.

A Prof<sup>a</sup>. Dra. Andrelise Gautério Santorum, pela presença na banca final.

A minha colega mestranda Ana Júlia Ferreira, que esteve comigo desde o processo de seleção, por tantas conversas, trocas e auxílios, especialmente em nossa visita ao DELFOS e tour pela cidade de Porto Alegre com o ilustríssimo Héglio Trindade, que nos apresentou a cidade de maneira inesquecível.

Aos meus pais, Cristina e Hebert, à minha irmã Isabela e aos meus avós, Maria e Vicente, agradeço por todo apoio, amor, carinho e compreensão.

Ao meu companheiro de vida, Danilo, e aos meus sogros, Valéria e Ignácio, minha segunda família formada apenas por historiadores, meu muito obrigada pelo apoio e suporte.

Por fim, à minha família, amigas e amigos, que sempre acreditaram em mim e no meu potencial.

Muito obrigada.

## RESUMO

A maneira pela qual os membros da Ação Integralista Brasileira (AIB) se apresentavam ao mundo era através de suas camisas verdes e da denominação Camisas-verdes. Ao representar e simbolizar o ideal dos integralistas, a indumentária uniformizante foi um importante recurso estético, propagandístico e fomentador de agregação e engajamento ao projeto nacionalista de Plínio Salgado, que se espalhou por todo o Brasil na década de 1930. Em consonância com os chamados *shirt-movements*, os Camisas-verdes se viam como parte de um fenômeno transnacional, em que havia a comunhão não só de ideias, como também de práticas. Partindo dessas questões, a pesquisa tem por objetivo investigar as camisas verdes, o uniforme oficial integralista, buscando compreendê-lo como um instrumento moral, doutrinário e revolucionário, assimilando a forma que homens, mulheres e crianças eram vestidos para externalizar os pressupostos do movimento – ordem e disciplina como também Deus, pátria e família. Aliado a isso, pretende-se analisar o uniforme sob a perspectiva do fascismo transnacional e da estética fascista, ferramentas essenciais ao considerar as expressões visuais, ritualísticas e ideológicas do integralismo.

**Palavras-chave:** Ação Integralista Brasileira; Indumentária; Fascismos; Estética Fascista.

## ABSTRACT

The way members of the *Ação Integralista Brasileira* (AIB) presented themselves to the world was through their green shirts and the designation *Camisas-verdes*. Representing and symbolizing the ideals of the integralists, this uniformed attire was an important aesthetic, propagandistic, and mobilizing tool, fostering engagement and adherence to Plínio Salgado's nationalist project, which spread throughout Brazil in the 1930s. In alignment with the so-called shirt movements, the *Camisas-verdes* saw themselves as part of a transnational phenomenon that shared not only ideas but also practices. Based on these issues, the research aims to investigate the green shirts, the official *integralista* uniform, seeking to understand it as a moral, doctrinal, and revolutionary instrument, examining how men, women, and children were dressed to externalize the movement's principles – order and discipline, as well as God, homeland, and family. Furthermore, the study intends to analyze the uniform from the perspective of transnational fascism and fascist aesthetics, essential tools for considering the visual, ritualistic, and ideological expressions of *integralismo*.

**Keywords:** Ação Integralista Brasileira; Clothing; Fascisms; Fascist Aesthetics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “O fascismo no Mundo” .....	38
Figura 2 – Capa da edição n. 20 de <i>Anauê!</i> .....	55
Figura 3 – Capa da edição n. 9 de <i>Anauê!</i> .....	70
Figura 4 – Capa da edição n. 6 de <i>Anauê!</i> .....	73
Figura 5 – Capa da edição n. 22 de <i>Anauê!</i> .....	73
Figura 6 – “Os ‘camisas olivas’ de São Paulo” .....	92
Figura 7 – O distintivo no <i>Monitor Integralista</i> n. 1 .....	94
Figura 8 – Tonalidade Verde Inglês .....	96
Figura 9 – Camisa verde presente no DELFOS .....	96
Figura 10 – Camisa pliniana presente no DELFOS .....	97
Figura 11 – Camisa verde presente no Fundo Plínio Salgado-Rio Claro .....	98
Figura 12 – Proporções camisa e distintivo .....	99
Figura 13 – “Ofício do Ministério da Guerra” .....	99
Figura 14 – Sobre a aprovação do uniforme da AIB em 1937 .....	100
Figura 15 – Quadro de insígnias por cargo ocupado .....	103
Figura 16 – Uniforme da juventude, ou Plinianos .....	104
Figura 17 – Uniforme feminino .....	105
Figura 18 – Desfile da AIB na Rua Voluntários da Pátria, Porto Alegre/RS, 1937 .....	107
Figura 19 – Distintivo feminino .....	108
Figura 20 – Passadeiras por cargos .....	108
Figura 21 – Descrição das passadeiras .....	109
Figura 22 – Continuação da descrição das passadeiras .....	109
Figura 23 – Distintivos Câmara dos Quatrocentos .....	110
Figura 24 – Reforço passadeiras Câmara dos Quatrocentos .....	110
Figura 25 – Distintivo masculino .....	112
Figura 26 – Primeira propaganda de camisa verde .....	114
Figura 27 – “P. Martins & CIA” presente no “Indicador Profissional” .....	114
Figura 28 – “P. Martins & CIA” sob propaganda em formato novo .....	115
Figura 29 – “P. Martins & CIA” .....	115
Figura 30 – Propaganda distintivos integralistas .....	116
Figura 31 – “Laurenty & Khoury Ltda” .....	116
Figura 32 – “P. Martins & CIA” sem a milícia .....	117

Figura 33 – “Laurento Laurenti” .....	117
Figura 34 – “O Cruzeiro” .....	117
Figura 35 – “Magalhães Sucupira & Cia” .....	117
Figura 36 – Gorro verde da “Magalhães Sucupira & Cia” .....	118
Figura 37 – Etiqueta “Magalhães Sucupira & Cia” .....	119
Figura 38 – “Carlos Will Medalhas e Distintivos” .....	119
Figura 39 – “Intendência” .....	120
Figura 40 – Núcleo da Consolação-SP .....	132
Figura 41 – Integralistas de Ouro Fino - MG .....	133
Figura 42 – Núcleo de Manaus-AM .....	133
Figura 43 – Núcleo rural de Bello Centro - Sul do país .....	134
Figura 44 – Abilio Gomes Selma e criança fazendo saudação .....	135
Figura 45 – Plinianos em imagens .....	137
Figura 46 – Família Rêgo .....	138
Figura 47 – “Uma família integralmente integralista, a do Brig. Thompson.” .....	139
Figura 48 – “Que lindo! Uma família integralmente integralista! .....	140
Figura 49 – Crianças de Areado - MG .....	141
Figura 50 – “Bandeira miliciana do núcleo de Ponta Grossa” .....	142
Figura 51 – Dia da Pátria na Bahia .....	143
Figura 52 – “Integralistas cariocas, uma hora antes do tiroteio da Praça da Sé” .....	144
Figura 53 – “Departamento Feminino de Manaus” .....	144
Figura 54 – “Congresso Provincial Feminino de Pernambuco” .....	145
Figura 55 – Blusas-verdes de Botucatu-SP .....	145
Figura 56 – As integralistas de Teófilo Otoni em 1933 .....	150
Figura 57 – Uniforme feminino .....	158
Figura 58 – Capa <i>Brasil Feminino</i> n. 35 .....	160
Figura 59 – Uniforme de verão .....	162
Figura 60 – Modelo do chapéu do uniforme de verão .....	162
Figura 61 – Uniforme de inverno .....	163
Figura 62 – Uniforme completo .....	163
Figura 63 – Carmella Salgado e os auxiliares da “Secretária Provincial da Guanabara” .....	164
Figura 64 – Blusas-Verdes líderes .....	165
Figura 65 – Academia Esportiva Feminina do núcleo de Jacarepaguá (Rio de Janeiro-RJ). .....	166
Figura 66 – Uniformes esportivos .....	166

Figura 67 – Nadadora integralista .....	167
Figura 68 – Blusas-Verdes do Núcleo de Cascadura. ....	168
Figura 69 – Blusas-Verdes da IVª Região da Província de Guanabara .....	168
Figura 70 – Congresso Feminino Integralista .....	169
Figura 71 – Blusas-Verdes de Minas Gerais .....	169
Figura 72 – Blusas-Verdes do Espírito Santo .....	170
Figura 73 – Uniforme da juventude, ou Plinianos .....	172
Figura 74 – Jornal dos Plinianos na <i>Brasil Feminino</i> .....	178
Figura 75 – Plinianos da Tijuca na aula de Educação Física .....	178
Figura 76 – Plinianos de Porto Alegre .....	179
Figura 77 – Pliniana carioca .....	179

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 CAMISAS COLORIDAS PELO MUNDO: A INSERÇÃO DA AIB NO UNIVERSO DOS <i>SHIRT MOVEMENTS</i></b> .....	<b>24</b>
2.1 A CAMISA VERDE INTEGRALISTA E A DINÂMICA INTERNACIONAL DOS <i>SHIRT MOVEMENTS</i> .....	25
2.2 SÍMBOLOS NACIONAIS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO NACIONALISMO E DA IDENTIDADE NACIONAL .....	46
<b>2.2.1 Simbologias brasileiras: da república ao integralismo</b> .....	<b>52</b>
2.3 A AIB E O FASCISMO TRANSNACIONAL .....	61
2.4 A ESTÉTICA INTEGRALISTA SOB O SOL DA ESTÉTICA FASCISTA .....	79
<b>3 OS CAMISAS-VERDES E AS CAMISAS VERDES</b> .....	<b>90</b>
3.1 DE OLIVA A VERDE INGLÊS: A TRAJETÓRIA DA INDUMENTÁRIA INTEGRALISTA .....	91
3.2 A DOCTRINA INTEGRALISTA E A CAMISA VERDE .....	120
3.3 AS REPRESENTAÇÕES DA CAMISA VERDE .....	130
<b>4 AS BLUSAS-VERDES E OS PLINIANOS TAMBÉM POSSUÍAM CAMISAS VERDES</b> .....	<b>147</b>
4.1 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO SEIO DA AIB .....	147
<b>4.1.1 Homens usam calça e mulheres usam saia: o uniforme das Blusas-Verdes</b> .....	<b>158</b>
4.2 PLINIANOS: A INCORPORAÇÃO DA JUVENTUDE NO PROGRAMA INTEGRALISTA .....	170
<b>4.2.1 A juventude uniformizada</b> .....	<b>174</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>181</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>184</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A trilogia Deus, pátria e família, caso analisada separadamente, ao que tudo indica, não apresenta proposições ameaçadoras e intolerantes. No entanto, como a história não se exaure de evidenciar, há algumas maneiras de mesclar esses valores e lograr propostas de transformações sociais autoritárias. Esses três componentes, no período caracterizado na historiografia como a era fascista no entreguerras (1918-1945), se deu presente em diversos regimes, movimentos, agremiações e partidos políticos. O desfecho da Segunda Guerra Mundial não findou essas proposições, mas possibilitou que novas formas ancoradas em seus pressupostos sobrevivessem até o tempo presente.

No decurso do entreguerras, em todo o mundo, foi observado o surgimento de expressões políticas de caráter fascista. Sob múltiplas formas variadas, esses casos comportavam-se de maneira transnacional ao apresentarem contornos parecidos, mas ao mesmo tempo diferentes, de propostas de regeneração nacional. O contexto trazido com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Bolchevique de 1917 na Rússia fez com que diversos grupos mundo afora se preocupassem cada vez mais com a ideia do colapso das nações. A saída para essa questão se deu em bases comuns, de modo que seus exemplares compartilhavam não só ideias, como também práticas estéticas. A superestrutura, ou realidade, criada pelos fascismos, havia de comover os militantes e envolvê-los completamente, apelando para os sentimentos e emoções dos indivíduos.

A leitura do fascismo, em lente transnacional, é uma tendência em crescimento e perspectiva na qual a historiografia atual deve interpretar o fenômeno.<sup>1</sup> Tida como novidade no campo de estudos da História a partir da década de 1990, muitos autores sinalizam uma *transnational turn*.<sup>2</sup> Diante de sua viabilidade em constituir-se uma subcategoria

---

<sup>1</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; GRECCO, Gabriela de Lima. Introducción: ¿Por qué fascismos iberoamericanos? In: \_\_\_\_\_. **Fascismos Iberoamericanos**. Madrid: Alianza, p. 37-63, 2022. p. 46.

<sup>2</sup> CLAVIN, Patricia. Defining Transnationalism. **Contemporary European History**, v. 14, n. 4, p. 421-39, 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1017/S0960777305002705>>. Acesso em: 02 jan. 2024.; SEIGEL, M. Beyond compare: comparative method after the transnational turn. **Radical History Review**, v. 91, p. 62-90, Inverno 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1215/01636545-2005-91-62>>. Acesso em: 04 fev. 2024.; NGAI, M. M. Promises and Perils of Transnational History. Perspectives on history. **The Newsmagazine of American Historical Association**, v. 50, n. 9, Dezembro 2012.; WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 14, p. 9- 36, 2013. DOI: <<https://doi.org/10.46752/anphlac.14.2013.2331>>. Acesso em: 05 jan. 2024.; SAUNIER, Pierre-Yves. Learning by Doing: Notes about the Making of the Palgrave Dictionary of Transnational History. **Journal of Modern European History**, v. 6, n. 2, p. 159-180, set. 2008. DOI: <[https://doi.org/10.17104/1611-8944\\_2008\\_2\\_159](https://doi.org/10.17104/1611-8944_2008_2_159)>. Acesso em: 01 fev. 2024.

historiográfica ou uma nova abordagem para o estudo da história,<sup>3</sup> a história transnacional pretende a sublimação da história global sobre a história nacional, estabelecendo-se como uma via possível para a compreensão da História perante uma ideia processual. As concepções acerca do que define a história transnacional são variadas e podem ser confundidas com outras metodologias, como a história comparada ou a história mundial, por sua proximidade metodológica.

Seguindo as proposições de Micol Seigel, o qual atribui a história transnacional um caráter para além da comparação, para ele, o método “examina unidades que transbordam e infiltram-se através das fronteiras nacionais, unidades maiores e menores que o Estado-nação.”<sup>4</sup> Logo, os diálogos, trocas, relações, mesmo sem contato direto, são elucidativas na forma como os atores sociais, em diferentes nações, se conectavam e reproduziam ações e práticas semelhantes. Ou, ainda, como “como práticas culturais e ideologias moldam, constroem ou possibilitam as condições econômicas, sociais e políticas nas quais pessoas e bens circulam em espaços locais, regionais e globais.”<sup>5</sup>

A *transnational turn*, portanto, possibilita variações na escala de análise do objeto pesquisado; se debruça sobre processos em que extrapolam o espaço nacional, uma vez que sua característica é enfatizar questões em que o país observado não é o principal campo de interação ou conflito. Assim, a

ideia de que a História Transnacional mudou a maneira de compreender, ensinar e escrever a História reúne um amplo consenso. Da mesma forma, são muitos os historiadores que exaltam as suas vantagens nomeadamente no que diz respeito à recuperação da ideia de História como um processo ou, ainda, devido ao fato de colocar em evidência a fluidez das fronteiras e a ampla circulação de pessoas e ideias entre elas.<sup>6</sup>

Por isso, à luz da transnacionalidade do fascismo e de sua dimensão transatlântica, observa-se a fluidez e o entrelaçamento dos processos históricos, estruturados a partir de um modelo compartilhado. Esse cenário evidencia a constituição de um emaranhado de

<sup>3</sup> GONÇALVES, Leandro P.; REZOLA, Maria Inácia ; Introdução. In: \_\_\_\_\_ (orgs). Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional. **Tempo e Argumento**, v. 14, p. 1-9, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.5965/2175180314352022>>. Acesso em: 10 dez. 2023. p. 2.

<sup>4</sup> “Transnational history examines units that spill over and seep through national borders, units both greater and smaller than the nation-state.” SEIGEL, M. Beyond compare: comparative method after the transnational turn. **Radical History Review**, v. 91, p. 62-90, Inverno 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1215/01636545-2005-91-62>>. Acesso em: 04 fev. 2024. p. 63, tradução nossa.

<sup>5</sup> “[...] cultural practices and ideologies shape, constrain, or enable the economic, social, and political conditions in which people and goods circulate within local, regional, and global locales.” BAYLY, C. A.; *et al.* AHR Conversation: On Transnational History. **American Historical Review**, v. 111, n. 5, p. 1440-1464, dez. 2006. DOI: <<https://doi.org/10.1086/ahr.111.5.1441>>. Acesso em: 25 de jul. 2024. p. 1451, tradução nossa.

<sup>6</sup> GONÇALVES; REZOLA, *loc. cit.*

conteúdos e práticas, que contribuem para a diluição das diferenças entre seus exemplares. É como se o fascismo fosse uma raiz, que em cada solo irá germinar um padrão particular de acordo com suas condições próprias, mas ao mesmo tempo, esse novo tipo não deixa de ter seu próprio vínculo com a “base”. Essa analogia auxilia a compreensão para a possível contradição do fenômeno, em que o transnacionalismo e o Estado-nação tendem a ser vistos como opostos.

Nesse sentido, a conceituação e a delimitação do que se entende por fascismo é abundante não só na historiografia, como também em outras áreas do conhecimento, como a Ciência Política e a Sociologia, por exemplo. A própria definição de fascismo carece de um consenso, dado que o fenômeno é multifacetado e plural. A depender da perspectiva teórica adotada e das manifestações consideradas, distintas análises podem emergir e, a partir dela, questionar ou relativizar o caráter fascista de certos movimentos/partidos políticos/regimes.

Por isso, ao estabelecer uma conexão entre diversas abordagens possíveis sobre o fascismo, o fenômeno pode ser compreendido como um movimento político, social e ideológico, caracterizado por um autoritarismo extremo, nacionalismo exacerbado, elevado controle sobre suas expressões organizacionais, e pela supressão das liberdades individuais. Ele se apresenta por meio da centralização do poder em um líder carismático, do uso da intimidação como ferramenta política e da busca por uma unidade nacional que se opõe à pluralidade e à diversidade. A estética, os símbolos e os mitos são essenciais a muitos movimentos fascistas, pois atuam como ferramentas poderosas para mobilizar e unificar a população em torno de seus projetos. Além disso, muitos fascismos assentam-se na ideia de uma suposta decadência moral, política e cultural da sociedade, buscando através da regeneração social e da ação, a construção de uma nova ordem homogênea e hierarquizada.

Embora suas expressões variem conforme o contexto histórico e geográfico, a compreensão do fascismo sob perspectiva transnacional permite entender como o fenômeno se alimentou de trocas e alianças. As semelhanças observadas entre diferentes manifestações fascistas não se explicam apenas por inspiração e afinidades ideológicas, mas também por meio de redes de apoio, intercâmbios políticos e culturais, bem como a circulação de símbolos, discursos e estratégias de poder.

Inseridos nesse contexto de comunicações, interações e transferências transnacionais, a maneira pela qual os membros da Ação Integralista Brasileira (AIB) se apresentavam ao mundo era através da camisa verde, indumentária que servia não só de uniforme, como também de nomeação de seus integrantes: os Camisas-verdes. Enquanto movimento fascista

mais bem sucedido fora da Europa<sup>7</sup>, os integralistas vincularam-se aos demais casos fascistas que também utilizavam camisas coloridas e se compreendiam como Camisas-coloridas. Essa tendência global em revestir militantes fascistas de uniformes paramilitares coloridos fez parte de uma atividade mais ampla chamada de *shirt movements*. Em grande parte desses exemplares, a instrumentalização do vestir comportou-se como uma maneira de expressar um vínculo a uma posição política transnacional, bem como de afirmar sua inserção na política nacional.

Havendo incorporado como lema o Deus, pátria e família, a AIB, através de sua doutrina dimensionada pela intelectualidade integralista e especialmente por seu “Chefe Nacional” Plínio Salgado, defendia que a “Nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso, precisamos que todos os brasileiros estejam unidos.”<sup>8</sup> Em um primeiro momento, identificaram-se como um movimento cívico-cultural, não acreditando na viabilidade histórica de partidos políticos à realidade brasileira. Por isso, propunham uma lógica salvacionista frente a um Brasil colapsado, em que a única esperança de restaurar a ordem nacional seria através da instauração do “Estado Integral”,<sup>9</sup> que poderia ser atingido através da “revolução integralista”. No entanto, em 1935, a AIB converteu-se em partido político, integrando o movimento no jogo político nacional em busca de poderes.

Ancorados em uma ressurreição metafísica espiritualista, o integralismo apresentou-se aos seus militantes como sendo o veículo para o progresso intelectual, espiritual e moral do indivíduo. A curta duração do movimento - 1932 a 1937 - não o impediu de lograr sua doutrina em todo território nacional e arregimentar dezenas de milhares de brasileiros. O imaginário do caos acabou por legitimar o discurso integralista e sua luta contra os inimigos da pátria e da moralidade: o liberalismo, o capitalismo internacional, as sociedades secretas (maçonaria) e, particularmente, o materialismo, na acepção do comunismo e do socialismo. Assim, seria a partir das idéias integralistas que o “novo homem integral”, em alusão ao

---

<sup>7</sup> PINTO, António Costa. **Os camisas-azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal (1914-1945)**. Lisboa: Editora Estampa, 1994. p. 143.

<sup>8</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 2.

<sup>9</sup> Para os Camisas-verdes, o “Estado Integral” representou o novo modelo de Estado idealizado e almejado pelo integralismo. Esse conceito era o núcleo central do movimento, que se orientava pela busca da centralização do poder sob a liderança do “Chefe Nacional” Plínio Salgado. O movimento defendia a adoção do corporativismo, como modelo econômico, além de promover a criação de uma cultura política integralista, baseada na união da sociedade em torno de uma identidade nacional única, na qual os cidadãos não mais seriam divididos em classes, partidos ou ideologias contraditórias. O “Estado Integral” previa uma visão completa da sociedade e assumia a responsabilidade de conduzir o destino dos povos. O ultranacionalismo foi um de seus pilares, no qual os interesses do Brasil deveriam se sobrepor a aqueles individuais; o conceito de pátria era essencial ao “Estado Integral” e qualquer ameaça à unidade da nação deveria ser combatida.

“novo homem fascista”, assumiria o papel de ser orientado por princípios morais, cívicos e espirituais e, conseqüentemente, inauguraria uma nova forma de experimentar a vida em sociedade.

Regidos por um ultranacionalismo,<sup>10</sup> os integralistas acreditavam na redenção da pátria através de ações de civismo. A palavra civismo vincula-se, no ideário da direita, ao princípio da ordem.<sup>11</sup> Para eles, os cidadãos de um Estado podem exercer suas atividades livremente, desde que respeitem certos princípios que regem determinada organização social e política. Por isso, por meio de uma noção de cidadania, o Estado e suas instituições dispõem dos mecanismos que assegurem o cumprimento dos instrumentos que garantem a ordenação social. As normas, nesse limbo, são potentes estruturas para assegurar a instauração desta ordem, como também para manutenção da moral. Essa última norteia as relações sociais e a conduta dos homens em sociedade. É nesse sentido que a AIB desenvolveu um aparato burocrático totalizante no qual previu a ordenação de todas as instâncias da vida, seja social, seja política.

Por sua vez, a camisa verde, no seio do integralismo, foi um recurso material organizador e garantidor da ordem, externando simbolicamente o ideal e os pressupostos do movimento. Seu apelo estético estimulou sentimentos de unidade e camaradagem, gerando agregamento entre seus membros, como também exprimindo uma síntese do que foi a doutrina integralista. Homens, mulheres e crianças/adolescentes possuíram sua própria uniformização, contemplando assim todas as etapas da vida na operação em diluir a distância entre a vida pública/política e a vida privada. Enquanto um símbolo, a camisa verde somou-se às demais simbologias e ritos em uma estratégia político-ideológica de padronização, unificação e arregimentação.<sup>12</sup>

A uniformização dos integralistas atingiu um grau sem precedentes no movimento, de forma que seus membros eram fascinados pela simbologia do vestuário.<sup>13</sup> Por toda imprensa e

---

<sup>10</sup> O ultranacionalismo é uma posição de nacionalismo adotada de maneira extrema, na qual a identidade e os interesses da nação são colocados acima de tudo. Frequentemente associado ao culto à liderança, à ideia de uniformidade e à intolerância àquilo ou àqueles que ameaçam a pureza e a integralidade da nação, o ultranacionalismo prevê uma postura autoritária para defesa de seus fundamentos, podendo ser vinculado a atitudes violentas para a salvaguarda da grandeza da nação. O ultranacionalismo é enfaticamente associado ao fascismo e tido como um de seus pilares, como evidenciam diversos autores, como exemplo, Roger Griffin, no qual associa diretamente o conceito de fascismo ao ultranacionalismo. GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. London and New York: Routledge, 1991.

<sup>11</sup> MEDEIROS, Sabrina Evangelista Medeiros; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; VIANNA, Alexander Martins (Orgs.). **Dicionário Crítico do Pensamento das Direitas**: ideias, personagens e instituições. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

<sup>12</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999. p. 163.

<sup>13</sup> CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. **O fascismo em camisas verdes**: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 16.

produções bibliográficas, a camisa verde foi instrumentalizada como um vetor doutrinário e revolucionário, assegurador da moral difundida pelos pressupostos da AIB. A ela foi incorporada um imaginário da causa integralista, de modo que seu uso traduzisse para a exterioridade a posição do usuário, como também uma forma de reforçar os valores adjacentes do movimento no interior dos Camisas-verdes. Além disso, a camisa verde atuou como um dos componentes do conjunto estético integralista.

Apesar de se inserir em uma rede de *shirt movements* e ao fenômeno fascista, a camisa verde integralista segue sendo um tema pouco explorado na historiografia do tema; sua menção em todos os trabalhos se faz presente, mas um único artigo foi redigido acerca do uniforme oficial da AIB. Leandro Pereira Gonçalves e Samuel Vieira trouxeram de forma sumária a incumbência do uniforme verde em unificar e dar coesão ao projeto pliniano.<sup>14</sup> Ao longo das pesquisas desenvolvidas para esta dissertação de mestrado, foi publicado um artigo sobre as camisas verdes, de forma em que apresentou algumas compreensões iniciais.<sup>15</sup> Em pesquisa que gerou um Trabalho de Conclusão de Curso,<sup>16</sup> foram tecidas análises acerca da estética do movimento integralista, mais tarde sintetizadas em um artigo publicado em 2023.<sup>17</sup>

A alvorada dos estudos acerca do integralismo se deu no Brasil apenas na década de 1970. No entanto, antes mesmo da dissolução do movimento em 1937, uma tese de doutorado na Universidade de Berlim foi produzida concomitante à atuação da AIB e teve defesa em 1938. Intitulado *Der Brasilianische Integralismus: Geschichte und Wesen der faschistischen Bewegung Brasiliens* por Karl-Heinrich Hunsche, o doutoramento é primeiro estudo acadêmico que investigou o integralismo de Plínio Salgado.<sup>18</sup> Poucos anos depois, Nicolau de Flue Gut publicou uma tese de doutorado na Ludwig-Maximilian Universität de Munique: *Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira*.<sup>19</sup> Abordando a produção intelectual de Salgado, o autor centra suas investigações na atuação política e literária do “Chefe Nacional” na AIB.

<sup>14</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; VIEIRA, Samuel M. **Plínio com que roupa eu vou?!**: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira. CES Revista, v. 24, p. 187-200, 2010. Disponível em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/article/view/671>>. Acesso em: mai. 2022.

<sup>15</sup> FRAZÃO, Larissa. Os Camisas-verdes: vestidos para o fascismo brasileiro. **Revista Casa D'Italia**, Juiz de Fora, ano 4, n. 31, 2023. Disponível em: <<https://casaditaliajf.com.br/revista-casa-ditalia-ano-04-no31-2023/#Texto-5>>. Acesso em 15 out. 2023.

<sup>16</sup> SILVA, Larissa Frazão. **As performances do Sigma**: a estética integralista. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

<sup>17</sup> SILVA, Larissa Frazão. Perceber e sentir: a estética do movimento integralista. **Manduarisawa** - Revista Discente do Curso de História da UFAM, v. 7, ano 1, p. 140-166, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/12535>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>18</sup> HUNSCHKE, Karl-Heinrich, **Der Brasilianische Integralismus**: Geschichte und Wesen der faschistischen Bewegung Brasiliens. Stuttgart: Verlag von W. Kohlhammer, 1938.

<sup>19</sup> GUT, Nicolau de Flue Gut. **Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira**. Tese de doutorado, Munique, Ludwig-Maximilians-Universität München, 1940.

Cruzando o Atlântico, Plínio Salgado também foi objeto de análise na The Catholic University of America em Washington (DC). Publicada em 1972, a tese de doutorado de Elmer R. Broxson intitulada *Plínio Salgado and Brazilian integralism (1932-1938)*<sup>20</sup> denota mais uma produção estrangeira em que a AIB e Salgado foram objeto de estudos. No Brasil, o caso permaneceu em latência por décadas, até o irradiar dos estudos na década de 1970. Hélio Silva, no início de 1971, publicou *Terrorismo em Campo Verde*, uma investigação voltada para a insurreição integralista de 1938 e que buscou prender o então Presidente Getúlio Vargas.<sup>21</sup>

No mesmo período, Héglio Trindade defendeu a sua tese de doutorado na Universidade de Paris I e de fato iniciou o percurso investigativo que iria ser somado a inúmeras contribuições.<sup>22</sup> Em *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*, o cientista político realizou um amplo estudo, analisando a ideologia integralista, sua historicidade no contexto brasileiro, bem como a vinculação do movimento com o fenômeno fascista. Sua conclusão foi de que, embora não fosse uma mimese dos casos europeus, a AIB sofreu inspiração desses casos e se consolidou como o “fascismo brasileiro”. Ao apresentar uma série de resultados de questionários realizados com os integralistas, Trindade colheu muitas entrevistas com diversos Camisas-verdes, de modo que em 2016 lançou o livro *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*.<sup>23</sup> O material detém riquíssimas informações sobre a forma como os integralistas concebiam o movimento.

Assim, em um primeiro momento, quatro obras foram produzidas, tidas como referências essenciais e clássicas para o estudo do integralismo.<sup>24</sup> Havendo tecido diálogos entre si, esses trabalhos possuem como uma das principais questões a determinação das origens ideológicas da AIB e sua vinculação ou não com o fascismo. José Chasin foi o segundo nome desse grupo e quem buscou estabelecer um confronto epistemológico direto com Trindade e negar a influência fascista na ideologia integralista; o autor procurou apontar a originalidade da AIB e suas raízes propriamente brasileiras.<sup>25</sup> Seguindo um arcabouço teórico dialético-marxista-lukacsiano, Chasin pecou ao debruçar-se sobre fontes tendenciosas, já que analisou o material posterior a 1937, quando Salgado havia editado os escritos e

---

<sup>20</sup> BROXSON, Elmer. **Plínio Salgado and the Brazilian Integralism (1932-1938)**. Washington: The Catholic University of America, 1972 (tese de doutorado em História).

<sup>21</sup> SILVA, Hélio. **Terrorismo em Campo Verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

<sup>22</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979.

<sup>23</sup> TRINDADE, Héglio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

<sup>24</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. Un ensayo bibliográfico sobre el integralismo brasileño. *Ayer*, v. 105, p. 241-256, 2017. DOI: <<https://doi.org/10.55509/ayer/105-2017-10>>. Acesso em: 4 abr. 2024. p. 244.

<sup>25</sup> CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado – forma de regressividade no capitalismo hipertardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

retirados os vínculos entre a AIB e o fascismo.<sup>26</sup> Mesmo assim, muitos estudiosos posteriores ainda realizam pesquisas fundamentadas em Chasin.<sup>27</sup>

Gilberto Vasconcellos, por sua vez, empreendeu uma espécie de terceira via de interpretação.<sup>28</sup> Apesar do mimetismo da AIB em relação aos casos europeus, o discurso integralista, na visão de Vasconcelos e sua abordagem marxista uspiana, apresenta distâncias em relação aos seus congêneres pelo caráter periférico do capitalismo brasileiro. Por último, o quarto intérprete desses estudos clássicos foi Marilena Chauí, que, em uma investigação marxista publicada em 1978, analisou a classe social da qual os membros da AIB faziam parte e inovou por apresentar uma análise do aporte teórico e discursivo do movimento.<sup>29</sup>

Enquanto objeto na área da História e historiografia, o integralismo somente foi investigado a partir da década de 1980. No coletivo de trabalhos dessa temporalidade, destacam-se aqueles que se inclinam sobre a História Regional do movimento. René Gertz, por exemplo, buscou relacionar a imigração no sul do Brasil à questão nazifascista.<sup>30</sup> Outros nomes marcam essa abordagem: a tese de Josênio Parente e a análise ao integralismo no Ceará<sup>31</sup>, como também a obra de João Ricardo de Castro Caldeira,<sup>32</sup> em que trabalhou com a AIB no Maranhão.

Com a inserção do integralismo brasileiro como objeto de investigação acadêmica em diversas áreas do conhecimento, um período de avanços nos estudos foi observado a partir da década de 1980. A abertura de arquivos integralistas foi um fator determinante na ampliação das pesquisas, assim como nas temáticas. No ano de 1985, em Rio Claro, município no interior do estado de São Paulo, um grande volume de documentos pessoais e políticos foram doados ao arquivo municipal por Carmela Patti Salgado, viúva de Plínio Salgado. Dessa forma, o então formado “Fundo Plínio Salgado” do Arquivo Público e Histórico do Rio Claro

---

<sup>26</sup> BERTONHA, João Fábio. **O Integralismo e sua história**: Memória, fontes, historiografia. Salvador: Ed. PontoCom, 2016. p. 77-78.

<sup>27</sup> Cita-se: VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. Maria do Pilar de Araújo. **Em busca do sigma**: estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978.; RAMOS, Alexandre Pinheiro. **Intelectuais e Carisma**: a Ação Integralista Brasileira na década de 1930. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

<sup>28</sup> VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE, 2017.

<sup>29</sup> CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvania Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

<sup>30</sup> GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

<sup>31</sup> PARENTE, Josênio. **Os Camisas-verdes no poder**. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

<sup>32</sup> CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional**: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão. São Paulo: Annablume, 1999.

representa um dos maiores acervos integralistas, contendo uma variedade de artefatos como jornais, correspondências e fotografias do movimento.<sup>33 34</sup>

Localizada em Porto Alegre, a formação do fundo documental “Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular” no Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AIB/PRP-DELFOS-PUCRS) também logrou novas possibilidades de consulta ao material preservado sobre o integralismo.<sup>35</sup> Seu acervo contém não só a documentação da década de 1930, como também aquelas fontes referentes à fase do Partido de Representação Popular (PRP). Além disso, a divulgação dos documentos presentes no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) também possibilitaram novas pesquisas.<sup>36</sup>

Dessa forma, a ampliação das fontes possibilitou novas abordagens sobre o integralismo, dando origem a uma intensificação e diversificação nas pesquisas do tema, já que novos objetos foram emergidos e inéditas perguntas foram direcionadas a AIB. Dentre as inúmeras publicações, destaca-se a de Maria Rosa Feiteiro Cavalari,<sup>37</sup> a qual debruçou-se sobre os instrumentos de doutrinação do movimento, os impressos (livros e jornais), como também os símbolos e ritos. João Fábio Bertonha merece, de forma igual, uma menção. Ostentando uma série de produções sobre o movimento, como um estudo voltado para a relação entre o fascismo e os imigrantes no sul,<sup>38</sup> seu artigo acerca da simbologia integralista aqui se destaca.<sup>39</sup>

Diante dessa dilatação de temáticas investigadas, ressaltam-se as produções acerca das questões de gênero que circundavam a AIB. As chamadas Blusas-verdes deram forma ao grupo feminino integralista, de maneira que elas possuíram sua própria organização, bem como uniformização própria. Apesar de terem representado um caso particular de inserção

<sup>33</sup> CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar (Org.). **Dos papéis de Plínio**: contribuições do Arquivo de Rio Claro para a historiografia brasileira. Rio Claro, SP: Oca, 2013.

<sup>34</sup> As edições do *Monitor Integralista* necessárias à realização dessa pesquisa foram adquiridas no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro (Rio Claro, SP) por meio de digitalização. No Fundo Plínio Salgado, constam 20 das 22 edições do *Monitor*, exceto as de n. 3 e n. 9. Essas outras duas edições foram adquiridas no acervo digital do LAHPS (Laboratório de História Política e Social do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil).

<sup>35</sup> A visita ao DELFOS foi uma etapa necessária à realização dessa pesquisa, de modo que a revista *Anauê!* e foram adquiridas nesse espaço por via de digitalização.

<sup>36</sup> Mencionam-se os seguintes trabalhos: SILVA, Giselda Brito. **A lógica da suspeição contra a força do sigma**: discursos e política na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.; DOTTA, Renato Alencar. **Elementos verdes**: os integralistas brasileiros vigiados pelo DOPS-SP (1938- 1981). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

<sup>37</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999.

<sup>38</sup> BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

<sup>39</sup> BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do Integralismo: Controle e propaganda política no Brasil dos anos 1930. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 7, p. 87- 110, jul/dez 1992.

feminina em um movimento fascista, o percurso das Blusas-verdes não é devidamente representado nas investigações sobre o tema. Poucos são os estudos, mesmo em áreas distintas das Ciências Humanas, que abordam a complexidade desse grupo. A carência de um estudo de referência torna a compreensão das mulheres integralistas limitada.<sup>40</sup>

Nesse sentido, para que a pesquisa fosse possibilitada, utilizou-se como fonte diversos materiais produzidos pelo próprio movimento; produções bibliográficas, documentos e a imprensa.<sup>41</sup> Elenca-se: o *Manifesto de Outubro de 1932*,<sup>42</sup> documentação inauguradora da AIB e que norteou as proposições do movimento. Os *Protocolos e Rituais*,<sup>43</sup> por sua vez,

<sup>40</sup> Apesar desta ligeira produção bibliográfica acerca das Blusas-verdes, elenca-se: LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938**: revendo o passado: gênero e representações. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.; os estudos regionais: FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. **As Plinianias de Pernambuco**: o cotidiano das mulheres na Ação Integralista Brasileira (1932-1938). Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Departamento de História Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.; FERREIRA, Lilian Tavares de Bairros. **Blusas-Verdes à beira-mar**: Mulheres Integralistas - Santos (1932-1937). Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.; monografias: PINTO, Marcos Rogério. **O perfil feminino no integralismo no Brasil pela revista Anauê!**: o pertencimento à família integralista. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.; MELO, Gildete Pereira Tavares de. **O papel das mulheres na Ação Brasileira Integralista (1932-1937)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.; ALMEIDA, Luisa Guerra de. **Mulheres fascistas**: A atuação feminina na Ação Integralista Brasileira por meio do jornal A Offensiva (1936). Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.; estudos internacionais, como: DEUTSCH, Sandra McGee. What Difference Does Gender Make? The Extreme Right in the ABC Countries in the Era of Fascism. **EIAL - Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe**, v. 8, n. 2, 1997. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/What-Difference-Does-Gender-Make-The-Extreme-Right-Deutsch/7735afdc0c529cfb0801eb8b74246c91bd04935f>>. Acesso em: 14 abr. 2024.; DEUTSCH, Sandra McGee. **Las Derechas**: The Extreme Right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890-1939. Stanford: Stanford University Press, 1999.; DEUTSCH, Sandra McGee. Spartan Mothers: Fascist Women in Brazil in the 1930s. In: BACCHETTA, Paola e POWER, Margaret (Eds.). **Right-Wing Women**. From Conservatives to Extremists around the World. Londres: Routledge, 2002, p. 155- 167.; DEUTSCH, Sandra McGee. Christians, Homemakers, and Transgressors: Extreme Right-Wing Women in Twentieth-Century Brazil. **Journal of Women's History**, v. 16, n. 3, p. 124-137, 2004. DOI: <<https://doi.org/10.1353/jowh.2004.0062>>. Acesso em: 14 abr. 2024.; MORANT I ARIÑO, Toni. Uma primeira aproximação comparada ao fascismo feminino no Brasil e na Espanha, 1932-1937. **Locus. Revista de História**, v. 25, n. 2, p. 121-137, 2019.; artigos: POSSAS, Lídia Maria Vianna. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato Alencar et alii (Orgs.). **Integralismo**: novos estudos e reinterpretaciones. Rio Claro: Arquivo Público do Município, 2004, p. 107-126.; POSSAS, Lídia Maria Vianna. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932- 1938). In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **A escrita de si. A escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 257-277.; MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista Brasil Feminino e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 211-236.; BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (org.). **Estudos do integralismo no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 307-331.; SIMÕES, Renata Duarte; Simões, SIMÕES, Ricardo Duarte; SILVA Ticiania Ribeiro da. Mulheres integralistas: enfermeiras "blusas-verdes" a serviço da nação. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 140-149, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000100016>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

<sup>41</sup> Menciona-se que ao longo da dissertação, foi escolhido manter a grafia atual das palavras, modificando assim a forma como as palavras estavam escritas nas fontes, sem que haja qualquer prejuízo quanto à compreensão de suas substâncias.

<sup>42</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

<sup>43</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937.

representam um compilado de regras e normas emitidas ao longo da existência da AIB e publicado em 1937. Esse conjunto de legislações organizadoras foram publicadas por todo *Monitor Integralista*, o boletim oficial da AIB e de circulação nacional. Todos os esforços de organização que deveriam ser recebidos em todos os núcleos da AIB estão contidos em suas 22 edições, sendo este periódico a fonte principal da pesquisa. Ainda, ressalta-se a revista ilustrada *Anauê!*, outra potente fonte no entendimento do movimento e da camisa verde, de modo a ser muito importante para esta investigação. Ademais, salienta-se que os livros produzidos por diferentes nomes da intelectualidade integralista também são usados como fonte.

Em suma, a investigação que se segue tem como objetivo compreender como a AIB instrumentalizou a indumentária uniformizante como uma ferramenta doutrinária, moral e revolucionária. A camisa verde possui uma trajetória particular no seio do movimento integralista, por isso realiza-se uma investigação de seu percurso, usos e manifestações. Ademais, buscou-se analisar sua relação com o contexto de transferências transnacionais do fascismo, de forma que diversos casos ancorados nesse fenômeno também apresentaram, além da estética fascista, camisas coloridas, não sendo uma expressão aleatória única na história mundial.

Assim, ao debruçar-se sobre a camisa verde, a pesquisa buscou explorar o uniforme a partir de sua exposição na imprensa integralista, pela sua capacidade de resgatar os aspectos centrais do movimento e, também, na sua potencialidade em compreender como o discurso era levado até o público.<sup>44</sup> A análise concentrou-se justamente na maneira pela qual a organização integralista desejava que seus membros vestissem a camisa verde. A partir disso, considerando tais objetivos propostos por essa pesquisa, nas páginas subsequentes, apresentam-se três seções, além da introdução, conclusão e referências bibliográficas.

---

<sup>44</sup> Compreender o que foi o integralismo, é também captar o que a imprensa integralista significou ao movimento. A AIB, mesmo em sua curta duração, fez uso de maneira intensa de uma rede de jornais e revistas com a finalidade de difundir sua doutrina política, arregimentar novos membros e educar seus militantes conforme os princípios fundamentais da organização. Enquanto ferramenta de propaganda e mobilização, o uso da imprensa foi essencial para o movimento conquistar visibilidade e se expandir, difundindo os ideais e o discurso integralista nas inúmeras páginas publicadas e operando como um canal vital à manutenção e expansão da AIB. Enquanto principal forma de intercâmbio com a sociedade, a imprensa integralista foi diversificada e registrou diversos modelos de jornais e revistas, com intencionalidades, formatos, periodicidade e públicos diferentes. Circularam exemplares nacionais e regionais, os próprios núcleos produziam sua imprensa, de acordo com as necessidades locais e em contato com a alta organização da AIB. Tão importante era a importância da imprensa que, a partir de outubro de 1935, os jornais e revistas passaram a evidenciar a *Sigma Jornaes Reunidos*, uma espécie de empresa criada pela AIB com o objetivo de sistematizar e direcionar a produção dos periódicos integralistas. Tendo em vista a importância que a imprensa desempenhou na construção e fortalecimento da coesão ideológica, tácita e discursiva dos Camisas-verdes, cerca de cento e trinta e oito jornais e quatro revistas fizeram parte desta rede. OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Em “Camisas coloridas pelo mundo: a inserção da AIB no universo dos *shirt movements*”, buscou-se resgatar o surgimento da camisa colorida e sua popularização nos casos fascista e evidenciar os aspectos dessa “tendência” global dos anos 1930 nos movimentos fascistas. Amparada em aspectos da sociologia do vestir e em suas funções comunicativas, a seção procurou inserir a AIB no contexto das camisas coloridas, elencando os exemplos de *shirt movements* ao redor do mundo e sua complexidade na identificação com o fascismo. São postos os argumentos dos integralistas em desvincular a AIB e a camisa verde do fascismo, já que a camisa colorida, a grosso modo, é um atestado dessa relação.

Para subsidiar o caráter simbólico da camisa verde em ser interligada a uma postura nacionalista, neste capítulo, buscou-se analisar o advento do nacionalismo no século XIX e a “invenção dos símbolos nacionais”. Nesse sentido, ao elencar alguns símbolos nacionais brasileiros, evidenciou-se como a AIB apropriou esses componentes, bem como explicitou os símbolos criados pelo próprio movimento. Além disso, trabalhou-se com o fenômeno fascista transnacional, suas características, a fim de iluminar a inserção da AIB nesse conjunto. Com a finalidade de complementar essa questão, dedicou-se também aos aspectos da estética nos contextos fascistas e em como a AIB incorporou essas composições.

Havendo compreendido essas questões contextuais, teóricas e metodológicas, o segundo capítulo “Os Camisas-verdes e as camisas verdes” analisou o percurso do uniforme masculino integralista, sua descrição, normativas, mecanismos de expressões hierárquicas e formas de adquiri-lo. Relacionou-se também aspectos da doutrina e seus intercâmbios com a indumentária uniformizante. Por último, examinaram-se as representações da camisa verde através das fotografias publicadas na *Anauê!*, visando compreender as formas pelas quais o integralismo procurou apresentar-se através da imprensa.

Já a seção “As Blusas-verdes e os Plinianos também possuíam camisas verdes” buscou abordar os outros dois grupos presentes na AIB e suas indumentárias. Explorou-se a categoria Blusa-verde, organização feminina que não foi dada desde o início do movimento, mas incorporada aos poucos nas atividades do movimento. Assim, analisou-se o uniforme feminino e suas especificidades, percebendo suas imbricações com questões de gênero, em vista de ser o único movimento fascista em que as mulheres obtiveram protagonismo a ponto de ter uma nomeação própria, com características próprias e com papéis bem definidos. A segunda parte do capítulo volta-se para a ala da juventude fascista integralista. São abordados os aspectos próprios desse grupo e suas funções. Não somente os uniformes apresentam semelhanças com o escotismo, mas também a própria organização do grupo parece ter sofrido

inspiração do projeto de Robert Baden-Powell. Por isso, investiga-se a indumentária dos Plinianos, suas características e usos.

Isto posto, ressalta-se que, os uniformes, de maneira geral, são frequentemente vistos como algo natural e corriqueiro nas diversas organizações sociais na modernidade. No entanto, há uma série de pertinências em problematizar e historicizar uma indumentária uniformizante. Considerando que a pesquisa proposta busca preencher uma lacuna deixada pela historiografia sobre a indumentária oficial da AIB, o estudo se justifica ao destacar como o integralismo estava inserido em um contexto político mundial de efervescência fascista na década de 1930, demonstrando que ele fazia parte de um fenômeno muito maior do que a própria organização. A simbologia integralista é permeada por um significado, estando ela conectada à própria doutrina, que promovia a padronização dos membros através de uma disciplina social e um aparato burocrático muito bem estruturado. Isso se deve ao fato de que a organização era um dos princípios fundamentais dos Camisas-verdes.

É nesse sentido que a investigação visa responder aos seguintes questionamentos norteadores: Qual a dinâmica internacional na qual a AIB estava inserida ao propagar suas estruturas estéticas? Qual a historicidade da camisa verde no seio da AIB? Como se deu a instrumentalização da camisa verde? De que maneira a camisa verde se alinhava com a doutrina integralista? Qual a função simbólica da camisa verde? Quais as intenções comunicativas da camisa verde? Como os corpos integralistas eram doutrinados pela camisa verde?

Portanto, considerando o número ainda restrito de estudos dedicados à camisa verde integralista, o trabalho apresentado oferece contribuições significativas para a historiografia do integralismo e da AIB. Ao analisar como o integralismo utilizou expressões visuais como estratégia política, esta pesquisa contribui substancialmente para as investigações sobre o tema, além de servir como base para futuros pesquisadores que desejem dar continuidade a essa investigação.

## 2 CAMISAS COLORIDAS PELO MUNDO: A INSERÇÃO DA AIB NO UNIVERSO DOS *SHIRT MOVEMENTS*

A AIB foi um movimento político brasileiro surgido em outubro de 1932 e idealizado por Plínio Salgado. Sua inauguração se deu na ocasião do lançamento do *Manifesto de Outubro de 1932*, primeiro documento oficial do movimento, bem como primeira simbologia de correlação ao fascismo italiano e a Marcha sobre Roma ocorrida em outubro de 1922. Salgado em 1930 visitou as terras italianas e fascinou-se com o que viu: a cidade de Roma o fazia lembrar de sua pátria e tudo ali o convidava à luta. Após uma série de reflexões, concluiu que ele havia de dar ao povo brasileiro um ideal, uma finalidade histórica capaz de levantar o povo. Essa ação seria realizada através do nacionalismo, que instituiria ordem e disciplina, impondo a hegemonia brasileira na América do Sul.<sup>45</sup>

Com o retorno de Salgado ao Brasil, o movimento aos poucos foi sendo dimensionado por meio das páginas do jornal *A Razão* a começar em junho de 1931, momento em que inicia “verdadeiramente seu jornalismo político-doutrinário”.<sup>46</sup> O *Manifesto de Outubro* apresentou, através de um proselitismo de alcance popular, as mesmas ideias contidas em *A Razão*, mas de maneira concisa, romantizada e por vezes patética.<sup>47</sup> Ali estava enfatizado o nacionalismo necessário frente à falta de consciência nacional do povo brasileiro. Diante a esse problema, o *Manifesto* propunha uma nova concepção de Estado, baseado em preceitos de uma sociedade corporativista e cristã, além de delinear observações antiliberais e anticomunistas. Essas ideias, presentes desde o ato fundante, iriam nortear a AIB até seu encerramento em 1937.

O segundo momento que antecedeu a criação oficial da AIB foi a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), a qual reuniu jovens intelectuais, a partir de fevereiro de 1932, sob a inspiração de Salgado e estabeleceu as bases ideológicas da nova “revolução” que estava nascendo.<sup>48</sup> Uma vez criada a AIB, suas estruturas foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos de atuação. Em 23 de abril de 1933, pela primeira vez, os integralistas lançaram ao mundo a camisa verde, ostentando-a nas ruas de São Paulo no desfile inaugural da AIB, “despertando a curiosidade de uns, o interesse de outros, a zombaria de alguns.”<sup>49</sup>

<sup>45</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

<sup>46</sup> VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. Maria do Pilar de Araújo. **Em busca do sigma**: estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978. p. 87.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 118.

<sup>48</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 85-86.

<sup>49</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001. p. 203.

No 1º Congresso Integralista ocorrido em Vitória (Espírito Santo) no ano de 1934, os já nomeados Camisas-verdes definiram as finalidades da AIB, perpetuando o cargo de “Chefe Nacional” à Plínio Salgado e definindo a funcionalidade da AIB com centro de estudos e cultura sociológica, destinada a desenvolver uma grande propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro e implantar no Brasil o “Estado Integral”.<sup>50</sup> No ano seguinte, o 2º Congresso Integralista ocorreu em Petrópolis (Rio de Janeiro), e desempenhou uma mudança mais substancial ao caráter da AIB: o movimento foi transformado em partido político e em Centro de Estudos e Educação moral, cívica e física<sup>51</sup>. Foi a partir desse período que a AIB buscou uma inserção no cenário político com base em sua atuação como partido político. No entanto, as ambições eleitorais se viram frustradas com o Golpe do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, circunstância em que tornou partidos políticos e agremiações políticas, como a AIB, ilegais.

Ao longo dessa curta trajetória, os membros da AIB se apresentavam ao mundo de forma uniformizada através das camisas verdes. Enquanto uniforme oficial da AIB, a indumentária possuiu um papel significativo no seio do movimento, não só uniformizando suas fileiras, mas assumindo atribuições simbólicas e ritualísticas, gerando um intercâmbio com a doutrina integralista e com o fenômeno fascista transnacional. Por isso, realiza-se neste capítulo o resgate de aspectos que auxiliam a compreensão da camisa verde integralista e o contexto que ocasionou seu surgimento.

## 2.1 A CAMISA VERDE INTEGRALISTA E A DINÂMICA INTERNACIONAL DOS SHIRT MOVEMENTS

*Minha camisa verde...*

*Esta camisa verde há de passar à história:  
É uma razão de luta - a justificativa  
da chama que se acende e mantém - rediviva -  
dentro do coração e ao fundo da memória...*

*Chama que envolve a Pátria, esta camisa oliva  
e não traça à Nação a negra trajetória  
de outros povos - sem Deus, sem Tradição, sem glória...*

*Chama que há de viver, enquanto o Brasil viva!*

*Porque hoje, felizmente, o mesmo pano cobre  
o peito do plebeu como o peito do nobre  
- vestindo o branco e o preto - o grande e o pequenino*

<sup>50</sup> MONITOR INTEGRALISTA, São Paulo, n. 6, maio de 1934. p. 3.

<sup>51</sup> MONITOR INTEGRALISTA, Rio de Janeiro, n. 10, maio de 1935. p. 7.

*E o Brasil - que se pôs de pé - volve ao passado  
o olhar, traja a camisa verde e, iluminado  
- vai cumprir - finalmente - o seu grande destino!...*<sup>52</sup>

O poema de José Mayrink de Souza Motta,<sup>53</sup> destinado a colocar em palavras a sublime expressão da camisa verde para os integralistas, demonstra o âmago que uma suposta indumentária uniformizante corriqueira significou ao movimento e seus militantes. A quase totalidade das produções da AIB, sejam periódicos, livros ou produções escritas diversas, evidenciam a centralidade simbólica a qual a camisa verde atingiu no universo dos Camisas-verdes brasileiros. Ser integralista não se tratava somente de usar uma camisa de cor verde, mas também ser um Camisa-verde. Esse apelo pelo emprego de palavras idênticas para remeter duas circunstâncias é identificado na teoria linguística como metonímia<sup>54</sup> e ilustra como há uma relação direta entre o vestir e o ser signatário de uma ideia, de uma ideologia e de uma doutrina.

Realiza-se este recorte espacial evidenciando a brasilidade do caso, pois no interior da gama cromática dos *shirt movements* que abrangeu quase todo o arco-íris, o verde possuiu uma predominância<sup>55</sup> entre os múltiplos casos políticos que se expressaram através de uma camisa de uma determinada cor. A práxis de revestir militantes de camisas coloridas foi acentuada a partir da década de 1920 com os Camisas-pretas italianos e marcou a abertura de uma tendência global mais ampla em instrumentalizar camisas para expressar opinião e identidade política. E é nesse contexto que, do ponto de vista político, a camisa se tornou a peça mais importante do vestuário.<sup>56</sup>

Muito além de proteção e adorno corporal, esse é mais um exemplar demonstrativo do fato de o vestir possuir dimensões políticas, sociais e, como será abordado futuramente, de gênero. Independente da ideologia, o vestir, ou a moda, possui o mesmo objetivo político: o poder.<sup>57</sup> Inúmeros são os casos ao longo da história humana em que as roupas e acessórios

---

<sup>52</sup> MOTTA, José Mayrink de Souza. Minha camisa verde. In: **Enciclopédia do Integralismo - volume VII**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 135.

<sup>53</sup> Mayrink foi um Camisa-verde, poeta e orador integralista, militante muito atuante no movimento.

<sup>54</sup> De acordo com Aulete, a metonímia é uma “figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc”. Esse recurso ocorre quando há substituição de uma palavra por outra, pois existe entre elas uma relação de todo e parte. AULETE, Caldas. Metonímia. In: **Aulete Digital**. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://aulete.com.br/meton%C3%ADmia>>. Acesso em 04 abr. 2024.

<sup>55</sup> FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

<sup>56</sup> XAMMAR *apud* FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

<sup>57</sup> PELKA, Anna. El significado de la moda en los sistemas dictatoriales. Una nota de semiótica histórica. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, v. 33, p. 277-283, 2011. p. 281.

marcaram posições e opiniões de grupos e indivíduos, fazendo reconhecer certas coletividades pelo uso de alguma peça em comum, muitas vezes operada como uniforme. Derivado do latim *uniformis*, a etimologia da palavra resgata noções daquilo que é uniforme, homogêneo<sup>58</sup>. Logo, seguindo esse caminho, a adoção de uma indumentária uniformizante pretende homogeneizar uma determinada organização, revelando que aquele coletivo professa uma ideia e um propósito em comum. De forma que os uniformes são intrigantes, eles possuem correspondência com o controle, não apenas do ser social, mas do interior deste ser e de sua formação.<sup>59</sup>

Os traços individuais são minimizados pela capacidade que o uso compartilhado de uma vestimenta tem de identificar seus usuários a partir de uma demanda de *status* para o indivíduo vestido.<sup>60</sup> Esse *status* é muito mais perceptível ao outro a partir do uniforme, minimizando a ocasionalidade de uma confusão entre os membros e não-membros da turma igualmente revestida. Enquanto o indivíduo estiver uniformizado, todos os outros indicadores acerca das singularidades do sujeito são suprimidos,<sup>61</sup> ele passa a indicar somente a intencionalidade que a indumentária carrega. Além disso, por ordenar e demonstrar as prioridades do grupo, a uniformização atua como um recurso material no auxílio de que as metas organizacionais serão alcançadas.<sup>62</sup>

Por prover identificação a um agrupamento e torná-lo significativo, o uniforme apropria características de um emblema totêmico<sup>63</sup> e incorpora atributos simbólicos<sup>64</sup> de uma

---

<sup>58</sup> FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latim-português**. Rio de Janeiro: MEC, 1994.

<sup>59</sup> CRAIK, Jennifer. The Cultural Politics of the Uniform. **Fashion Theory**, v. 7, n. 2, 2023, p. 127–47. DOI: <<https://doi.org/10.2752/136270403778052140>>. Acesso em: 17 jul. 2024. p. 128.

<sup>60</sup> ALEX, Nicholas; JOSEPH, Nathan. The Uniform: A Sociological Perspective. **American Journal of Sociology**, v. 77, n. 4, p. 719-730, jan. 1972. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2776756>>. Acesso em: 05 dez. 2023. p. 719.

<sup>61</sup> *Ibid.*, p. 722.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 719.

<sup>63</sup> Embora muito discutido na teoria antropológica e etnográfica por sua aparição na organização social de muitos povos distintos, à grosso modo, totêmico ou totemismo é a operação de cultuar algo como um símbolo ou manifestação ancestral de uma certa coletividade. Um totem é normalmente observado como um ser, um animal, uma entidade, uma planta, ou um objeto que funciona como um emblema, uma representação espiritual de um agrupamento de pessoas, que podem ser de diferentes formas. Cf: ROSA, Frederico. Da religião do sangue à organização social da natureza: breve história do debate totêmico (1887-1929). **Etnográfica** [Online], v. 6, n. 2, p. 225-249, 2002. DOI: <<https://doi.org/10.4000/etnografica.4590>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

<sup>64</sup> De acordo com Anat Rafaeli e Monica Worline, os símbolos são meios essenciais para a vida organizacional. Eles não são simplesmente subprodutos da organização, mas sim elementos que estruturam a construção ativa da comunidade por parte dos membros. A leitura dos símbolos pelas pessoas ocorre através de seus próprios olhos individuais, fazendo com que eles adquiram significado na organização por meio de experiências recorrentes, mesmo que essas interpretações possam diferir entre si. As vestimentas uniformizantes, por sua vez, também possuem valor simbólico, sendo que elas afetam tanto o indivíduo, quanto os resultados de nível organizacional, como o cumprimento dos requisitos do papel ocupacional, a comunicação dos valores organizacionais e a identificação dos membros da organização por não-membros. RAFAELI, A.; WORLINE, M. Symbols in organizational culture. In: ASHKANASY, N. M.; WILDEROM, C.; PETERSON, M. F. (Ed.). **Handbook of organizational culture and climate**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000. p. 71-74.

coletividade. À sua maneira, a uniformização passa a ser o próprio grupo, sendo ela, e não os indivíduos que compõem aquele conjunto, o foco do pensamento e do afeto.<sup>65</sup> Na qualidade de manifestação física e material que tornam os corpos semelhantes, o uso dessas vestes idênticas estimulam sentimentos como orgulho, autoestima individual, marcas de *nós versus eles* e, também, camaradagem. Por fazer o indivíduo ser reconhecido pelos outros, o uniforme possui a capacidade de influenciar seu usuário, uma vez que ele é encorajado a agir como um ocupante de seu *status* uniformizado,<sup>66</sup> em vista da sua potencialidade extremamente eficaz na codificação de regras de conduta adequadas e na sua internalização.<sup>67</sup>

Assim, enquanto indumentária de uma coletividade qualquer, o uniforme pode ser incorporado em organizações distintas, como em diversos ambientes de trabalho, seja escritórios, indústrias, prestação de serviços, como também em escolas. No universo militar, o uniforme é quase sempre verificado; dificilmente sua ausência é percebida.<sup>68</sup> Nesse contexto, ele incorpora três funções principais em seu uso: aquelas pragmáticas, diacríticas e simbólicas.<sup>69</sup> As funções pragmáticas remetem à operacionalidade do uniforme no seu objetivo de revestir e proteger o corpo nas atividades próprias ao seu encargo. As funções diacríticas envolvem-se às propriedades distintivas dos uniformes, na ordenação das relações hierárquicas e em suas sinalizações. E, por fim, as funções simbólicas estão ligadas aos valores e princípios em torno de expectativas e produção de sentido sobre os uniformizados, uma vez que as caracterizações são apropriadas para a elaboração de representações e símbolos.

Portanto, a aparência, enquanto forma do sujeito se apresentar ao mundo, carrega em si a possibilidade de ser um vetor expressivo e propiciador de relações identificatórias.<sup>70</sup> A mera exterioridade corporal e a “segunda pele” que reveste a constituição física humana comporta-se como uma linguagem, uma forma de comunicação. Sob a lente da Semiologia, tudo presente na esfera social e natural é comunicação. O também semiólogo Umberto Eco<sup>71</sup> debruçou-se a respeito das distintas formas como as mensagens são compartilhadas a um

<sup>65</sup> ALEX, Nicholas; JOSEPH, Nathan. The Uniform: A Sociological Perspective. **American Journal of Sociology**, v. 77, n. 4, p. 719-730, jan. 1972. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2776756>>. Acesso em: 05 dez. 2023. p. 720.

<sup>66</sup> *Ibid.*

<sup>67</sup> CRAIK, Jennifer. The Cultural Politics of the Uniform. **Fashion Theory**, v. 7, n. 2, 2023, p. 127–47. DOI: <<https://doi.org/10.2752/136270403778052140>>. Acesso em: 17 jul. 2024. p. 129.

<sup>68</sup> ALMEIDA, Adilson J. Uniformes da Guarda Nacional (1831-1852): a indumentária na organização e funcionamento de uma associação armada. **Anais do Museu Paulista**, v. 8, n. 1, p. 77-147, 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5371/6901>>. Acesso em: 29 ago. 2023. p. 78.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 80-81.

<sup>70</sup> CIDREIRA, Renata P. A moda como expressão cultural e pessoal. **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 227-244, dez. 2010. p. 238.

<sup>71</sup> ECO, Umberto. **Psicologia do vestir**. 2ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. p. 8.

receptor. O dizer através da linguagem verbal, realizada por meio de sons articulados e possuidores de significados, enuncia questões ao seu interlocutor e pretende compartilhar algo aplicável em palavras. Essa é uma entre tantas formas de comunicação.

Para além da verbalidade, há uma infinidade de outros sinais, gestos, movimentos e materiais que também são empregues para emitir uma mensagem e podem denotar complexidades abrangentes e profundas. Eles não dizem, eles transmitem, fazem chegar uma ideia ao seu receptor. Por isso, a comunicação pode ser permeada por abstrações intencionalmente sintetizadas para manifestar um determinado conjunto de sentidos ao seu destinatário, que decodifica e compreende aquilo que foi explanado. É nesse limbo que o vestuário, ou a “segunda pele”<sup>72</sup>, é sobretudo comunicação.<sup>73</sup> O revestimento do corpo entrelaça e exprime os modos pelos quais o indivíduo entra em relação com o mundo.<sup>74</sup> Assim, a indumentária cumpre uma função significativa na formação de coletividades que partilham ideias, gostos, hábitos e comportamentos.<sup>75</sup>

Perante uma coincidência entre opções ideológicas e códigos na maneira de vestir<sup>76</sup>, o fenômeno fascista irrompido por todo o globo no período do entreguerras atesta como uma vestimenta pode ser instrumentalizada como forma de transmitir significados não verbais e identificar posições políticas. Nesses casos, os uniformes usados clamavam modernidade e reconhecimento internacional, sendo altamente elaborados como demonstração do seu poder real ou desejado.<sup>77</sup> Por isso, inúmeros movimentos sociopolíticos de extrema-direita a partir da década de 1920 expressaram sua vinculação a uma manifestação mais ampla através de um uniforme paramilitar, composto por uma camisa de uma determinada cor. A AIB e suas camisas verdes, inseridas nesse contexto de trocas e transferências de ideias, portou-se como um dos demais casos a professar pelo mesmo “vocabulário” um conjunto de concepções similares.

Os uniformes, por sua vez, acompanharam uma característica mais ampla: a estética fascista. Compreendida como um aspecto fundamental de sua atuação,<sup>78</sup> o fascismo foi a

---

<sup>72</sup> O termo “segunda pele”, ou até mesmo “pele revestida”, é comumente empregado nos estudos de distintas áreas para remeter a vestimenta. Essas expressões denotam a importância do vestir ao corpo humano, que se comporta como uma interface tanto para o *eu* que está vestindo, como para o *outro*, que percebe o revestimento perante um modo de ser e um modo de estar. Logo, esse corpo vestido, ou o indivíduo, adquire um certo significado a partir de seu revestimento.

<sup>73</sup> ECO, Umberto. **Psicologia do vestir**. 2ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. p. 7

<sup>74</sup> CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. p. 17.

<sup>75</sup> CIDREIRA, Renata P. A moda como expressão cultural e pessoal. **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 227-244, dez. 2010. p. 238.

<sup>76</sup> ECO, *loc. cit.*

<sup>77</sup> CRAIK, Jennifer. The Cultural Politics of the Uniform. **Fashion Theory**, v. 7, n. 2, 2023, p. 127–47. DOI: <<https://doi.org/10.2752/136270403778052140>>. Acesso em: 17 jul. 2024. p. 129.

<sup>78</sup> FINCHELSTEIN, Frederico. **Do fascismo ao populismo na História**. São Paulo: Almedina, 2019. p. 60.

forma política mais explicitamente visual de todas.<sup>79</sup> Muito além de apelos visuais, a estética permite compreender aqueles fenômenos que remetem à percepção, à sensibilidade e à experiência subjetiva de emoções e sentimentos. Por isso, a questão estética no fascismo foi tão tensionada que, para alguns autores, como Emilio Gentile, sua ideologia desempenhou uma expressão mais estética do que teórica.<sup>80</sup> Para isso, ela não focou somente em propaganda e terror, mas também na construção de um consenso temporário<sup>81</sup>, fazendo o uso de mitos, símbolos e ritos para integrar a fé das massas e, assim, possibilitar que o “novo homem” fascista surgisse.<sup>82</sup> E, nessa nova formação humana, os corpos e as mentes precisavam estar em equilíbrio, visto que a estrutura do corpo indica a estrutura da mente.<sup>83</sup> É nesse entendimento que a camisa colorida se insere, pois ela indicou uma ligação entre o corpo e a mente fascista.

Considerando a amplitude que os movimentos e regimes fascistas alcançaram a partir da década de 1920, os uniformes tiveram um grande destaque na memória visual do fascismo. Perry Wilson<sup>84</sup> evidencia essa contribuição ao entendimento do fascismo italiano, o caso inaugurador dessa tendência mais ampla da camisa colorida fascista. Contudo, se a análise vale para o caso de Benito Mussolini, é percebido que alguns movimentos guiados por essa “atração gravitacional” italiana no mundo da direita nacionalista e radical<sup>85</sup> também são constantemente lembrados pelo uso da vestimenta. A exemplo disso são as camisas cáquis durante o regime nazista, os Camisas-douradas mexicanos e os Camisas-pretas de Oswald Mosley na Inglaterra.

Enquanto um símbolo instantaneamente reconhecível, a camisa colorida cristalizou-se nos imaginários<sup>86</sup> construídos a partir da atuação fascista em seus contextos nacionais e

<sup>79</sup> PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 23.

<sup>80</sup> GENTILE, Emilio *apud* PAYNE, Stanley. **A History of Fascism** (1914-1945). Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 6.

<sup>81</sup> MOSSE, George L. Fascist Aesthetics and Society: Some Considerations. **Journal of Contemporary History**, London, v. 31, n. 2, p. 245-252, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/261165>>. Acesso em: 16 ago. 2023. p. 245.

<sup>82</sup> GENTILE *apud* PAYNE, Stanley. **A History of Fascism** (1914-1945). Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 6.

<sup>83</sup> MOSSE, *op. cit.*, p. 248.

<sup>84</sup> WILSON, Perry. The nation in uniform? Fascist Italy, 1919-43. **Past & Present**, n. 221, p. 239-272, Nov. 2013. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24543616>>. Acesso em: 15 dez. 2023. p. 239.

<sup>85</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; GRECCO, Gabriela de Lima. Introdução: ¿Por qué fascismos iberoamericanos? *In*: \_\_\_\_\_. **Fascismos Iberoamericanos**. Madrid: Alianza, p. 37-63, 2022. p. 44.

<sup>86</sup> A questão do imaginário, podendo vir acompanhada dos atributos “social” e “coletivo” em sua sequência, é uma categoria de análise que emergiu nas pautas analíticas das Ciências Humanas na década de 1960. Nessa compreensão, é entendido que qualquer poder, especificamente aquele político, se rodeia de representações coletivas, tornando o domínio do imaginário e do simbólico um importante lugar estratégico para aqueles que detém o poder. Para Bronislaw Baczko, o imaginário orienta a participação da atividade imaginativa individual num fenômeno coletivo, iluminando a imaginação dos atores ao possibilitar a produção de representações da “ordem social”, dos agentes sociais e das suas relações recíprocas (hierarquia, dominação, obediência, conflito),

tornou-se uma simbologia de seus próprios movimentos. A transmissão de uma mensagem fascista pela sutileza do revestimento têxtil corporal, como mencionado, teve origem na Itália em 1919 através do *squadristi*, momento em que Mussolini e uma legião de seguidores provenientes das zonas rurais da parte setentrional do país atacaram aqueles considerados por eles como inimigos internos da nação italiana.<sup>87</sup> Imbuídos em ensinamentos aprendidos na então recente guerra mundial, a luta contra a oposição foi adornada de uma vestimenta que remetesse aos dias nas trincheiras. Seus usuários acreditavam que as camisas pretas simbolizavam um espírito de lutador e guerreiro, concebido a partir de valores militares e viris, de camaradagem e sacrifício, ou seja, noções que a nova vida civil deveria englobar.<sup>88</sup>

No entanto, a escolha da camisa preta e da nomeação Camisas-pretas não foi evidentemente óbvia. O uniforme e o movimento em si demonstram ter sofrido inspirações diversas em sua composição. Alguns autores tendem a declarar que a escolha da camisa preta remete ao eco dos Camisas-vermelhas de Giuseppe Garibaldi.<sup>89</sup> Stanley Payne, teórico do fenômeno fascista, também afirmou que o grande inventor dos *shirt movements* foi Garibaldi.<sup>90</sup> No entanto, esse é um dado presumível pelo contexto. A genealogia específica da camisa colorida é difícil de ser acessada.<sup>91</sup>

Gabriele D'Annunzio durante a façanha de Fiume em 1919 já contava com tropas uniformizadas e pode ter influenciado Mussolini na escolha dos trajes. As escolhas performáticas por D'Annunzio nesse contexto são para Paxton<sup>92</sup> a origem da teatralidade fascista de anos mais tarde. Além do uniforme, outras expressões do poeta nacionalista foram apropriadas como: discursos bombásticos, numerosas paradas de rua, saudação romana de braço estendido e o grito de guerra. Ao mesmo tempo, voltando a Garibaldi, é notória sua influência tanto a Mussolini, como a D'Annunzio, de modo que o futuro “*Duce*” concebeu a tomada de Fiume como uma verdadeira continuação da tradição de Garibaldi.<sup>93</sup>

---

das instituições sociais, aos indivíduos no exercício do poder, as imagens dos líderes, entre outros. Em cada contexto diferente, há a presença de formas próprias de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, baseando-se no vasto sistema simbólico disponível, uma espécie de plano de fundo para dimensionar e articular seus objetivos. É através do imaginário que os grupos concebem sua identidade, elaboram uma representação de si, articula os papéis e posições sociais, exprime e impõe crenças comuns. BACZKO, B. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 296-332, 1985.

<sup>87</sup> PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 107.

<sup>88</sup> WILSON, Perry. The nation in uniform? Fascist Italy, 1919-43. **Past & Present**, n. 221, p. 239-272, Nov. 2013. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24543616>>. Acesso em: 15 dez. 2023. p. 243.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 244.

<sup>90</sup> PAYNE, Stanley. **A History of Fascism (1914-1945)**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 96.

<sup>91</sup> FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

<sup>92</sup> PAXTON, *loc. cit.*

<sup>93</sup> FORLENZA, Rosario; THOMASSEN, Bjorn. From Myth to Reality and Back Again: The Fascist and Post-Fascist Reading of Garibaldi and the Risorgimento. **Bulletin of Italian Politics**, v. 3, n. 2, p. 263-281, 2011.

Paralelamente, Mussolini desejava seu próprio espaço político e movimento<sup>94</sup>, reivindicando para si o legado imaginário do herói que atuou no processo que tornou o território italiano uma nação.

Enquanto umas das figuras mais notáveis do *Risorgimento*, a bravura nacionalista de um grandioso personagem que lutou pela unificação da Itália contagiou e iluminou alguns caminhos que Mussolini e sua tropa pretendiam trilhar. Ao tomar Roma, ele se viu completando a missão histórica de Garibaldi.<sup>95</sup> Assim, mesmo que a inspiração primeira fosse de D'Annunzio, simbolicamente, a camisa resgatou o imaginário de um período histórico em que foram mobilizadas muitas frentes para alcançar a unidade nacional de um território fragmentado em reinos. O uso do mito em torno do *Risorgimento* e Garibaldi legitimou as próprias ações tomadas pelos fascistas e a consolidação de seu regime anos mais tarde.

Contudo, nem mesmo a própria camisa vermelha foi concebida nesse processo. Sua origem apriorística tem raízes latino-americanas, mais especificamente no território uruguaio. Garibaldi foi condenado à morte por conspirar contra a monarquia em 1834, fugiu e se exilou na América do Sul<sup>96</sup>, onde também é considerado como herói por sua atuação em batalhas de cunho separatistas e republicanas, como a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, Brasil. Após esse evento, foi especificamente através da Legião Italiana e sua atuação na Guerra Civil no Uruguai que a camisa vermelha surgiu. Os *Camicie-rosse*, guiados pelo novo comandante da força naval a partir de 1843, lutaram pela defesa de Montevideo ao lado dos colorados contra Manuel Oribe e Juan Manuel Rosas do Partido Blanco.

No Uruguai, o uniforme vermelho não causou uma atração significativa como ocorreu na Europa quando Garibaldi e sua tropa chegaram à Itália.<sup>97</sup> Ele foi empregado por questões logísticas e de controle de gastos.<sup>98</sup> As autoridades montevidéanas desejavam que os trajes da tropa italiana custassem o mais barato possível e, para isso, utilizaram um estoque de macacões vermelhos fabricados na capital e que seriam exportados a Buenos Aires. A cor era de grande utilidade ao seu destino: matadouros de gado argentinos. Como a guerra e suas causalidades impossibilitaram o envio das peças, o governo as adquiriu e uniformizou a Legião Italiana.<sup>99</sup> Isso explica o fato do traje ser um manto solto até os joelhos, usado para

<sup>94</sup> DUGGAN, Christopher. **The Force of Destiny**. A History of Italy since 1796. London: Penguin Books Ltd, 2007.

<sup>95</sup> FORLENZA, Rosario; THOMASSEN, Bjorn. From Myth to Reality an Back Again: The Fascist and Post-Fascist Reading of Garibaldi and the Risorgimento. **Bulletin of Italian Politics**, v. 3, n. 2, p. 263-281, 2011. p. 264.

<sup>96</sup> OLIVEIRA, Maurício. **Garibaldi: herói dos dois mundos**. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>97</sup> RIDLEY, Jasper. **Garibaldi**. London: Phoenix Press, 2001. p. 178.

<sup>98</sup> A informação acerca da proveniência das camisas vermelhas foi dada pelo Almirante Britânico Winnington-Ingram que serviu em Montevideo entre 1845-1847. *Ibid.*

<sup>99</sup> *Ibid.*

fora das calças. Não havia botões, apenas buracos para a cabeça e os braços. Ao corpo, ele era preso por um cinto na cintura.<sup>100</sup>

Coincidentemente, a coloração vermelha, de grande utilidade aos matadores de gado para neutralizar as manchas de sangue na roupa, no contexto histórico em questão emergia uma questão mais profunda. Desde a Revolução de 1789 na França, o vermelho era vagamente associado às forças revolucionárias que lutaram na tomada da Bastilha nesta data.<sup>101</sup> Os republicanos trajados de seus *liberty cap* (ou *Phrygian cap*) na cor vermelha buscavam simbolizar a libertação francesa através de seu adorno.<sup>102</sup> Ele pode ser compreendido como uma síntese da tradição e uma vontade de tornar visualmente vivas as ideias contemporâneas de liberdade.<sup>103</sup> O “cap” apareceu primeiro na América e de lá se espalhou para a França.<sup>104</sup> Assim como a camisa colorida, sua origem é mais antiga e as raízes do acessório residem na antiguidade, tal qual grande parte das simbologias das revoluções do século XVIII.<sup>105</sup>

No entanto, o vermelho do *liberty cap* não traduzia perfeitamente o espectro à esquerda que a cor atingiria em 1848 na França. Em oposição à bandeira tricolor dos republicanos liberais, os socialistas adotaram a bandeira vermelha e consolidaram a coloração como tipicamente da esquerda.<sup>106</sup> Por isso, quando Garibaldi e sua tropa revolucionária ficaram populares na Europa, alguns conservadores confundiram suas camisas vermelhas com a bandeira socialista francesa.<sup>107</sup> Portanto, a cor vermelha é associada à esquerda desde o século XIX e apenas uma associação de extrema-direita fascistizada fez seu uso nos uniformes. Os *Ratniks* búlgaros, da *Warriors for the Advancement of the Bulgarian National Spirit*, além da camisa vermelha<sup>108</sup>, usavam uma cruz celta. Além disso, o próprio Adolf Hitler afirmou no *Mein Kampf*<sup>109</sup> que sua escolha para as cores nazistas não foi somente pela atratividade que o vermelho apresenta, mas também porque poderia irritar seus adversários (comunistas e socialistas) e causar comoção.

<sup>100</sup> RIDLEY, Jasper. **Garibaldi**. London: Phoenix Press, 2001. p. 178.

<sup>101</sup> *Ibid.*

<sup>102</sup> Cabe ressaltar que nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, assim como os Jogos Paralímpicos da mesma edição, os mascotes oficiais das competições foram as “Phryges”, simbolizando a liberdade, inclusão e apoio a causas significativas.

<sup>103</sup> KORSHAK, Yvonne. The Liberty Cap as a Revolutionary Symbol in America And France. **Smithsonian Studies in American Art**, v. 1, n. 2, p. 52-69, 1987. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3108944>>. Acesso em: 22 dez. 2023. p. 65.

<sup>104</sup> *Ibid.* p. 53.

<sup>105</sup> *Ibid.*

<sup>106</sup> RIDLEY, *op. cit.*, p. 179.

<sup>107</sup> *Ibid.*

<sup>108</sup> FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

<sup>109</sup> HITLER, Adolf. **Minha Luta** (Mein Kampf). Lisboa: Ed. Guerra e Paz. Lisboa, 2016.

Retomando ao caso de Mussolini, enquanto cidadão italiano, ele vivenciou a mística nacional em torno de Garibaldi e seu papel revolucionário, sendo considerado um herói não só em seu país de origem, como também do outro lado do Atlântico. E foi nesse contexto, na capacidade de inspiração do povo italiano, que os fascistas tentaram reivindicar a imagem de Garibaldi para si.<sup>110</sup> Eles incorporaram não só a camisa colorida, como também o *fascio* e o título de “*Duce*”, já que os *Garibaldinos* às vezes chamavam Garibaldi por esse termo.<sup>111</sup> Logo, a fonte primeira das camisas pretas, que acabou por inaugurar um movimento global mais amplo, se deu dentro do próprio contexto italiano e na busca por aspectos nacionais que apelaram para o mito da nação, bem como sua unificação.

No que se refere à escolha da cor preta, essa geralmente é atribuída à influência dos *Arditi* em sua escolha.<sup>112</sup> O grupo de elite lutou na Primeira Guerra Mundial e o próprio nome denota suas qualidades. Em italiano, o verbo *ardire* significa “ousados” e “corajosos”. Todavia, a cor exata das vestimentas da tropa de assalto não são certas e o preto já era uma cor dominante na Itália, especialmente no sul.<sup>113</sup> Outros autores elencam uma outra inspiração, oriunda da própria terra natal de Mussolini no norte do território, Emilia-Romagna, em que os trabalhadores utilizam camisas pretas típicas de camponeses e trabalhadores da região.<sup>114</sup> Mesmo diante da confusa origem do preto, essa cor logrou ao fascismo uma imagem plebeia e rebelde, evocando laços com morte e luto.<sup>115</sup>

Acerca da Primeira Guerra Mundial, esse grande evento é balizador do processo histórico desencadeado após o cessar fogo em 1918. As reverberações do “assassinato de massa sancionado pelo Estado”<sup>116</sup> acabou por banalizar a violência vivida nas trincheiras da guerra, possibilitando a indagação proposta por Patrizia Dogliani: o fascismo foi uma revolta geracional?<sup>117</sup> Desse modo, não só os veteranos da guerra, como também aquela geração que

<sup>110</sup> RIDLEY, Jasper. **Garibaldi**. London: Phoenix Press, 2001. p. 635.

<sup>111</sup> *Ibid.*, p. 529.

<sup>112</sup> De acordo com John Harvey em uma análise à cor preta, os fascismos de uma maneira geral utilizavam o negro para representar a violência, a disposição para morrer pela nação, e no caso nazista, vontade de demarcar uma posição de elite, circunscrevendo a coloração como demarcador dos “distintos”. E mesmo sugerindo um certo clichê em “vestir homens malvados de preto”, essa coloração tornou-se a cor do poder, da morte. Por isso, o uso do negro pode se tornar um acessório para manipular a alma humana e a alma de um povo. HARVEY, John. **Homens de preto**. São Paulo: UNESP, 2004. p. 300-309.

<sup>113</sup> PECORI, Ugo. *Apud* FALASCA-ZAMPONI. Simoneta. **Fascist Spectacle: The aesthetics of Power in Mussolini's Italy**. Oakland: University of California Press, 1997. p. 241.

<sup>114</sup> WILSON, Perry. The nation in uniform? Fascist Italy, 1919-43. **Past & Present**, n. 221, p. 239-272, Nov. 2013. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24543616>>. Acesso em: 15 dez. 2023. p. 244.

<sup>115</sup> PASSERINI, Luisa. *Apud*. WILSON, Perry. The nation in uniform? Fascist Italy, 1919-43. **Past & Present**, n. 221, p. 239-272, Nov. 2013. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24543616>>. Acesso em: 15 dez. 2023. p. 244.

<sup>116</sup> MOSSE, George L. **Le guerre mondiali dalla tragedia al mito dei caduti**. Roma: Laterza, 1990. p. 3.

<sup>117</sup> DOGLIANI, Patrizia. Propaganda and Youth. *In*: R.J.B. BOSWORTH (ed.). **The Oxford Handbook of Fascism**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 185-202. p. 185.

foi impossibilitada de lutar entre 1914 e 1918,<sup>118</sup> estavam condicionados à inviabilidade em se desligarem da experiência vivida, de maneira que a política foi vista como uma forma de continuar a guerra, não mais nos campos de batalha, mas nas ruas. As camisas coloridas, nesse caso, eram uma forma de dar uma falsa sensação de continuidade da guerra; vestir um uniforme que remetia àqueles dias, ou àqueles camaradas que puderam participar da grande guerra.

A camisa preta fascista, portanto, a partir de sua própria historicidade, inaugurou um fenômeno mais abrangente no uso dessa indumentária em movimentos fascistas e de extrema-direita. Após o sucesso de Mussolini em adquirir o poder e iniciar seu regime, ele logrou ao mundo a percepção de que era possível realizar a “revolução” aos moldes distintos da opção soviética e distante do liberalismo. Sua afirmação em outubro de 1932, de que em dez anos a Europa seria fascista ou fascistizada, foi verificada não só neste continente, como para além dele. O imaginário da camisa auxiliou na difusão da novidade, que tornava seus usuários como agentes da causa e da ação fascista. A circunstância ecoou mundo afora e muitos casos de fascistas e simpatizantes trajando camisas coloridas puderam ser percebidos em realidades nacionais distintas. No entanto, a simples incorporação da camisa colorida e de sua instrumentalização política não pode ser reconhecida como um atestado de vinculação ao fenômeno fascista. Como bem afirmou Paxton, o fascismo não é reconhecível pela sua plumagem e focar nos símbolos externos, sujeitos a imitação superficial, pode aumentar a confusão do que pode ser legitimamente considerado fascista.<sup>119</sup>

De fato, não só fascistas utilizaram a camisa. Alguns casos à esquerda, mesmo que poucos, como as Milícias Operárias e Camponesas Antifascistas na Espanha entre 1934 e 1937,<sup>120</sup> também fizeram o uso do uniforme colorido em prol político. Há também ocorrências como a Legião Revolucionária Mineira no Brasil, que apesar de terem utilizado camisas cáqui e reproduzido uma estética fascista, ideologicamente não eram fascistas. Por isso, a adoção indiscriminada de uma correlação entre uniformização, temporalidade e semelhanças com as

---

<sup>118</sup> A às vezes chamada “*class of 1899*” ilustra aqueles jovens que alcançaram idade suficiente para lutar na guerra apenas em seus meses finais, ou até mesmo aqueles que não conseguiram participar pelo limite etário de 19 anos. A frustração de muitos com o impedimento de participação, como também em relação à perda da guerra, fizeram com que muitos jovens entre 15 a 20 anos se inserissem na cena política anos depois da guerra. Somado a um desejo de ação, a emulação dos irmãos mais velhos, além de uma profunda crise dos laços familiares e da autoridade adulta, conduziram esses juvenis para o *Squadrisimo*. DOGLIANI, Patrizia. Propaganda and Youth. In: R.J.B. BOSWORTH (ed.). **The Oxford Handbook of Fascism**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 185-202. p. 185-187.

<sup>119</sup> PAXTON, Robert O. The Five Stages of Fascism. **The Journal of Modern History**, v. 70, n. 1, p. 1-23, 1998. p. 3.

<sup>120</sup> FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

ideias e práticas fascistas são perigosas e demandam análises mais complexas e abordagens focalizadas.

Todavia, há de se indagar: existiria esse grande volume de *shirt movements* se não fosse o fascismo italiano e seus Camisas-pretas? O caráter enfático e a potente instrumentalização da camisa nos diversos movimentos de extrema-direita do entreguerras firmou a peça colorida como uma expressão fascista. Seu uso cristalizou-se nas culturas políticas dessa temporalidade e, mesmo que os fascistas não tenham inventado os uniformes paramilitares coloridos, eles os tornaram tendência.<sup>121</sup> A camisa colorida adquiriu um valor particular nesse contexto e remetia a uma acepção mais ampla e definida. Sua apropriação, bem como de uma mística ao seu redor, servia a um mecanismo de localização e identificação com a postura fascista, demonstrando o caráter transnacional no qual o fascismo alcançou. Ela não só diferenciou os fascismos, como também distinguia, dentro dos contextos nacionais, os fascistas dos não-fascistas.

A transnacionalidade do fenômeno permite iluminar muitos casos fascistas que tinham o exemplo italiano como um valor ou um ideal político.<sup>122</sup> A irradiação ideológica de Mussolini lançava ao mundo uma contestação à ordem liberal anterior à Primeira Guerra Mundial, como também ao iluminismo e às revoluções progressistas do século XIX.<sup>123</sup> A Revolução Russa de 1917 trouxe uma vitória ao bolchevismo, causando empatia de alguns e temor de muitos. Por isso, o fascismo oferecia uma oportunidade, uma possibilidade de mudança, a quem compartilhava um conjunto semelhante de convicções. Assim ele se deu ao mundo: uma prática política e social ultranacionalista, mas, ao mesmo tempo, transnacional.<sup>124</sup>

Apesar de soar como uma possível contradição, já que o transnacionalismo e o Estado-nação tendem a serem vistos como opositores, a lente transnacional permite iluminar as conexões e clivagens na elaboração de políticas em locais distintos.<sup>125</sup> Sob raízes em cada nação, o fascismo se relacionava de maneira revolucionária e transnacional.<sup>126</sup> Cada caso buscava salvar sua realidade nacional e construir a nova e verdadeira internacionalização da

<sup>121</sup> FUENTES, Juan Francisco. *Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion*. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

<sup>122</sup> BAUERKÄMPER, Arnd; Grzegorz ROSSOLIŃSKI-LIEBE. "Introduction". In: \_\_\_\_\_. **Fascism without Borders**. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe (1918-1945). New York: Berghahn, p. 1-18, 2017. p. 2.

<sup>123</sup> FINCHELSTEIN, Frederico. **Do fascismo ao populismo na História**. São Paulo: Almedina, 2019. p. 53.

<sup>124</sup> BAUERKÄMPER; ROSSOLIŃSKI-LIEBE, *loc. cit.*

<sup>125</sup> CLAVIN, Patricia. Defining Transnationalism. **Contemporary European History**, v. 14, n. 4, p. 421-39, 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1017/S0960777305002705>>. Acesso em: 02 jan. 2024. p. 422.

<sup>126</sup> FINCHELSTEIN, *op. cit.*, p. 55.

civilização contra a barbárie, representando um novo princípio para o mundo.<sup>127</sup> Essa novidade tinha um revestimento: a camisa colorida. Por isso, os fascistas não só usavam o uniforme colorido para impressionar e intimidar seus oponentes, eles também demonstraram a sua pretensão em representar um movimento transnacional de guerreiros unidos pela hostilidade a inimigos em comum.<sup>128</sup>

O sucesso dessa prática deve-se em muito, para além da expectativa em torno do triunfo de Mussolini, a sua inserção na moderna política de massas. Criada do zero, ela buscava apelar sobretudo às emoções.<sup>129</sup> Civis usando trajes de influência militar os tornavam como pertencentes àquela coletividade e sua ideia, já que a própria existência de um uniforme implica em uma estrutura de grupo e a inserção do indivíduo naquela coletividade. Enquanto instrumento ideológico, o uniforme cria uma personalidade nos sujeitos e uma poderosa presença coletiva, sendo um meio de moldar ações, sejam físicas como mentais, e também lograr novos hábitos, incluindo movimento e postura, desenvolvendo uma sensibilidade estética.<sup>130</sup> Além disso, a uniformização atua como uma garantia de que um nível superior controla seus membros que, por sua vez, conformam-se com os regulamentos e as definições padrões de comportamento. O uniforme é uma declaração simbólica de que o indivíduo irá aderir às normas do grupo, aos seus papéis definidos e irá dominar as suas habilidades e valores.<sup>131</sup> Por tudo isso, as camisas coloridas professavam uma ideia de agência, de modo que os que as trajavam se distinguiam dos demais e marcavam sua posição, seu pertencimento.

A Primeira Guerra Mundial não só determinou a tendência política na Europa, seus princípios e compromissos, como também a forma de vestir.<sup>132</sup> Os valores adjacentes do militarismo, nacionalismo, ordem e disciplina, permearam a sociedade europeia e se colaram àquelas percepções que demandavam mudança e novidade política. Por isso, houve uma tentativa de militarização da política de magnitude sem precedentes, fato demonstrado pelo

---

<sup>127</sup> FINCHELSTEIN, Frederico. **Do fascismo ao populismo na História**. São Paulo: Almedina, 2019. p. 55.

<sup>128</sup> BAUERKÄMPER, Arnd; Grzegorz ROSSOLIŃSKI-LIEBE. "Introduction". In: \_\_\_\_\_. **Fascism without Borders**. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe (1918-1945). New York: Berghahn, p. 1-18, 2017. p. 3.

<sup>129</sup> PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 38.

<sup>130</sup> CRAIK, Jennifer. The Cultural Politics of the Uniform. **Fashion Theory**, v. 7, n. 2, 2023, p. 127-47. DOI: <<https://doi.org/10.2752/136270403778052140>>. Acesso em: 17 jul. 2024. p. 132.

<sup>131</sup> ALEX, Nicholas; JOSEPH, Nathan. The Uniform: A Sociological Perspective. **American Journal of Sociology**, v. 77, n. 4, p. 719-730, jan. 1972. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2776756>>. Acesso em: 05 dez. 2023. p. 720.

<sup>132</sup> FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

surgimento de milícias paramilitares.<sup>133</sup> A ideia de ação e agência também estava em efervescência, de modo que era possível vislumbrar algo pela atividade e força dos indivíduos. Nota-se como o período foi marcado pela postura de combate nos mais diversos espectros políticos. É a partir disso que a “parafernália” de guerra adquiriu um valor particular; botas, acessórios paramilitares com as camisas, distintivos, insígnias e braçadeiras com simbologias que denotavam esse regaste dos tempos de guerra e estimulavam o orgulho, a autoestima individual, e o mais importante, uma razão para viver. No caso fascista, a democracia liberal e a revolução socialista não ofereciam os mecanismos corretos para a vida em sociedade, para o imaginário fascista, esses modelos estavam falidos.

Por isso, o fascismo precisava apelar para além do auto interesse racional, mas sim às necessidades emocionais, aos medos e desejos mais primitivos e irracionais, fazendo crer que a situação iria melhorar.<sup>134</sup> É nesse limbo que a camisa colorida se acopla, pois os corpos eram permeados de significado por trajar uma peça que professava uma ideia homogênea, baseada em uma identidade racional, social e cultural. Seu uso representava a esperança de que a crise seria suprimida. Mesmo com a discordância historiográfica acerca do que foi realmente o fascismo, o uniforme sintetizava suas características essenciais: ele foi ao mesmo tempo uma revolução, uma ideologia, uma visão de mundo e uma cultura.<sup>135</sup> Porém, para que o uniforme funcione como um certificado de legitimidade, o público deve aprender a reconhecê-lo como um indicador de um estatuto especial.<sup>136</sup>

Esse reconhecimento ocorria mundo afora e fazia com que os adeptos, nas mais diversas realidades nacionais, percebessem que estavam inseridos em um fenômeno transnacional.<sup>137</sup> Por exemplo, em *A Offensiva*, periódico integralista de circulação nacional, no dia 09 de agosto de 1934, foi publicado uma listagem intitulada “O Fascismo no mundo”:

#### Figura 1 – “O fascismo no Mundo”

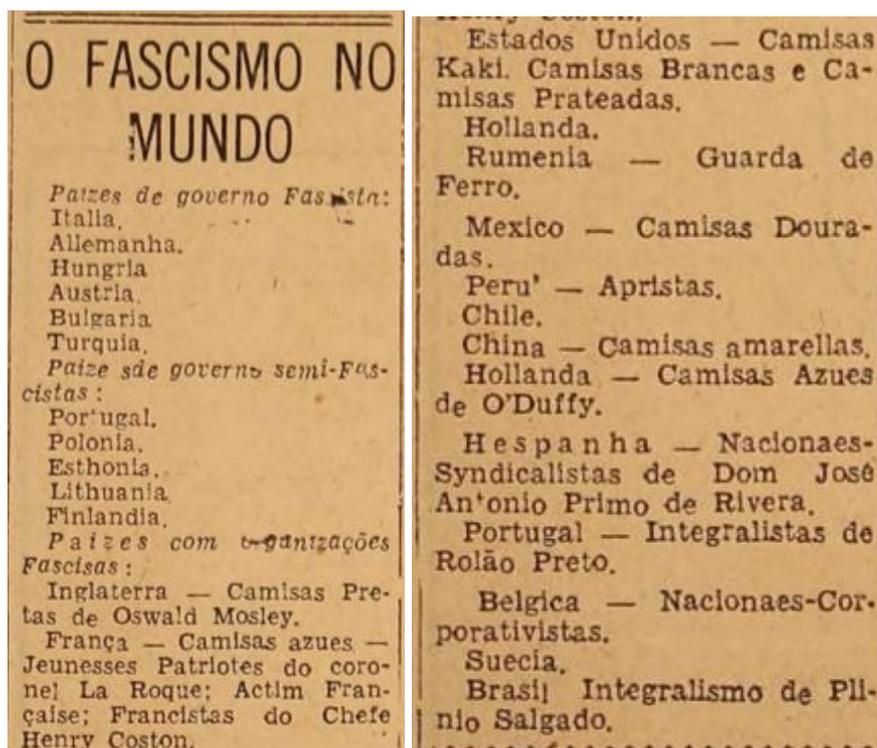
<sup>133</sup> PAYNE, Stanley. **A History of Fascism** (1914-1945). Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 12.

<sup>134</sup> ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Ed. Unesp, 2019. p. 162.

<sup>135</sup> TRAVERSO, Enzo. **Interpretar el fascismo**. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. *Ayer*, n. 60, p. 227-258, 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41324908>>. Acesso em: 29 ago. 2023. p. 231.

<sup>136</sup> ALEX, Nicholas; JOSEPH, Nathan. The Uniform: A Sociological Perspective. *American Journal of Sociology*, v. 77, n. 4, p. 719-730, jan. 1972. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2776756>>. Acesso em: 05 dez. 2023. p. 723.

<sup>137</sup> BAUERKÄMPER, Arnd; Grzegorz ROSSOLIŃSKI-LIEBE. “Introduction”. In: \_\_\_\_\_. **Fascism without Borders**. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe (1918-1945). New York: Berghahn, p. 1-18, 2017. p. 2.



Fonte: **A OFFENSIVA**, Rio de Janeiro, n. 13, 09 agosto de 1934. p. 3.

Esse levantamento de conjunturas assumidas como fascista pelos integralistas evidencia como o grupo se sentia pertencente a um contexto global mais amplo. Há equívocos, como a caracterização do Aprismo como um movimento fascista peruano. Na listagem, o elencamento das camisas coloridas e, ao final, o destaque para o caso brasileiro, mesmo que as camisas verdes não estivessem ali, transmitia a sensação de pertencimento a algo maior. De maneira semelhante, Gustavo Barroso em seu livro “O Integralismo e o Mundo”<sup>138</sup>, aborda os casos que ele identifica como fascistas e elenca o uso das camisas coloridas em seus diversos contextos.

Assim como a listagem publicada em *A Offensiva*, o livro de Barroso também sugere a ideia de pertencimento do integralismo a um movimento transnacional; a uma comunidade global que se guiava por um idealismo metafísico e pelo vitalismo, buscando criar o “novo homem” fascista, um novo estilo de cultura que alcançasse a excelência física e artística e que valorizasse a coragem, a ousadia e a superação de limites previamente estabelecidos no crescimento de uma nova cultura superior que envolveu o homem por inteiro.<sup>139</sup>

Uma outra questão intrínseca às camisas coloridas era a suprema expressão do nacionalismo. O fascismo é amplamente reconhecido pelo seu caráter ultranacionalista e o

<sup>138</sup> BARROSO, Gustavo. **O Integralismo e o Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1936.

<sup>139</sup> PAYNE, Stanley. **A History of Fascism** (1914-1945). Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 8.

combate às posições internacionalistas de sua oposição à esquerda, a grande ameaça da Nação. O Estado-Nação oitocentista logrou novas formas de se relacionar com a comunidade nacional e, também, com seus símbolos, sendo ao final desse século, o reconhecimento da tonalidade mais à direita do nacionalismo.<sup>140</sup> Assim, é na esteira da primeira guerra que o nacionalismo se radicalizou e alcançou uma magnitude diversificada a aquela percebida nos séculos anteriores. As simbologias da nação, sua mística e reverência, portanto, possuem uma trajetória, de forma a serem incorporadas nos movimentos fascistas como recurso conhecido. A camisa colorida foi operada como marca e símbolo da revelação nacionalista na qual os fascistas se empenharam.

Por tudo isso, consta abaixo uma sistematização dos movimentos que durante o entreguerras possuíam camisas coloridas. A enumeração contempla casos nacionalistas de extrema-direita e fascistas, já que sua conceituação, como mencionado anteriormente, mostra-se complexa e suscetível a imprecisões. A intenção aqui não é rotular essas expressões como fascistas, tampouco discutir sua conceituação, apenas ilustrar a abrangência e a dimensão global da apropriação das camisas coloridas em contextos de nacionalismos de extrema-direita. Além disso, a listagem não esgota a totalidade dos casos que fizeram o uso do uniforme na temporalidade destacada, outros eventuais exemplos ainda podem ser registrados.

Quadro 1 - Camisas coloridas pelo mundo

Cor	Nome da organização	País	Data de formação
Azul	<i>Le Parti National Social Chretien</i>	Canadá	1934
	<i>Falange Española/Falange Española de las JONS</i>	Espanha	1933
	Movimento Nacional-Sindicalista	Portugal	1932
	<i>Irish Army Comrades Association</i>	Irlanda	1932
	<i>Le Faisceau</i>	França	1925
	<i>Partidul Național Creștin</i>	Romênia	1935
	Sociedade para a Prática Rigorosa dos Três Princípios do Povo (ou <i>Lixingshe</i> )	China	1932
	<i>Blue Shirts of the Wafd - young wing</i>	Egito	1930's
Branco	<i>Friends of New Germany</i>	EUA	1933
	<i>Crusader White Shirts</i>	EUA	1930's
	Distintivo Branco	Síria	1930's
	<i>al-Futuwwa</i>	Iraque	1930's

<sup>140</sup> EATWELL, Roger. **Fascism**. London: Pimlico edition, 2003.

	<i>Figlie della Lupa</i> e demais organizações femininas	Itália	1930's
Cáqui/marrom	<i>Sturmabteilung (SA)</i>	Alemanha	1921
	<i>Hird (Nasjonal Samling)</i>	Noruega	1933
	<i>Khaki Shirts of America</i>	Eua	1933
	<i>Danmarks Nationalsocialistiske Arbejderparti (National Socialist Workers' Party of Denmark)</i>	Dinamarca	1930
	<i>Al-Kata'ib (Partido Kataeb)</i>	Líbano	1936
Cinza	<i>Pērkonkrusts</i>	Letônia	1933
	<i>Flokkur Þjóðernissinna (Nationalist Party)</i>	Islândia	1934
	<i>Legión Cívica Argentina</i>	Argentina	1931
	<i>South African Gentile National Socialist Movement</i>	África do Sul	1933
	Camisas de Aço ou Camisas de Ferro	Síria	1936
	<i>National Front</i>	Suíça	1933
	<i>Movimiento Nacional Socialista de Chile</i>	Chile	1932
Dourado	<i>Acción Revolucionaria Mexicanista</i>	México	1933
Laranja	<i>Junior Nationalists - South African Fascists</i>	África do Sul	1934
Vermelho	<i>Warriors for the Advancement of the Bulgarian National Spirit (Ratniks)</i>	Bulgária	1936
Prata	<i>Silver Legion of America</i>	EUA	1933
Preto	<i>Unión Revolucionária</i>	Peru	Entre 1931-1933
	<i>Partito Nazionale Fascista</i>	Itália	1921
	<i>Schütz Staffeln (SS)</i>	Alemanha	1925
	<i>British Union of Fascists</i>	Reino Unido	1932
	<i>Rodna Zashitita</i>	Bulgária	1923
	<i>Tohokai</i>	Japão	1936
	<i>Lăncieri, milícia da Liga Apărării Național Creștine</i>	Romênia	1920's
	<i>Zwart Front (Black Front)</i>	Holanda	1934
	<i>Weerbaarheidsafdeling - Nationaal-Socialistische Beweging in Nederland (National Socialist Movement in the Netherlands)</i>	Holanda	1931
	<i>Sinimustat (Lapua Movement/Patriotic People's Movement)</i>	Finlândia	1930
Verde	Ação Integralista Brasileira	Brasil	1932
	<i>Cumann Corpruiteac Náisiúnta</i>	Irlanda	1935
	<i>Garda de Fier</i>	Romênia	1930
	<i>Nyilaskeresztes Párt (Arrow Cross Party)</i>	Hungria	1939
	<i>Comités de Défense Paysanne</i>	França	1929

	<i>Verbond van Dietsche Nationaal-Solidaristen (Union of Dutch National Solidarists)</i>	Bélgica	1931
	<i>Yugoslav Radical Union</i>	Iugoslávia	1934
	<i>Young Egypt Movement</i>	Egito	1933

Fonte: produzida pela autora<sup>141</sup>

<sup>141</sup> Com base em: PAYNE, Stanley. **A History of Fascism** (1914-1945). Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.; FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.; TREJO, Javier Teófilo Suárez. Espantando a los Uriburu: la poética política de Oliverio Gironde en la década de 1930. **Tropelías: Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada**, n. 31, 2019, p. 391-413. DOI: <<https://doi.org/10.26754/ojs.tropelias/tropelias.2019313045>>. Acesso em: 03 abr. 2024.; MORALES, Tirso Molinari. El Partido Unión Revolucionaria y su proyecto totalitario-fascista. Perú 1933-1936. **Revista UNMSM- Investigaciones Sociales**, n. 16, p. 321-346, 2006. Disponível em: <<https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/sociales/article/view/7029>>. Acesso em: 03 abr. 2024.; MARQUEZ, Luis Corvalán. Identidad, ideología y política en el Movimiento Nacional Socialista de Chile, 1932-1938. **Izquierdas (Santiago)**, n. 25, p. 76-119, 2015. DOI: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-50492015000400004>>. Acesso em: 03 abr. 2024.; BACKAL, Alicia Gojman. **Camisas, escudos y desfiles militares**. Los Dorados y el antisemitismo en México (1934-1940). México: Fondo de Cultura Económica, 2000.; JENKINS, Philip. 'It Can't Happen Here': Fascism and Right-Wing Extremism in Pennsylvania, 1933-1942." **Pennsylvania History: A Journal of Mid-Atlantic Studies**, v. 62, n. 1, p. 31-58, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27773772>>. Acesso em: 03 abr. 2024.; DIAMOND, Sander A. **The Nazi Movement in the United States, 1924-1941**. Ithaca: Cornell University Press, 1974.; BEEKMAN, Scott. **William Dudley Pelley: A Life in Right-Wing Extremism and the Occult**. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 2005.; BETCHERMAN, Lita-Rose. **The swastika and the maple leaf: Fascist movements in Canada in the thirties**. Canada: Fitzhenry & Whiteside, 1975.; CHEN, Chiao In. As origens do fascismo chinês: o impacto da colaboração nacionalista-comunista e a legitimidade da luta nacional (1927-1931). **Locus: Revista de História**, v. 28, n. 2, p. 146-166, 2023. DOI: <<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.37511>>. Acesso em: 3 abr. 2024.; GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. London and New York: Routledge, 1991.; ENTELIS, John P. Party Transformation in Lebanon: Al-Kata'ib as a Case Study. **Middle Eastern Studies**, v. 9, n. 3, p. 325-340, 1973. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4282494>>. Acesso em: 03 abr. 2024.; WATENPAUGH, Keith. Steel shirts, white badges and the last qabadāy: fascism, urban violence and civic identity in Aleppo under French rule. In: MÉOUCHY, Nadine (Ed.). **France, Syrie et Liban 1918-1946: Les ambiguïtés et les dynamiques de la relation mandataire**. Damas: Presses de l'Ifpo, 2002.; GERSHONI, Israel; JANKOWSKI. The Young Egypt Movement: An Egyptian Version of Fascism? Confronting Fascism. In: **Egypt: Dictatorship versus Democracy in the 1930s**. Stanford: Stanford University Press, 2010.; FURLONG, Patrick J. **Between Crown and Swastika: The Impact of the Radical Right on the Afrikaner Nationalist Movement in the Fascist Era**. Hanover: Wesleyan University Press, 1991.; THOMÁS, Joan Maria. FET y de las JONS y la dictadura (1939-1977). In: HERAS, Manuel Ortiz (Org.). **¿Qué sabemos del franquismo? Estudios para comprender la dictadura de Franco**. Granada: Comares, 2018, p. 23-42.; PINTO, António Costa. **Os camisas-azuis: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUpE, 2016.; CRONIN, Mike. The Blueshirt Movement, 1932-5: Ireland's Fascists? **Journal of Contemporary History**, v. 30, n. 2, p. 311-332, 1995. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/261053>>. Acesso em: 04 abr. 2024.; WILSON, Perry. White blouses in the blackshirt nation: women and uniforms in Fascist Italy. **Women's History Review**, v. 31, n. 7, p. 1107-1126, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.1080/09612025.2022.2055272>>. Acesso em: 04 abr. 2024.; DORRIL, Stephen. **Blackshirt: Sir Oswald Mosley and British Fascism**. London: Penguin Books, 2007.; WALDECK, Rosie Goldschmidt. **Athene Palace: Hitler's 'New Order' comes to Rumania**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.; WHITE, Martin. **The Greenshirts: fascism in the Irish Free State 1935-1945**. Ph. D. Thesis, History Department, University of London, London, 2004.; KOTT, Matthew. Latvia's Pērkonkrusts: Anti-German National Socialism in a Fascistogenic Milieu. **Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies**, v. 4, n. 2, p. 169-193, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.1163/22116257-00402007>>. Acesso em: 04 abr. 2024.; HAGTVET, B.; LARSEN, S. U.; MYKLEBUST. **Who Were the Fascists: Social Roots of European Fascism**. Oslo: Universitetsforlaget 1980.; PAXTON, Robert O. **Le temps des chemises vertes. Révoltes paysannes et fascisme rural. 1929-1939**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

Pelo grande volume de *shirt movements* no entreguerras, é percebido como o fascismo de Mussolini lançou uma tendência ao redor do mundo e que foi amplamente incorporada às práxis políticas locais. Esses casos, mesmo que não legitimamente fascistas, denotam uma simpatia que a extrema-direita possuía ao primogênito italiano. Todos eles se propuseram a lutar pelo nacionalismo e pela defesa da Nação contra os inimigos ameaçadores da unidade nacional e escolheram o mesmo “vocabulário” para marcar seu tom combativo: as camisas coloridas. As idiossincrasias de cada exemplar denotam como os valores fascistas apropriados eram seletivos.

As percepções, as relações e os intercâmbios entre os movimentos eram desiguais no fenômeno fascista transnacional<sup>142</sup>. Não havia uma fórmula inerte e imóvel, os processos de fascistização seguiram seus próprios contornos, e a compreensão e as características do fascismo modificavam-se nos processos de transferências de acordo com aquilo que era válido para a realidade nacional. A natureza das próprias influências transnacionais também conduzia apropriações diferentes. Em tempos e espaços distintos, as interações eram relativas e seletivas. A camisa colorida, por exemplo, nem sempre foi apropriada. Casos como a *Acción Revisionista del Uruguay*, principalmente por ser um movimento intelectual, que não alcançou uma representativa expansão, não utilizaram camisas coloridas.<sup>143</sup> Já o exemplar boliviano, a *Falange Socialista Boliviana*, apenas adotou as *camisas blancas* em 1956.<sup>144</sup>

Por tudo isso, a camisa colorida assumiu uma marca fascista a partir de seu contexto e de seus usos políticos. O uso de uma indumentária específica em comum, sendo usada por aqueles simpatizantes, em maior ou menor grau, remete à sua origem e propósito. Ela denota um sistema social que utiliza o vestuário como um significante social em um determinado tempo e contexto, demarcando a incorporação intencional de uma marca simbólica. No caso brasileiro, os integralistas superdimensionaram a presença e a instrumentalização da camisa verde e se inseriram nacionalmente como um *shirt movement* fascista. Todavia, no pós-guerra e com a conseqüente barbarização do fascismo por todo o globo, houve tentativas de apagamento do percurso fascista dos signatários de Plínio Salgado e da AIB. A edição dos livros e a destruição de correspondências trocadas demonstram o empenho realizado. Mas e a

<sup>142</sup> BAUERKÄMPER, Arnd; Grzegorz ROSSOLIŃSKI-LIEBE. “Introduction”. In: \_\_\_\_\_. **Fascism without Borders**. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe (1918-1945). New York: Berghahn, p. 1-18, 2017. p. 4.

<sup>143</sup> ALPINI, Alfredo. **La derecha política en Uruguay en la era del fascismo 1930-1940**. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2015.

<sup>144</sup> LORIA, Guillermo. Así nacieron los camisas blancas... El nacimiento de los camisas blancas. Narrado por uno de sus fundadores, el Cmda. Guillermo Loria. **Antorcha** - Gaceta oficial de Falange Socialista Boliviana, 2019. Disponível em: <<https://falangesocialistaboliviana1.blogspot.com/2019/02/asi-nacieron-los-camisas-blancas.html>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

camisa verde? Como justificar seu uso e seu atestado de conexão com o fascismo, já que a fascinação pela simbologia do vestuário<sup>145</sup> marcou os Camisas-Verdes?

Tal como José Chasin<sup>146</sup> distanciou o integralismo do fascismo, os próprios integralistas buscaram enfatizar suas diferenças e fundamentar a escolha da camisa. Aliás, Chasin o fez, pois analisou a documentação datada após 1945, como o livro de Salgado “O Integralismo perante a Nação” de 1950<sup>147</sup>. Nesse período, como nessa publicação, há um esforço em defender o caráter original da doutrina integralista e marcar a fonte de inspiração para a camisa verde. Quatro fontes aqui delimitadas procuraram justificar o uso do uniforme e suas aproximações ao fascismo. Salgado assinala que para aqueles que indagam sobre a camisa verde, sua resposta

era o de que a circunstância de alguém usar licitamente na sua defesa a mesma arma que o adversário emprega no ataque, longe de identificar esse alguém ao adversário, mais o diferencia dele, pois o que importa não é a roupa nem o instrumento em uso, e sim a atitude e a doutrina de cada qual.<sup>148</sup>

Não só Salgado utilizou essa tentativa de absolvição. Sua filha, Maria Amélia Salgado Loureiro, na biografia “Plínio Salgado, meu pai”<sup>149</sup> empregou o mesmo recurso. Com um tom memorialista e resgatando o princípio *Similis similibus curantur*, “os semelhantes curam-se com os semelhantes”, reforçou o combate do “vírus do mal” do Nazismo e do Fascismo. “A adoção do uniforme integralista era, pois, um antídoto visando abrigar os movimentos alienígenas e impedi-los de formar quistos raciais que poderiam ser utilizados, sobretudo, pelo imperialismo nazista.”<sup>150</sup> A temática do uniforme é encerrada por Loureiro após mencionar que antes “da adoção do uniforme, houve muita conversa, muitas discussões, em que participaram Roberto Simonsen (que era contra, receando que, no futuro, pela indumentária, se acessasse o integralismo ao fascismo e ao nazismo, no que teve razão) [...]”<sup>151</sup>

Nesse mesmo texto, a filha, ou “fia”, como Salgado costumava chamá-la, também assinala a urgência em chamar a atenção dos descendentes de italianos e alemães já

<sup>145</sup> CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 16.

<sup>146</sup> CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado** – forma de regressividade no capitalismo hipertardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

<sup>147</sup> SALGADO, Plínio. Manifesto-diretiva. Enviado por Plínio Salgado aos integralistas em julho de 1945. In: \_\_\_\_\_. **O integralismo perante a nação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1950.

<sup>148</sup> *Ibid.*

<sup>149</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001. p. 201.

<sup>150</sup> *Ibid.*

<sup>151</sup> *Ibid.*

entusiasmados com os casos europeus e atraí-los, “saindo às ruas com uma camisa cor das matas brasileiras, e com saudação extraída dos costumes tupis, que se cumprimentavam com a mão espalmada para o alto e a expressão Anauê, que significa ‘Eis-me aqui!’.”<sup>152</sup> Nota-se que até mesmo a saudação ela buscou justificar, distanciando-a da saudação romana de Mussolini.

Além desses, Miguel Reale, o terceiro componente da tríade integralista, evidenciou em 14 de maio de 1978 a entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*<sup>153</sup> que a camisa verde foi empregada como um mero recurso propagandístico. Anos antes, em sua entrevista com Héglio Trindade, o dirigente nacional da AIB também afirmou a mesma ponderação, de que

O problema da camisa verde foi apenas um instrumento de disciplina. É claro, havia aquele movimento nacionalista mundial, mas o integralismo nunca foi uma espécie de fascismo ou de nazismo, muito menos de nazismo. Nunca houve um único integralismo, mas houve várias correntes.<sup>154</sup>

É evidente que tais declarações são compreensíveis, pois foram proferidas anos após o fim da AIB, do término da Segunda Guerra Mundial e da revelação das brutalidades cometidas pelos fascismos. A evidente correlação entre uniforme colorido e fascismo gerou a necessidade de criar uma distância entre integralismo e fascismo. Enquanto signatários da memória integralista, a filha de Plínio Salgado e o ex-membro da tríade integralista consideraram necessário explicar, de alguma forma, a questão, uma vez que a camisa verde é um elo facilmente reconhecível da presença do fascismo dentro do integralismo. Percebe-se que as alegações trazidas empenharam-se em suavizar o passado fascista da AIB e de suas expressões, uma tentativa de dar sentido a um fato que compromete a história do movimento, prejudicando seu legado e a imagem de seus ex-membros.

Portanto, esses malabarismos empregados em diferentes tentativas de desvinculação entre a camisa colorida integralista e o fascismo são sintomáticas da associação que a indumentária atingiu no contexto do entreguerras. Suas justificativas são vagas e confusas, não explicam e não atestam a distância entre o integralismo e o fascismo transnacional. Quando observadas as especificidades do movimento brasileiro, bem como as fontes, o caráter fascista da AIB sobressai. Os jornais, revistas e livros compreendem o movimento como inserido na lógica fascista; as camisas coloridas são recorrentemente mencionadas e elevadas, fazendo crer que as camisas verdes aludem à natureza fascista que o integralismo apresentou.

<sup>152</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001. p. 201.

<sup>153</sup> **O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 14 de maio de 1978.

<sup>154</sup> TRINDADE, Héglio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 242-243.

## 2.2 SÍMBOLOS NACIONAIS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO NACIONALISMO E DA IDENTIDADE NACIONAL

A invenção dos símbolos<sup>155</sup> nacionais no século XIX representou uma condição embrionária importante para o advento da camisa colorida. Enquanto simbologia fascista que reivindicou uma posição política ultranacionalista para a nação, a gênese do patriotismo, ou identificação coletiva de indivíduos com um Estado-nação moderno, auxilia a compreensão na forma pela qual as camisas foram inseridas na exploração do sentimento de pertencimento ao fascismo e, conseqüentemente, a uma posição nacionalista e patriótica. A simbologia fascista foi complementada com a simbologia nacional, reivindicando para si o domínio das representações da identidade nacional e ressignificando-as.

Nesse sentido, a abordagem aqui pretendida segue um caráter construtivista, buscando perceber o fato de as categorias sociais serem culturalmente construídas. Para isso, serão utilizados autores que percebem a nação como um artefato cultural, logo, como representação. Utilizando como aporte Roger Chartier, as representações são entendidas como a

exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.<sup>156</sup>

Assim, o surgimento dos símbolos nacionais, aliados a uma postura nacionalista, é fruto de um processo histórico mais amplo e essencialmente relevante para o surgimento do fascismo no entreguerras. O aparecimento do Estado-nação e o nacionalismo não foi natural e longínquo, visto que essas ocorrências são resultados de um fenômeno recente e intencional, algo que pode ser lido como uma “tradição inventada”.<sup>157</sup> Esse conceito, delineado por Eric Hobsbawn,<sup>158</sup> busca referenciar um

---

<sup>155</sup> Inicialmente, é preciso considerar o que é símbolo e o que é simbologia. Um símbolo é “qualquer coisa pode adquirir valores simbólicos, seja ela natural (pedras, animais, flores, fogo, rios, raio etc) ou abstrata (número, ideia, forma geométrica etc).” (RIBEIRO. Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. *Estudos semióticos*, v. 6, n. 1, p. 46 –53, 2010. p. 47.) Esses valores são sempre algo para além da literariedade daquela coisa, denotam signos, ou seja, significados. Algo que será percebido pela simbologia, já que ela é o conjunto desses símbolos ou seu estudo. O termo é muito utilizado para referenciar um sistema por detrás dos símbolos, sendo esse identificador de determinados elementos que caracterizam algum âmbito. Esse sistema é sempre algo maior que o próprio símbolo, é um todo no qual os signos se conectam.

<sup>156</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 2002. p.20.

<sup>157</sup> HOBBSAWM, E. J. A. The invention of tradition. *In*: HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. (Org.). *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 1-14.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p. 1.

conjunto de práticas, normalmente regidas por regras abertas ou amplamente aceitas e de natureza ritual e simbólica, que procuram introduzir nos indivíduos determinados valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente a continuidade com o passado. Na verdade, sempre que possível, normalmente tentam estabelecer continuidade com um passado histórico adequado.<sup>159</sup>

De caráter amplo, mas não impreciso,<sup>160</sup> as tradições inventadas remetem a circunstâncias anteriores, empiricamente verdadeiras, porém rearticuladas para servir de forma conveniente ao Estado, ou a tipos quaisquer de organização que demande uma ordem. Elas desempenham papéis políticos e sociais na esfera pública e coletiva, sendo legitimadas pela constante reiteração de sua significância; a exemplo das instituições, estatutos e relações de autoridade dimensionadas nesse molde que são validadas socialmente e coletivamente. Por isso, em seus variados contornos, as “tradições inventadas” possuem a capacidade de estabelecer ou simbolizar a coesão social ou a pertença a grupos, comunidades reais ou artificiais. Igualmente são capazes de gerar socialização, sistemas de crenças e valores, como também, convenções de comportamento.<sup>161</sup>

A camisa colorida fascista e seu nacionalismo intrínseco é, portanto, um tipo de “tradição inventada” que reivindica um passado específico e uma causa específica para o âmbito nacional. Ela personificou, ou, no caso, objetificou, a “nação fascista” em uma simbologia própria. Como evidenciado, essa operação também é característica do desenvolvimento próprio do fenômeno nacionalista, insurgido após o século das luzes e inserido no processo de modernização dos Estados-Nacionais. Símbolos e dispositivos inteiramente novos surgiram nesse contexto, a exemplificar: hino nacional, bandeira nacional, personificação da nação em símbolo ou imagem, seja oficial ou não oficial,<sup>162</sup> assim como, amor pela pátria, rituais, cerimônias, monumentos, uniformes, moedas, esportes nacionais, instrução formal e alistamento obrigatório nas forças armadas.

Por conseguinte, o Estado-nação moderno e seu nacionalismo adjacente são um movimento político protagonista da formação da identidade nacional. Através de um esforço político, a homogeneidade cultural da nação seria integrada nas realidades nacionais; os

---

<sup>159</sup> “[...] a set of practices, normally governed by overtly or tacitly accepted rules and of a ritual or symbolic nature, which seek to inculcate certain values and norms of behaviour by repetition, which automatically implies continuity with the past. In fact, where possible, they normally attempt to establish continuity with a suitable historic past.” HOBBSAWM, E. J. A. *The invention of tradition*. In: HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. (Org.). **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 1-14. p. 1, tradução nossa.

<sup>160</sup> *Ibid.*

<sup>161</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>162</sup> *Ibid.*, p. 7.

homens elaboram ideias sobre o real e sobre a nação, traduzem-nas em imagens, símbolos, narrativas, não só concebendo o mundo, mas orientando o olhar e a percepção sobre a realidade em questão.<sup>163</sup> O fascismo, portanto, está integrado nesse processo de “educação” nacionalista propagado ao longo do século XIX.

Resgatando a historicidade desse processo, a conjuntura política inaugurada a partir dos processos revolucionários francês e estadunidense no final do século XVIII lançou ao mundo uma relação ou equação de igualdade, “nação = Estado = povo”.<sup>164</sup> O reino dinástico que até então vigorava, identificado por uma gama de regimes centralizados e monárquicos, postulados por comunidade religiosa e pela doutrina do direito divino dos reis, vinha gradativamente sofrendo abalos em seus pilares na Europa ocidental desde o século anterior (XVII).<sup>165</sup> Após as revoluções, a contar a revolução industrial, mesmo naqueles contextos ausentes de monarquias legitimadas anteriormente, os novos Estados nacionais tiveram de garantir um novo respaldo, promovendo uma identificação entre um “povo” e uma nação.<sup>166</sup>

Dessa forma, os antigos súditos deram espaço aos novos cidadãos, alterando a estrutura dos Estados, seus representantes e fronteiras nacionais. O “povo”, irrompido nos contextos nacionais, passou a ser colocado em justaposição ao Estado, concebido a partir da nova ideia de nação, ou seja, “nação = Estado = povo”. Havendo de ser “una e indivisível”, a nação seria composta por seus cidadãos, cuja soberania coletiva constituía para eles um Estado que seria sua expressão política.<sup>167</sup> A nova agenda política, fomentada pela criação do Estado moderno, administrativo, mobilizador e influenciador dos cidadãos, havia de colocar a questão da nação e os sentimentos dos indivíduos em relação a tudo o que ele considerava como a sua nação e nacionalidade como centro da nova lealdade política.<sup>168</sup>

Isto posto, o processo de construção da equação “nação = Estado = povo” realizou-se de maneira idiossincrática a cada contexto. No entanto, as bases para a tomada dessa iniciativa foram delineadas em um denominador comum, como evidenciado, influenciando outras parcelas ao redor do mundo a seguirem essa tendência. As nações europeias desempenharam seu próprio processo pelo fim gradual do regime monárquico; as nações americanas inauguraram seu Estado-nação a partir das independências dos reinos europeus,

---

<sup>163</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez. 2006. p. 49.

<sup>164</sup> HOBBSAWM, E. J. **Nations and nationalism since 1780: Programme, myth, reality**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 18-19.

<sup>165</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>166</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 84.

<sup>167</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 18-19.

<sup>168</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 83.

de forma que Benedict Anderson argumenta que as comunidades *crioulas* desenvolveram concepções precoces sobre sua *nation ness* (condição nacional), antes mesmo do que grande parte da Europa.<sup>169</sup>

As nações, nesse sentido, foram delineadas com base em um conjunto de ideias amplas e que foram organizadas de forma intencional por uma série de aspectos de interesse ao Estado, como sugerido pela “invenção das tradições”. Os produtos da equação de Hobsbawm são criações forjadas para a nova operacionalidade como a política, os sujeitos e o poder se ordenaram na nova forma de conceber a realidade após o iluminismo e suas decorrências. A essa ideia, a contribuição de Anderson<sup>170</sup> acerca da origem e difusão do nacionalismo em muito se entrosam. Para ele, a nação seria “uma comunidade política imaginada e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.”<sup>171</sup> À vista disso, as

nações são imaginadas como comunidades na medida em que, independentemente das hierarquias e desigualdades efetivamente existentes, elas sempre se concebem como estruturas de camaradagem horizontal. Estabelece-se a ideia de um "nós" coletivo, irmanando relações em tudo distintas.<sup>172</sup>

Tal ideia de um “nós” coletivo reorganizou a forma como as pessoas se orientavam e se compreendiam como indivíduos em coletividade no mundo. O compartilhamento de uma noção de origem similar entre aqueles que nasciam e viviam em um mesmo território, agora delineado com fronteiras, fomentava o reconhecimento entre os similares, promovendo a diferença. Essa nova organização de sujeitos vinculados a uma nação demandava referências coletivas que permitissem o dimensionamento da *nation ness*<sup>173</sup>. Para isso, no processo de “invenção de tradições”, era imperativo a promoção de uma consciência de pertença à nação, juntamente com sentimentos e aspirações pela sua segurança e prosperidade.<sup>174</sup> À essa empreitada, uma linguagem e um simbolismo da nação e do seu papel, de maneira idêntica, era essencial para gerar abstrações de vínculo nacional.<sup>175</sup>

<sup>169</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 88.

<sup>170</sup> *Ibid.*

<sup>171</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>172</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>173</sup> Esse termo é trabalhado por Anderson como substituto a nacionalidade, uma vez que esse último possui inúmeros significados. *Ibid.*, p. 30.

<sup>174</sup> SMITH, A. D. **National identity**. Nevada: University of Nevada Press, 1991. p. 72.

<sup>175</sup> *Ibid.*

Como sugerido por Anthony Smith, o nacionalismo abarca uma ideologia, uma linguagem e um sentimento. Dentre as cinco noções do termo elencados por ele,<sup>176</sup> o autor diferencia a linguagem e o simbolismo nacionalista de uma ideologia,<sup>177</sup> ou movimento ideológico, pela amplitude que essas duas questões abarcam. A ideologia está, muitas vezes, ligada aos sentimentos de massa de uma parcela mais vasta da população, de forma a ser aguçada por slogans, ideias, símbolos e cerimônias. Já a linguagem e o simbolismo, iniciados como um fenômeno de elite e produção intelectual, abrangem tanto as dimensões cognitivas como expressivas, estando ligados não só à elite, como a estratos mais vastos da sociedade. Autonomia, autenticidade, símbolos de autossuficiência e de comunidade natural<sup>178</sup> são características produzidas e que evidenciam a fusão de aspectos cognitivos e expressivos, como também suas ligações com sentimentos e aspirações mais amplas.<sup>179</sup>

Dessa maneira, o nacionalismo é um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, a unidade, a cultura e a identidade de uma nação. A ideologia nacionalista, por ser da nação e não do Estado, atribui centralidade à própria nação, a sua descrição do mundo e aos princípios para ação coletiva dos seus membros. Uma nação não necessariamente necessita de um Estado próprio soberano para ser “livre”, evidenciando que o nacionalismo é sobretudo uma doutrina cultural, ou uma ideologia política com uma doutrina cultural no seu centro.<sup>180</sup> Uma vez que essa doutrina cultural depende da introdução de novos conceitos, linguagens e símbolos,<sup>181</sup> esses últimos tornaram-se muito importantes para a forma como os cidadãos se conectavam uns aos outros, como também a própria abstração de nação.

A vida política inaugurada com os nacionalismos passou a conter aspectos cada vez mais ritualizados e repletos de símbolos e apelos publicitários, de forma aberta, como

---

<sup>176</sup> Mesmo definindo o nacionalismo como um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade em nome de uma população considerada por alguns dos seus membros como constituindo uma “nação” real ou potencial, Smith elenca essas cinco noções gerais sobre o nacionalismo: 1. todo o processo de formação e manutenção de nações ou Estados da nação; 2. uma consciência de pertença à nação, juntamente com sentimentos e aspirações pela sua segurança e prosperidade; 3. uma linguagem e um simbolismo da “nação” e do seu papel; 4. uma ideologia, incluindo uma doutrina cultural das nações e da vontade nacional e prescrições para a realização das aspirações nacionais e da vontade nacional; 5. um movimento social e político para alcançar os objectivos da nação e realizar a sua vontade nacional. SMITH, A. D. **National identity**. Nevada: University of Nevada Press, 1991. p. 72.

<sup>177</sup> No seio do que Smith compreende como ideologia nacionalista, ele, mais uma vez, destaca cinco pontos centrais na proposição ideológica ou núcleo doutrinário do nacionalismo: 1. O mundo está dividido em nações, cada uma com a sua individualidade, história e destino. 2. A nação é a fonte de todo o poder político e social, e a lealdade à nação substitui todas as outras lealdades. 3. Os seres humanos devem identificar-se com uma nação se quiserem ser livres e realizar-se. 4. As nações devem ser livres e seguras para que a paz e a justiça prevaleçam no mundo. *Ibid.*, p.74.

<sup>178</sup> Smith exemplifica a comunidade natural com reconstituições de eventos de resistência, símbolos de paisagem, monumentos históricos, ou produtos locais como artesanatos e esportes. *Ibid.*, p. 73.

<sup>179</sup> *Ibid.*

<sup>180</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>181</sup> *Ibid.*

subliminares. As antigas formas de cativar a população, garantir a subordinação, a obediência e a lealdade foram substituídas de maneira eficiente pelas novas “tradições inventadas”, evocadoras de emoções.<sup>182</sup> O lado irracional que essas expressões servem ao político permitiram uma nova maneira dos cidadãos se conectarem com a nação. Dessa forma, os

símbolos são eficientes quando se afirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados "naturais e essenciais"; pouco passíveis de dúvida e de questionamento. O uso do "nós", presente nos hinos nacionais, nos dísticos e nas falas oficiais, faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à ideia de individualidade e apague o que existe de "eles" e de diferença em qualquer sociedade.<sup>183</sup>

O controle desses símbolos e ritos de pertença à raça humana dentro das suas fronteiras em contextos distintos nos Estados-nação sucediam uma guerra silenciosa pela manipulação dessas expressões.<sup>184</sup> Elas eram potentes ao poder vigente e, caso manuseadas por concorrentes, como movimentos de massas não oficiais, não denotariam um símbolo de união e lealdade emocional previsto pelo poder dominante.<sup>185</sup> Assim, os símbolos e seus signos inventados possuíam um papel significativo em lembrar aos membros de uma nação acerca de sua herança em comum, do parentesco cultural; esses sujeitos sentem-se fortalecidos e exaltados pelo seu sentido de identidade e pertença comuns.<sup>186</sup> A identidade nacional, avolumada pelos símbolos, por sua vez, é uma causa direta do advento das culturas nacionais na modernidade.<sup>187</sup> Aliás, as culturas nacionais são compostas por instituições culturais, símbolos e representações.<sup>188</sup>

No seio da narrativa da cultura nacional inventada, os símbolos, juntamente a uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos e rituais nacionais, simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres, dando sentido ao que é a nação. Essa narrativa cria significados e importância da existência dos indivíduos, conectam as vidas cotidianas com o destino nacional que existe no ser e continua existindo após a morte.<sup>189</sup> Stuart Hall também compreende a cultura nacional como uma “tradição inventada” no sentido de Hobsbawm<sup>190</sup>, assim como Anne-Marie Thiesse ao

<sup>182</sup> HOBBSAWM, E. J. **The age of empire: 1875-1914**. London: Book Club Associates by arrangement with Weidenfeld and Nicolson, 1987. p. 106.

<sup>183</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 16.

<sup>184</sup> HOBBSAWM, *loc. cit.*

<sup>185</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 107.

<sup>186</sup> SMITH, A. D. **National identity**. Nevada: University of Nevada Press, 1991. p. 17.

<sup>187</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 47.

<sup>188</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>189</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>190</sup> *Ibid.*, p. 54.

afirmar que a criação das identidades nacionais a partir de 1800 consistirá em inventar um patrimônio comum.<sup>191</sup>

Nesse sentido, identidade pode ser apreendida como “uma categoria social discursivamente construída, expressa e percebida por diferentes linguagens: escritas, corporais, gestuais, imagéticas, midiáticas. [...] [Ela] implica a produção de discursos portadores de signos de identificação.”<sup>192</sup> A identidade, portanto, estaria ligada à representação da cultura.<sup>193</sup> Ela, por sua vez, não apenas deveria “consistir unicamente na elaboração de novas referências coletivas: ela está acompanhada de um gigantesco trabalho pedagógico para que as parcelas cada vez maiores da população as reconheçam e nelas se reconheçam.”<sup>194</sup> É aquilo que Chartier chamou de “alfabetização das populações”.<sup>195</sup>

Assim, há uma série de elementos necessários para o dimensionamento dessa identidade, como já abordado anteriormente: as simbologias,

os ancestrais fundadores, uma história que estabeleça a continuidade da nação através das vicissitudes da história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, um folclore, tudo isso sem contar algumas identificações pitorescas: modo de vestir, gastronomia, animal emblemático.<sup>196</sup>

À luz do exposto, percebe-se a maneira pela qual o fenômeno nacionalista, suas identidades e símbolos foram geridos e empreendidos até o século XX, contexto e circunstâncias em que o fascismo se apropriou de suas referências e as adaptou. No caso da AIB e do integralismo, na suprema expressão e defesa do nacionalismo, ocorreu a instrumentalização da identidade nacional brasileira, bem como a criação de uma simbologia própria, atrelada aos valores e proposições dos Camisas-Verdes. Por todo legado físico e imaginário logrado por eles, são perceptíveis tais questões.

### 2.2.1 Simbologias brasileiras: da república ao integralismo

*O céu junto de nós... Quase rolando a serra,  
na asa branca do Sonho... E Deus, supremo artista,  
apontando ao Brasil – num gesto integralista –  
as glórias imortais que o seu passado encerra! ...*

<sup>191</sup> THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**, n. 15, p. 7–23, 2001/2002. p. 8.

<sup>192</sup> MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. **Identidades brasileiras: composições e recomposições** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 7-29. p. 7.

<sup>193</sup> *Ibid.*

<sup>194</sup> THIESSE, *loc. cit.*

<sup>195</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 2002. p. 217.

<sup>196</sup> THIESSE, *op. cit.*, p. 8-9.

*E um traço negro: o luto – a máguia, que contrista,  
quando se encontra alguém, na inconsciência que aberr  
de nossas tradições, querendo impor, à terra,  
que sempre foi cristã, feição materialista!...*

*A pena de saber os irmãos divididos,  
pagando, em sangue bom, tristíssimo tributo  
– à torpe exploração de grupos e partidos!...  
É o Sigma – aberto ao beijo e à carícias das brisas,  
forte, unindo o Brasil e tocando o seu luto  
– pela verde esperança oliva das camisas...<sup>197</sup>*

Abordadas essas questões circunstanciais e teóricas no imbricamento entre nacionalismos, símbolos e identidades, é necessário o elencamento dessas expressões no Brasil Republicano até o advento da AIB e, conseqüentemente, como o integralismo as incorporou e, também, “inventou” suas próprias tradições. Diante do fato do movimento de Plínio Salgado ter reivindicado uma postura nacionalista e uma ideia de Brasil, o integralismo apropriou-se, ao longo de sua jornada, de símbolos nacionais brasileiros e os incorporou em sua narrativa, ressignificando-os à luz da doutrina integralista. Além disso, como movimento fascista de alta composição e manipulação estética, simbologias próprias foram criadas, aliadas a ritos e a uma linguagem que atribuía a AIB como a salvadora do nacionalismo brasileiro. José Murilo de Carvalho em “A formação das Almas: o imaginário político da república no Brasil”<sup>198</sup> remete aos símbolos onipresentes na constituição imaginária social do país. Ao longo de sua proposição, o historiador inventaria, entre tantas, três expressões: o herói nacional Tiradentes, o hino nacional e a bandeira nacional. Esses serão importantes no caso integralista, já que são incorporados às suas representações.

A República Brasileira emergida em 1889 através de um golpe republicano sem a participação direta do povo teve de buscar sua legitimidade por meio dos símbolos.<sup>199</sup> Mesmo assim, a escolha dos novos símbolos oficiais, como a bandeira e o hino, não demonstrou o abandono das tradições imperiais que o novo regime haveria de incorporar para alcançar sua legitimidade frente ao povo e aos novos cidadãos do Brasil. O hino nacional imperial de 1830,

<sup>197</sup> MOTTA, José Mayrink de Souza. Minha bandeira azul e branca. In: **Enciclopédia do Integralismo – volume VII**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 136.

<sup>198</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário político da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>199</sup> JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do império à república. **Mana**, v. 18, n. 3, p. 471-509, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000300003>>. Acesso em: 28 nov. 2023. p. 490.

com composição de Francisco Manuel da Silva<sup>200</sup>, continuou sendo usado, e segue até o tempo presente (2024).<sup>201</sup>

De maneira similar ocorreu com a bandeira nacional. As cores verde e amarelo remetiam às cores do império: o verde, cor heráldica da Casa Real Portuguesa de Bragança e, o amarelo, cor da Casa Imperial Austríaca de Habsburgo. A querela do “do verde de nossas matas e do amarelo das riquezas minerais” demonstrou ser uma falácia, um falso imaginário propagado para justificar uma escolha em que nada representou os novos valores republicanos insurgentes. No caso, o brasão monárquico central apenas foi substituído pelo lema positivista “ordem e progresso”.<sup>202</sup>

Assim, enquanto símbolos mais importantes da nação, hino nacional e bandeira demonstram uma noção e um signo da continuidade de valores, correspondendo “igualmente à filosofia da história como evolução, noção cara a Augusto Comte.”<sup>203</sup> Portanto, a escolha dessa simbologia corrobora que a

criação de símbolos, por sua vez, não é gratuita e arbitrária; não se faz no vazio social. Ao contrário, os símbolos são reelaborados em razão do contexto cultural em que se inserem, além de que o maior ou menor sucesso de sua manipulação encontra-se diretamente vinculado a uma “comunidade de sentidos”. Portanto, para compreendermos por que em momentos de mudança certos símbolos vingam e outros não, devemos atentar não só para a emissão como também para a recepção e divulgação, ou seja, para o consumo desses mesmos símbolos, que não é em si aleatório nem mero objeto de manipulação.<sup>204</sup>

Para além dos símbolos oficiais, composições como a “luta pelo mito de origem, pela figura do herói, pela alegoria feminina, era a parte importante na legitimação do novo regime e talvez mais reveladora por não se tratar de exigência legal.”<sup>205</sup> É nesse limbo que entra a simbologia de Tiradentes. Enquanto herói republicano forjado e “inventado”, o personagem histórico de Tiradentes desempenhou grande debate na historiografia acerca de seu real protagonismo na Inconfidência Mineira.<sup>206</sup> O fato é que sua imagem e imaginário foram

---

<sup>200</sup> Há uma suspeita ou conspiração de que o real compositor do hino teria sido D. Pedro I. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**: reflexões sobre a construção da figura pública do monarca tropical D. Pedro II. 1998. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

<sup>201</sup> Lilia Schwarcz demonstra que o próprio marechal Deodoro teria dito que preferia o velho hino, mesmo que ele não tivesse entrado no concurso que pretendeu eleger uma nova composição para o hino nacional. *Ibid.*

<sup>202</sup> *Ibid.*

<sup>203</sup> JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do império à república. *Mana*, v. 18, n. 3, p. 471-509, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000300003>>. Acesso em: 28 nov. 2023. p. 492.

<sup>204</sup> SCHWARCZ, *loc. cit.*

<sup>205</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: o imaginário político da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 109.

<sup>206</sup> CARVALHO, *op. cit.*, p. 57.

amplamente instrumentalizados para cristalizar a ideia de um herói que lutou pela república no Brasil, mesmo que tenha morrido<sup>207</sup> cerca de um século antes de 1889. Dessa forma, Tiradentes “era considerado um herói que tinha morrido por suas ideias, sendo apelidado de ‘Cristo das massas’.”<sup>208</sup> A própria representação imagética de Tiradentes parece ser uma ligação direta a Jesus Cristo, sua barba e cabelos longos. Não há imagens ou retratos oficiais do “herói”, apenas criações posteriores que implicam em uma iconografia apelativa a um país de tradições católicas.

Dessa forma, considerando o apelo heroico e carismático que a figura de Tiradentes provém, em outubro de 1937, o integralismo, em plena campanha eleitoral para a possível eleição de Plínio Salgado para Presidente da República em 1938<sup>209</sup>, publicou em sua revista de circulação nacional *Anauê!* uma capa que pretendia vincular o “Chefe Nacional” ao herói brasileiro.

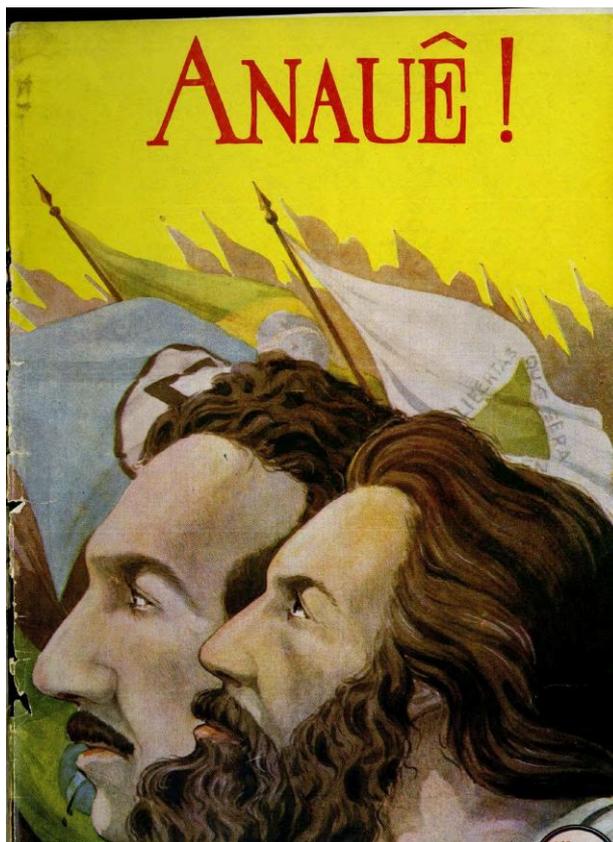
Figura 2 – Capa da edição n. 20 de *Anauê!*

---

<sup>207</sup> A data de sua morte, 21 de abril, é feriado nacional desde 1890 e em 1965, é declarado patrono cívico da Nação Brasileira. (BRASIL. Lei Nº 4.897, de 9 de dezembro de 1965. Declara Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Patrono da Nação Brasileira. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1965.) Temporalidade emblemática ao refletir o quanto a figura de Tiradentes mais uma vez foi instrumentalizada para fins políticos e a fim de demandar marcas de unidade nacional e promover um apelo patriótico. O Regime Militar, através de um processo de ensino moral e cívico, para além da disciplina escolar tornada obrigatória em todos os âmbitos da educação, empreendeu uma convocação, em todo o país, e não só nas escolas, para o cumprimento de deveres cívicos e patrióticos. (ABREU, Vanessa K.; INÁCIO FILHO, Geraldo. A Educação Moral e Cívica. Doutrina, Disciplina e Prática educativa. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, n. 24, p. 125-134, dez. 2006. Disponível em: <[https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4955/art11\\_24.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4955/art11_24.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2023. p. 125)

<sup>208</sup> JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do império à república. **Mana**, v. 18, n. 3, p. 471-509, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000300003>>. Acesso em: 28 nov. 2023. p. 492.

<sup>209</sup> Apesar do pleito interno da AIB ter escolhido Salgado como candidato do partido integralista para concorrer a eleição presidencial que seria realizada em 1938, o golpe do Estado Novo em 10 de novembro de 1937 invalidou a futura votação. Segundo consta na edição n. 21 do *Monitor Integralista*, através do “Plebiscito Nacional Integralista”, o “Chefe” obteve 846.354 mil votos de 849.492. Esse fato foi forjado para indicar que Salgado era o líder supremo da coletividade e aclamado pelos Camisas-verdes. **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 21, 17 de julho de 1937. p. 2.



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 20, outubro de 1937. Capa.

A imagem evidencia uma série de aspectos e signos intrínsecos, buscando evidenciar um paralelo entre os dois personagens.<sup>210</sup> Primeiramente, os perfis de Salgado e Tiradentes não estão apenas lado a lado, o de Plínio está levemente à frente de Joaquim José da Silva Xavier, sugerindo que aquilo que o mineiro iniciou no século XVIII será não apenas continuado pelo “Chefe” da AIB, como também aperfeiçoado. Ambos direcionam seu olhar para frente, como se contemplassem o mesmo futuro para o Brasil. Esse detalhe insinua uma continuidade histórica, na qual Tiradentes deu início e Salgado iria concretizar.<sup>211</sup> Um artigo publicado na mesma revista em 1936 já apontava essa questão; ele ressalta a magnitude da figura de Tiradentes a partir do título “1789” e, em seguida, faz o mesmo com Salgado e o integralismo:

<sup>210</sup> Não só de Tiradentes, em muitos momentos da história da AIB observam-se tentativas em conectar Salgado a outros personagens históricos. Exemplifica-se o artigo “Paulo de Tarso - Plínio Salgado. Afinidades” publicado em janeiro de 1936 na *Anauê!*. ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 6, primeira quinzena de janeiro de 1936.

<sup>211</sup> Para saber mais sobre a construção da imagem messiânica de Plínio Salgado, consultar: OLIVEIRA, Rodrigo Santos de.; NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento. “O Esperado”: a construção da imagem messiânica de Plínio Salgado como chefe da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 288–306, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.31458>> Acesso em: 1 abr. 2025.

1936 – A Pátria, liberta de Portugal, caiu nas garras das forças judaicas do capitalismo. A sua riqueza formidável, a sua energia e o seu valor, tudo é consumido pelo estômago voraz dos inimigos do Brasil.

De novo surge a Inconfidência ... o Integralismo, o Sigma. Uma encarnação perfeita, mais forte ainda surge no cenário, diante de Deus e diante da Pátria. As aflições do passado, as palpitações do presente e os anseios do futuro se casam admiravelmente na camisa verde.

O Grande Chefe veio dos sertões, conquistou o Norte e o Sul, o Centro, praias e metrópole, e agora volta ao seu lar antigo para entregar às gerações do futuro na capital dos Inconfidentes, em S. João del Rei, a obra majestosa da construção da Pátria Integral.

Plínio Salgado é o Tiradentes que volta às Alterosas depois de ter ligado todas as províncias ao coração da Pátria!<sup>212</sup>

O apelo pela figura histórica de Tiradentes na capa acima é complementado pelas bandeiras sobrepostas atrás dos homens. Tem-se a do Brasil, a bandeira da AIB e a de Minas Gerais. Essa última é representada na cor verde, a coloração oficial do integralismo, buscando estabelecer esse vínculo entre as causas. No entanto, a bandeira de Minas foi decretada oficialmente em 1963 com a coloração vermelha,<sup>213</sup> mas a sua verdadeira coloração em 1789 era verde.<sup>214</sup> Essa questão é muito conveniente ao integralismo, que fazia uma ampla instrumentalização da cor verde.<sup>215</sup> Além disso, ao observar no plano atrás das respectivas bandeiras, os contornos fazem uma possível alusão a bandeiras que são hasteadas em circunstâncias de guerras, trazendo uma ideia de que as causas, tanto de Salgado, como de Tiradentes, lutavam por um Brasil melhor.

A partir disso, a capa em questão representa a bandeira integralista, que por sua vez era azul. Segundo consta nos *Protocolos e Rituais*<sup>216</sup>, enquanto um símbolo, a bandeira era composta por: em campo azul-real, uma esfera branca, ao centro da qual se destaca um Sigma maiúsculo em cor preta. O azul simbolizava a atitude do pensamento integralista, evocava distâncias, demonstrando que o integralismo não se submete a limites políticos que amesquinhas os Camisas-verdes, que no que lhes diz respeito tinham um grande ideal que é a integridade do Brasil e a projeção de sua grandeza sobre os povos do universo. O branco

<sup>212</sup> ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 8, março de 1936. p. 24.

<sup>213</sup> MINAS GERAIS. Lei estadual Nº 2793, de 8 de janeiro de 1963. Institui a bandeira do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: **Assembléia Legislativa de Minas Gerais**, 1963.

<sup>214</sup> Durante a pesquisa, foi observada uma carência de fontes sobre essa questão. Em uma entrevista a TV Senado, a historiadora Aline Pereira menciona que inicialmente era verde, mas que depois optou-se pelo vermelho, já que essa cor denotaria de forma mais eficiente o caráter revolucionário do evento histórico, visto que convencionalmente essa seria a cor das revoluções. Essa Bandeira tem História - Bandeira de Minas Gerais destaca marco da história do Brasil. **Tv Senado**, 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/essa-bandeira-tem-historia/2022/12/bandeira-de-minas-gerais-desta-ca-marco-da-historia-do-brasil>> Acesso em: 17 jan. 2024.

<sup>215</sup> Em diversos momentos, variadas expressões do integralismo eram colocadas na identificação com a cor verde, além da camisa verde, tem-se: “Cruz verde”, “Socorro verde”, “Trem-verde”, “Imprensa verde”. Essa questão era de maneira instrumentalizada que até mesmo a oposição cunhou o apelido “galinhas-verdes”.

<sup>216</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 7-8.

demonstrava a pureza dos sentimentos e a sinceridade dos propósitos dos integralistas, além do fato do branco ser a mistura de todas as cores, e o Sigma nela inscrita significava a integridade de todas as forças sociais na suprema expressão da nacionalidade. Ela estaria, no entanto, abaixo da bandeira nacional, que é o símbolo do Brasil, e deveria, em locais públicos, ser sempre hasteada uma ao lado da outra, com a integralista à esquerda da nacional.

A bandeira da AIB, nos atos oficiais, deveria ter a forma de paralelogramo, confeccionada de preferência em material de “fillele”;<sup>217</sup> já as em formato triangular (flâmula), somente poderiam ser usadas para decoração de ambientes e da massa popular. O mesmo ocorria com o hino nacional, como descrito nos *Protocolos e Rituais*<sup>218</sup>; o hino integralista *Avante!*, de letra e música de Salgado, estava abaixo da “composição de louvor à Pátria”. Pelas normas, todos os integralistas deveriam cantar os dois hinos em questão, possuindo pleno conhecimento de suas músicas e letras. Inclusive, como os integralistas não admitiam a parte em que se referia ao Brasil deitado em berço esplêndido, só seria cantada a primeira parte do hino.

Tal ressignificação do hino nacional é muito emblemática da própria causa integralista, que defendia a ação e a iniciativa. O hino *Avante!* indicava em sua letra uma guinada para o futuro próspero sob a causa da AIB e do fascismo, de forma presente em:

Avante! Avante!  
 Pelo Brasil toca a marchar!  
 Avante! Avante!  
 Nosso Brasil vai despertar!  
 Avante! Avante!  
 Eis que desponta outro arrebol  
 Marchar, que é a primavera  
 Que a Pátria espera:  
 É o novo Sol  
 Eia, avante, brasileiro  
 Mocidade Varonil!  
 Sob as bênçãos do Cruzeiro  
 Anauê, pelo Brasil!  
 Avante! Avante!  
 Pelo Brasil, toca a marchar!  
 Olha a pátria que desperta,  
 Mocidade Varonil!  
 Marcha! – Marcha e brada, alerta:  
 – Anauê, pelo Brasil<sup>219</sup>

<sup>217</sup> A partir da forma como o tecido é descrito na documentação, não se sabe qual seria esse material. Não foram encontradas menções ao termo “fillele”. No entanto, correspondências podem ser observadas, como o tecido faille e o faille.

<sup>218</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 15-17.

<sup>219</sup> SALGADO, *op. cit.*, p. 17.

No que se refere à exclamação da saudação integralista, a palavra em tupi “Anauê” quer dizer “você é meu parente”. A escolha se deu, pois a expressão alude a como a AIB é a grande família dos Camisas-verdes e um movimento nacionalista de sentido heroico, servindo para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria. A sua exclamação deveria ser feita com voz natural, quando a saudação for individual, e com voz forte, clara e decidida, quando for coletiva. Em templos cristãos, deveria ser pronunciado em voz moderada ou em surdina.<sup>220</sup>

Assim, a exclamação Anauê poderia ser acompanhada do *gesto integralista*, ambos se completando simultaneamente. Quando os integralistas se encontravam, deveriam exclamar a saudação e fazerem o *gesto*, visto que ele exprimia o ideal integralista e servia para saudações, continências, reverências, sinal de alegria e todas as provas de respeito dos militantes. Seu movimento, portanto, era realizado através do soerguimento brusco do braço direito, esticado para frente, até a posição vertical, servindo a cabeça de ponto de referência, com a palma da mão voltada para a frente, com os dedos unidos, braço esquerdo arriado naturalmente. O Camisa-verde deveria estar de pé, salvo em situações de enfermidade, estar a cavalo, ou sentado em transporte, no entanto, desde que não fosse dirigido às bandeiras nacional e integralista, aos hinos nacional e integralista e ao “Chefe Nacional”.<sup>221</sup>

Dentre as inúmeras normas acerca da saudação integralista, o “Chefe Nacional” ou seu representante deveriam ser saudados com três Anauês, podendo ser repetido o ato para quem o líder julgasse ser merecedor de tal honra. Deus deveria ser saudado com 4 Anauês nas solenidades de grande importância, mas somente o “Chefe” ou seu representante poderiam realizar o ato. Logo, a saudação é um sinal de respeito às autoridades, como também de objetos veneráveis. Ela poderia também ser uma saudação fraterna para os companheiros de igual categoria. Nenhuma autoridade tem o direito de receber a saudação caso tenha outro superior no mesmo espaço. Alguns cargos possuíam o direito de dois Anauês (membros do “Supremo Conselho Integralista”; membros da “Câmara dos Quarenta”; “Secretários Nacionais e Assistentes”; “Archi-provinciais” e “Chefes Provinciais”). Já os “Secretários Provinciais”, “Governadores de Região”, “Chefes Municipais” e “Chefes Distritais” possuíam o direito de um Anauê em suas respectivas províncias.<sup>222</sup>

Em relação ao sinal simbólico da AIB, o Sigma ( $\Sigma$ ), sua escolha foi dada por sua origem grega, sendo a letra que corresponde ao “S” do alfabeto romano e indica soma e, por questões estéticas, prefere-se seu uso em maiúsculo, em detrimento do minúsculo. As

---

<sup>220</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 18-19.

<sup>221</sup> SALGADO, *op. cit.*, p. 17-18.

<sup>222</sup> SALGADO, *op. cit.*, p. 19-22.

justificativas para seu emprego são diversas: Leibnitz ter escolhido-a para indicar a soma dos infinitamente pequenos; é a letra que os primeiros cristãos da Grécia indicaram a palavra “Deus”; é o nome da estrela polar do hemisfério sul; e, por último, a letra relembra que o movimento integralista integra todas as forças sociais do país na suprema expressão da nacionalidade.<sup>223</sup>

Os próprios uniformes, suas insígnias e seus distintivos, por sua vez, também atuavam como símbolos do movimento, além de uniformizar seus membros. A pesquisa irá debruçar-se sobre o uniforme e as insígnias no capítulo 3 *Os Camisas verdes e as camisas verdes*, subcapítulo 3.1 *De oliva a verde inglês: A trajetória da indumentária integralista*. Com relação aos distintivos, o acessório é descrito nos *Protocolos e Rituais*<sup>224</sup> como sendo um dos símbolos do movimento. Todos os militantes possuíam um distintivo, o dos Camisas-verdes era composto por um Sigma maiúsculo preto sobre o mapa do Brasil em azul real, dentro de um círculo de prata.

O das Blusas-verdes era composto pela bandeira nacional e integralista cruzadas e entrelaçadas, em panóplia, tendo ao centro um Sigma preto de orlas prateadas sobre uma esfera branca, também de orla prateada, conjunto esse que tem por fundo um frontal em azul real e orla prateada, que começa à altura da esfera branca da bandeira integralista e de esfera azul da bandeira nacional. O distintivo dos Plinianos era diferente, eles usavam uma bandeira-distintivo de 0,70 x 0,50cm e constituída de um retângulo azul, tendo ao centro um círculo branco de 0,30cm de diâmetro, com uma cercadura preta, e o Sigma com cinco estrelas azuis representando o Cruzeiro do Sul. A “Secretaria Nacional de Educação” possuía distintivos esportivos privativos dessa secretaria. Todos esses distintivos, pelas normas, tinham uma obrigatoriedade em seu uso, salvo quando os membros estiverem usando a camisa verde.

Portanto, considerando que o integralismo atribuiu muita importância aos símbolos,<sup>225</sup> foram descritos nesta parte final do tópico os componentes da simbologia integralista. Não só os símbolos, como os rituais também foram usados como estratégia político-ideológica de padronização, unificação e arregimentação.<sup>226</sup> O estudo do simbolismo é um ponto de partida

<sup>223</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 7-8.

<sup>224</sup> SALGADO, *op. cit.*, p. 9-10.

<sup>225</sup> TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 188.

<sup>226</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999. p. 163.

que permite compreender a participação popular nos movimentos fascistas.<sup>227</sup> Os *Protocolos e Rituais* elencam no capítulo acerca dos símbolos apenas o Sigma, a bandeira e o distintivo.<sup>228</sup> A camisa verde não adentra nessa seção, mas ao ser descrita mais à frente, vê-se assinalado “camisa simbólica de cor verde”<sup>229</sup> Assim, é aqui entendido que a camisa verde atuou como um símbolo integralista, como também se comportou como sua maior simbologia. Ela foi mais explorada e exposta que o próprio Sigma, de forma que a AIB demonstra ter sido o movimento fascista que mais manipulou o imaginário das camisas coloridas ao redor do mundo.

### 2.3 A AIB E O FASCISMO TRANSNACIONAL

*O Fascismo não se nega, mas se completa.*<sup>230</sup>

A bibliografia do integralismo brasileiro é marcada, principalmente nos estudos realizados na década de 1970, pela discussão acerca da vinculação da AIB e o fenômeno fascista. Concebidos como a primeira fase de investigação do objeto integralista, seus expoentes<sup>231</sup> voltavam suas compreensões para a natureza do movimento de massas organizado nacionalmente. Estabelecendo diálogos entre si, fica evidente o embate conceitual instituído na tese de doutoramento de José Chasin, defendida em 1977, que buscou discordar de Héglio Trindade, autor inaugural da investigação terminada em 1971<sup>232</sup> e atestante do caráter fascista do movimento de Plínio Salgado. Chasin assinalou a originalidade do pensamento integralista e o desassociou do fascismo, argumentando que o próprio Salgado reconheceu que as semelhanças são “simples exterioridades, acidentes, aparências que não traduzem a essência de seu pensamento”.<sup>233</sup>

Por sua vez, Trindade compreende que o integralismo, embora não

<sup>227</sup> BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do Integralismo: Controle e propaganda política no Brasil dos anos 1930. *História e Perspectivas*, Uberlândia, v. 7, p. 87- 110, jul/dez 1992. p. 87.

<sup>228</sup> SALGADO, Plínio. *Protocolos e Rituais*: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 7-10.

<sup>229</sup> SALGADO, *op. cit.*, p. 11.

<sup>230</sup> REALE, Miguel. O Capitalismo internacional. In: \_\_\_\_\_. *Obras Políticas* (1ª fase – 1931/1937). Brasília: Editora UnB, 1983, Tomo II. p. 245.

<sup>231</sup> Isto é: Trindade, Chasin, Chauí e Vasconcelos. GONÇALVES, Leandro Pereira. Un ensayo bibliográfico sobre el integralismo brasileño. *Ayer*, v. 105, p. 241- 256, 2017. DOI: <<https://doi.org/10.55509/ayer/105-2017-10>>. Acesso em: 4 abr. 2024. p. 246.

<sup>232</sup> TRINDADE, Héglio. *L’Action Intégraliste Brésilienne*: un mouvement de type fasciste des années 30, Paris, Fondation Nationale des Sciences Politiques, Cycle Supérieur d’Études Politiques, Thèse pour le Doctorat soutenue à L’université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), 1971, 606 pp.

<sup>233</sup> CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado* – forma de regressividade no capitalismo hipertardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. p. 35.

tenha sido exclusivamente fruto de um mimetismo ideológico (a tradição do pensamento político autoritário brasileiro contribuiu também decisivamente para a formação da doutrina), mas a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da A.I.B enquanto movimento político. [...] Sem excluir a existência de outras formas possíveis do fascismo na América Latina, o estudo da Ação Integralista nos leva a concluir que os aspectos centrais de sua ideologia, a forma de organização altamente hierarquizada, o estilo carismático e autocrático do poder do Chefe e, inclusive, os rituais do movimento não se podem explicar sem a influência do modelo europeu de referência externo.<sup>234</sup>

Seguindo esse limbo, muitos outros pesquisadores de diversas áreas se debruçaram sobre essa pendência conceitual, algo não abandonado no século XXI, mesmo que a grande maioria assentisse na identificação fascista da AIB.<sup>235</sup> Por isso, pelos dados empíricos, considera-se que o integralismo foi o mais exitoso movimento fascista na América Latina.<sup>236</sup> A extensa organização do movimento reflete sua massiva adesão por parte dos militantes e, mesmo em condições distantes dos casos europeus, a AIB contraria a regra da fragilidade dos outros movimentos fascistas americanos.<sup>237</sup>

Há uma tendência de certos autores e teóricos<sup>238</sup> negarem a viabilidade histórica de fascismos fora do território europeu. Leandro Pereira Gonçalves e Gabriela Grecco<sup>239</sup> destacam o “grande desconhecido” acerca dos fascismos americanos, uma vez que as investigações que alegam a inexistência do fenômeno na América Latina assumem um caráter eurocêntrico e desconhecem os processos históricos dessa região. Como espaço integrante da dinâmica capitalista mundial, a crise geral do liberalismo alcançou as políticas nacionais latinas e a alternativa comunista também se fazia presente. Mesmo que todos os casos ibero-americanos tivessem sido “movimentos sem regime” por não terem conseguido tomar o poder,<sup>240</sup> a insurgência do fascismo transnacional e as condições internas permitiram a inserção desses em uma primeira fase de mobilização popular.

<sup>234</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 278.

<sup>235</sup> O artigo de Rafael Athaides ilustra esse debate ao elencar as principais teorias do fascismo genérico, de modo que ele conclui que “nos parece conclusivo que o Integralismo se apresenta como um movimento inteligível à luz dos recentes aportes sobre o conceito.” ATHAIDES, Rafael. O fascismo genérico e o Integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo. **Diálogos** (Maringá. Online), v. 18, n.3, set.-dez./2014, p. 1305-1333. DOI: <[10.4025/dialogos.v18i3.929](https://doi.org/10.4025/dialogos.v18i3.929)>. Acesso em: 25 jun. 2023. p. 1331.

<sup>236</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. Un ensayo bibliográfico sobre el integralismo brasileño. **Ayer**, v. 105, p. 241- 256, 2017. DOI: <<https://doi.org/10.55509/ayer/105-2017-10>>. Acesso em: 4 abr. 2024. p. 242.

<sup>237</sup> ATHAIDES, *loc. cit.*

<sup>238</sup> Em sua grande parte, europeus.

<sup>239</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; GRECCO, Gabriela de Lima. Introducción: ¿Por qué fascismos iberoamericanos? In: \_\_\_\_\_. **Fascismos Iberoamericanos**. Madrid: Alianza, p. 37-63, 2022. p. 41.

<sup>240</sup> *Ibid.*, p. 46.

Assim, pelo fascismo reivindicar uma posição ultranacionalista para a nação, ele é ao mesmo tempo um fenômeno nacional e transnacional, uma vez que transcendia as fronteiras nacionais, como também estava enraizado nas comunidades nacionais.<sup>241</sup> As ideias, programas e ideologias, alocadas a sua maneira, eram elaboradas pela ação dos intelectuais, figuras centrais no processo transnacional de difusão ideológica e fertilização cruzada. Eles popularizaram essas idealizações para além das fronteiras, como também as traduziam e as recontextualizavam para diferentes contextos e públicos nacionais.<sup>242</sup>

Nesse sentido, as transferências não podem ser reduzidas a mera mimese, o fascismo é um alvo móvel e não uma unidade estática,<sup>243</sup> os elementos eram seletivamente apropriados; o ponto de partida era comum.<sup>244</sup> Além dessa gênese partilhada, havia um horizonte elementar entre esses exemplares, representados pelos princípios de acordo e colaboração desejados e consolidados.<sup>245</sup> Os indivíduos fascistas tinham ciência de que faziam parte de algo maior, uma luta comum. Esse fato era percebido não só por eles, como pelos seus inimigos.<sup>246</sup>

No seio da perspectiva transnacional do fascismo, uma definição rígida do que veio a ser o fenômeno pode encontrar problemas. Se ele se portou de maneira idiossincrática e os processos de fascistização são diversos, buscar uma conceituação abrangente, potencialmente iria deixar algum caso de fora, ou evidenciaria incoerências que a situação empírica colocaria em xeque a definição. É preciso historicizar os casos fascistas com base em seu funcionamento diário,<sup>247</sup> pois o próprio fenômeno é multifacetado, muitos historiadores e estudiosos do tema apresentaram um delineamento próprio do que caracterizaria o fascismo. Recorrentemente julga-se que “tal autor” não considerou algo, ou superestimou outro ponto. De modo que pudesse contornar esses obstáculos de percurso na acepção do complexo fascismo, por muito tempo buscou-se criar um “consenso genérico”, empreendendo tentativas de rastrear um mínimo fascista, ou um denominador que explicasse todos os casos. Tido como

---

<sup>241</sup> BAUERKÄMPER, Arnd; Grzegorz ROSSOLIŃSKI-LIEBE. “Introduction”. In: \_\_\_\_\_. **Fascism without Borders**. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe (1918-1945). New York: Berghahn, p. 1-18, 2017. p. 2.

<sup>242</sup> GALIMI, Valeria; GORI, Annarita. Hybridizing ideas in the Latin space: Transnational agents and polycentric cross-border networks. In: \_\_\_\_\_. **Intellectuals in the Latin Space during the Era of Fascism**. Routledge: New York; Oxford, 2020. p. 1.

<sup>243</sup> BAUERKÄMPER; ROSSOLIŃSKI-LIEBE, *op. cit.*, p. 5.

<sup>244</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>245</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; GRECCO, Gabriela de Lima. Introducción: ¿Por qué fascismos iberoamericanos? In: \_\_\_\_\_. **Fascismos Iberoamericanos**. Madrid: Alianza, p. 37-63, 2022. p. 53.

<sup>246</sup> BAUERKÄMPER; ROSSOLIŃSKI-LIEBE, *op. cit.*, p. 2.

<sup>247</sup> PAXTON, Robert O. The Five Stages of Fascism. **The Journal of Modern History**, v. 70, n. 1, p. 1-23, 1998.

o “Santo Graal da historiografia fascista”<sup>248</sup>, os signatários desta corrente<sup>249</sup> propõem um modelo eurocêntrico do fascismo, salientando o mimetismo e a falta de ação de interventores não europeus.<sup>250</sup>

Desse modo, a América Latina na era do fascismo apresentou composições próprias nesse contexto de transferências e trocas ideológicas. Miguel Reale pareceu conceber essa noção ao colocar que:

O Fascismo, disse-o certa vez Menotti del Picchia, é como o líquido que toma a forma do vaso que o contém. Não se copia o Fascismo. Fascismo quer dizer nacionalismo, e cada nacionalismo apresenta uma forma própria: a “universalidade” dos princípios nacionais socialistas ajusta-se às “particularidades” das situações.<sup>251</sup>

De acordo com António Costa Pinto, a região incorporou em suas trajetórias nacionais o “símbolo do internacionalismo fascista”: o corporativismo.<sup>252</sup> O integralismo e seus intelectuais, por sua vez, amparados em uma crítica ao liberalismo, fomentaram uma “expansão do horizonte de ideias acerca da reordenação política e social no cenário nacional”, a fim de que,

em suas obras, uma argumentação baseada na apropriação de um passado, que era selecionado e reinterpretado a partir de suas projeções corporativistas. Ou seja, enquanto as experiências passadas dos Camisas-verdes auxiliavam em suas projeções de futuro, essas projeções contribuíam para que existisse uma seleção e ordenação do passado.<sup>253</sup>

Não só o corporativismo, a AIB e a ideologia integralista é permeada por aspectos do que caracterizavam a cultura fascista, podendo ser percebida como uma incorporação e uma reprodução própria da cultura política fascista. Como mencionado, o fascismo pode ser entendido, ao mesmo tempo, como uma revolução, uma ideologia, uma visão de mundo e uma cultura.<sup>254</sup> Por sua vez, a cultura política apresenta “um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e

<sup>248</sup> FINCHELSTEIN, Frederico. **Do fascismo ao populismo na História**. São Paulo: Almedina, 2019. p. 81.

<sup>249</sup> Elenca-se os principais nomes do fascismo “genérico”: Stanley Payne, Roger Griffin, George Mosse e Robert Paxton.

<sup>250</sup> FINCHELSTEIN, *op. cit.*, p. 83.

<sup>251</sup> REALE, Miguel. O Capitalismo internacional. In: \_\_\_\_\_. **Obras Políticas** (1ª fase – 1931/1937). Brasília: Editora UnB, 1983, Tomo II. p. 250.

<sup>252</sup> PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 23.

<sup>253</sup> PACHECO, Gabriela Santi. **Panorama e o projeto integralista**: uma análise da revista intelectual. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

<sup>254</sup> TRAVERSO, Enzo. **Interpretar el fascismo**. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. *Ayer*, n. 60, p. 227-258, 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41324908>>. Acesso em: 29 ago. 2023. p. 231.

que vão muito além da visão reducionista de partido político”.<sup>255</sup> Assim, a cultura política fascista pode ser compreendida como um dos componentes dos processos de transferências, que se mostram potentes em domínios como a propaganda, organização partidária e a representação pública.<sup>256</sup>

O entendimento do fascismo como uma cultura se deu em grande medida na contribuição de Zeev Sternhell.<sup>257</sup> Para esse autor, considerar o fascismo como um subproduto da Primeira Guerra Mundial e uma mera reação defensiva da burguesia à crise do pós-guerra é uma percepção falha, que não capta a complexidade do que ele cunha ser um grande fenômeno do século XX. Por ser um fenômeno da civilização, o fascismo representa uma rejeição da cultura política predominante no início do século.<sup>258</sup> Ele foi uma terceira opção revolucionária entre o liberalismo e o marxismo, ofereceu a sua própria visão do mundo e criou uma nova cultura política.<sup>259</sup> Assim, o fascismo foi uma resposta original e não-conformista à questão de como superar certos conflitos sociais aparentemente intransponíveis.<sup>260</sup>

Ao comportar-se como uma cultura política comunitária, anti-individualista e anti-racionalista, o fascismo encarregou-se de apresentar inicialmente uma rejeição da herança do Iluminismo e da Revolução Francesa; posteriormente, criou uma alternativa abrangente através de um quadro intelectual, moral e político. Esse conjunto, por si só, seria capaz de garantir a perpetuidade de uma coletividade humana pela perfeita integração de todos os estratos e todas as classes da sociedade. O motor propulsor dessa necessidade de unidade foi causado pela atomização da sociedade, uma das consequências mais desastrosas da modernização do continente europeu, que promoveu a desumanização das relações

---

<sup>255</sup> BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. **Cultura Política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 31.

<sup>256</sup> BAUERKÄMPER, Arnd; Grzegorz ROSSOLIŃSKI-LIEBE. “Introduction”. In: \_\_\_\_\_. **Fascism without Borders**. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe (1918-1945). New York: Berghahn, p. 1-18, 2017. p. 14.

<sup>257</sup> George Mosse e Emilio Gentile também desempenham uma grandiosa contribuição nessa forma de conceber o fascismo.

<sup>258</sup> STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35. p. 6.

<sup>259</sup> STERNHELL, Zeev. Fascism: Reflections on the Fate of Ideas in Twentieth Century History. **Journal of Political Ideologies**, London, v. 5, n. 2, p. 139-162, 2000. DOI: <<https://doi.org/10.1080/713682939>>. Acesso em: 16 ago. 2023. p. 150.

<sup>260</sup> STERNHELL, *Ibid.*, p. 151.

humanas.<sup>261</sup> A modernidade foi identificada com o racionalismo, o otimismo e o humanismo do século XVIII.<sup>262</sup>

Por se apresentarem como uma revolução de outro tipo, não como um movimento reacionário ou anti-revolucionário no sentido maurrassiano do termo, os fascistas buscavam uma revolução que destruiria a ordem política vigente e desenraizaria os seus fundamentos teóricos e morais.<sup>263</sup> Concomitantemente, pretendiam preservar todas as conquistas da tecnologia moderna, que foram de grande serventia as ambições e propósitos, visto que procurou modificar a natureza das relações entre o indivíduo e a coletividade sem destruir o ímpeto da atividade econômica e a economia de mercado. Por consequência, essa foi a novidade da revolução fascista, sua economia continuaria determinada pelas leis do mercado.<sup>264</sup>

No tocante aos valores propagados, a cultura política fascista exaltava a ação, a virilidade, a juventude e o combate. Transformava esses componentes em certas imagens, como no corpo, em gestos, em emblemas e símbolos que deveriam redefinir a identidade da comunidade nacional.<sup>265</sup> Carregavam intrinsecamente uma impulsão romântica em torno de uma mística nacional, idealizando a tradição e fabricando por inteiro um passado mítico.<sup>266</sup> Por isso, desejavam transformar o imaginário coletivo, modificar os estilos de vida e suprimir qualquer diferenciação entre a vida pública e a vida privada.<sup>267</sup> Mobilizavam as massas, dando-lhes a ilusão de serem atores e agentes, não mais espectadores passivos da política.<sup>268</sup>

Por ser uma “revolução” de direita e reivindicatória por parte das camadas médias da sociedade, o fascismo pretendia criar uma nova civilização, de modo que exigiam uma antítese da moralidade burguesa, tanto esteticamente, como moralmente e no corpo.<sup>269</sup> Havia uma elaboração de imagens negativas, em que a estética fascista se ocupou de conceber seus mitos positivos da virilidade, da saúde, da higiene física e moral. Não só os mitos, como a rígida organização indicaram o caminho para o fascismo controlar a energia das massas e canalizá-la para a ação, com o propósito de fazer o uso racional do irracional na política de

---

<sup>261</sup> STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35. p. 6.

<sup>262</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>263</sup> *Ibid.*

<sup>264</sup> *Ibid.*

<sup>265</sup> TRAVERSO, Enzo. **Interpretar el fascismo**. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. *Ayer*, n. 60, p. 227-258, 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41324908>>. Acesso em: 29 ago. 2023. p. 232.

<sup>266</sup> *Ibid.*

<sup>267</sup> *Ibid.*, p. 231.

<sup>268</sup> *Ibid.*, p. 235.

<sup>269</sup> *Ibid.*, p. 233.

massas.<sup>270</sup> As massas foram nacionalizadas, sendo utilizado um conjunto de ritos coletivos que imbricavam uma nova relação entre estética e política.

O fascismo, desde seus primórdios, exigiu ter o monopólio do mito nacional e ser o único movimento legítimo para representar a nação, ou seja, reivindicava ser o único partido a ter direito de governar o país e a colocá-lo sob controle do Estado-nação.<sup>271</sup> Para garantir essa unidade, o Estado deveria ser forte e os indivíduos deveriam sempre estar a serviço da sociedade e as classes sociais unidas em um único esforço em prol da grandeza nacional.<sup>272</sup> O Estado fascista, portanto, representava a emancipação da unidade nacional e seu poder dependia da unanimidade espiritual das massas. Entretanto, esse mesmo Estado foi o guardião desta unidade, uma vez que utilizou todos os meios possíveis para se fortalecer.<sup>273</sup>

Assim, considerando essas características descritas e a suas incorporações nos fascismos ao redor do mundo no entreguerras, é profícuo conceber que o fascismo propõe um “repertório fascista”, uma posição que contrapõe o “mínimo fascista”. Trabalhado pelo estudioso do fascismo indiano Benjamin Zachariah, a proposta de um repertório ilumina aquele conjunto de elementos possíveis a partir do qual os ideólogos têm a oportunidade de escolher.<sup>274</sup>

O repertório tende a incluir um nacionalismo orgânico e primordial que envolve um estatismo controlador que disciplina os membros da nação orgânica a agirem como, para e na nação orgânica (ou *völkisch*) que deve ser purificada e preservada. É ao serviço da preservação desta nação orgânica que se invoca uma tendência paramilitarista em direção à disciplina nacional. A coerência do repertório é mantida incitando um sentimento de crise contínua e de alarme sobre a potencial decadência da nação orgânica se a disciplina e a pureza não forem preservadas.<sup>275</sup>

Tal proposta de Zachariah encontra semelhanças na caracterização do fascismo delineada por Michael Mann.<sup>276</sup> Em uma curta descrição, Mann define o fenômeno por seus

<sup>270</sup> GENTILI, Emilio. **The struggle for modernity: nationalism, futurism, and fascism**. USA: Praeger Publishers, 2003. p. 79.

<sup>271</sup> *Ibid.*, p. 80.

<sup>272</sup> STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. *In*: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35. p. 12.

<sup>273</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>274</sup> ZACHARIAH, Benjamin. A Voluntary Gleichschaltung? Perspectives from India towards a non-Eurocentric Understanding of Fascism. **Transcultural Studies**, v. 5, n. 2, p. 63-100, 2014. DOI: <<https://doi.org/10.11588/ts.2014.2.15554>>. Acesso em: 15 jan. 2024. p. 67.

<sup>275</sup> “The repertoire tends to include an organic and primordial nationalism involving a controlling statism that disciplines the members of the organic nation to act as, for, and in the organic (or *völkisch*) nation that must be purified and preserved. It is in the service of preserving this organic nation that a paramilitarist tendency towards national discipline is invoked. The coherence of the repertoire is maintained by inciting a sense of continuous crisis and alarm about the potential decay of the organic nation if discipline and purity is not preserved.” *Ibid.*, tradução nossa.

<sup>276</sup> MANN, Michael. **Fascists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 13.

valores, ações e organizações de poder, de forma que, para ele, o fascismo é a busca de um estatismo-nação transcendente e purificador através do paramilitarismo.<sup>277</sup> Ao transcorrer sob os cinco termos-chaves que, a grosso modo, moldam os fascismos, ele elenca: nacionalismo, Estatismo, transcendência, limpeza e paramilitarismo. Operando a exclusividade europeia do fascismo, essa conceituação de fascismo desenvolvida por Mann não pretendia ser uma definição genérica, mas sim uma explicação que teria utilidade heurística no período entreguerras na Europa.<sup>278</sup>

A partir disso, Mann conceitua a AIB como sendo um movimento de tendência fascista,<sup>279</sup> uma vez que não possui todos os valores essenciais do fascismo. Para ele, havia a carência de um nacionalismo purificador no projeto integralista. Em sua compreensão, coloca o nacionalismo fascista como um compromisso profundo e populista com uma nação “orgânica” ou “integral”, tensionando a figura do “inimigo”, tanto estrangeiro, como especialmente aquele interno. A diversidade étnica ou cultural seria muito pouco tolerada, em vista da sua capacidade de subverter a unidade orgânica e integral da nação.<sup>280</sup>

A AIB e o integralismo, por sua vez, apresentaram como um dos pilares de sua teoria a proposição nacionalista. O nacionalismo orgânico visava constituir uma nação essencialmente brasileira, composta pelo “homem integral”, pois a verdadeira nacionalidade só poderia ser expressa através dos moldes integralistas. A começar no *Manifesto de Outubro de 1932*, há ali uma chamada para a urgência do nacionalismo no Brasil, como expresso em:

O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos. Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismos; as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são mais brasileiros. Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores, os poetas nacionais. Envergonham-se também do caboclo e do negro de nossa terra.<sup>281</sup>

Essa última frase denota uma questão própria ao integralismo brasileiro e dimensão, na qual pode ter confundido Michael Mann em suas análises. O Brasil é um país de processo histórico distinto dos demais; por muitos anos o “mito da democracia racial” prevaleceu no

<sup>277</sup> MANN, Michael. **Fascists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 13.

<sup>278</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>279</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>280</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>281</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 3.

país. Desse modo, a AIB teve de conceber uma identidade nacional que incluísse todas as diversidades raciais, valorizando a miscigenação das raças (brancos, indígenas e negros), como também incorporando os imigrantes.<sup>282</sup> Como Miguel Reale deixou claro:

No Brasil, onde se reúnem e se fundem todas as etnias para dar ao mundo o homem cósmico da civilização americana tropical, a teoria das raças superiores revela-se em toda a sua fraqueza. Já tivemos e temos provas do poder criador do homem negro no campo da ciência, da arte e da política; e a participação na vida cultural do país de filhos de imigrantes antigos ou recentes, [...].<sup>283</sup>

Por isso, os inimigos do Brasil se davam na figura do comunista, que “representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende reduzir-nos a uma capitania”.<sup>284</sup> O nacionalismo deveria ser protegido desses, de forma que reivindicavam uma voz e um espaço para todos aqueles presentes na harmonia nacional, como ficou explícito em:

Levantamo-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo que é útil e belo, no caráter e nos costumes brasileiros; para unir todos os brasileiros num só espírito: o tapuio amazônico, o nordestino, o sertanejo das províncias nortistas e centrais, os caiçaras e piraquaras, vaqueiros, calus, capixabas, calungas, paroaras, garimpeiros, os boiadeiros e tropeiros de Minas, Goiás, Mato Grosso; colonos, sitiantes, agregados, pequenos artífices de São Paulo; ervateiros do Paraná e Santa Catarina; os gaúchos dos pampas; o operariado de todas as regiões; a mocidade das escolas; os comerciantes, industriais, fazendeiros; os professores, os artistas, os funcionários, os médicos, os advogados, os engenheiros, os trabalhadores de todas as vias-férreas; os soldados, os marinheiros – todos os que ainda têm no coração o amor de seus maiores e o entusiasmo pelo Brasil.<sup>285</sup>

No mais, a própria teoria da “Quarta Humanidade” anunciou a chegada de um novo momento da humanidade com primazia no Brasil guiados pelos Camisas-verdes.<sup>286</sup> Enquanto uma “filosofia da história”,<sup>287</sup> a vitória do movimento integralista marcava o fim de um processo cíclico da história, que abria espaço para um estágio inédito. O advento do “Estado

---

<sup>282</sup> Até mesmo os judeus eram incorporados no movimento, mesmo havendo alas e nomes, como Gustavo Barroso, que traziam em seus discursos um antissemitismo ora aberto, ora velado, como a crença na conspiração global do “capitalismo judaico internacional” e do “banqueiro judeu internacional”. (BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista deve saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1935. p. 14-15.) Para ele, “o integralismo combate os judeus, pois combate os racismos e os exclusivismos raciais, e os judeus são os mais irredutíveis racistas do mundo”. (BARROSO, Gustavo. **O Integralismo e o Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1936. p. 16-17.)

<sup>283</sup> REALE, Miguel. *Perspectivas Integralistas*. In: \_\_\_\_\_. **Obras políticas**: 1ª fase – 1931-1937. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983, Tomo III. p. 34.

<sup>284</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 4.

<sup>285</sup> *Ibid.*,

<sup>286</sup> SALGADO, Plínio. **A Quarta Humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 66.

<sup>287</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. **Intelectuais e Carisma**: a Ação Integralista Brasileira na década de 1930. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. p. 168.

Integral” no Brasil iria estabelecer novos padrões de cultura, de moral, de direito, de administração e de política, além de uma nova autoridade, fundamentada em uma concepção de origem e de finalidade do mundo. Essa nova sociedade que emergiria seria uma síntese das três humanidades anteriores.<sup>288</sup> A “Quarta Humanidade” no Brasil, portanto, seria propiciada pela instalação desse “Estado”, em que a

[...] raça brasileira, e de modo geral, a sul-americana, tem um sentido cósmico originado das fontes étnicas. Cumpre observar que as ondas imigratórias arianas e semitas, que se espraiam em nosso continente, não alteram a fisionomia profunda da alma americana. Assim como existe um meio físico, existe um ‘meio étnico’ imperativo.<sup>289</sup>

Nesse sentido, como coloca Francisco Carlos Teixeira, “cada fascismo, apesar das semelhanças e elogios mútuos, sempre defendeu sua plena originalidade histórica e nacional, buscando em seu próprio solo e céu as origens de suas ideias”.<sup>290</sup> Ao Brasil e ao integralismo, uma questão étnica essencial era a figura do indígena. Como sugere a capa da edição de n. 9 da revista *Anauê!*, nela o integralismo iria salvaguardar essa figura, tida como uma expressão nacional, do comunismo. Ao representar uma mão vermelha que apunhalaria pelas costas o indígena, a mão verde dos Camisas-verdes salvaria o herói nacional.

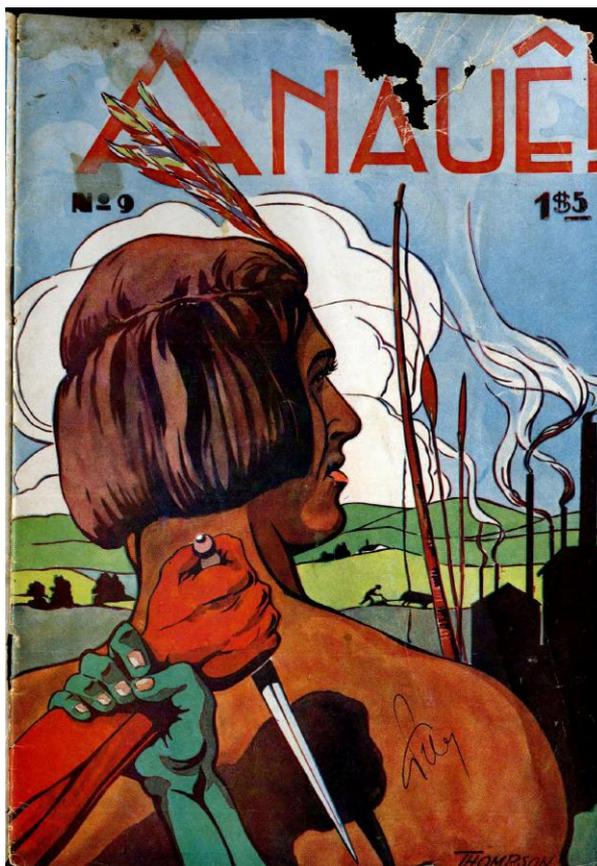
Figura 3 – Capa da edição n. 9 de *Anauê!*

---

<sup>288</sup> “A primeira, da “humanidade politeísta”, que existiu até o surgimento do cristianismo: seu princípio básico era o da fusão dos clãs, crenças e causas. A segunda, da “humanidade monoteísta”, baseada no princípio da integração que se desenvolve historicamente na Idade Média: na “segunda humanidade” todos os elementos fusionado.s da primeira se combinam numa “idéia totalitária que abarca toda a compreensão do Universo e de todos os movimentos humanos”. Finalmente, a “terceira humanidade”, cujo advento coincide com o Renascimento, é a “humanidade ateísta”, fundada no princípio da “desagregação” e que explica o caos do mundo moderno.” TRINDADE, Hélio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 202.

<sup>289</sup> SALGADO, Plínio. **A Quarta Humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 69.

<sup>290</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. (orgs.). **O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, v. 2, p. 109-164. p. 123.



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 9, abril de 1936. Capa.

A valorização do indígena como símbolo nacional já era presente na obra dos “predecessores” ideológicos do integralismo. Plínio Salgado em muito bebeu na produção de Alberto Torres, Oliveira Vianna, José Vasconcelos, Farias de Brito e Jackson de Figueiredo, autores que trataram de resgatar o nacionalismo e o espiritualismo anos antes da fundação da AIB.<sup>291</sup> Em Torres, por exemplo,

há a exaltação do negro e do índio, com a finalidade desmistificar a superioridade racial ariana - afirmação em voga no período - e inserir o Brasil em cenário internacional, através da elevação moral e intelectual destes elementos étnicos. Portanto o autor fluminense expõe a defesa dos elementos indígena e negro diante do preconceito eurocêntrico [...].<sup>292</sup>

Os fascismos, por sua vez, para Roger Griffin, enquanto um gênero de ideologia política mutável e adaptável, cujo núcleo mítico em seus diferentes modelos consiste em

<sup>291</sup> Cf: VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. Maria do Pilar de Araújo. **Em busca do sigma**: estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978.; CAZETTA, Felipe. **Fascismos e Autoritarismos**: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

<sup>292</sup> CAZETTA, *op. cit.*, p. 127.

forma palingenésica de ultranacionalismo populista<sup>293</sup>, buscavam conceber esse renascimento em alguma força afetiva. O indígena, como um produto fabricado, poderia representar esse passado mítico necessário ao integralismo, de modo que Trindade afirmou que “atitude de retorno ao passado nacional cujas raízes se encontram na exaltação do habitante primitivo antes da colonização portuguesa: o índio”.<sup>294</sup> Contrapondo essa questão e a teoria de Griffin, Sternhell coloca que o fascismo não defendeu o retorno a uma hipotética “idade de ouro”.<sup>295</sup>

Assim, entende-se aqui que o integralismo instrumentalizou a figura do indígena como um mito nacional e condizente com a proposta nacionalista do movimento. Ele era um dos componentes do imaginário propagado, de tal forma que a “bravura” e o “heroísmo” indígena operasse como um modelo a ser seguido, como fica claro em:

Oh brasileiros, ouvi a palavra selvagem de um antepassado vosso, que se levanta neste instante, para um apelo à honra e à dignidade de um povo! Eu vos conclamo patricios, contra as hordas vermelhas que pretendem atravessar o Atlântico, para macular o solo virgem da nossa Pátria! Eu vos lembro, como incitamento, o heroísmo dos meus legendários índios, quando marchamos com estrondo sobre os invasores estrangeiros, provocando na natureza brasileira, uma trepidação verde de orgulho e de entusiasmo! Brasileiros, escutai-me. Arrancai da própria terra, o símbolo e o estandarte para a luta: envergai a camisa da cor das nossas matas e desfraldai a bandeira da cor dos nossos céus!<sup>296</sup>

Eles até mesmo se apropriaram de uma nova versão para o Papai Noel, o “Vovô Índio”.<sup>297</sup> “Para os integralistas, o personagem de roupa vermelha, uma criação popularizada pela Coca-Cola, deveria ser impedido, pois assim evitaria a propagação do imperialismo por intermédio do Noel.”<sup>298</sup> Essa figura, apesar de não ser uma criação integralista e talvez ser fruto de outros grupos intelectuais nacionalistas,<sup>299</sup> foi oportuna para o discurso da AIB. Duas capas da *Anauê!* foram necessárias para passar essas ideias aos Camisas-verdes, em uma até mesmo representaram a figura natalina trajando uma camisa verde.

<sup>293</sup> GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. London and New York: Routledge, 1991. p. 32.

<sup>294</sup> TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 255.

<sup>295</sup> STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. *In*: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35. p. 7.

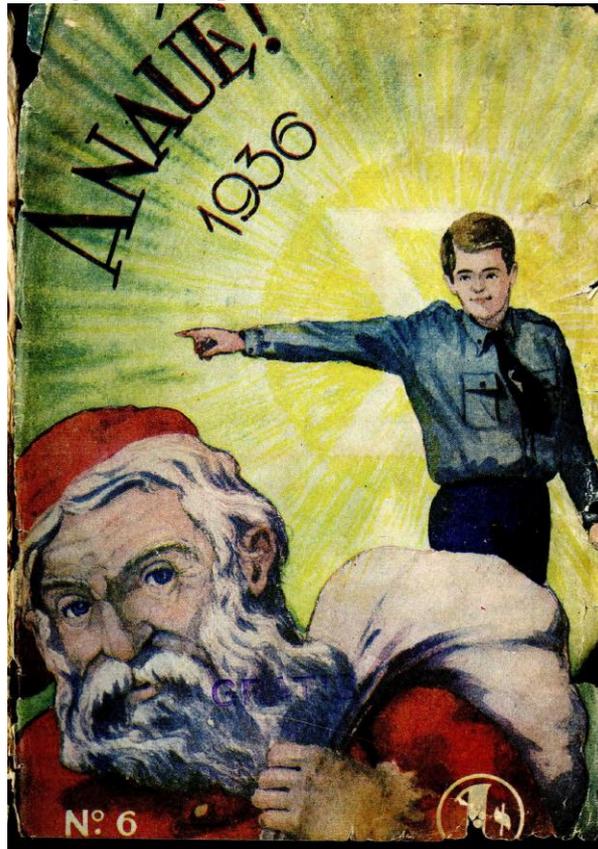
<sup>296</sup> **A RAZÃO**, São Paulo, n. 10, 05 de julho de 1935, p. 2.

<sup>297</sup> Mesmo que a origem do mito do “Vovô Índio” seja desconhecida, o personagem adquiriu um espaço no cenário brasileiro na década de 1930 e vinculou-se a uma busca por referências locais, distante do modelo internacional. Para saber mais, consultar: VEIGA, Edison. Vovô Índio, el personaje brasileño "ideal" con el que trataron de reemplazar a Santa Claus hace casi un siglo. **BBC News**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-59781805>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>298</sup> CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 39.

<sup>299</sup> *Ibid.*, p. 41.

Figura 4 – Capa da edição n. 6 de *Anauê!*



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 6, primeira quinzena de janeiro de 1936. Capa.

Figura 5 – Capa da edição n. 22 de *Anauê!*



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 22, dezembro de 1937, Capa.

Tais ponderações emergem mais duas características que Mann elencou: Estatismo e transcendência. O Estatismo, por sua vez, envolveu tanto o objetivo quanto a forma organizacional.<sup>300</sup> Sob o integralismo, o “Estado Integral”, em seus diversos dimensionamentos intelectuais, tanto por Salgado, como por Reale, era o objetivo e o horizonte de expectativa<sup>301</sup> dos Camisas-verdes. Toda organização do movimento pretendia preparar o regime integralista do amanhã, um Estado corporativista, altamente burocrático e organizado sob um poder autoritário, que incorporaria uma vontade singular e coesa expressa por uma elite partidária que aderisse ao “princípio de liderança”.<sup>302</sup> “Hierarquia, confiança, ordem, paz, respeito, eis o de que precisamos no Brasil”.<sup>303</sup>

Já em relação à transcendência, os integralistas também rejeitavam a atual circunstância em que se encontrava a sociedade brasileira, acreditando que sua proposição iria transcender o conflito social gerado pelas forças corrosivas do liberalismo e vias de esquerda. Diversos fatores, como a proposição de um “Estado integral”, ou pormenores como a simples figura do Papai Noel, evidenciaram essa tentativa de criar uma nova civilização, sob novos moldes.

Pretendemos insuflar energia aos moços, arrancá-los da descrença, da apatia, do ceticismo, da tristeza em que vivem; ensinar-lhes a lição da coragem, inculcando-lhes a certeza do valor que cada um tem dentro de si, como filho do Brasil e da América. Movimentar as massas populares numa grande afirmação de rejuvenescimento. Sacudir as fibras da Pátria. Erguê-la da sua depressão, do seu desalento, da sua amargura, para que ela caminhe, dando começo à Nova Civilização, que, pela nossa força, pela nossa audácia, pela nossa fé faremos partir do Brasil, incendiar o nosso continente, e influir mesmo no Mundo. Para isso, combateremos os irônicos, os “blasés”, os desiludidos, os descrentes, porque nesta hora juramos não descansar um instante, enquanto não morrermos ou vencermos, porque conosco morrerá ou vencerá uma Pátria.<sup>304</sup>

<sup>300</sup> MANN, Michael. **Fascists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 14.

<sup>301</sup> Na categoria proposta por Reinhart Koselleck e, considerando que o surgimento da modernidade desperta a esperança por algo melhor no futuro, o horizonte de expectativa pode iluminar os anseios futuros dos integralistas. Esses anseios seriam alcançados através da implantação do “Estado Integral”. Com base em sua experiência atual e insatisfações com ela, os Camisas-verdes projetavam uma utopia a ser buscada no futuro, visando superar os problemas vivenciados. Nesse contexto, Koselleck mostra que o horizonte seria a linha além da qual o futuro se apresenta e a tensão entre experiência e expectativa que, de maneiras sempre diferentes, gera novas soluções, dando origem ao tempo histórico. Portanto, para os integralistas, esse tempo histórico emergido, o futuro, seria concretizado com a instalação do “Estado Integral” e suas propostas políticas, sociais e culturais. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 311-313.

<sup>302</sup> MANN, *loc. cit.*

<sup>303</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 3.

<sup>304</sup> *Ibid.*, p. 12.

Por fim, as proposições de limpeza e paramilitarismo também são perceptíveis na AIB. Até 1935, havia uma milícia integralista sob liderança de Gustavo Barroso, que deu forma às “Forças Integralistas (F.I)”. Grosso modo, era uma “estrutura inspirada nos moldes do Exército e atuação semelhante à das brigadas paramilitares fascista.”,<sup>305</sup> e operava como um departamento (depois como secretaria), sendo seu regulamento sistematizado no *Monitor Integralista* de n. 6 e mais bem trabalhado na de n. 7.<sup>306</sup> A própria camisa verde, em um momento inicial, pretendia uniformizar essa milícia, de modo que em 22 de junho de 1934, o Ministério da Guerra aprovou o uniforme da organização.<sup>307</sup>

O fim da milícia foi decretado meses depois, com a promulgação da Lei de Segurança Nacional em 04 de abril de 1935.<sup>308</sup> A partir desse momento, as camisas verdes não foram deixadas de lado. Com a mudança, a AIB continuou operando como partido político e centro de estudos e de cultura moral, física e cívica.<sup>309</sup> Por isso, nas palavras de Salgado, “Como a Lei de Segurança proíbe o nome milícia, eu suprimi a Secretaria Nacional de Milícia, enquadrando toda a parte de educação moral, cívica e física, na Secretaria Nacional de Educação, que se repetirá no âmbito municipal.”<sup>310</sup>

Sobre a limpeza, a AIB não teve de empreender uma “limpeza étnica”, pois seu verdadeiro inimigo eram as forças comunistas. Como as identidades políticas podiam ser mais facilmente enfrentadas, por poderem ser assimiladas,<sup>311</sup> o integralismo lutou contra a moral e os valores dessa classe, acreditando que seus pressupostos por si só já seriam uma antítese do comunismo. Com a assimilação desse ao “demônio”, essa operação “fortaleceria a adesão de correntes religiosas, aos movimentos que visavam o combate às ideologias de esquerda.”<sup>312</sup>

Por tudo isso, é preciso ter em mente que a AIB, apesar de seu grande sucesso, fracassou. Seu programa inicial não realizou-se; não pela sua deformação, como ocorreu nos

---

<sup>305</sup> SIMÕES, Renata Duarte Simões. **A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932-1938)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 116.

<sup>306</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, primeira quinzena de maio de 1934. p. 4.; **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 7, segunda quinzena de agosto de 1934. p. 2.

<sup>307</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, n. 7, *op. cit.*, Capa.

<sup>308</sup> “Art. 17. Só o poder público tem a prerrogativa de constituir milícias de qualquer natureza, não sendo permitidas organizações de tipo militar, características por subordinação hierárquica, quadros ou formações.” BRASIL. Lei Nº 38, de 4 de abril de 1935. Define crimes contra a ordem política e social. Rio de Janeiro, RJ: **Diário Oficial da União**, 1935.

<sup>309</sup> SALGADO, Plínio. Carta circular. In: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 10, maio de 1935. p. 2.

<sup>310</sup> *Ibid.*

<sup>311</sup> MANN, Michael. **Fascists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 16.

<sup>312</sup> CAZETTA, Felipe. **Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. p. 127.

regimes fascistas europeus,<sup>313</sup> mas pela falta de oportunidade de cumprir seu projeto e adquirir o poder. De fato, a transformação do movimento em partido político em 1935 alterou a maneira pela qual ele se inseriu no poder. Elencando os cinco estágios do fascismo proposto pelo politólogo Robert Paxton,<sup>314</sup> a posição que a AIB alcançou é questionável. Obviamente, o estágio 1, “criação dos movimentos”, foi alcançado. Por todo o Brasil, havia núcleos integralistas e cerca de 200 mil pessoas eram filiadas em suas fileiras.<sup>315</sup> Isso leva a questionar se a AIB atingiu o segundo estágio de Paxton, “enraizamento como partido em um sistema político”.<sup>316</sup>

De fato, enquanto partido político, o movimento elegeu alguns integralistas ao longo de sua atuação. Nas eleições de 1936, cerca de 500 vereadores, 20 prefeitos e 4 deputados estaduais, foram eleitos, reunindo cerca de 250 mil votos.<sup>317</sup> Ainda, na arena política, os integralistas reverberaram ecos até o tempo presente e tornaram-se mais recorrentes a partir do avanço da extrema-direita brasileira no século XXI. Após o fim no Estado Novo e o retorno de Plínio Salgado do exílio em 1945, o integralismo precisou passar por uma fase de reinvenção, de modo que o ex-“Chefe Nacional” fundou, logo após seu regresso do exílio, o Partido de Representação Popular (PRP). Reunindo ex-militantes, o partido constituiu-se como instrumento de intervenção política dos integralistas durante todo o chamado "período democrático" (1945-1964).<sup>318</sup>

Havendo abandonado as simbologias do passado, nessa nova fase, Plínio Salgado solicitava “que sejam postos de lado os símbolos que identificavam os componentes do Sigma, bem como que seja abolido o famoso Anauê, mantidos, porém, os princípios - Deus,

<sup>313</sup> PAXTON, Robert O. The Five Stages of Fascism. *The Journal of Modern History*, v. 70, n. 1, p. 1-23, 1998. p. 6.

<sup>314</sup> (1) a criação inicial de movimentos fascistas; (2) o seu enraizamento como partidos em um sistema político; (3) a aquisição de poder; (4) o exercício do poder; e, finalmente, a longo prazo, (5) radicalização ou entropia. *Ibid.*, p. 11.

<sup>315</sup> Apesar da propaganda integralista ter superestimado a quantidade de membros, Gonçalves e Oliveira, através de uma ampla pesquisa em correspondências trocadas por Salgado, chegaram ao número de cerca de 200.000 militantes. Para saber mais, consultar: GONÇALVES, Leandro Pereira; OLIVEIRA, Alexandre. “Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil”: vivendo na ilusão com os verdadeiros números do integralismo. O PRP como resposta à nova realidade do Brasil. *História e Cultura*, Franca, v. 5, n. 3, p. 155-174, dez. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.18223/hiscult.v5i3.2002>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

<sup>316</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; GRECCO, Gabriela de Lima. Introducción: ¿Por qué fascismos iberoamericanos? In: \_\_\_\_\_. *Fascismos Iberoamericanos*. Madrid: Alianza, p. 37-63, 2022. p. 55.

<sup>317</sup> Para saber mais sobre eleições e integralismo, consultar: CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro. Fascismo nas urnas: o integralismo nas eleições. In: RICCI, Paolo; ZULINI, Jaqueline Porto (Orgs.). *Eleições na primeira fase da Justiça Eleitoral, 1932-1937*. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2025. p. 161-170.

<sup>318</sup> CALIL, Gilberto. Grassi. O integralismo no pós-guerra: a formação do partido de representação popular (1945-1950). *Tempos Históricos*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 117-142, 2012. DOI: 10.36449/rth.v2i1.6859. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/6859>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

pátria e família”.<sup>319</sup> A camisa verde poderia ser um infortúnio para a nova fase dos herdeiros do integralismo, que buscavam a negação de seu passado fascista. Assim, o símbolo do PRP era um sino de prata, representando uma espécie de alerta contra os males que rondam o Brasil.<sup>320</sup>

No entanto, a partir de 1957, o que antes era um discurso diluído passou a partir daquele momento a ser conduta do movimento, que passou então a atuar como incentivador da rememoração de um passado, entendido por eles como “glorioso”, no qual o integralismo ocupava lugar de destaque. Perceba, portanto, que o movimento integralista sempre foi maior que sua representação política, o PRP, afinal de contas não era o partido, mas a ação político/cultural da ideologia que financiou esta retomada. Procurou-se então se aproximar dos ritos, alegorias e símbolos oficializados no integralismo dos anos 1930 como forma de reafirmar o movimento que, perdia cada vez mais adeptos.<sup>321</sup>

Com o golpe militar ocorrido em 1964, Plínio Salgado e o partido deram apoio ao evento por sua bandeira anticomunista.<sup>322</sup> Com a instauração do sistema bi-partidário, o PRP foi dissolvido em 1965, de modo que Salgado e outros “perrepistas” se inseriram nas fileiras da ARENA (Aliança Renovadora Nacional). A confluência de ideias autoritárias possibilitou um bom trânsito dos integralistas no regime militar; Salgado foi eleito em dois mandatos a deputado federal e atuou significativamente na implementação da disciplina escolar Educação Moral e Cívica.<sup>323</sup>

<sup>319</sup> SALGADO *apud* CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa.** Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. p. 214.

<sup>320</sup> CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 84.

<sup>321</sup> CRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961).** Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. p. 231.

<sup>322</sup> Para saber mais, consultar: CALIL, Gilberto Grassi. Os integralistas e o golpe militar de 1964. **Revista História & Luta de Classes**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 55-76, 2005.

<sup>323</sup> No interior das escolas e instituições de ensino, a educação moral e cívica foi empreendida de maneiras diferentes de acordo com os ciclos etários. No nível básico, para o 1º grau, havia a disciplina Educação Moral e Cívica; para o 2º grau, a Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Até mesmo o ensino superior contou com uma disciplina, os Estudos de Problemas Brasileiros (EPB). Esse nome não indicava um claro vínculo a moral e cívica, mas conectava-se a um conjunto de valores muito específicos (GONÇALVES, Leandro Pereira; MANSAN, Jaime Valim. Educação Moral e Cívica e Pensamento Autoritário durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. *In*: GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA Maurício. (Org.). **Políticas educacionais e regimes autoritários: intelectuais, projetos e instituições.** Rio de Janeiro; Porto Alegre: Autografa; EDUPE; EDIPUCRS, 2017, v. 1, p. 213-241. p. 226). Assim, verifica-se que todas as faixas sofriam uma tentativa de molde do comportamento social e um consequente empenho em convencê-los acerca das benesses do regime militar e uma justificativa para suas ações. Um dos recursos na implantação de certas noções a crianças e jovens através das práticas da moral e cívica eram por meio dos manuais e livros didáticos. O próprio Plínio Salgado possuía um livro em circulação nas escolas brasileiras. Intitulado *Compêndio de instrução moral e cívica*, o manual do ex “Chefe Nacional” da AIB é caracterizado por sua natureza conservadora. Publicado em 1965, antes mesmo do Decreto-Lei nº 869 de 1969, “ele acaba por orientar as diretrizes e conteúdos para a obrigatoriedade da disciplina no país, em especial, pelo histórico e importância nacional do autor” (GOMIDES, Fernanda. **História da Educação e livro didático: ideologia e memória na obra Compêndio de Instrução Moral e Cívica de Plínio Salgado (1965).** *In*: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. Políticas, Teorias e Práticas,

Com a morte de Salgado em 1975, o legado do integralismo mais uma vez foi imperativo de reformulação.<sup>324</sup> Os remanescentes buscaram e ainda buscam inserção no âmbito político nacional, especialmente como uma referência à extrema-direita e direita radical nacional.<sup>325</sup> Muitos grupos diferentes foram fundados, sendo possível citar o Partido de Ação Integralista (PAI), o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) e a Frente Integralista Brasileira (FIB). No seio desses grupos, a camisa verde segue sendo uma preocupação; seu uso é verificado em diversos momentos, a partir de modelos distintos. Não há uma nova padronização, de modo que são observadas camisas diferentes, com cores diferentes. Em relação ao seu imbricamento com o fascismo, Moises Lima, presidente da FIB, produziu um vídeo para o portal virtual *A Nova Offensiva*, nomeação que resgata o periódico da AIB *A Offensiva*. Nele, Lima, fazendo o uso de uma camisa verde, buscou justificar a distância entre o uniforme verde e o fascismo. No entanto, o site não está mais em operação, porém o vídeo ainda está presente no youtube.<sup>326</sup>

Portanto, o integralismo, ou mesmo o neointegralismo, embora não tenha alterado algum curso da política nacional de maneira enfática, empreendeu uma influência e uma presença no cenário político nacional desde a década de 1930. Paxton destaca a condição para segundo estágio em serem capazes de agir de forma decisiva na cena política.<sup>327</sup> Mesmo que nas décadas em que Salgado atuou como deputado suas pautas e proposições integralistas não tivessem sido estabelecidas de forma que pudesse ser percebido substancialmente, a sua presença, assim como do movimento desde sua fundação, foi capaz de impactar os resultados e dar contornos ao primeiro movimento de extrema-direita no Brasil. O legado reivindicado até o presente evidencia que apesar de não terem agido de forma decisiva na política, sua

---

2015). O conteúdo disposto em suas páginas reforça a ideia de civismo, nacionalismo exacerbado, fundamentalismo religioso e ideológico, características que nortearam Salgado desde os tempos da AIB. O sucesso alcançado com essa publicação fez com que Salgado passasse a ser convidado para conferências em todo o Brasil para analisar a Educação Moral e Cívica. Em outubro de 1969, publicou dois volumes de *História do Brasil*, uma espécie de livro didático em que narra a história do Brasil a partir da história de Portugal. Por tudo isso, fica claro que Salgado em muito se atentou à questão educacional, e sempre a partir de uma perspectiva e seus projetos relacionados à educação e à moralidade talvez tenham sido as maiores relevâncias da sua legislatura. Ele ocupou o cargo de relator na Comissão de Educação e Cultura e atuou na criação da Educação Moral e Cívica, visto que esse projeto era alinhado com a doutrina nacionalista do movimento integralista.

<sup>324</sup> Para saber mais, consultar: CALDEIRA NETO; Odilon. Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição. *L'Ordinaire des Amériques*, n. 226, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.4000/orda.5853>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

<sup>325</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. **Locus: Revista de História**, v. 18, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20367>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

<sup>326</sup> LIMA, Moisés. **A verdadeira origem da camisa verde**. Youtube, sem data. 1 vídeo (22:43 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-s4l-AJK-nY&t=1217s&ab\\_channel=Mois%C3%A9sLima](https://www.youtube.com/watch?v=-s4l-AJK-nY&t=1217s&ab_channel=Mois%C3%A9sLima)>. Acesso em: 05 abr. 2024.

<sup>327</sup> PAXTON, Robert O. The Five Stages of Fascism. *The Journal of Modern History*, v. 70, n. 1, p. 1-23, 1998. p. 13.

herança é significativa tanto no passado, quanto no presente. Assim, tal fato leva à conclusão de que o integralismo buscou preencher a vaga fascista do Brasil na década de 1930, no entanto, não conseguiu alcançar o poder como desejou.

## 2.4 A ESTÉTICA INTEGRALISTA SOB O SOL DA ESTÉTICA FASCISTA

*Elevar o espírito da Nação: pela Força, pelo Bem, pela Beleza - eis textualmente a palavra de ordem do Chefe Nacional, na qual se contém a expressão do sentido estético do Movimento Integralista.*<sup>328</sup>

O fenômeno fascista inaugurado na década de 1920 na Itália transbordou para diversas nações ao redor do mundo e configurou-se como uma manifestação transnacional. Em seus casos distintos, é percebido o compartilhamento de uma ferramenta em comum, que é dada através de um estilo e uma forma de se apresentarem ao mundo: a estética fascista. Enquanto manifestações que superdimensionaram o potencial de instrumentalização da vida em prol de um paradigma político, a estética, nesse caso, pode ser entendida como “uma visão de autoridade todo-poderosa que procurou assegurar, através de quaisquer meios necessários, uma determinada estrutura moral, psicológica, econômica ou social.”<sup>329</sup>

O fascismo, portanto, empreendeu e se apoiou em um imaginário coletivo do caos e da degeneração da vida nacional e, frente a isso, uma solução a ele. As expressões visuais, simbólicas, ritualísticas e mitológicas que remetiam a essa nova forma política foram tensionadas para denotar um recurso de saída para os problemas da nação, de maneira que criaria um país melhor para seus cidadãos. No integralismo, a estética foi desenvolvida e manipulada como um dos recursos para promover coesão tanto internamente quanto externamente.<sup>330</sup> Atuando como um maquinário da coesão,<sup>331</sup> suas expressões se aliaram às demais ferramentas doutrinárias e deram luz à ideologia e às práticas do movimento, elevando o sentido do movimento para além de uma perspectiva puramente política.

<sup>328</sup> JOSETTI, Rodolpho. O sentido estético do integralismo. In: **Enciclopédia do Integralismo – volume VII**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 79.

<sup>329</sup> “[...] a vision of all-powerful authority that seeks to secure, through whatever means necessary, a given moral, psychological, economic, or social structure.” WANDER, Philip. The Aesthetics of Fascism. **Journal of Communication**, v. 33, n. 2, June/1983. p. 70-78. DOI: <<https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1983.tb02389.x>>. Acesso em: 21 dez. 2023. p. 70, tradução nossa.

<sup>330</sup> SILVA, Larissa Frazão. Perceber e sentir: a estética do movimento integralista. **Manduarisawa** - Revista Discente do Curso de História da UFAM, v. 7, ano 1, p. 140-166, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/12535>>. Acesso em: 08 jan. 2024. p. 142.

<sup>331</sup> SILVA, Larissa Frazão. **As performances do Sigma**: a estética integralista. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. p. 37.

“Elevar o espírito da Nação: pela Força, pelo Bem, pela Beleza”.<sup>332</sup> O integralista Rodolpho Josetti expôs tal frase de Plínio Salgado em um artigo publicado na *Enciclopédia do Integralismo*. Ao buscar captar o sentido estético do movimento, ele evidencia:

Assim, lançado o Chefe Nacional os alicerces do Estado Integral, criou, entre os demais, este importante departamento, cômico de sua relevância dentre os múltiplos e ingentes problemas que à Revolução Integralista incumbe resolver, pois abrange todas as modalidades na órbita do pensamento humano, visa entre nós especialmente e por motivos plausibilíssimos, a esfera cultural e artística, o que equivale dizer, a esfera do sentimento na sua expressão mais nobre e sublimada.<sup>333</sup>

Dessa forma, as proposições integralistas não podiam ser apenas compreendidas inteligivelmente, mas também sensivelmente, no corpo e pelo corpo.<sup>334</sup> A camisa verde, por sua vez, gerava coesão interna e externa, expressando uma certa dramaticidade política e encenando “uma espécie de “armadura de guerra”, [que transmitia] a mensagem de que o integralismo lutaria contra os males da sociedade brasileira por meio dos ensinamentos integralistas e do seu projeto utópico de mundo e de sociedade.”<sup>335</sup>

Primeiramente, a Estética, para além da circunstância fascista, é a ciência que estuda a função estética, suas manifestações e seus portadores.<sup>336</sup> Sua grande aparição na filosofia ocidental<sup>337</sup>, após as considerações de Aristóteles em sua obra *Poética*<sup>338</sup> escrita no século IV a.C, foi com Alexander Baumgarten no ano de 1750. Em *Estética: a lógica do poema e da*

<sup>332</sup> SALGADO *apud* JOSETTI, Rodolpho. O sentido estético do integralismo. *In: Enciclopédia do Integralismo – volume VII*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 79.

<sup>333</sup> *Ibid.*, p. 79-80.

<sup>334</sup> SILVA, Larissa Frazão. **As performances do Sigma**: a estética integralista. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. p. 37.

<sup>335</sup> SILVA, Larissa Frazão. Perceber e sentir: a estética do movimento integralista. **Manduarisawa** - Revista Discente do Curso de História da UFAM, v. 7, ano 1, p. 140-166, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/12535>>. Acesso em: 08 jan. 2024. p. 156.

<sup>336</sup> MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Estampa, 1988. p. 119

<sup>337</sup> De acordo com uma sistematização dos estudos clássicos acerca da estética, tem-se: “1) Na Antiguidade, com os filósofos Platão (427 a.C.-347 a.C.), Aristóteles (384a.C.-322a.C.) e Plotino (205 d.C.-270 d.C.), a “estética” é pensada como uma teoria do belo, uma teoria da beleza e uma teoria da arte; 2) Na modernidade, com David Hume (1711-1776) e Immanuel Kant (1724-1804), a estética é pensada como uma teoria do gosto, uma teoria da sensibilidade e uma teoria do conhecimento sensível; 3) No Romantismo Alemão, com Friedrich Schiller (1759-1805), Friedrich Schelling (1775-1854) e Friedrich Hegel (1770-1831), a estética é pensada como uma filosofia da arte; e 4) Na contemporaneidade, os filósofos retomam os principais problemas e teorias estéticas em diálogo com outras disciplinas filosóficas, como a linguagem, a ética, a política, a fenomenologia, a hermenêutica, bem como com outras áreas das ciências, como a sociologia, a psicologia, a história, a economia, a antropologia etc.” (LACERDA, Lucas O.; LOPES, Nislene do N.; MONTENEGRO, Maria Aparecida de P.; SOUSA, Bruna N. F. de. A estética como disciplina filosófica. **Encontros Universitários da UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2018.)

<sup>338</sup> ARISTÓTELES. *Poética*. *In: Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

*arte*,<sup>339</sup> o filósofo alemão abriu as portas para a discussão da arte e do belo que se sucederia nos próximos séculos, concebendo

[...] o conhecimento confuso da sensibilidade como o conhecimento das faculdades inferiores do espírito elevadas à mais alta potência, porque as representações mais perfeitas, as poéticas, podem ser claras, e nós podemos discernir entre as claras e as obscuras (as menos perfeitas). Ao considerar a arte como digna de uma reflexão filosófica e a estética como disciplina temática, Baumgarten aproxima o conhecimento sensível denominado de estética de uma analogia com os paradigmas racionais de uma teoria científica, pois eleva as nossas representações obscuras a uma clareza análoga às distinções do conhecimento científico, lógico-abstrativo.<sup>340</sup>

A problemática do belo e suas proposições sensíveis contribuída por Baumgarten provocou Immanuel Kant, que por sua vez complementou a incipiente teoria moderna estética. Para ele, “a vivência estética é propriamente a vivência de um indivíduo, é uma vivência radicalmente subjetiva.”<sup>341</sup> Assim, a estética não indica nenhuma qualidade no objeto, mas um modo de o sujeito ser afetado quando representa ou contempla algo. Por isso, o que vale nessa operação é a determinação do sujeito, o modo dele ser afetado.<sup>342</sup> Logo, para Kant a estética é “a ciência de todos os princípios da sensibilidade a priori. Se a estética deve ser uma ciência, não pode ser a ciência do belo, apenas uma crítica do gosto”.<sup>343</sup>

Tais contribuições, embora sumárias e que pouco abrangem a complexidade dos autores em questão, iluminam a percepção aqui necessária: a estética não é entendida como o oposto da razão, mas antes como a sua completude. Não é a expressão de uma vontade irracional, mas sim a versão sensual de uma noção mais elevada e mais abrangente de racionalidade, não como o espetáculo mudo de imagens, mas como a realização de um absoluto literário.<sup>344</sup> Ou seja, a estética não é uma abstração sem substância, contrária à razão ou a metafísica, é uma combinação de ambas.<sup>345</sup>

<sup>339</sup> BAUMGARTEN, A. G. **Estética**: a lógica da arte e do poema. Trad. Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

<sup>340</sup> CECIM, Arthur Martins. Baumgarten, Kant e a teoria do belo: conhecimento das belas coisas ou belo pensamento? **Paralaxe**, v. 2, n. 1, p. 2-19, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/view/31114>>. Acesso em: 07 jan. 2023. p. 7.

<sup>341</sup> SANTOS, Leonel R. dos. A concepção Kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 33, n. 2, p. 35-76, 2010. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1031>>. Acesso em: 26 ago. 2023. p. 43.

<sup>342</sup> *Ibid.*

<sup>343</sup> JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 91

<sup>344</sup> JAY, Martin. “The Aesthetic Ideology” as Ideology; Or, What Does It Mean to Aestheticize Politics? **Cultural Critique**, n. 21, p. 41-61, 1992. DOI: <<https://doi.org/10.2307/1354116>>. Acesso em: 22 ago. 2023. p. 46.

<sup>345</sup> ROWLAND, Thomas. **Of Fasces and Fascists**: On the Role of Aesthetics in the Development of 20th-Century Italian Fascist Ideology. A Thesis in the Field of Philosophy for the Degree of Master of Philosophy of Political Science, Leiden University, November 2020. p. 28-29.

Quando se menciona a função estética, entende-se que ela tem sua origem e fundamento na atitude estética, uma das atitudes elementares que o homem adota perante a realidade. “Os fatos que entram em sua esfera adquirem também o caráter de signos”, e com a realidade convertida em signos, aparece aos olhos do observador toda a riqueza de suas características, e toda a complexidade do ato através do qual o observador percebe a realidade concreta em questão<sup>346</sup>. Por isso, “a coisa que se converte em signo estético descobre aos olhos do homem a relação entre ele e a realidade”.<sup>347</sup> Esse signo possui a característica de aludir algo que está fora dele, ou seja, o signo estético “alude a todas as realidades que o homem já viveu e pode vir a viver, a todo universo das coisas e dos processos”<sup>348</sup>

No entanto, não só a arte que é portadora da função estética, “qualquer fenômeno, qualquer produto da atividade humana, se pode converter, para um indivíduo ou para toda a sociedade, em signo estético.”<sup>349</sup> Dessa forma, ao captar essa capacidade que a “coisa” transformada em signo estético tem de elevar a percepção dos indivíduos a uma condição complexa da realidade, a proposição kantiana se liga aqui em demonstrar o caráter subjetivo da estética, que afeta os sujeitos. A própria etimologia da palavra estética vem do grego *aisthesis*, que pode remeter à percepção, experiência, sensibilidade, conhecimento sensível, sentimento, sensação. Assim, estando ligada à experiência subjetiva de emoções e sentimentos, a estética pode ser um instrumento muito potente para expressões políticas como o fascismo.

De acordo com Terry Eagleton,<sup>350</sup> a estética é uma forma de acessar certas questões centrais do pensamento moderno europeu e, com isso, iluminar um leque mais amplo de questões sociais, políticas e éticas. Nas circunstâncias em que há forças de coesão da ordem, em contraste a um aparato coercitivo, os hábitos, devoções, sentimentos e afetos atestam a estetização do poder. Ele passa a estar “indissociável dos impulsos espontâneos do corpo, está imbricado à sensibilidade e aos afetos, é vivido como um costume irrefletido”.<sup>351</sup> A distância entre o dever abstrato dos indivíduos e a inclinação prazerosa é superada de maneira harmoniosa, com as leis dissolvidas nos costumes, nos simples hábitos irrefletidos. Transgredir as normas significa uma profunda autoviolência, já que a sua adequação passa a ser prazerosa para o sujeito. Por isso, o “novo sujeito, que doa a si mesmo, a partir de si

---

<sup>346</sup> MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Estampa, 1988. p. 122.

<sup>347</sup> *Ibid.*

<sup>348</sup> *Ibid.*, p. 123.

<sup>349</sup> *Ibid.*

<sup>350</sup> EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993. p. 7.

<sup>351</sup> *Ibid.*, p. 22.

mesmo, uma lei indissociável de sua experiência imediata, encontrando sua liberdade na necessidade, é modelado no objeto estético.”<sup>352</sup>

Realizado esse percurso teórico acerca da estética, quando se imbrica fascismo e questões estéticas, é de suma necessidade evocar Walter Benjamin e o ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*.<sup>353</sup> Ainda na década de 1930, ele afirmou que o “fascismo resulta, conseqüentemente, em uma estetização de sua vida política”, sendo que “todos os esforços pela estetização culminam em um ponto. Esse ponto é a guerra”. Percebendo o confronto bélico como o ápice da experiência estética fascista, o filósofo em questão foi o primeiro a observar a operação fascista que substituiu o debate ponderado pela experiência sensorial.<sup>354</sup> Ele, portanto, estabelece uma ligação definitiva entre a estetização da política e a política na sua forma paradigmaticamente de direita, fascista e militarista.<sup>355</sup>

Contudo, é possível questionar se a manipulação estética não é exclusividade fascista; muitas formas políticas também enfatizam o estilo em vez da substância. Em muitos casos, as emoções também são expandidas para além da razão, seguindo fórmulas dos meios de comunicação de massa em vez da lógica de uma esfera pública crítica.<sup>356</sup> Mesmo assim, é preciso considerar que o próprio fascismo era uma novidade, uma invenção criada para a nova era da política de massas.<sup>357</sup> Ele

não repousava na verdade de sua doutrina, mas na união mística do líder com o destino histórico de seu povo, ideia essa relacionada às ideias românticas de florescimento histórico nacional e de gênio individual artístico ou espiritual, embora, em outros aspectos, negasse a exaltação romântica da criatividade pessoal desimpedida. O líder queria levar seu povo a um campo mais elevado da política, campo esse que podia ser experimentado de forma sensual: o calor de pertencer a uma raça agora plenamente consciente de sua identidade, destino histórico e poder; o entusiasmo de participar de uma vasta empreitada coletiva; a gratificação de deixar-se submergir a uma onda de sentimentos coletivos e de sacrificar as próprias preocupações mesquinhas em favor do interesse grupal; e a emoção do domínio.<sup>358</sup>

Além disso, a política estetizada muitas vezes é tida como enganadora, visto que manipula as subjetividades para fazer com que as pessoas aceitem necessidades fabricadas

<sup>352</sup> EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993. p. 22.

<sup>353</sup> BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. 2ª Reimpressão. Porto Alegre: Zouk, 2014.

<sup>354</sup> PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 40

<sup>355</sup> SIMONS, Jon. Aestheticisation of Politics: From Fascism to Radical Democracy. *Journal for Cultural Research*, v. 12, n. 3, p. 207-229, 2008. DOI: <<https://doi.org/10.1080/1479758080252210>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

<sup>356</sup> *Ibid.*

<sup>357</sup> PAXTON, *op. cit.*, p. 38.

<sup>358</sup> *Ibid.*, p. 39.

como necessidades reais, simplificações como imagens completas e ilusões como realidade.<sup>359</sup> De fato, o fascismo elevou o manejo estético a um grau jamais observado, sendo muito importante para captar o modo como o fascismo se apresentou ao mundo. No entanto, é nítido que uma ideologia como essa não podia ser sustentada exclusivamente pela estética.<sup>360</sup> Os indivíduos engajados à ideologia fascista não eram meros espectadores passivos e alienados à realidade pela propaganda empreendida.

Enquanto proposição “revolucionária” para as circunstâncias que assolavam o mundo no entreguerras, a ascensão da URSS, a crise de 1929, como também o descrédito da democracia liberal, faziam com que os sujeitos, em qualquer parte do mundo, demandassem mudanças. Uma renovação que o fascismo propunha às pessoas; a propaganda e a instrumentalização estética traduzem o anseio das massas e, mesmo apelando pela ritualista, pela repetição, ofertavam uma experiência que as pessoas desejavam.

Por sua vez, a estética, foi uma das ferramentas empreendidas para dar forma, substância e engajamento aos projetos fascistas. Ela não foi a natureza do fascismo, mas um instrumento aliado pela sua capacidade de gerar sensibilidade, a lembrar da era visual que a Europa adentrou no século XIX e a potencialidade dos símbolos políticos em conceber imaginários e comunidades. O fascismo reorganizou essas questões em um projeto político que apelava para a nação, mas instrumentalizou outros dispositivos para criar uma ponte entre o público e o privado, incorporando nos indivíduos o horizonte do “novo homem” fascista, atribuindo uma agência, que podia ser ilusória, ou não, aos sujeitos, bem como sua relevância para a concretização do projeto. Assim, é pela elevação da conjuntura política a uma condição sensível e pessoal que o fascismo diluía no dia a dia dos cidadãos um projeto de dominação hegemônico e de dimensões macroestruturais, consolidando e perpetuando seu domínio político, econômico e social.

Considerando a irradiação italiana no fenômeno fascista mundial, o caso de Mussolini foi o pioneiro no uso da sensibilidade estética para propósitos políticos.<sup>361</sup> O sucesso de alcance dessas expressões pautou as práticas performáticas do fascismo a nível transnacional. Cada movimento se portava de uma maneira, mobilizando suas próprias expressões, mas, se analisadas, denotam que houve comunicações e interações entre os exemplares. A maneira

---

<sup>359</sup> SIMONS, Jon. Aestheticisation of Politics: From Fascism to Radical Democracy. *Journal for Cultural Research*, v. 12, n. 3, p. 207-229, 2008. DOI: <<https://doi.org/10.1080/1479758080252210>>. Acesso em: 17 dez. 2023. p. 207.

<sup>360</sup> FINCHELSTEIN, Frederico. *Do fascismo ao populismo na História*. São Paulo: Almedina, 2019. p. 61.

<sup>361</sup> MOSSE, George L. Fascist Aesthetics and Society: Some Considerations. *Journal of Contemporary History*, London, v. 31, n. 2, p. 245-252, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/261165>>. Acesso em: 16 ago. 2023. p. 245.

pela qual os inúmeros casos fascistas se apresentavam ao mundo era através de um estilo característico de atividade política, expresso através de comícios, violência paramilitar, uniforme, símbolos e culto a líderes.<sup>362</sup> Havia também um apelo a valores eugênicos e ideais de juventude, beleza, culto ao corpo viril e saudável.

Esses instrumentos são altamente aliados às proposições populistas do fascismo, em que a fé das massas na chamada “revolução espiritual”<sup>363</sup> era de suma necessidade para englobar todos os aspectos da vida. Em relação a essa fé, George Mosse argumenta que o fascismo ilustra de maneira eloquente um fenômeno típico da modernidade, a transformação do nacionalismo em religião cívica.<sup>364</sup> Enquanto uma fé não tradicional que usou liturgia e símbolos para dar vida à sua crença, essa forma de gerar vínculo ao Estado-nação denotava uma convicção e confiança de que o propósito fascista explicaria a vida e suas relações em sociedade.

Tal imbricamento entre nacionalismo, crença e renovação nacional que o fascismo propunha pode ser visto como uma variante política do modernismo.<sup>365</sup> Enquanto movimento artístico irrompido nas primeiras décadas do século XX, e composto por metanarrativas de renovação cultural e ruptura com padrões estéticos do passado, o modernismo inspirou uma gama de atividades, iniciativas e movimentos que guiavam-se pela busca de um nacionalismo libertador.<sup>366</sup> Por conseguinte, ele possibilitou o surgimento do fascismo como um gênero peculiar de projeto revolucionário que transformaria a sociedade.<sup>367</sup> O fascismo, portanto, pode ser lido como um produto do modernismo, de modo em que criaram a convicção de que a história em si estava em um ponto crucial e que poderia ser aberto um novo caminho por meio da intervenção humana, que redimiria a nação e resgataria o Ocidente do iminente colapso.<sup>368</sup> Assim,

havia no objetivo programático dos fascismos a criação de uma revitalização moderna da nação, partindo de um projeto que propunha o estabelecimento de uma

---

<sup>362</sup> GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. London and New York: Routledge, 1991. p. 16.

<sup>363</sup> MOSSE, George L. Fascist Aesthetics and Society: Some Considerations. **Journal of Contemporary History**, London, v. 31, n. 2, p. 245-252, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/261165>>. Acesso em: 16 ago. 2023. p. 247.

<sup>364</sup> TRAVERSO, Enzo. **Interpretar el fascismo**. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. **Ayer**, n. 60, p. 227-258, 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41324908>>. Acesso em: 29 ago. 2023. p. 235.

<sup>365</sup> GRIFFIN, Roger. **Modernism and Fascism: The Sense of a Beginning under Mussolini and Hitler**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007. p. 6.

<sup>366</sup> *Ibid.*

<sup>367</sup> *Ibid.*

<sup>368</sup> *Ibid.*

nova estrutura política e o desenvolvimento de uma nova civilização, o que estava em consonância com o modernismo.<sup>369</sup>

No caso integralista, todas essas ponderações acerca da estética fascista ficam evidentes, de forma que Roger Griffin percebe como os Camisas-verdes revelam uma sinergia ainda mais poderosa de modernismo estético, social e político.<sup>370</sup> Plínio Salgado apresentava a AIB como sendo um movimento de cultura.<sup>371</sup> Apesar de não estabelecer o que de fato era essa cultura, entende-se que ela estava vinculada a determinados conhecimentos como a arte, filosofia e ciência e, acima de tudo, um bem que poderia ser transmitido por aqueles que o detinham.<sup>372</sup> O povo brasileiro, carente de cultura pela falta de leitura, não era capaz de prover ideias e programas políticos para o país, uma vez que os homens estão privados da capacidade de intuição para a vida prática.<sup>373</sup> O integralismo pretendia despertar a nação, como sugere o título do livro de Salgado.<sup>374</sup> Para isso, a doutrina integralista seria a fonte e o meio de transição para nova concepção social, com a “revolução integralista”, implementando o “Estado Integral”, aquele de tipo fascista.<sup>375</sup>

Ao incorporar aspectos da cultura política fascista, a AIB se estabeleceu como o principal partido da extrema-direita fascista no Brasil.<sup>376</sup> A partir de um programa altamente articulado e dimensionado por inúmeros intelectuais, a transcendência nacional, que traria uma renovação nacional e espiritual, foi tamanha tensionada que arregimentou dezenas de milhares de membros para as fileiras do movimento. Os integralistas compartilhavam uma visão de mundo e de sua evolução, a posição ocupada pelo homem e, também, a natureza dos

---

<sup>369</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; PACHECO, Gabriela. Fascismo e Modernismo: a atuação de Plínio Salgado na década de 1920. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 35, n. 1, p. 57–81, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.14393/cdhis.v35n1.2022.65633>>. Acesso em: 09 fev. 2023. p. 61.

<sup>370</sup> GRIFFIN, Roger. *Modernism and Fascism: The Sense of a Beginning under Mussolini and Hitler*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007. p. 356.

<sup>371</sup> SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 87.

<sup>372</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: Edusc, 1999. p. 42.

<sup>373</sup> SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 174.

<sup>374</sup> Cabe ressaltar a inserção de Plínio Salgado no movimento modernista brasileiro, bem como sua participação na Semana De Arte Moderna de 1922. Ao longo da década de 1920, Salgado produziu uma série de romances em que esboçou críticas e considerações acerca da sociedade brasileira, produzindo uma arte com teor político, que por sua vez pretendia criar uma ideia de futuro. Esse horizonte dimensionado foi incorporado ao integralismo a partir de 1932, como o anti cosmopolitismo e a defesa de valores nacionalistas de concepção cristã. Em 1929 ele já indicava suas aproximações a um nacionalismo radical aos moldes dos totalitarismos europeus ao ser um defensor do Manifesto do Verde Amarelismo e logo após acreditar em uma radicalização maior desses propostos. Dessa forma, a inserção de Salgado no modernismo brasileiro capta as raízes modernistas do fascismo integralista, bem como o fato de as preocupações estéticas serem centrais na AIB. Cf: GONÇALVES; PACHECO, *op. cit.*

<sup>375</sup> CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 15.

<sup>376</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 125.

problemas relativos ao poder.<sup>377</sup> Eram guiados por uma dimensão fundamental da ideologia fascista, o dualismo “civilização versus barbárie”, ou ainda, “nós contra eles”.<sup>378</sup>

De acordo com Chauí, o tema mobilizador integralista era a imagem da crise.<sup>379</sup> Uma crise causada não só pela falta de projetos para o Brasil, mas também pelos seus inimigos. É possível constatar que, no integralismo, os opositores sofreram uma operação estética em serem “demonizados”. Os liberais, anarquistas, comunistas, socialistas, o capitalismo internacional, o judaísmo e as sociedades secretas (maçonaria)<sup>380</sup> representavam muito além de oposição no campo político, eles eram vistos como moralmente inferiores, incapazes de pensar.<sup>381</sup> Tudo aquilo distante do que o integralismo previa era combatido; os Camisas-verdes eram os únicos conhecedores da crise nacional e de sua solução.<sup>382</sup>

Havia na intelectualidade a ciência da preocupação com a linguagem e a importância dos mitos na transformação da ordem social.<sup>383</sup> Inúmeras produções bibliográficas e periódicas davam os contornos em como essa nova concepção de mundo e sociedade deveria ser compreendida por parte dos militantes da AIB.<sup>384</sup> O integralismo e seu projeto, grosso modo, era concebido pelas palavras escritas, que buscavam sensibilizar os indivíduos e propor um futuro pelo qual eles deveriam ansiar e acreditar, um futuro que estava conectado com outras proposições ao redor do mundo: o fascismo internacional.

O emprego hábil com as palavras e a espetacularização das proposições do movimento prometia uma nova nação aos Camisas-verdes e dimensionavam o imaginário social que permeou não só as mentes, mas os sentimentos desses indivíduos; esse novo paradigma era, aos olhos dos integralistas, dotado de substância, de percursos que de fato levariam a concretização dos anseios. Ao longo do discurso produzido, há sempre um percurso de pensamento fundado em analogias, que “não só permite economizar a reflexão acerca dos

<sup>377</sup> BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. **Cultura Política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 31.

<sup>378</sup> FINCHELSTEIN, Frederico. **Do fascismo ao populismo na História**. São Paulo: Almedina, 2019. p. 63.

<sup>379</sup> CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 119.

<sup>380</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 266.

<sup>381</sup> CHAUÍ, *op. cit.*, p. 120.

<sup>382</sup> *Ibid.*, p. 144.

<sup>383</sup> TANAGINO, Pedro Ivo Dias. E o fogo imortal de uma mística”: literatura, política e linguagem na construção do paradigma integralista por Plínio Salgado, 1927-1937. **Faces de Clio**, v. 1, n. 1, p. 148-167, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrf.br/index.php/facesdeclio/article/view/26426>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

<sup>384</sup> Menciona-se, entre tantos, os livros e seus autores. Plínio Salgado: *A Quarta Humanidade* (1934), *Despertemos a Nação* (1935), *O Sofrimento Universal* (1934), *Palavra nova dos Tempos Novos* (1936) e *Psicologia da Revolução* (1935). Gustavo Barroso: *O Integralismo e o Mundo* (1936), *O Integralismo em Marcha* (1933), *Espírito do Século XX* (1936). Miguel Reale: *O ABC do Integralismo* (1935), *O Capitalismo Internacional* (1935). Olbiano de Melo: *Razões do Integralismo* (1935). Custódio de Viveiros: *Camisas Verdes* (1935), *O sonho do filósofo Integralista* (1935). Ovidio da Cunha: *Integralismo e Americanidade* (1935).

processos históricos, mas permite sobretudo assegurar ao destinatário um suposto conhecimento que o convença de que o Integralismo é a ‘marcha natural da história’.”<sup>385</sup>

Assim, os livros e periódicos criavam essa estrutura, estabelecia uma forma de comunicação entre os inúmeros núcleos espalhados pelo Brasil. Eles eram potentes espaços de projeção do apelo estético. Ressalta-se as inúmeras fotografias utilizadas na imprensa, denotando a força e a organização das inúmeras células que compunham o corpo total integralista. As imagens das paradas de ruas, por exemplo, eram largamente dispostas na imprensa, de modo que veiculavam uma noção de mobilização e organização na forma como os espaços públicos eram ocupados pelos Camisas-verdes, sempre uniformizados e arranjados na devida posição.

Por sua vez, as outras expressões que compunham o conjunto estético integralista eram responsáveis pelo englobamento dos militantes na socialização ideológica do movimento.<sup>386</sup> Entende-se como o conjunto estético integralista, além das produções escritas: indumentárias, símbolos, saudação, gesto, insígnias, figura do líder, mitos, organização das sedes, datas e festas, hinos e canções, honrarias, regulamentações de viagens, apresentação dos papéis timbrados e correspondências, protocolos das sessões e reuniões, cinematográficos, radiofônicos, desfiles militares, congressos, *souvenirs* e, também, cerimônias rituais (casamentos, batizados, falecimentos, juramentos e exclusões).

Todas essas expressões foram largamente empregadas para envolver o militante integralista na estrutura do movimento, fazendo crer que a ideologia integralista era a solução para os rumos tortuosos da nação. Elas moldavam os indivíduos para se tornarem os futuros cidadãos do “Estado Integral”, bem como encenavam as práxis do futuro que seria sucedido com a conclusão da revolução. Além disso, pelo discurso da ordem, as práticas estéticas eram minuciosamente organizadas e regidas por uma série de normas e regulamentos de como

---

<sup>385</sup> CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 46.

<sup>386</sup> De acordo com Trindade, a “organização integralista desempenha também o papel de um instrumento de socialização político-ideológico dos militantes e de preparação dos futuros cidadãos do Estado Integralista. Além da função de formação ideológica, desempenhada especificamente pelos órgãos responsáveis de difusão doutrinária (Secretaria de Imprensa e Propaganda), a organização da A.I.B. prevê uma série de mecanismos e atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralistas. Estes agentes de socialização ideológica articulam-se entre si para assegurar o aprendizado político-ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um complexo de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral, cívica e física. Os dirigentes integralistas, conscientes da importância dos “agentes socializadores”, desenvolvem-nos minuciosamente, inspirados nos movimentos fascistas europeus. A tarefa fundamental era criar o hábito de obediência aos chefes e da submissão às estruturas autoritárias. Portanto, não se tratava, como pretendiam alguns dirigentes integralistas, de simplesmente copiar “certas formas exteriores do fascismo”, mas de adotar os mecanismos básicos da formação totalitária fascista.” TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 188.

deveriam ser realizados, de forma que tudo está contido nos *Protocolos e Rituais* (1937) e ao longo das 22 edições do periódico *Monitor Integralista*.

Dessa forma, a AIB incorporou em seu projeto elementos característicos do fascismo em nível local. Ao apelarem para uma mística, projetavam na política um sentido espiritual e estético, não se limitando a funcionar como um partido político, mas possuindo a pretensão de ser uma espécie de família para seus membros. Eles criaram uma rede de convivência e interação, em que pessoas espalhadas pelo Brasil se uniam em torno de um ideal comum. Por tudo isso, fica claro como as manifestações estéticas superdimensionaram o potencial de instrumentalização da vida em prol de um paradigma político. Compreender o que foi o integralismo e a AIB requer assimilar o papel central da estética na construção de identidade e de unidade ao movimento, revelando sua importância e impacto.

### 3 OS CAMISAS-VERDES E AS CAMISAS VERDES

*Minha Camisa Verde*

*Chegou o dia, finalmente de vestir  
Minha camisa verde. Meu ideal!  
Disposto a lutar para conseguir  
Fazer do meu Brasil: Pátria integral!*

*Chegou o dia, finalmente de vestir  
Minha camisa verde. Meu ideal!  
E d'ora avante não hei de consentir  
Que façam do Brasil terra imoral!*

*Companheiros! Chegou também o dia,  
De irmanados com fé, com alegria,  
Afirmar nosso amor nesta conquista!*

*Dando a vida, mostrando o coração,  
Fazendo do Brasil grande Nação,  
À sombra da bandeira integralista!<sup>387</sup>*

A camisa verde integralista foi um importante recurso estético, propagandístico e fomentador de agregação e engajamento ao movimento de Plínio Salgado. Dotada de inspirações do além-mar e intercorrências com o fascismo transnacional no entreguerras, a indumentária uniformizante dos Camisas-verdes gerou um profundo fascínio entre seus membros; diante de seu protagonismo, ela auxiliou na difusão do propósito integralista e na promoção de fidelidade às convicções defendidas pelos pressupostos do movimento. Ao representar e simbolizar o ideal dos integralistas, a camisa verde atuou como um mecanismo de sustentação do corpo coletivo do grupo, traduzindo ao mundo que os anseios da “Revolução Integral” poderiam ser vistos através dos corpos de seus membros.

Dessa maneira, a camisa verde possuiu sua própria historicidade no seio do movimento. A sua forma apresentada ao longo dos curtos anos de duração da AIB não foi dada desde o início. O uniforme dispõe uma trajetória, algo balizado pelos eventos e acontecimentos registrados entre 1932 e 1937. Assim, partindo de um resgate da trajetória da camisa verde, essa seção visa compreender como o uniforme se inseriu no movimento e quais eram suas relações com a doutrina integralista. Aliada a isso, realiza-se uma análise das fotografias produzidas pelo movimento e publicadas na imprensa ao longo de seu percurso.

---

<sup>387</sup> ASSIS, Isídio F. da Silva. *Minha Camisa Verde. O Friburguense. apud* RAPOSO, Maurício Antunes. **A cidade e o professor integralista**: Nova Friburgo, a Ação Integralista Brasileira e a trajetória intelectual de Júlio Ferreira Caboclo (1934 - 1937). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. p. 63-64.

### 3.1 DE OLIVA A VERDE INGLÊS: A TRAJETÓRIA DA INDUMENTÁRIA INTEGRALISTA

O uniforme oficial da AIB não estava definido desde os primórdios do movimento e nos momentos de sua fundação. De acordo com a filha de Plínio Salgado, Maria Amélia Loureiro, para que a camisa verde fosse adotada como uniforme oficial, houve muitas conversas e discussões entre finais de 1932 e 1933.<sup>388</sup> Na ocasião do lançamento do *Manifesto de Outubro de 1932*, a escolha da indumentária e da nomeação Camisas-verdes não haviam sido realizadas; no documento inaugurador da AIB não há qualquer menção à camisa verde ou a intenção de tê-la futuramente, algo incomum na trajetória do próprio movimento, visto que após a criação e a implementação do uniforme, em todas as manifestações há a presença da denominação Camisas-verdes e a constante invocação da peça como promotora de identidade do coletivo. De modo que não há fontes disponíveis para analisar essa conjuntura inicial da indumentária, sabe-se que sua primeira aparição pública deu-se em 23 de abril de 1933.

Em vista da posição favorável à adoção do uniforme por parte dos primeiros membros da AIB ao longo dessas discussões sinalizadas pela “Fia”, ela afirmou que a primeira aglomeração pública dos integralistas foi adornada com a camisa verde.<sup>389</sup>

A 23 de abril de 1933, tendo sido vitorioso do ponto de vista favorável à adoção do uniforme integralista, saiu pelas ruas do centro de São Paulo um pugilo de moços, quarenta moços precisamente, capitaneados por Plínio Salgado, todos ostentando a camisa-verde, despertando a curiosidade de uns, o interesse de outros, a zombaria de muitos. Mas eles passaram impávidos, indiferentes à fuzilaria dos adjetivos galhofeiros e das expressões de espanto. Tinham um objetivo e um rumo, tinham uma direção, coisa rara numa sociedade constituída por uma maioria de indecisos, inquietos e motejadores.<sup>390</sup>

O desfile que ocorreu pelas ruas do centro de São Paulo é pouco presente na historiografia, de forma que suas fontes também são escassas; os primeiros periódicos

<sup>388</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001. p. 201-202.

<sup>389</sup> Essa informação trazida por Loureiro é uma cópia do texto publicado no *Monitor Integralista* n. 22, com singelas modificações. De modo que consta: “No dia 23 de Abril de 1933, realiza-se nas ruas centrais de São Paulo, a primeira marcha de “Camisas-Verdes”. Plínio Salgado, à frente de 40 brasileiros intelectuais, proletários e estudantes, envergando todos a camisa verde-oliva, enfrenta a chuva dos basbaques, a zombaria de uns e o indiferentismo de outros. Certos jornais da paulicéia tentam ridicularizar essa primeira demonstração pública dos “Camisas-Verdes” que ousaram desfraldar a bandeira de amor ao Brasil e da construção de uma grande Pátria cristã. O primeiro desfile traz ânimo ao Movimento. A sede começa a receber inscrições com maior regularidade.” **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 22, 07 de outubro de 1937. p. 14.

<sup>390</sup> LOUREIRO, *op. cit.*, p. 203.

importantes do movimento, como o *Monitor Integralista*, datam de finais de 1933. Há um hiato nesse período, entre abril e dezembro de 1933, que pode ser compreendido como um momento de articulação e organização das estruturas que iriam balizar o movimento. No entanto, na edição de n. 161 da revista carioca *A Noite Ilustrada*, foi estampada a fotografia desta primeira concentração integralista, somada à ilustração da bandeira do coletivo.

Pela publicação, é possível observar que na prestigiosa data de 23 de abril de 1933, aquela que no futuro viria a ser um dos feriados da AIB, o “Matinas de Abril”, um aglomerado de integralistas uniformizados e realizando o soerguimento do braço direito esteve presente. Relembrando que Loureiro afirma que estiveram presentes precisamente 40 homens na ocasião. Na legenda da publicação, consta o seguinte texto:

Realizou-se em São Paulo, na semana passada, a primeira apresentação dos “camisas olivas” da Ação Integralista, partido político que apresenta candidatos à Constituinte. As gravuras mostram o símbolo do Partido e a saudação conjunta do primeiro núcleo de “camisas olivas”, em número superior a duzentos, durante o Congresso da Ação Integralista.<sup>391</sup>

Figura 6 – “Os ‘camisas olivas’ de São Paulo”



<sup>391</sup> A NOITE ILUSTRADA, Rio de Janeiro, n. 161, entre abril e maio de 1933. Data ilegível na digitalização presente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Fonte: **A NOITE ILUSTRADA**, Rio de Janeiro, n. 161, entre abril e maio de 1933. p. 22.

A legenda carrega muitas informações passíveis de serem contestadas; o número de presentes, a colocação do movimento como sendo um partido político nesta data especificamente, como também a nomeação “Camisas-olivas”. Tal denominação, durante a realização desta pesquisa, jamais foi encontrada em outras fontes, como em outros trabalhos sobre a temática consultados. Os integralistas nunca se intitulam como sendo olivas, porém essa informação não é aleatória. Após o período de dimensionamento do movimento, a partir do *Manifesto de Outubro de 1932*, quando o *Monitor Integralista* já estava sendo produzido e distribuído por todo país, é possível compreender essa colocação da cor oliva.

Visto que a função do boletim oficial da AIB era de justamente “garantir a uniformidade da estrutura interna do movimento e assegurar que todos os núcleos do Brasil, um país de dimensões continentais, se conduzissem da mesma maneira,”<sup>392</sup> as informações a respeito do uniforme estão ali presentes, bem como a questão da coloração. Por isso, ao longo dessa seção, serão utilizados os elementos apresentados no *Monitor Integralista*, em vista de seu papel na manutenção da homogeneidade das práticas relacionadas não somente ao uniforme, como também a todo corpo organizacional do movimento.

Inicialmente, nas primeiras edições deste periódico constam menções à camisa-verde, de modo que na capa do primeiro número há a indicação:

O Integralista deve ter iniciativas. Sempre que tiver uma hora de lazer, ocupe-a com serviço da Ação. Se não tiver, invente. E quando chegar a uma cidade, onde não haja Núcleo Integralista organizado, trate de fundar um. Use sempre seu distintivo. **Tenha sempre sua camisa verde e atenda a convocação imediatamente.**<sup>393</sup> Grifo nosso.

Nessa mesma página, há a sinalização de uma concentração de Camisas-verdes “perfeitamente uniformizados”, indicando a valorização do uso correto da indumentária, mesmo ainda não havendo uma regulação, pelo menos não nas fontes oficiais disponíveis. Assim, fez-se presente nesse momento inicial de expansão do integralismo por todo o Brasil a compreensão dos membros perante a metonímia à camisa verde, como também uma atribuição de importância ao uniforme e ao seu correto uso.

Mais à frente no periódico, menciona-se na mesma edição: “Acompanhando a milícia, desfilaram algumas decúrias de senhoritas, vestindo a blusa verde-oliva e muitas outras, que

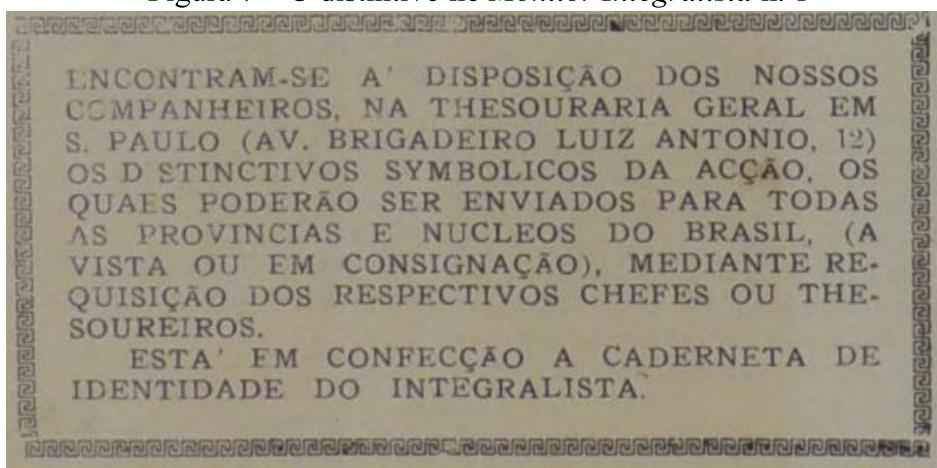
<sup>392</sup> FERREIRA, Ana Júlia; SILVA, Larissa Frazão. Propaganda e imaginário social na imprensa integralista: os casos de *A Offensiva* e *Monitor Integralista*. **História e Cultura**. v. 13, n. 1, p. 198-224, ago. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/213>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

<sup>393</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 1, primeira quinzena de dezembro de 1933. Capa.

apesar de não uniformizadas, não resistiram ao entusiasmo a *sic* assistiam à demonstração integralista”.<sup>394</sup> Aqui, mais uma vez, há uma relação entre manifestações de rua e indumentária uniformizante, já que o uso da camisa nesses espaços era prestigiado pelos integralistas, como também indicavam aprovação a AIB.

Além disso, é nessa primeira edição que também mencionam a presença do distintivo integralista; acessório a ser fixado na parte dos ombros dos uniformes. Não é decretada, nesse momento, a forma como eles deveriam ser, apenas a indicação em como adquirir um exemplar, que novamente foi publicada nas edições seguintes até a de n. 5. Como consta:

Figura 7 – O distintivo no *Monitor Integralista* n. 1



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 1, primeira quinzena de dezembro de 1933. p. 4.

Nas edições que seguem, naquela de n. 3, especificamente, há a seguinte orientação, sendo a primeira indicação com relação à descrição do fardamento dos integralistas para o público em escala nacional:

A Secretaria da Chefia Nacional recomenda a todos os integralistas o hábito da camisa verde e do respectivo distintivo, devendo aquele ser usado com calça preta ou azul escuro e sapatos pretos, sendo tolerada a calça de brim branco, *sic sic* de milicianos. O Plano Geral de uniformes da Milícia dos “Camisas-Verdes” será oportunamente publicado.<sup>395</sup>

Ainda sem a apresentação do Plano Geral dos uniformes, na edição de n. 5 do periódico mencionado, há a indicação sobre a necessidade do uso do uniforme pelos ocupantes de cargos na AIB, como também por aqueles que assumem emprego remunerado nos núcleos. Aqui, nesse caso, a camisa-verde é também uniforme de trabalho. Não se sabe a

<sup>394</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 1, primeira quinzena de dezembro de 1933. Capa.

<sup>395</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 3, primeira quinzena de janeiro de 1934, Capa.

dimensão dessa questão, visto que a orientação está presente apenas nesse momento, como consta:

A Chefia Nacional recomenda aos srs. Chefes Provinciais e Coordenadores de Província o uso obrigatório da camisa verde, nas reuniões gerais e solenidades, para todos os Integralistas que ocupam cargos na AIB. Para funcionários da Secretaria e os empregados remunerados é obrigatório o uso diário da camisa verde nas horas do expediente.<sup>396</sup>

Paralelamente, tal sistematização do uniforme citada anteriormente foi apresentada aos integralistas na edição n. 6, quando já havia ocorrido o Congresso de Vitória nos dias 28 de fevereiro, 01, 02 e 03 de março de 1934. A partir dele, a nova estrutura burocrática e ritualista do movimento havia sido discutida e deliberada pelos membros participantes, sendo sua disposição definitiva publicada no *Monitor Integralista*.<sup>397</sup> Antes mesmo do evento, foi sinalizado que, durante os dias de comunhão do grupo, o “uso da camisa verde é obrigatório para todos os congressistas”, demarcando a seriedade do encontro, bem como a importância do uniforme como vestimenta correta para a magnitude da reunião.<sup>398</sup> Em meio às novas normatizações dos departamentos criados, a tonalidade da camisa verde foi pauta, havendo a alteração da cor oliva para verde-ínglês, como consta nas “Notas” do periódico:

O Estado Maior Nacional da Milícia recomenda aos Comandantes Provinciais de Milícia que, tendo sido adotada a cor verde-ínglês para as camisas integralistas, todos os milicianos deverão substituir imediatamente suas camisas de uniforme pela nova cor adotada. Os que não quiserem ou não puderem adquirir novas camisas poderão aproveitar as antigas tingindo-as com o corante “Guarany” N. 19, operação fácil e de duração de 30 minutos apenas. Esse produto dá a tonalidade das novas camisas e é encontrado facilmente no comércio.<sup>399</sup>

De acordo com o site *TaColor*, sistematizador e classificador de coloração, o verde-ínglês no “modelo RGB (Vermelho-vermelho, Verde-verde, Azul-azul), a cor #1f5135 é uma mistura de vermelho com intensidade 12,2%, verde com intensidade 31,8% e azul com intensidade 20,8%,”<sup>400</sup> como ilustrada abaixo. No entanto, a real coloração na qual as camisas verdes apresentavam-se na década de 1930 é impossível de ser alcançada; as fotografias disponíveis para consulta são em preto e branco e a camisa analisada no DELFOS, como

<sup>396</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 5, segunda quinzena de fevereiro de 1934, Capa.

<sup>397</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, maio de 1934.

<sup>398</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 2, segunda quinzena de dezembro de 1933, Capa.

<sup>399</sup> *Id.*, n. 6, p. 12.

<sup>400</sup> ALBA Verde Inglês. **Tacolor**. 2024. Disponível em: <<http://es.tacolor.com/hex/1f5135/>>. Acesso em: 15 de julho de 2024.

consta na imagem, possui uma tonalidade específica, podendo ter sofrido desgaste ao longo do tempo de preservação.

Além disso, possivelmente, cada localidade do Brasil dispunha de uma ou mais tonalidades de verde, já que alcançar uma homogeneidade de coloração durante o período ativo do movimento potencialmente seria muito difícil. A indicação em tingir a camisa também poderia gerar, como produto, diferentes tonalidades, visto que cada processo de tingimento, a depender do tempo, do material, ou seja, das condições dessa ação, poderiam resultar em diferentes resultados.

Figura 8 – Tonalidade Verde Inglês



Fonte: ALBA Verde Inglês. **Tacolor**. 2024. Disponível em: <<http://es.tacolor.com/hex/1f5135/>>. Acesso em: 15 de julho de 2024.

Figura 9 – Camisa verde presente no DELFOS



Fonte: Acervo AIB/PRP-DELFOF/PUCRS, fundo AIB. Imagem da autora.

Figura 10 – Camisa pliniana presente no DELFOF



Fonte: Acervo AIB/PRP-DELFOF/PUCRS, fundo AIB. Imagem da autora.

Figura 11 – Camisa verde presente no Fundo Plínio Salgado-Rio Claro



Fonte: Repositório Digital do Arquivo Público de Rio Claro<sup>401</sup>

Dessa forma, essas são imagens das camisas verdes pertencentes aos dois arquivos integralistas. As tonalidades das camisas são difíceis de serem comparadas por fotografias, devido ao fato de ocorrerem distorções de cores a depender da luz e qualidade da câmera. O que fica claro é que a camisa pliniana (figura x), nas partes em que há uma melhor preservação, a cor se assemelha ao verde inglês proposto pelo site *Tacolor*. No mais, as camisas verdes de ambos os acervos possuem as mesmas particularidades e disposição dos detalhes, como presente nas regulamentações do uniforme.

Assim, ainda na edição de n. 6, o prometido “Plano Geral do uniforme” foi publicado, ao menos uma tentativa inicial de regulamentação e padronização dos detalhes. Somado aos esboços ilustrativos da camisa, do símbolo Sigma fixado na manga direita e dos distintivos (ombreiras), no regulamento do Departamento de Milícia, há o detalhamento do uniforme e de sua proporção, que será elencado mais à frente.

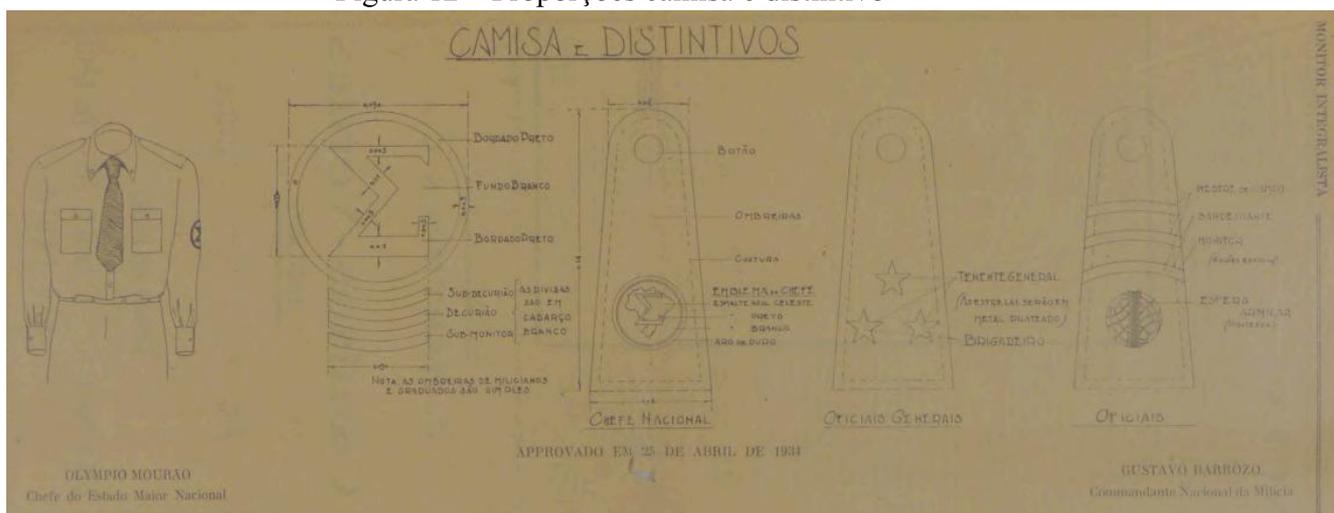
401

Disponível

em:

<[http://biblioteca.aphrioclaro.sp.gov.br:8080/Bibliovre5/single/?action=search\\_bibliographic#query=Objetos&database=main&group=4&search=advanced](http://biblioteca.aphrioclaro.sp.gov.br:8080/Bibliovre5/single/?action=search_bibliographic#query=Objetos&database=main&group=4&search=advanced)>. Acesso em: 13 set. 2024.

Figura 12 – Proporções camisa e distintivo



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, maio de 1934. p. 11.

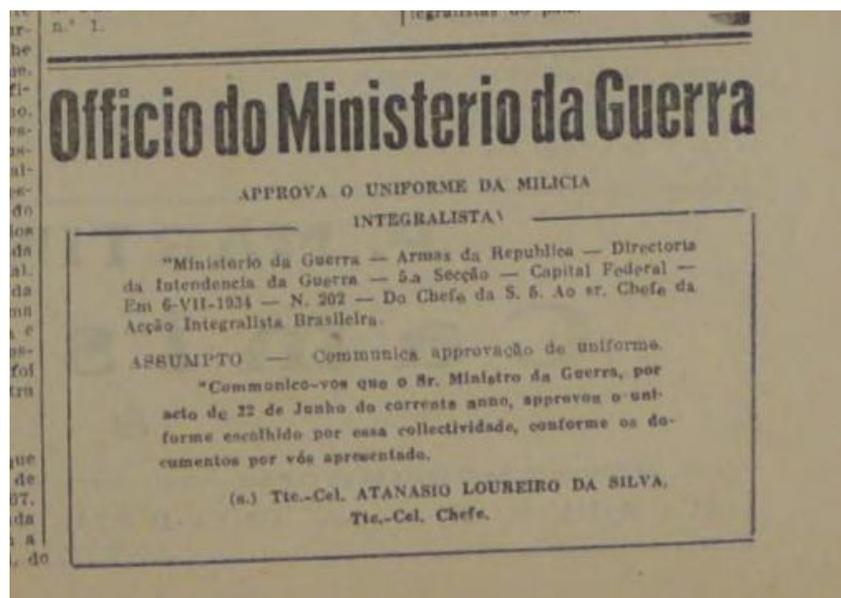
Consta na legenda a aprovação do uniforme em 23 de abril de 1934, exatamente um ano após o primeiro desfile da AIB e introdução e apresentação da camisa verde para o público nas ruas. Na publicação, também é possível perceber as devidas proporções e colorações enquanto marcas de distinção hierárquica, tal qual as patentes e honrarias presentes no universo militar, em razão do movimento buscar estabelecer uma unidade de formação técnico-militar. Na AIB, as ombreiras seguiam esse propósito, de modo que consta a sistematização do acessório pertencente ao “Chefe Nacional”, aos “Oficiais Gerais” e aos “Oficiais”.

Meses depois, na próxima edição, aquela de n. 7, consta a informação acerca da aprovação do uniforme da milícia pelo Ministério da Guerra.<sup>402</sup> Apresenta-se que o Ministro da Guerra, que na época vinha a ser Pedro Aurélio de Góis Monteiro, aprovou em 22 de junho de 1934 o uniforme da coletividade integralista. A mesma publicação foi estampada novamente no *Monitor Integralista* de n. 18, porém com a supressão do termo milícia.<sup>403</sup>

Figura 13 – “Ofício do Ministério da Guerra”

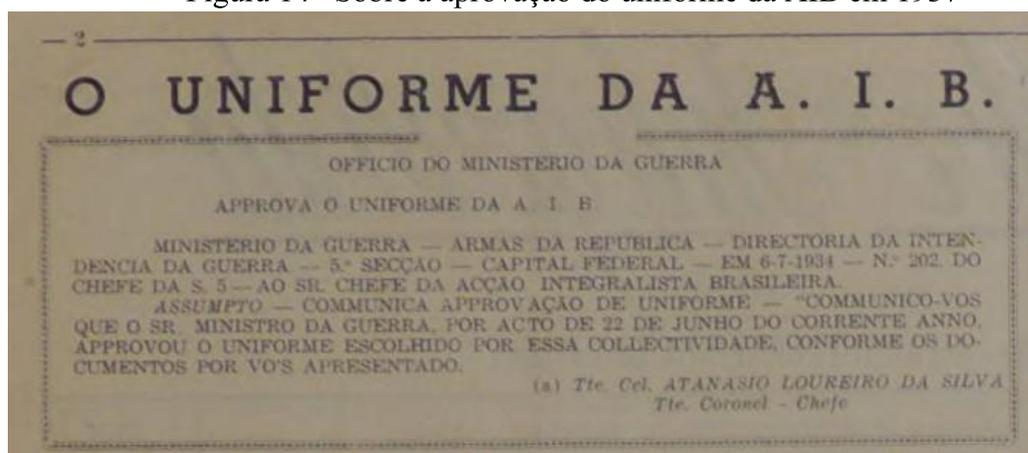
<sup>402</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 7, segunda quinzena de agosto de 1934. Capa.

<sup>403</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937.



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 7, segunda quinzena de agosto de 1934. p. Capa.

Figura 14 – Sobre a aprovação do uniforme da AIB em 1937



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937. p. 2.

A real autenticidade desses dados para com o Ministério da Guerra não foi possível de ser verificada para a realização dessa pesquisa. Nos decretos, leis e normas consultados no Diário Oficial da União, não há a menção ou indicação da necessidade de tal aprovação para o uso de uniformes em organizações políticas que continham milícias. Regulamentações oficiais acerca desse encargo do Ministério da Guerra também não foram encontradas; a Lei da organização geral do Ministério da Guerra, emitida pelo Decreto n. 23.976, de 8 de março de 1934 não menciona o compromisso do órgão em aprovar uniformes de milícias.

Dessa forma, considerando que o integralismo, ao longo de sua existência, publicava informações irreais a fim de servir a sua narrativa e estabelecer valor e mérito para seus membros, é possível supor que a aprovação no Ministério da Guerra era tendenciosa. Nos

veículos de informação, algo que seria digno de tamanha excepcionalidade, possivelmente viria acrescentado a maiores detalhes, como comumente era realizado na práxis do movimento. No entanto, a aprovação do uniforme se conteve a essas duas publicações e a menção nos *Protocolos e Rituais*<sup>404</sup> acerca de seu feito. Além disso, um olhar atento as duas referências indica que naquela de 1934 é assinalada a aprovação do uniforme da milícia integralista, já a de 1937 indica apenas a aprovação do uniforme, omitindo a questão da milícia, em vista da proibição dessas organizações em abril de 1935, como mencionado anteriormente.

Nessa mesma edição de n. 7 do *Monitor Integralista*, elencam também a discussão ocorrida na Assembleia Constituinte acerca do requerimento de alguns deputados para a proibição do uso de camisas simbólicas e formação de milícias nas organizações políticas.<sup>405</sup> O texto cita o discurso do Camisa-verde e deputado Jehovah Mota no evento, que buscou defender o movimento perante a Assembleia, visto que

[...] embora no requerimento não se fizesse referência ao Integralismo, contudo ressaltava, evidente, do espírito do requerimento e da discussão, a intenção de ferir especialmente os “camisas-verdes” e que, esses propósitos eram consequência do avanço formidável que nos meios operários vem fazendo a propaganda de nosso pensamento político social. Esclareceu o significado do uso da camisa verde que disse ser uma maneira de disciplinarização miliciana e defendeu a Milícia Integralista. Posto em votação o requerimento, foi ele rejeitado por 113 votos contra 16.<sup>406</sup>

Dessa forma, a partir desse exposto, é possível apreender a narrativa dimensionada acerca da perseguição que os Camisas-verdes vinham sofrendo, de modo que a proibição da camisa verde era uma dessas tentativas em suprimir o movimento e seu propósito glorioso no combate aos males que acometiam o Brasil. A camisa verde aqui é colocada como motivo de luta, que precisa ser defendida daqueles que desejavam frear o plano social integralista. Logo, é executável dimensionar a hipótese de que essa validação do Ministério da Guerra serviu para legitimar o uniforme perante seu coletivo, indicando um respaldo detentor de autoridade, mas que não havia base legal para tal ação.

Colocadas essas questões, é necessário aqui fazer menção a uma possível indagação em relação ao uniforme, que em um primeiro momento se apresentava com direção às milícias e depois passou a fazer parte de todo o corpo coletivo integralista. De fato, houve

<sup>404</sup> SALGADO, Plínio. *Protocolos e Rituais*: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 11.

<sup>405</sup> *MONITOR INTEGRALISTA*, São Paulo, n. 7, segunda quinzena de agosto de 1934. Capa.

<sup>406</sup> *Ibid.*

uma investida em criar uma milícia armada aos moldes militares no seio da AIB. Pelas fontes, é captado o empenho em promover e regular esse grupo, de modo que entre os meses de maio a agosto de 1934, especificamente após o Congresso de Vitória, houve a publicação do regulamento do “Departamento de Milícia”<sup>407</sup> aprovado neste evento, como também instruções do “Comandante Nacional da Milícia”, Gustavo Barroso. Novas ordens foram estampadas na edição seguinte do *Monitor Integralista*.<sup>408</sup>

Há uma proposição neste regulamento que responde a dúvida elencada acima. Tem-se nas “Disposições Gerais” a seguinte colocação:

XXXIX - Todo Integralista pertence às F.I. (Forças Integralistas), que se dividem em 1ª e 2ª Linhas.

XL - Fazem parte da 1ª Linha todos os Milicianos de 18 a 45 anos de idade.

XLI - Fazem parte da 2ª Linha os Integralistas maiores de 45 anos, salvo os que solicitem qualquer permissão especial, e os de 18 a 45 anos que, por motivos ponderáveis, declararem por escrito não poderem prestar serviço ativo na 1ª Linha.<sup>409</sup>

Em vista disso, é viável supor que, até esse momento, todo Camisa-verde era considerado como um miliciano. Aqueles que não eram capazes de prestar serviço ativo, ou seja, ir a um possível embate físico, ou armado, se enquadravam no segundo grupo (2ª Linha). Com isso, se todos os integralistas, a sua maneira, são milicianos e necessitam fazer o uso do uniforme, esses deveriam seguir a seguinte sistematização e ordenação da indumentária:

Capítulo VII. Dos Uniformes.

XXXI - Os uniformes serão:

1º) Camisa de cor “verde-ínglês”, de colarinho pregado e preso por botões nas pontas; passadeiras com 6 cms na base e 5 na ponta, que deve ser em semicírculo terminando a 1 cm do colarinho; dois bolsos à altura do peito, com pestanas retas abotoadas; no terço médio do braço esquerdo um círculo branco com 9,5 cms de diâmetro, circundado por um vivo preto de 0,5 cm de largura e sobre o campo branco um “Sigma” preto, cujas dimensões são de 7 cm por 6.

2º) Gravata preta lisa, caindo até próximo ao cinto.

3º) Gorro verde de duas pontas, com distintivo idêntico ao braço, do mesmo lado, com as seguintes dimensões: 7 cm para o diâmetro do círculo, 0,5 cm para o friso envolvente e 5 cm por 3 para o “Sigma”.

5º) Calças pretas ou brancas, conforme o clima ou a estação, devendo os E.M. providenciarem no sentido do uso do uniforme das calças, de acordo com Diretivas Especiais.

6º) Cinto e sapatos pretos, de preferência.

Capítulo VIII. Dos Distintivos da 1ª e 2ª Linha e da Juventude.

XXXII - A Milícia de 1ª Linha usará a camisa descrita no Capítulo anterior. A de 2ª Linha usará a mesma camisa sem a passadeira nos ombros.

<sup>407</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, maio de 1934. p. 5-6.

<sup>408</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 7, segunda quinzena de agosto de 1934. p. 2.

<sup>409</sup> *Id.*, n. 6, p. 6.

XXXIII- A Juventude Integralista distinguir-se-á por um vivo branco de 0,25 de largura circundando a orla do colarinho.<sup>410</sup>

É também descrito em sequência no regulamento o distintivo da milícia, de modo que cada posto possuía sua devida composição.<sup>411</sup> Não será aqui elencado suas discriminações por sua extensão. Porém, o detalhe em que a “2ª Linha” não deveria usar as passadeiras indica essa separação entre aqueles que são do serviço ativo e os que não são. As passadeiras, por essência, são marcas e simbologias presentes no universo militar, logo, não deveriam ser usadas por quem não estava habilitado para o combate.

Não obstante, o distintivo em questão foi extinto alguns meses depois de sua sistematização. No *Monitor Integralista* de n. 8, através da “Resolução n. 43” de 4 de novembro de 1934, presente na seção “Resoluções da Chefia”, Plínio Salgado e Gustavo Barroso publicam que “Modifica a estruturação da Milícia”. Assim, “ficam abolidas as primeiras e segundas linhas componentes da F.I.”, de modo que criam a “Milícia Geral” e a “Tropa do Sigma”.<sup>412</sup>

Nesse sentido, a “Resolução n. 64” publicada na mesma edição, “Cria as insígnias para cargos civis da AIB”<sup>413</sup> em 7 de dezembro de 1934. A partir dali se “extinguiu os distintivos da Milícia para postos honoríficos”. Ou seja, é nesse momento que se reorganiza o corpo coletivo integralista, formando uma ala de “civis” e outra de “milicianos”. Perante essa nova configuração, os “civis” ocupantes de cargos de autoridade teriam distintivos de acordo com seus postos. As novas normatizações foram assinadas por Salgado e, também, por Everaldo Leite, “Secretário Nacional” da Secretaria Nacional de Organização Política (S.N.O.P). Consta abaixo uma sistematização em tabela das novas insígnias.

Figura 15 – Quadro de insígnias por cargo ocupado

<sup>410</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, maio de 1934. p. 6.

<sup>411</sup> No que se refere a hierarquia da Milícia, neste momento, havia três círculos: 1º Graduados (Sub-Decurião, Decurião e Sub-Monitor, 2º Oficiais (Monitor Bandeirante e Mestre de Campo) e 3º Oficiais-Generais (Brigadeiro, Tenente-Geral e Chefe Nacional). *Ibid.*

<sup>412</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 3.

<sup>413</sup> *Ibid.*, p. 5.

QUADRO HIERARCHICO - DAS - AUTORIDADES INTEGRALISTAS E SUAS INSIGNIAS												
INSIGNIAS	Douradas			Prateadas			Bronzeadas		Oxidadas			
	Secretarias Nacionais			Secretarias Provinciais			Secretarias Municipais		Secretarias Distriticas			
1 Losango	Secretario			TG.	Secretario			MC.	Secretario	B.	Secretario	M.
2 Losangos	Chefe Provincial Ch. Gab. Ch. Nacional Conselho Nacional Tribunal Nacional	Chefe Gabinete Chefe Departamento		BG.	Chefe Gab. Ch. Provincial Conselho Provincial Tribunal Provincial	Chefe Departamento Chefe de Gabinete		B.	Chefe de Departamento	M.	Chefe de Departamento	SM.
1 Losango	Chefe Municipal Memb. Gab. Ch. Nacional	Chefe Divisao Memb. Gab. Secret.		MC.	Chefe Distrital Membro Gab. Ch. Proc.	Chefe de Divisao Membro Gab. Secret.		M.	Chefe de Divisao	M.	Chefe de Divisao	SM.
1 Corda de leitos	Chefe de Seção			B.	Chefe de Seção			M.	Chefe de Seção	SM.	Chefe de Seção	SM.
2 Pennas	Encarregado			M.	Encarregado			SM.	Encarregado	SM.	Encarregado	SM.
1 Penna	Auxiliar			M.	Auxiliar			SM.	Auxiliar	SM.	Auxiliar	SM.

ABREVIACOES: T.G. — Tenente General; BG. — Brigadista; M.C. — Mestre de Campo; B. — Bandeirante; M. — Monitor; S.M. — Sub-Oficial.

NOTA: Os Secretarios Nacionais (2 losangos dourados), os Chefes Provinciais e seus auxiliares (2 losangos dourados), os Chefes Municipais e seus auxiliares (1 losango dourado) e os Chefes Municipais e seus auxiliares (1 losango prateado) e os Chefes Distritais e seus auxiliares (1 losango prateado), usarão os losangos com as dimensões de tres por dois centimetros (3x2). Os Secretarios Provinciais (2 losangos prateados), os Secretarios Municipais (2 losangos bronzeados) e os Secretarios Distritais (1 losango oxidado), usarão os losangos com as dimensões de dois e meio por um e meio centimetro (2 1/2 x 1 1/2). Os ramos e as pennas terão dois e meio centimetros (2 1/2) de altura.

— Para os postos effectivos e comissionados dos officiaes da Milicia, continham os distinctivos até agora adoptados.

Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 5.

Ademais, a partir também da edição de n. 8 do *Monitor Integralista*, as mulheres e crianças integralistas foram contemplados com a regulação de seus uniformes. Mais à frente será tratado o envolvimento juvenil e feminino nas fileiras da AIB. Por ora, registram-se os esboços publicados e, conseqüentemente, o modelo e a forma como o uniforme do Departamento da Juventude e do Departamento Feminino deveriam ser.

Figura 16 – Uniforme da juventude, ou Plinianos



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 12.

Figura 17 – Uniforme feminino



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 9, 03 de março de 1935. p. 7.

Tal uniforme feminino foi apenas revisto em 1937, na edição de n. 17, momento em que já havia sido criada a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (S.N.A.F.P.). Com isso, a “Secretária Nacional” da S.N.A.F.P., Irene de Freitas Henrique indica que:

Uniforme de verão das “Blusas-verdes”.

Comunicado da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos:

“Com a aprovação do Chefe Nacional, fica abolido o uso da boina branca para uniforme branco, sendo a mesma substituída por um chapéu de fustão ou brim branco, que deverá ter uma copa de seis (6) gomos e uma aba de 6 cms, pespontada, levando uma fita de gorgurão preto”.<sup>414</sup>

Além disso, na edição de n. 9, a mesma imagem do uniforme dos Plinianos (Figura X) foi novamente publicada, em vista que também mencionam:

Reproduzimos nesta página as gravuras dos distintivos civis e militares por já se terem esgotado os números 6 e 8 do ‘Monitor Integralista’, nos quais estavam publicados. Atendemos assim, de uma certa maneira, a um sem número de pedidos vindos de toda a parte do Brasil.<sup>415</sup>

Tal explicação é um indicativo da busca por informações relacionadas aos uniformes por parte dos membros da AIB de todo o Brasil. Seguir as ordens e minúcias impostas pela

<sup>414</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 17, 20 de fevereiro de 1937, p. 12.

<sup>415</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 9, 03 de março de 1935. p. 8.

“Chefia” era de suma importância, visto que o movimento defendia a questão da ordem e disciplina como um de seus pilares e metas a serem alcançadas. Assim, como ser integralista estava imbricado ao fato de usar o uniforme, seguir as indicações dos superiores ia de encontro com ser um bom Camisa-verde e um fiel seguidor e defensor da “Revolução Integral”.

Mais à frente, nos dias 7, 8, 9 e de março de 1935, aconteceu em Petrópolis-RJ o Segundo Congresso da AIB. A transformação do movimento em partido político ocorreu poucos meses após o segundo grande evento do movimento, como consta na “Carta-Circular” publicada no n. 10 do *Monitor Integralista*. A partir da Lei de Segurança Nacional de abril de 1935, foi comunicado à coletividade integralista que: “Funcionará a Ação como partido político e como centro de estudos e de cultura moral, física e cívica.”<sup>416</sup> Enquanto centro de cultura física, somado a implementação de escolas,<sup>417</sup> os núcleos passaram a oferecer aulas de Educação Física, como consta no “Regulamento da Secretaria Nacional de Educação (Moral, Cívica e Física)”:

Capítulo III - Da Organização das Escolas, dos Centros e das Academias  
22) A Educação Física será ministrada sob a forma de lições de Educação Física segundo programas subordinados ao Regulamento adotado e Diretrizes Gerais organizada pelos Conselhos Técnicos e convenientemente adaptados às condições locais.<sup>418</sup>

Para a prática esportiva, foi previsto um uniforme, como consta nesta mesma regulamentação. A parte dos distintivos, mais uma vez, foi suprimida por conta de sua extensão.

Capítulo XVIII - Dos Uniformes e Distintivos

- 177) A vestimenta para a educação física e o esporte será constituída de:
- a) a camisa de tipo comum para educação física ou para esporte, de cor verde integral, tendo no peito o distintivo de braço do uniforme Integralista;
  - b) calção ou calça de cor branco ou preta;
  - c) calçado, o indicado para cada especialidade ou o determinado pelo Instrutor;
  - d) gorro: tipo dois bicos de cor verde integral com um distintivo reduzido de seus sentimentos de diamentro do lado direito

**Parágrafo único** - será facultativo o uso de uma “bleuse” de cor verde integral com o sigma no braço esquerdo, tal como no uniforme.<sup>419</sup>

<sup>416</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 10, maio de 1935. p. 2.

<sup>417</sup> Cf: PALHARES, Lenir. “**Educação integral para o homem integral**”: as escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

<sup>418</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 11, 25 de agosto de 1935.

<sup>419</sup> *Ibid.*, p. 10.

Figura 18 – Desfile da AIB na Rua Voluntários da Pátria, Porto Alegre/RS, 1937



Fonte: Acervo AIB/PRP-DELFOF/PUCRS, fundo AIB.

É possível observar que a imagem emerge vestimentas diferentes. Camisetas, blusas de manga curta, camisas pólo com o Sigma sob uma listra embaixo do peito; mesmo diferindo do proposto no regulamento de 1935, os uniformes esportivos seguiam minimamente a instrução publicada, se diferindo apenas nas minúcias. A cor verde não é possível de ser verificada, pois a imagem em preto e branco pode mascarar uma tonalidade diferente.

Assim, no *Monitor Integralista*, uma vez organizada a questão dos uniformes, a temática ficou em pausa entre agosto de 1935 e maio de 1936, quando foi publicada a criação do distintivo feminino. O “Departamento Feminino”, submetido à Secretária Nacional de Organização Política (S.N.O.P.), informou o exposto abaixo, no entanto, não publicou nenhuma imagem que permitisse uma compreensão melhor do distintivo.

Pelo Departamento Nacional Feminino foi criado com a aprovação do Chefe Nacional, o distintivo para uso de todas as brasileiras integralistas. O distintivo que acaba de ser adotado é de formato delicado e elegante. Formam-no as bandeiras Nacional e Integralista, entre as quais se vê, ao centro, num círculo branco, o Sigma. Seu uso fica sendo obrigatório desde já, não podendo ser levado outro qualquer sobre a blusa verde.<sup>420</sup>

Apesar do *Monitor Integralista* não ter publicado nenhuma representação do distintivo feminino, tem-se no DELFOF um exemplar, como fica claro pela imagem abaixo.

<sup>420</sup> MONITOR INTEGRALISTA, Rio de Janeiro, n. 14, maio de 1936, p. 6.

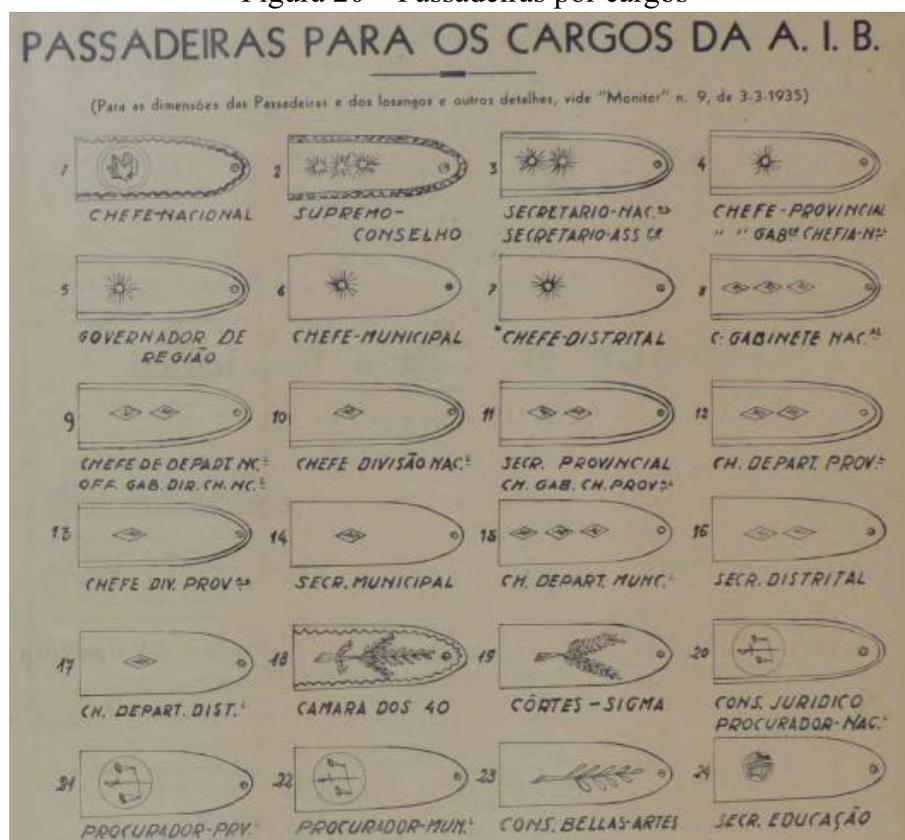
Figura 19 – Distintivo feminino



Fonte: Acervo AIB/PRP-DELFOF/PUCRS, fundo AIB. Imagem da autora.

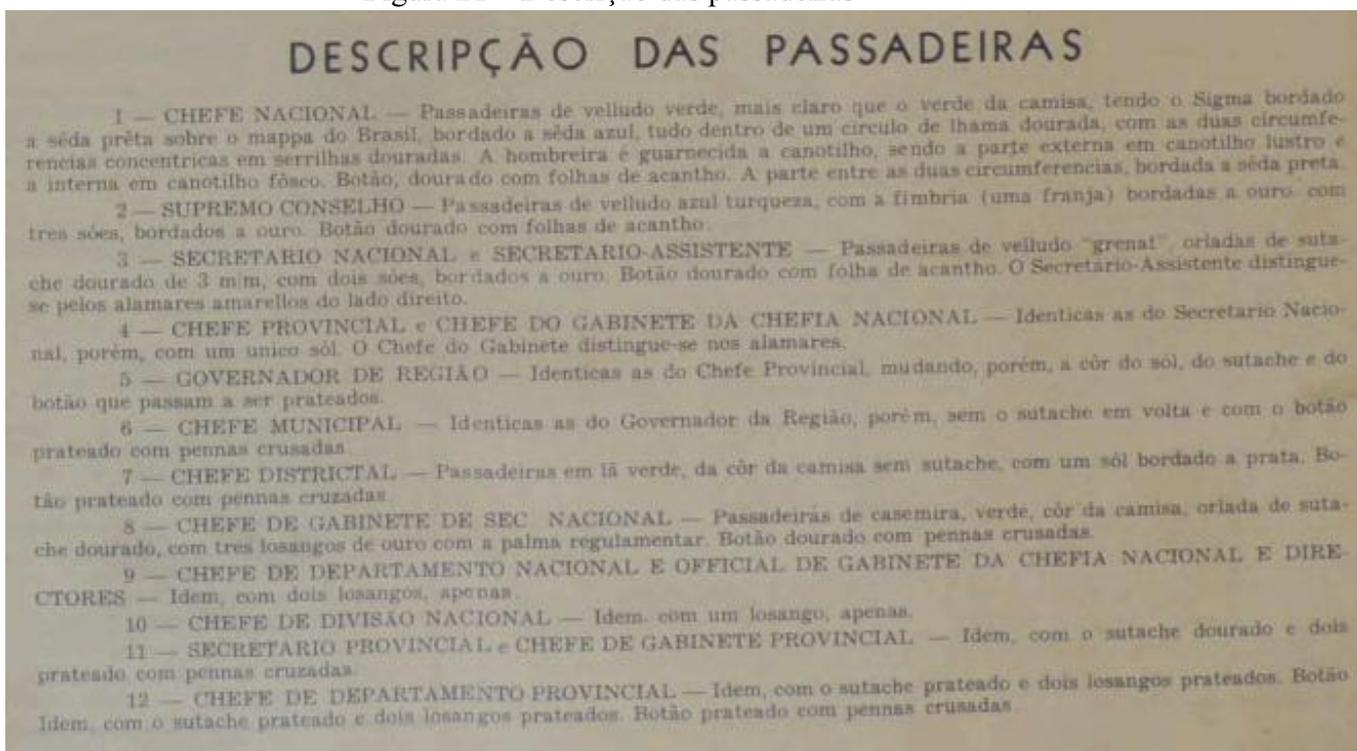
Com relação às passadeiras, no n. 16 do *Monitor Integralista* foi publicada uma sistematização por gravuras da iconografia desses acessórios. Somada às imagens, consta também a descrição das passadeiras, em que salientam detalhes como colorações e materiais. Há a indicação de que as dimensões já foram publicadas no n. 9 do mesmo periódico.

Figura 20 – Passadeiras por cargos



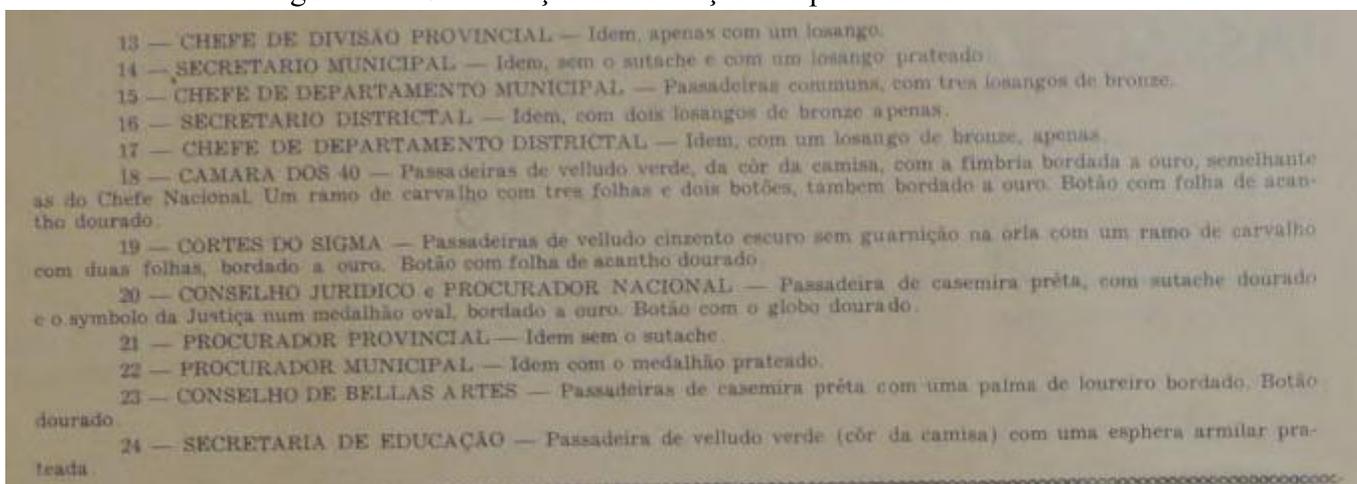
Fonte: MONITOR INTEGRALISTA, Rio de Janeiro, n. 16, 05 de dezembro de 1937. p. 9.

Figura 21 – Descrição das passadeiras



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 16, 05 de dezembro de 1937. p. 9.

Figura 22 – Continuação da descrição das passadeiras



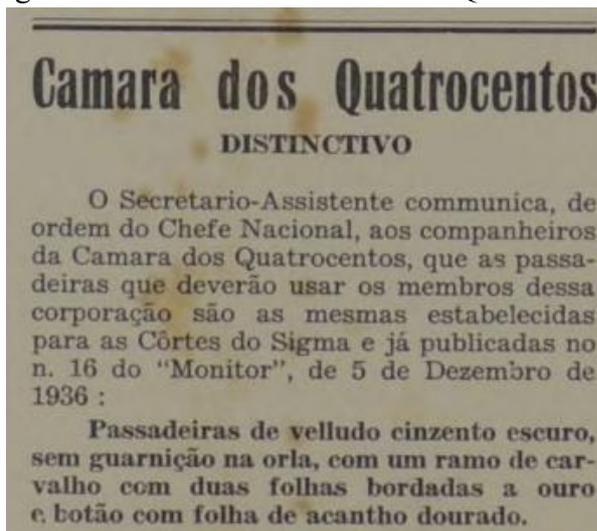
Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 16, 05 de dezembro de 1937. p. 10.

Nos anos finais de funcionamento do movimento, foram articuladas as Cortes do Sigma, o órgão máximo de representação da AIB.<sup>421</sup> Compondo uma nova reorganização do movimento após sua transformação em partido político, em vista das eleições que seguiram nos anos após 1935, em seu seio, além de outras instâncias como o Supremo Conselho, o Conselho de Belas Artes e a Procuradoria Nacional, a Câmara dos Quarenta e a Câmara dos

<sup>421</sup> TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979. p. 82.

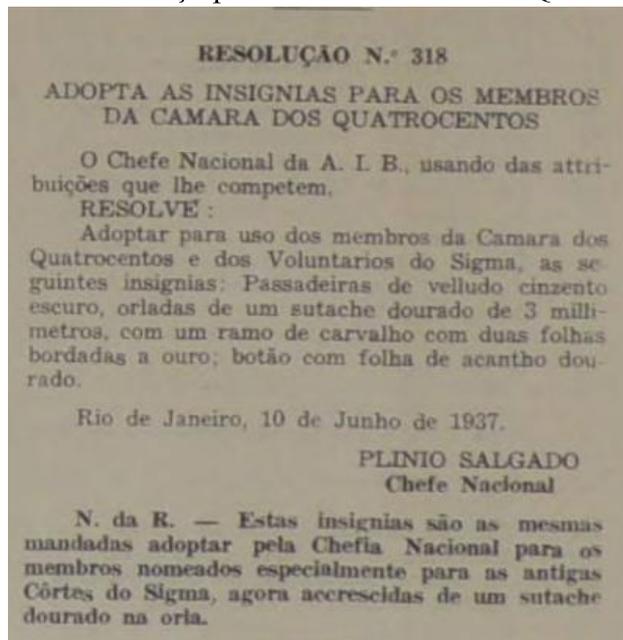
Quatrocentos fizeram parte dessa centralidade de comando que foram as Cortes.<sup>422</sup> Esses novos grupos internos deveriam utilizar passadeiras com simbologias próprias, como elencado nas imagens acima. A Câmara dos Quatrocentos foi criada apenas em 1937, de modo que foram salientados nas edições de n. 20 e n. 21 suas especificidades, como consta abaixo.

Figura 23 – Distintivos Câmara dos Quatrocentos



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 20, 11 de julho de 1937. p. 16.

Figura 24 – Reforço passadeiras Câmara dos Quatrocentos



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 21, 17 de julho de 1937. p. 9.

<sup>422</sup> Para saber mais, consultar: BRENHA, Maria Rita Chaves Ayala. **As Cortes do Sigma e seu papel no Estado Integral: uma análise prosopográfica de seus membros**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

A partir do exposto, nota-se que não há uma padronização nas nomeações dos acessórios: passadeiras, ombreiras, insígnias e distintivos. Cada exemplar traz uma denominação diferente para os acessórios, gerando uma possível confusão, visto que somente é realizável compreender o devido formato do acessório quando analisada sua descrição. Muitas vezes, utilizavam-se “distintivo” para os acessórios colocados nos ombros, comumente assimilados como ombreiras. “Distintivos” também podem ser usados para nomear as insígnias, ou seja, aqueles acessórios geralmente em metal, que se acoplam na roupa, como é o caso do distintivo feminino elencado mais acima.

Desse modo, uma vez publicadas todas essas normatizações no que se refere ao uniforme, antes dessas questões da Câmara dos Quatrocentos, os *Protocolos e Rituais* foram expostos no *Monitor Integralista* de n. 18.<sup>423</sup> Contendo um texto que foi depois publicado como livro, esse conjunto de normas e regras sistematizou os assuntos voltados à camisa verde e seus detalhes. Tamanha importância de seu texto se dá, pois

Em *Protocolos e Rituais*, cada padrão comportamental previsto vem com uma carga de solenidade e responsabilidade muito forte, levando o executante a acreditar que a falha pessoal pode comprometer o sucesso do movimento e conseqüentemente, desapontar o Chefe Nacional: um único homem que assumiu para si o pesado fardo de conduzir uma nação de proporções colossais rumo ao progresso e ao “prestígio internacional”.<sup>424</sup>

Assim, será reproduzido aquilo que consta na documentação acerca dos uniformes e seus acessórios. No que diz respeito aos distintivos, mesmo já havendo sido aqui exposto brevemente na seção “5.2.1 Simbologias brasileiras: da república ao integralismo”, tem-se:

#### O Distintivo

Art. 19 - O Distintivo, para uso dos Integralistas, terá os seguintes característicos: um Sigma maiúsculo preto sobre o mapa do Brasil em azul real, dentro de um círculo de prata. (Art 54 dos Est.).

Art. 20 - O Distintivo para as senhoras e senhorinhas será o seguinte: as bandeiras nacional e integralista cruzadas e entrelaçadas, em panóplia, tendo ao centro um Sigma preto de orlas prateadas sobre uma esfera branca, também de orla prateada, conjunto esse que tem por fundo um frontal em azul real e orla prateada, que começa à altura da esfera branca da bandeira integralista e de esfera azul da bandeira nacional, em linhas perpendiculares ao perfil das ditas bandeiras, quebrando-se em ângulo reto e projetando-se em verticais, onde quebram novamente prosseguindo em paralelas à vertical dos perfis, e, em seguida, acompanhando a curva da esfera

<sup>423</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937. p. 3-6; 11-14.

<sup>424</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. Simbologia e sugestão: ideal de homem integral em protocolos e rituais (1937). **Temáticas**, Campinas, v. 20, n. 39, p. 181-198, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.20396/tematicas.v20i39.11443>>. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11443>>. Acesso em: 9 set. 2024. p. 188-189

branca, sendo a parte superior do frontal cercada por uma guirlanda de louros em disposição descendente.

Art.21 - Os Plinianos terão distintivos especiais, aprovados na S.N.A.F.P.

§ único - Os grupos de Plinianos usarão uma bandeira-distintivo - Bandeira Pliniana, - de 0,70 x 0,50cm e constituída de um retângulo azul, tendo ao centro um círculo branco de 0,30cm de diâmetro, com uma cercadura preta, e o Sigma com cinco estrelas azuis representando o Cruzeiro do Sul.

Art. 22 - A Secretaria Nacional de Educação terá distintivos esportivos privativos dessa secretaria.

Art. 23 - Os distintivos acima referidos são oficiais e o seu uso é obrigatório para todos os Integralistas, salvo quando se acharem de camisa verde ou quando houver ordem superior em contrário.

§ 1º - Será criado um distintivo especial para uso dos estrangeiros, inscritos no setor “Amigos do Brasil”.

§ 2º - Os distintivos esportivos devem ser usados sobre a camisa verde.<sup>425</sup>

Figura 25 – Distintivo masculino



Fonte: Acervo AIB/PRP-DELFOF/PUCRS, fundo AIB. Imagem da autora.

Com relação a camisa verde, tem-se:

Art. 26 - O uniforme dos Integralistas, aprovado pelo Ministério da Guerra, em 22 de Junho de 1934, e ainda em visto, é o seguinte:

a) Camisa simbólica de cor verde inglês, de colarinho pregado e preso por botões nas pontas; passadeiras de 6 cms na base e 5 nas pontas que devem ser em semi-círculo, terminando a 1 cm do colarinho; dois bolsos à altura do peito com pestanas retas abotoadas; no terço médio do braço esquerdo, um círculo branco com 9,5 cms de diâmetro, circundado por um vivo preto de 0,5 cm de largura, e sobre o campo branco um sigma preto, cujas dimensões serão de 7cms por 6 cms.

b) Gravata de tecido preto, liso, com laço vertical caída até próximo ao cinto.

c) Gorro verde da cor da camisa, de duas pontas, com distintivo idêntico ao do braço colocado do lado direito, com as seguintes dimensões: 4 cms para o diâmetro do círculo, 0,5 para o friso envolvente e 2 cms por 1,5 cms para o sigma.

d) Cintos e sapatos, de preferência, pretos.

(Para detalhes e maior rigor no uniforme, consultar o Reg. do C.T.N. da S.N.E)

§ 1.º - É proibido o uso de suspensórios com a camisa verde. É também proibido usar a camisa verde em desalinho ou com a manga arregaçada.

§ 2.º - Nos Distritos e Núcleos Rurais será permitido o uso da calça kaki.

Art. 27 - A camisa integralista deve ser confeccionada, de preferência com tecido de brim ou de algodão, de fabricação nacional.

<sup>425</sup> MONITOR INTEGRALISTA, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937. p. 3.

Art. 28 - As senhoras e senhorinhas usarão a mesma camisa, com saias pretas ou brancas, simples (tipo “tailleur”), sendo adotada também a blusa-verde com gola aberta e as mangas curtas (“Monitor” n.º 9); chapéu de fustão ou brim branco com uma copa de seis gomos e uma aba de 6 cms pespontada, levando uma fita de gorgurão preto.

Art. 29 - Os Plinianos usarão a mesma camisa integralista, sendo a gravata substituída por um lenço branco com passador de couro ou de pano verde, calça branca ou azul, culote preto, com meia sou perneiras de couro ou lona; casquete integralista preta, para passeio e chapéu para as excursões, bivaques, acantonamentos e acampamentos.

Art. 30 - A Secretaria Nacional de Educação terá uniformes especiais de esportes.<sup>426</sup>

Ao observar a regulamentação da camisa verde e seus pormenores, emerge-se uma reflexão em relação à gravata. Os uniformes são altamente específicos e deliberadamente calculados para produzir uma certa gama de técnicas corporais e, por isso, uma gravata, ao fazer parte da uniformização, simboliza restrição, limpeza, personalidade pública.<sup>427</sup> No caso da AIB, que pretendia ser uma milícia uniformizada, o uso da gravata não só evidencia esses atributos elencados, como também remete ao caráter civil do movimento. Por mais que houvesse a ambição em criar uma ala para combate, o lado puramente militar é colocado de lado ao dispor do acessório. A gravata emerge o *status* de indivíduo não pertencente às forças armadas, ou seja, indica que o Camisa-verde é um ser civil, que se coloca à disposição de uma causa e, caso seja necessário o combate, esteja de prontidão para lutar pelo seu ideal.

Por fim, com relação às insígnias, tem-se:

Das Insígnias

Art. 37 - Todas as autoridades integralistas usarão insígnias (passadeiras), relativas a seus cargos (“Monito” n.º 16), sendo proibido, em serviço ou em quaisquer atos oficiais, o uso da camisa verde sem as competentes insígnias.

§ único - Os membros do Supremo Conselho Integralista, da Câmara dos Quarenta, da Câmara dos Quatrocentos, do Conselho Jurídico e de outros órgãos coletivos são obrigados a apresentar-se em suas reuniões e solenidades e atos oficiais com as respectivas insígnias.

Art. 38 - As senhoras usarão, como distintivos dos seus cargos, as mesmas insígnias usadas pelos Integralistas.

Art. 39 - Os Plinianos terão insígnias especiais.

Art. 40 - A Secretaria Nacional de Educação também terá insígnias especiais esportivas.

Art. 41 - O Sigma nas ombreiras e a esfera armilar de ouro no peito são privativos do Chefe Nacional.

Art. 42 - O Secretário Assistente e as altas autoridades do Gabinete da Chefia Nacional usarão cordões dourados (alamares) pendentes do ombro direito e em volta ao braço e os membros dos Gabinetes Provinciais Municipais e Distritais de pano azul e branco, pendentes do ombro esquerdo e em volta ao braço de acordo com os modelos aprovados. A S.N.E. e a S.N.A.F.P poderão usar também cordões e torções azul e branco nas organizações esportivas e plinianas. O Secretário Nacional de

<sup>426</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937. p. 3-4.

<sup>427</sup> CRAIK, Jennifer. The Cultural Politics of the Uniform. **Fashion Theory**, v. 7, n. 2, 2023, p. 127-47. DOI: <<https://doi.org/10.2752/136270403778052140>>. Acesso em: 17 jul. 2024. p. 129.

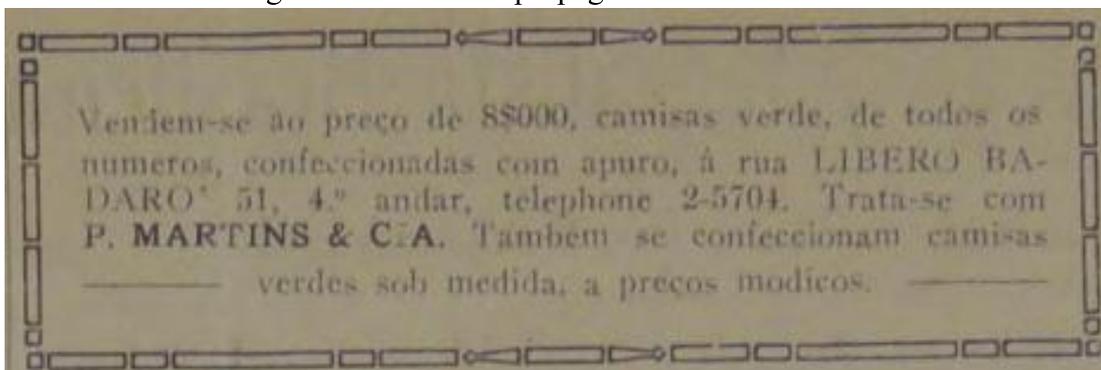
Educação e o Chefe do Conselho Técnico Nacional usarão alamares dourados, sistema “Forraguer”.

Art. 43 - O Integralista que exercer mais de um cargo, usará, obrigatoriamente, nas passadeiras, as insígnias do cargo mais elevado, e gozará das regalias do maior cargo, salvo os que exercerem funções efetivas na S.N.E.<sup>428</sup>

Paralelamente, uma questão necessária de se levar em consideração ao pensar no uniforme integralista é como os Camisas-verdes adquiriam sua indumentária. Pela abrangência nacional do movimento, é difícil apreender a totalidade de modos de comprar a camisa verde. No entanto, ao analisar os periódicos, sejam os de circulação nacional, seja aqueles locais, percebe-se a publicação de propagandas diversas que publicizavam lojas que vendiam o uniforme. No *Monitor Integralista*, o boletim oficial da AIB, ao longo de seu funcionamento, entre 1933 e 1937, foram estampadas propagandas de camisarias e lojas em que comercializavam a camisa.

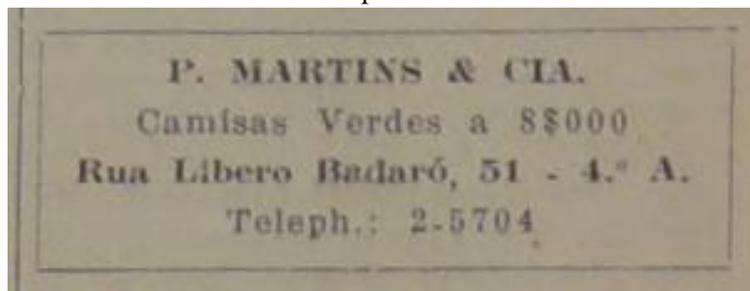
Desde sua primeira publicação, há a presença de lojas em específico, que irão compor a grande maioria das edições do jornal. Ressalta-se em primeiro lugar a “P. Martins & Cia”, estampada no exemplar de n. 1 do *Monitor Integralista*.

Figura 26 – Primeira propaganda de camisa verde



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 1, primeira quinzena de dezembro de 1933. p. 4.

Figura 27 – “P. Martins & CIA” presente no “Indicador Profissional”

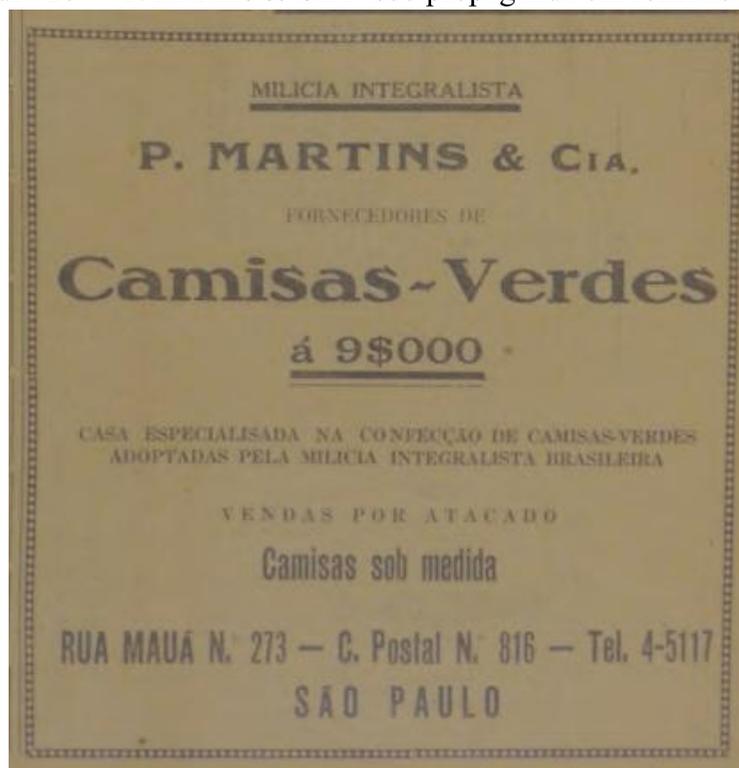


Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 4, segunda quinzena de janeiro de 1934, p. 4.

<sup>428</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937. p. 4.

Com o andar do movimento e a capilarização de seus núcleos e arregimentação de novos membros, o *Monitor Integralista* passou a modernizar a diagramação de suas páginas. Por isso, não só alterou o volume de páginas, como começou a estampar propagandas mais trabalhadas, como:

Figura 28 – “P. Martins & CIA” sob propaganda em formato novo



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, maio de 1934. p. 12

Figura 29 – “P. Martins & CIA”



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 7, segunda quinzena de agosto de 1934. p. 2

Não só a camisa, como também os distintivos a serem adquiridos passaram a ser contemplados nas propagandas. Ressalta-se a sua publicização justamente no momento em que houve uma maior ordenação das insígnias para cargos civis e a reorganização da milícia, como evidenciado acima.

Figura 30 – Propaganda distintivos integralistas



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 2.

A partir da décima edição do Monitor Integralista, novas propagandas foram surgindo, diversificando seu conteúdo. É observada, por exemplo, a publicidade de uma sociedade cooperativa de aquisição de imóveis. Além disso, com a transferência do escritório do periódico de São Paulo para o Rio de Janeiro,<sup>429</sup> a localidade das lojas também deveria sofrer alterações. Assim, novas lojas começaram a surgir, como fica evidente:

Figura 31 – “Laurenty &amp; Khoury Ltda”



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 11, 25 de agosto de 1935. p. 2.

<sup>429</sup> “O jornal, até a edição n. 10, possuía como base um escritório na sede central de São Paulo-SP, sendo transferido para o Rio de Janeiro-RJ entre a nona e décima edição, ou seja, entre março a maio de 1935.” FERREIRA, Ana Júlia; SILVA, Larissa Frazão. Propaganda e imaginário social na imprensa integralista: os casos de *A Offensiva* e *Monitor Integralista*. **História e Cultura**. v. 13, n. 1, p. 198-224, ago. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/213>>. Acesso em: 21 ago. 2024. p. 211.

Mesmo não abandonando a publicização das lojas de São Paulo, é importante assinalar que as lojas também se adequaram ao fato da milícia ter sido extinta, de modo a perceber no texto das propagandas, como fica claro ao comparar a Figura-x e a imagem abaixo:

Figura 32 – “P. Martins & CIA” sem a milícia



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 11, 25 de agosto de 1935. p. 5.

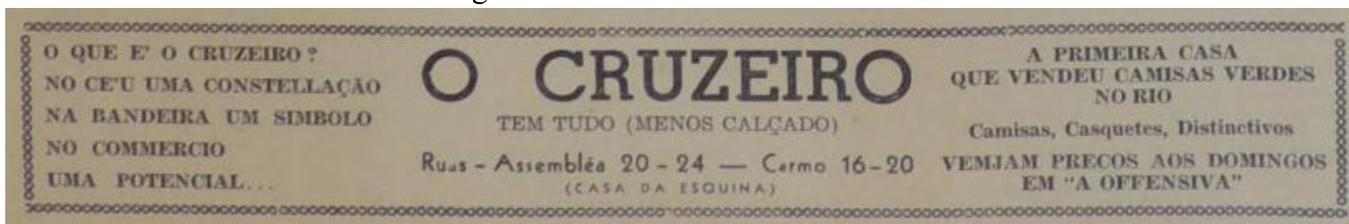
No mais, assinala-se outras propagandas contidas nas edições que se seguem.

Figura 33 – “Laurento Laurenti”



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 12, 03 de outubro de 1935, p. 8.

Figura 34 – “O Cruzeiro”



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 15, 03 de outubro de 1936. p. 6.

Figura 35 – “Magalhães Sucupira & Cia”



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 16, 05 de dezembro de 1937. p. 12.

Tal loja “Magalhães Sucupira & Cia” está presente em um gorro verde no DELFOS, de modo a ser possível constatar sua etiqueta.

Figura 36 – Gorro verde da “Magalhães Sucupira & Cia”



Fonte: Acervo AIB/PRP-DELFOS/PUCRS, fundo AIB. Imagem da autora.

Figura 37 – Etiqueta “Magalhães Sucupira & Cia”



Fonte: Acervo AIB/PRP-DELFOFOS/PUCRS, fundo AIB. Imagem da autora.

Figura 38 – “Carlos Will Medalhas e Distintivos”



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 19, 12 de maio de 1937. p. 16.

Além disso, as próprias sedes faziam a venda dos artigos importantes de serem utilizados pelos membros da AIB. Não se sabe a abrangência dos núcleos que realizavam tal empreendimento, porém sabe-se que aquele localizado no Rio de Janeiro continha uma “Intendência”, como consta:

Figura 39 – “Intendência”



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 20, 11 de julho de 1937. p. 10.

Portanto, como ficou claro após essa exposição, a camisa verde integralista possui uma trajetória no seio do movimento, sendo conjunta e, ao mesmo tempo, refletindo a história da própria AIB. Desde a mudança de cor ao seu envolvimento com a milícia, a camisa verde possuiu um protagonismo na cronologia e na narrativa dos integralistas. A constante necessidade de ordenamento de seus detalhes espelhava a ordem e disciplina, requisitos tão valorizados no movimento de Plínio Salgado.

### 3.2 A DOCTRINA INTEGRALISTA E A CAMISA VERDE

Em janeiro de 1936 a revista *Anauê!* publicou o artigo de Leo M. Monteiro intitulado “Tragam-me uma camisa verde”.<sup>430</sup> O escrito é iniciado a partir de um alerta para a invasão russa no Brasil e, conseqüentemente, para as ideias comunistas.

Moscou na sua tarefa ingente e diabólica, consertou invadir o nosso País, acumpliciado com a apatia de uns, indiferença de muitos, inconsciência de grande parte e ajuda de alguns de seus filhos e após um trabalho perseverante e continuado onde todos os recursos foram julgados bons para colimar seus fins de conquista para gáudio de seus interesses [...] Lá fora na rua consumava-se o crime: o sangue dos nossos soldados e oficiais barbaramente assassinados até dormindo; os saques e pilhagens a bancos e casas comerciais; a desonra que invadiu inúmeros lares, como uma rajada de assombro percorreu toda a Nação e positivou o que os Integralistas estavam cansados de denunciar há mais de dois anos. Os fatos, portanto, aí estão.

<sup>430</sup> **ANAUE!**, Rio de Janeiro, n. 6, primeira quinzena de janeiro de 1936. p. 24.

Que esperam para se definirem aqueles que vivem narcotizados pelo ópio dos partidos políticos?<sup>431</sup>

Ao sugerir a passividade cega daqueles que são ludibriados por partidos políticos, o autor procura demonstrar nas entrelinhas que o integralismo era muito além de um partido com ideias ilusórias, de forma que ele termina seu texto com a seguinte passagem:

Aqueles que tiverem amor à sua Pátria e à sua família que façam um exame de consciência e perguntem a si próprios: estarei eu defendendo realmente os interesses da minha Pátria, a segurança da minha religião, o futuro de minha Família ou estarei servindo apenas fábrica de votos, maquina de pagar impostos, preso aos irracionais que se atiram uns contra os outros em lutas inglórias e fratricidas servindo de pasto a uma política sem finalidade e destinada a levar o país à ruína! Se vossa consciência dizer que estais cumprindo o vosso dever, ficai onde estais. Caso contrário, armai-vos de coragem. Rompei com os preconceitos e as falsas ilusões de um regime que já toca a finados em todo o Universo e que agoniza nosso País e gritai bem forte: TRAGAM-ME UMA CAMISA VERDE.<sup>432</sup>

Nota-se: não foi preciso mencionar a causa integralista, ou outras palavras que façam referência ao movimento, uma camisa verde bastou para transmitir a mensagem almejada. Assim, o que esse breve artigo ilustra é a transferência do ideal integralista para a indumentária uniformizante. A camisa verde, como sugerido, incorpora toda a luta e utopia buscada pelos militantes, oferecendo uma “verdade” aos seus usuários; é como se a camisa fosse uma armadura e uma arma. Seja este escrito, seja o poema de Mayrink, ambos procuram evidenciar um caráter extraordinário e fantasioso no qual uma roupa pode assumir no interior de uma coletividade. O fato de propor, em “gritos”, que levem para o ser em agonia uma camisa verde, evidencia a urgência interna desses indivíduos perante os perigos iminados pelos comunistas, bem como sua salvação através dos preceitos do integralismo. Para aqueles que possuíam consciência dos riscos, como também do dever dos sujeitos em neutralizar essa ameaça, a defesa do país e da família estava intrínseca a usar a camisa verde. Logo, o ponto de partida para se tornar integralista e ser um Camisa-verde é usar a camisa verde.

Dessa forma, a indumentária uniformizante fez parte das dinâmicas internas e externas da AIB ao longo de sua existência. Seu protagonismo no seio do movimento formalizou o uniforme e o vestir como uma síntese verbal e material do que era ser integralista, externando e simbolizando seu ideal. A camisa verde uniformizava e homogeneizava todos, sem exceção, a um só propósito, conduzindo-se como o “sagrado símbolo do Movimento do Sigma”.<sup>433</sup>

<sup>431</sup> ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 6, primeira quinzena de janeiro de 1936. p. 24.

<sup>432</sup> *Ibid.*

<sup>433</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 13.

Semelhantemente, oferecia uma nomeação característica e inconfundível, ao mesmo tempo que realizava uma de suas mais importantes operações: sinalizar a opinião política de quem a estava vestindo. Os Camisas-verdes vestiam a sua causa e dotavam aquele corpo vestido de uma significância profunda.

Rui Arruda, em sua entrevista a Hélió Trindade, publicada anonimamente no livro *A Tentação Fascista no Brasil* (2016), deu a seguinte resposta quando indagado sobre a ideia da criação da camisa:

Da camisa, eu não sei se foi ele mesmo [Plínio Salgado], talvez baseado na seguinte necessidade, porque a camisa surgiu como imperativo de forçar a fixação do elemento à nova ideia. Isto forçava mais a agregação, porque o sujeito então é obrigado a defender as suas [ideias] a todo o preço, porque estava vestido delas. Mais por essa necessidade. [...] A dança das ideias e do pensamento é de composição de tolerância, então era preciso que a camisa viesse para que o sujeito fosse intolerante na defesa das suas ideias.<sup>434</sup>

Mesmo sendo contrário ao uso da camisa verde,<sup>435</sup> Arruda acreditava que “o integralismo continha o fascismo e o superava”.<sup>436</sup> Ele afirmou que não se sentia mal usando a veste, por “outras razões, ou talvez achasse esquisito usar a camisa”.<sup>437</sup> Sua contribuição a Trindade foi de grande valia, pois “o dirigente nacional tinha uma vivência cotidiana na AIB em função de suas atribuições, que o colocavam em contato permanente com o Chefe da AIB.”<sup>438</sup> Por isso, em uma outra pergunta quanto às razões da criação da camisa, ele respondeu:

As razões sempre foram ditas e tidas como certas, como sendo a necessidade de marcar os elementos que ingressavam no integralismo, a fim de se separarem das tolerâncias ideológicas. Então o sujeito que vestia uma camisa verde estava definitivamente separado de qualquer outro, mesmo que não soubesse bem o que era integralismo ainda, mas só o fato da camisa separava e obrigava o sujeito ser um pouco intolerante doutrinariamente.<sup>439</sup>

Nos dois momentos, ele reitera a questão da promoção de intolerância que a camisa verde introduziu ao militante que a vestia, marcando a diferença entre quem a usava dos demais. A consciência para com a doutrina da AIB parecia ser uma ocasionalidade, uma vez que o uniforme por si só afirmava qual ideia professava, como também aquela a ser contrária,

<sup>434</sup> TRINDADE, Hélió. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 237.

<sup>435</sup> *Ibid.*

<sup>436</sup> *Ibid.*, p. 227.

<sup>437</sup> *Ibid.*, 237.

<sup>438</sup> *Ibid.*, p. 214.

<sup>439</sup> *Ibid.*, p. 237-238.

o materialismo. Nessa mesma conversa, Arruda também coloca que o movimento tinha ciência de que a camisa era usada em outros países, com outras cores; “a necessidade disso é que pôs a camisa em função.”<sup>440</sup> Tal demanda sugere a operação em atrair e arregimentar novos indivíduos para o movimento, uma forma de se aproveitar do embalo internacional no qual o fascismo vinha alcançando e lograr no Brasil um movimento que fosse próximo a esses.

Dario Bittencourt, dirigente “provincial”, não só afirmou que Salgado “tinha alguma simpatia” por Mussolini, como também esse último “deve ter influído” o próprio integralismo.

[E]sta influência do fascismo existiu também no Rio Grande do Sul. O nazismo da Alemanha levou os elementos teutos e os ítalo-brasileiros a ingressar no integralismo; isto é indisfarçável. [...] Aqui mesmo em Porto Alegre havia, antes do integralismo, desfiles dos camisas pardas e os camisas [p]retas. Nos feriados alemães e italianos eles andavam assim pela rua. Então nós tivemos que fazer uma coisa nossa, a camisa verde era nossa.<sup>441</sup>

Maria Amélia Salgado Loureiro sugeriu essa mesma questão, a necessidade de atrair os imigrantes italianos e alemães seduzidos pelas ideias em vigor em suas terras natais.<sup>442</sup> A camisa verde oferecia essa operação, era uma forma convenientemente simples de dispor uma opção local de camisa colorida aos indivíduos que demandavam essa maneira de se inserir no cenário político. Os casos europeus contagiaram todo o mundo, e o integralismo ofertava não só a camisa, como também uma doutrina aproximada dos fascismos do velho mundo.

Mesmo assim, o descontentamento com os símbolos externos alcançou outros Camisas-verdes, de forma que eles afirmaram tal questão para Trindade anos mais tarde. Tal manifestação de desagrado deve ser observada com cautela, pois ela pode não refletir um caráter verdadeiro, visto que a camisa colorida é uma forma de relacionar o integralismo ao fascismo. Quando as atrocidades do fascismo vieram à tona após 1945, os integralistas encontraram problemas em não serem identificados pelos tempos em que se aproximaram ao fenômeno autoritário. Após essa data, o discurso de Plínio Salgado, por exemplo, modificou-se. O inimigo não era mais o liberalismo e o materialismo, mas sim o próprio fascismo.<sup>443</sup>

<sup>440</sup> TRINDADE, Hélió. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 237.

<sup>441</sup> *Ibid.*, p. 344.

<sup>442</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001. p. 201.

<sup>443</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 29.

No entanto, na década de 1930, todos fizeram o uso da camisa verde. Olympio Mourão Filho, também dirigente nacional, confidenciou a Trindade seu desagrado “ao uso dos símbolos externos do fascismo pelos integralistas: camisa, saudação, símbolos e ritos, pois considerava que havia uma contradição entre o uso dos símbolos de uma "organização totalitária" num movimento que se pretendia ‘democrático’.”<sup>444</sup> Nesse sentido, ele afirmou:

Então eu dizia ao Plínio: isto vai nos confundir perante o mundo. Porque ninguém vai se dar ao trabalho de ver a nossa doutrina. Acaba com o juramento, acaba com o sigma, acaba com tudo isto. E ele dizia, "se eu acabar com tudo isto, eu acabo com o integralismo". Ele achava que a propaganda, que isto motivava, porque a população mais ignorante do nosso país não estava em condições de compreender a doutrina, mas que eles tinham orgulho em vestir uma camisa verde.<sup>445</sup>

Tal colocação de Plínio Salgado, através de Mourão Filho, torna-se aqui notável ao sugerir a importância na qual os símbolos e os ritos alcançaram na AIB. O próprio “Chefe Nacional” compreendia essas expressões como sendo essenciais à manutenção do movimento e de sua coletividade. Por sua vez, a camisa verde desempenhou um papel doutrinário próprio, como também um papel revolucionário e moral. Se a doutrina em si não era concebida em sua totalidade pelos militantes, já que temas como corporativismo, “Estado Integral” ou a “Quarta Humanidade” não poderiam ser compreendidos por todos os militantes, a camisa ofereceu um recurso para crer nos preceitos integralistas.

O ditado popular “fulano veste a camisa”, aqui, se torna muito visível. Essa expressão mostra aqueles que se entregam totalmente a uma meta, exemplificando o comprometimento e a dedicação daqueles que investem de coração e se empenham intensamente em uma tarefa. É uma figuração dos indivíduos comprometidos com sua coletividade. Em sua entrevista a Trindade, Alceu Amoroso Lima, menciona uma importante afirmativa ao dialogar acerca de nomes que de fato foram integralistas. Ele refere-se a “Américo Lacombe, que foi integralista de camisa”.<sup>446</sup>

De forma a aludir àqueles que se inseriram nas fileiras do movimento e defendiam os ideais integralistas, Lima emerge a camisa verde como indicativo de um vínculo de pertença para além do nome anterior, ao qual “O Cândido Motta foi absolutamente simpatizante, mas não creio que ele fosse integralista como tal.”<sup>447</sup> Logo, fazer o uso da camisa, ou ser um “integralista de camisa” indicava uma inserção mais profunda ao movimento do que ser um

<sup>444</sup> TRINDADE, Hélijo. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 305.

<sup>445</sup> *Ibid.*, p. 307-308.

<sup>446</sup> *Ibid.*, p. 567.

<sup>447</sup> *Ibid.*

mero “simpatizante”. Através da compreensão do líder católico, o que qualificava ser integralista “como tal” era vestir a camisa, de forma literal, como também de maneira figurativa, ao aludir uma defesa das ideias do movimento.

Por isso, ao vestir a camisa verde integralista, o Camisa-verde se comportava como um integrante na defesa da “revolução integralista”. Sua função revolucionária indicava ao usuário do uniforme uma posição de defesa das ideias transformadoras à ordem vigente. Por ela denotar o “símbolo do seu idealismo, todo integralista deve ter orgulho de envergá-la.”<sup>448</sup> Assim, a camisa verde, ao estabelecer uma ligação entre o ser vestido e a proposição revolucionária da indumentária, indicava que a sua revolução não era comum, mas sim de “sentido mais alto e profundo”.<sup>449</sup> Ela se processava em dois planos simultaneamente, aquele espiritual mediato e o outro cultural, imediato.<sup>450</sup> O objetivo do plano espiritual mediato levaria anos de doutrinação, educação constante das massas e do esforço individual de cada um. Por sua vez, o plano cultural é imediato, já que o Brasil necessitava, às pressas, de uma transformação do Estado, de forma que lograria uma nova forma de lidar com os problemas.<sup>451</sup>

Espiritualmente, o integralismo conservava uma

linha realista, crenes de que uma obra sistemática de educação individual e das massas elevará a medida das virtudes morais e cívicas do povo brasileiro, cuja estrutura mais íntima nos revela traços de superioridade incontestável. Essa obra de educação é que nós chamamos a “revolução espiritual” e é em razão dela que nos distinguimos tanto do Fascismo como do Hitlerismo, imprimindo um sentido profundo ao nosso movimento.<sup>452</sup>

O integralismo, por isso, carregava em si duas revoluções, de forma que havia uma revolução objetiva, aquela pautada no “princípio da autoridade do Estado e do conceito ético do Estado. Esse princípio se origina da própria concepção do Universo e do Homem, encarados do ponto de vista, totalitário, ou integral”<sup>453</sup>. Paralelamente, havia a revolução subjetiva, a revolução do interior<sup>454</sup> dos homens, de modo que o integralista

sabe tudo que deve dar à sua Pátria, que nada deve pedir a ela. Sabe que sofrerá injustiças, será ridicularizado por muitos e até apontado como louco. Abrasado pela

<sup>448</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 1.

<sup>449</sup> SALGADO, Plínio. **A Doutrina do Sigma**. São Paulo: Ed. Verde-Amarelo, 1935. p. 13.

<sup>450</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>451</sup> *Ibid.*

<sup>452</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>453</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>454</sup> *Ibid.*, p. 18.

divina loucura do amor da Pátria, ele a tudo será surdo. Suportará com alegria todas as perseguições que porventura lhe façam por ser integralista. Sofrerá a agressão dos comunistas, defendendo-se, mas sem ódio, porque o comunismo é um fenômeno de dor num espírito desorientado pelos maus. Nunca deixará de cumprir uma ordem de seus superiores, ainda quando a julgue errada, porque uma ordem certa e discutida torna-se mais perniciosa do que uma errada e cumprida, porque esta, pelo menos, prestigia o princípio da autoridade e revela em quem obedece o triunfo moral sobre si próprio. Quem não sabe obedecer jamais saberá comandar e o Integralismo é também uma escola de comandantes.<sup>455</sup>

Por todas essas proposições que a doutrina integralista almejou, a camisa verde incorporou e exteriorizou o ideal revolucionário dos Camisas-verdes. Se a doutrina previu essas mudanças na sociedade brasileira, seja institucionalmente, seja socialmente, o uniforme se portou como um recurso material em apresentar a síntese dessas transformações almejadas ao mundo. Ele auxiliou em professar que aquela coletividade uniformizada estava subordinada à doutrina integralista e as suas proposições, conseqüentemente, denotando o acatamento às ordens previstas e à liderança hierárquica da AIB. Assim, a ordem e a disciplina eram valores essenciais ao movimento, de forma que o integralismo “surge como a única força capaz de implantar ordem, disciplina”.<sup>456</sup>

Sobre a disciplina e sua autoridade, Plínio Salgado dissertou:

Que a nossa disciplina seja rígida e o Chefe seja intransigente na sua manutenção; mas que essa disciplina não seja inspirada nunca em possíveis super qualidades de um homem, e sim na clarividência de uma ideia revolucionária, que se concretizar na autoridade humana. Pois essa é a autoridade que quero manter durante a Revolução Integralista. Essa é a autoridade que quero na execução futura de um plano de Estado. Essa é a autoridade que dignifica a massa humana porque reflete suas próprias possibilidades. Fora desse conceito de autoridade e de força, não há mais do que cegueira dos instintos aterrorizados das turbas e eu não quero um dia governar como um Faraó, e sim como um homem do século XX, realista, equilibrado, humano, homem como os outros, intérprete fiel dos corações e dos cérebros, síntese da própria revolução.<sup>457</sup>

A suprema liderança de Salgado, a personificação da doutrina integralista, viabilizaria a instauração da harmonia social que “Estado Integral” emergiria. Prevendo qualquer supressão quanto às diferenças de classes, raça e cor, o integralismo teria ao seu dispor uma sociedade orgânica e homogeneizada<sup>458</sup>, de forma que as camisas verdes se inserem nessa lógica, como o poema de Mayrink sugeriu: “Porque hoje, felizmente, o mesmo pano cobre o peito do plebeu como o peito do nobre - vestindo o branco e o preto - o grande e o

<sup>455</sup> SALGADO, Plínio. **A Doutrina do Sigma**. São Paulo: Ed. Verde-Amarelo, 1935. p. 28-29.

<sup>456</sup> SALGADO, Plínio. **O que é o Integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933. p. 54.

<sup>457</sup> SALGADO, Plínio. **Cartas aos Camisas Verdes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 195-196.

<sup>458</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

pequenino”.<sup>459</sup> A camisa, por sua vez, seria um recurso em extinguir as diferenças entre todos os membros da AIB, dado que ela seria um só “pano” a revestir, de maneira igual, todos os seres que são diferentes pelas condições que o Brasil e o mundo se encontravam. Após o emergir do integralismo e de suas proposições futuras, essas discrepâncias seriam superadas:

O que nós desejamos dar ao operário, ao camponês, ao soldado, ao marinheiro é a possibilidade de subir conforme a sua vocação e seus justos desejos. Pretendemos dar meios a todos para que possam galgar, pelas suas qualidades, pelo trabalho e pela constância, uma posição cada vez melhor, tanto na sua classe, como fora dela e até no governo da Nação. Nós não ensinamos ao operário a doutrina da covardia, da desilusão, do ódio, da renúncia, como o comunismo, ou a anarquia; a doutrina da submissão, do ostracismo inevitável, da conformação com as imposições dos políticos, como a democracia liberal. Nós ensinamos a doutrina da coragem, da esperança, do amor à Pátria, à Sociedade, à Vida, no que esta tem de mais belo e de conquistável, da ambição justa de progredir, de possuir os bens, de elevar-se, de elevar a família. Não destruímos a pessoa, como o comunismo; nem a oprimimos, como a liberal-democracia; dignificamo-la. Queremos o operário, com garantia de salários adequados às suas necessidades, interessando-se nos lucros conforme o seu esforço e capacidade; de frente erguida, tomando parte em estudos de assuntos que lhes dizem respeito; de olhar iluminado, como um homem livre; tomando parte nas decisões do governo, como um ente superior.<sup>460</sup>

Por essas proposições, os *Protocolos e Rituais* sugerem que nenhum desvio quanto às improvisações no uniforme não era tolerado.<sup>461</sup> Todos deviam seguir as regras previstas para a indumentária oficial, assim como tudo presente na legislação organizadora, sendo ela altamente burocratizada e estruturada. Em vista disso, segundo consta nessas normas, pela camisa ser o símbolo do idealismo integralista, todos os integralistas devem ter sempre pronta a camisa para seu uso, para ser vestida a qualquer momento. Mesmo quando em viagens particulares, a camisa deveria ser conduzida na mala.<sup>462</sup> Aqueles que ocupam cargos na AIB, deveriam sempre estar usando sua camisa quando no exercício de sua função, ou presentes em qualquer reunião ou solenidade da AIB. Aos demais integralistas só era exigido o uso da camisa verde nas concentrações e desfiles, ou quando alguma autoridade determinar.<sup>463</sup>

A fim de professar uma ideia de ordem e organização, a camisa verde jamais deveria estar desalinhada, com as mangas arregaçadas ou usadas juntamente a um suspensório. Eram proibidas pelas normas essas interferências à perfeita apresentação dos Camisas-verdes.<sup>464</sup>

<sup>459</sup> MOTTA, José Mayrink de Souza. Minha camisa verde. In: **Enciclopédia do Integralismo - volume VII**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 135. p. 135.

<sup>460</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 7-8.

<sup>461</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 11-13.

<sup>462</sup> *Ibid.*, p. 12-13.

<sup>463</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>464</sup> *Ibid.*, p. 11.

Nos momentos de uso obrigatório do uniforme, subentendia-se que seria sem o paletó.<sup>465</sup> De forma a controlar a maneira pela qual os integralistas envergavam a camisa, havia uma série de proibições, mesmo quando ela estivesse abaixo de um paletó:

- a) tomar bebida alcoólica em lugares públicos;
- b) danças, a não ser em casas particulares ou em festas constituída exclusivamente de Integralistas e pessoas que tiverem ingresso entre os Integralistas;
- c) jogar jogos de azar ou assistir a esses jogos;
- d) frequentar cassinos ou lugares duvidosos.<sup>466</sup>

Em relação a essa última, uma norma a mais se dava. Frequentar cassinos e, especialmente, lugares duvidosos era proibido a todos os integralistas, mesmo quando não fazendo o uso da camisa verde. Constituiria uma falta de consciência ao indivíduo. Caso fosse feito tal transgressão com a camisa, equivaleria a uma falta disciplinar ao sujeito que desrespeitasse o sagrado símbolo do Movimento do Sigma”.<sup>467</sup> Por isso, nos dias de carnaval e na mi-carême,<sup>468</sup> a camisa verde não deveria ser usada, e quando houvesse ordem superior em contrário.<sup>469</sup> Essa regra claramente emerge um temor ao fato da camisa verde, uma manifestação da excelência integralista, ser confundida como uma fantasia e ter sua moralidade abalada.

O uniforme deveria ser respeitado, pois era uma representação sagrada do movimento e da sua causa; usá-lo em festividades que não as do movimento era um desrespeito, já que o papel das fantasias é justamente permitir que o ser fantasiado assuma outra posição que não a sua, subvertendo os papéis de quem a use. O tom lúdico e de brincadeira ofertado pela fantasia ia de desencontro à tonalidade moral que os integralistas buscaram inserir na camisa verde. Ela era um instrumento disciplinador e moralizador, arquitetada milimetricamente para outorgar ao mundo como a “revolução integralista” era digna de apreço e obediência. Caso houvesse algum desvio de decoro aos trajados com a camisa, denotaria a imagem do movimento uma falta de capacidade de condicionar seus membros a uma ordem e disciplina. Em função disso,

Quando um integralista, encontrando-se de camisa verde, for preso por prática de crime comum, não relacionado com o Integralismo, deverá pedir a autoridade

---

<sup>465</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 13.

<sup>466</sup> *Ibid.*

<sup>467</sup> *Ibid.*

<sup>468</sup> Mi-carême é uma festa popular celebrada na quinta-feira da terceira semana da Quaresma em que as crianças usam fantasias.

<sup>469</sup> SALGADO, *loc. cit.*

permissão para despir a camisa verde, a fim de que ela não entre também para a prisão; e quando a prisão for motivada por perseguição política, o Integralista poderá penetrar no cárcere com sua camisa, a menos que a isso se oponha a autoridade, que deve ser respeitada.<sup>470</sup>

Os Camisas-verdes, trajando a camisa verde, ou não, deveriam seguir todas as regras do movimento, já que a “honra integralista impõe que todos obedeçam sem discutir ou comentar ordens superiores. A anarquia provocada pela discussão ou comentário de uma ordem é muito mais danosa que todas as consequências más ou injustas que ela possa produzir.”<sup>471</sup> Todos deveriam ter sempre em mente que o “Integralista é um homem devotado a Deus, à Pátria e à Família. Tem uma grande missão histórica a cumprir. Sua vida deve servir de paradigma.”<sup>472</sup> Em relação aos seus preceitos,

O Integralista não pode permitir em caso algum, a menor ofensa à Nação Brasileira ou aos seus símbolos, às classes armadas e às autoridades do Sigma. Os comunistas e os separatistas, principalmente, devem ser repelidos com energia. Contra os dois maiores inimigos do Brasil, deve o Integralismo estar sempre vigilante, dia e noite, hora a hora, minuto a minuto.<sup>473</sup>

Por tudo isso, entende-se que a camisa verde, para além de ser um símbolo do movimento, se comportava como um ritual. O uso do uniforme era permeado por uma ritualística, um acatamento das normas e regras quanto ao seu modo de revestir os corpos, como em moralizar a forma de conduta desse usuário. A indumentária promovia um culto à doutrina integralista e uma apelação mística aos propósitos da causa integralista. Trajar a camisa era uma forma de performar o fato de ser integralista. Na teoria sociológica, os ritos, perante sua função de agregação simbólica, nada mais fazem do que dar consistência aos ideais sociais.<sup>474</sup>

Portanto, a camisa verde possuiu a incumbência em transpor a todos os seus usuários as ideias promovidas pelo movimento integralista no Brasil. O uniforme unificava todos os membros a partir de uma capacidade de síntese, denotando as proposições revolucionárias que a doutrina previa, como também moralizando os indivíduos com base na própria doutrina e seus valores adjacentes. O papel doutrinário concebido pela indumentária foi de grandiosa importância na manutenção do movimento e na arregimentação dos membros; demonstrou ser

<sup>470</sup> SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 13.

<sup>471</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>472</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>473</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>474</sup> ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade. **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 5, p. 161-167, 2007. p. 163.

uma manifestação local de um fenômeno transnacional que atingiu todas as quatro partes do globo durante o entreguerras.

### 3.3 AS REPRESENTAÇÕES DA CAMISA VERDE

*Despe a camisa verde – imediatista,  
incapaz da renúncia do presente:  
Nem por mudar uma camisa, a gente  
conseguirá fazer-se Integralista...*

*Quem a vestiu, sonhando uma conquista  
Ambiciosa, iludiu-se totalmente: -  
O soldado de Deus não traz em mente  
nenhuma presunção personalista...*

*Integralista é a escola da humildade:  
- Cristo pregando a reforma interior;  
na Judéia do egoísmo e da vaidade...*

*Despe a camisa verde, da revolta  
que não sentiste – ó mísero impostor...  
Anula-te a ti mesmo... e depois volta...<sup>475</sup>*

A camisa verde, por toda vasta bibliografia e expressões do movimento, é sempre sobreposta ao ideal integralista, de forma a simbolizá-lo e externá-lo. Perante às perspectivas dos membros da coletividade regida por Plínio Salgado, como sugerido no poema de Mayrink, aqueles que não se adequavam aos pressupostos, ou não acreditavam na luta e na “Revolução Integral”, deveriam se despir do símbolo supremo do grupo: a camisa verde. Apenas fazer o seu uso não tornava-se suficiente, era necessário crer no ideal, seguindo todas as suas implicações. Assim, por tudo aquilo alcançado e exposto por essa pesquisa, elenca-se nesse momento as representações dos uniformes ao longo das fotografias publicadas na imprensa.

Dispondo de um protagonismo exacerbado entre os membros da AIB, a camisa verde esteve presente na grande maioria das fotos, retratos e imagens veiculadas nos curtos anos de duração do movimento. O uniforme concedia sentido às representações fotográficas, como se aquelas pessoas presentes em seus exemplares se mostrassem para a externalidade e para o mundo como defensoras dos propósitos integralistas a partir do momento em que estavam vestidas com a camisa verde. Ela atuava como um recurso de fácil assimilação ao indivíduo que a usava, visto que não gerava dúvidas de que ele realmente era um Camisa-verde.

<sup>475</sup> MOTTA, José Mayrink de Souza. A Revolução Necessária. In: **Enciclopédia do Integralismo – volume VII**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, s/d. p. 158.

Nesse sentido, as fotografias utilizadas como fonte imagética no campo da História não devem ser interpretadas como ilustração, nem como uma reprodução do real; elas operam como uma representação do real, ou uma intenção em se refletir um tipo de real. De acordo com Hans Belting,

Uma imagem é mais do que um produto da percepção. Surge como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva. Tudo que comparece ao olhar ou perante o olho interior pode deste modo aclarar-se através da imagem ou transforma-se numa imagem. [...] Vivemos com imagens, compreendemos o mundo através de imagens. Esta referência viva à imagem prolonga-se e persiste, por assim dizer, na produção imaginal física, que organizamos no espaço social; semelhante produção relaciona-se com as imagens mentais, à maneira da pergunta e da resposta, para utilizarmos uma fórmula habitual.<sup>476</sup>

A maneira pela qual as pessoas interpretam as imagens “será sempre pessoal, subjetiva e múltipla, não podendo dizer que a imagem será lida da mesma forma por todas as pessoas.”<sup>477</sup> A fonte imagética, para um sentido além de fonte historiográfica, produz uma intertextualidade com outras expressões, como as verbais, orais e literárias, permitindo um diálogo entre imagem e sua contextualização histórico-social e cultural. Os indivíduos assimilam expressões iconográficas e utilizam também seu repertório pessoal para decodificar os signos ali empregados, complementando a intenção do fotógrafo em compor e dispor o cenário a partir de seu olhar.

De acordo com a concepção de que as pessoas compreendem o mundo através das imagens, destaca-se aqui a revista integralista *Anauê!*, fonte principal desta seção em função da intensa publicação de imagens em suas páginas. O surgimento dessa editoração se deu “para ocupar o posto de mais importante no segmento dentro do movimento, com objetivo de, além da doutrinação, garantir a manutenção dos militantes no caminho indicado, ofertando conteúdo mais diversificado e ilustrado.”<sup>478</sup> Com início em janeiro de 1935, a revista conta com 22 edições, assim como o *Monitor Integralista*, e ficou ativa até dezembro de 1937.<sup>479</sup>

<sup>476</sup> BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014. p. 21-22.

<sup>477</sup> SÔNEGO, Marcio J. Ferreira. A Fotografia como fonte histórica. **História**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366/1248>>. Acesso em: 24 ago. 2024. p. 3.

<sup>478</sup> FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista Anauê! (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira - a “netinha” que não cresceu**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p. 88-89.

<sup>479</sup> A revista ilustrada *Anauê!* tinha como propósito “divulgar, em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista [...], pretendendo ser o espelho da alma integralista” (*ANAUE!*, Rio de Janeiro, n. 1, janeiro de 1935). A função desempenhada pela principal publicação integralista na popularização de seu conteúdo jornalístico está intrinsecamente ligada à potência das imagens e cores presentes na revista. Suas capas detalhadas não se limitavam a um papel decorativo ou ilustrativo, mas serviam como uma porta de entrada para seu conteúdo. O material, composto por fotografias, charges e ilustrações, não apenas cumpria o papel de doutrinação, mas também agradava e divertia seu público, orientando-o e convencendo-o. Por meio de uma operação semiológica, os recursos iconográficos presentes nas publicações carregavam significados e discursos relevantes, sendo tão eficazes na prática de doutrinação ideológica e política quanto os textos escritos. A diagramação e o conteúdo de *Anauê!* tornavam a doutrina integralista mais atrativa tanto para seus membros

A quantidade exacerbada de imagens publicadas neste veículo aponta claramente “para uma estratégia de educação visual diferente à utilizada pelas outras revistas ilustradas do momento. [...] As fotografias de *Anauê!* revelam bem como há uma mensagem simbólica, forte, construída em sua coleção.”<sup>480</sup> Dessa forma, uma das intenções da revista era a de publicar imagens de muitos dos núcleos espalhados ao redor do Brasil. Ao representar os membros de cada localidade, percebe-se a semelhança entre as diversas fotografias: os Camisas-verdes, uniformizados, em posição aglomerada com outros Camisas-verdes, como fica evidente nas fotografias abaixo.

Figura 40 – Núcleo da Consolação-SP



Fonte: *ANAUE!*, Rio de Janeiro, n. 2, maio de 1935, p. 48.

quanto para aqueles fora do movimento, transmitindo a ideia de novidade e modernidade em relação ao modelo predominante. A revista ilustrada procurava conquistar um público que não estava disposto a enfrentar textos doutrinários densos ou que carecia de uma base para tal compreensão. Essa questão estava alinhada ao próprio contexto vivenciado pela imprensa brasileira no século XX; esse período é marcado pelo surgimento de revistas com um apelo mais visual em detrimento do jornal. As inovações tecnológicas no campo das mídias confluíram para o desenvolvimento da imprensa ilustrada, que caminhava lado a lado com a popularização e o aprimoramento das técnicas de fotografia. O contexto político também foi de grande influência para as revistas ilustradas, uma vez que a Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder resultaram no uso intensivo da imprensa e das fotografias, não apenas para informar, como também auxiliar na formação da opinião pública. Pelo grande impacto visual das revistas ilustradas, seu uso em muito reforçou narrativas e favoreceu a construção de visões de mundo que correspondiam aos interesses dos editores e seus financiadores.

<sup>480</sup> FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista *Anauê!* (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira - a “netinha” que não cresceu.** Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p. 222.

Figura 41 – Integralistas de Ouro Fino - MG



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 4, outubro de 1935. p. 33.

Figura 42 – Núcleo de Manaus-AM



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 28.

Figura 43 – Núcleo rural de Bello Centro - Sul do país



Fonte: **ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 18, agosto de 1937. p. 41.

À vista disso, os integralistas representavam a si mesmos vestindo a camisa-verde. Não só o uniforme era idêntico, seguindo as normas pré-estabelecidas, a composição e disposição dos integrantes eram semelhantes. Alguns de pé, outros sentados ou agachados. As projeções corporais estão dispostas a fim de evidenciar o volume de membros e transmitir uma mensagem de mobilização, indicando que aquele grupo organizado e ordenado tem um objetivo em comum. Muitos cruzam os braços em tom de seriedade. As feições seguem essa qualidade, reivindicando respeitabilidade, em vista da magnitude do movimento. O uniforme auxilia nestas questões. Dispor uma coletividade vestidos da mesma forma, implica em denotar uma massa seguidora das normativas e prescrições que eram não só sugeridas, mas obrigatórias.

Ressalta-se a potencialidade que as fotografias têm em transmitir os valores do movimento: ordem e disciplina. Todos, ou quase todos, usam a camisa verde alinhada às regras, há poucos desvios. Contudo, alguns destes podem ser encontrados devido à qualidade da digitalização da revista, ou da própria fotografia. No entanto, o uniforme complementa essas fotos, dota de sentido essas pessoas enfileiradas e as atribui um propósito, que são aqueles que o movimento defende.

Sabe-se da intencionalidade das fotografias de uma maneira geral, ela é uma narrativa, em que seus arranjos são dispostos a fim de evidenciar algo. O seu autor, o fotógrafo, é dotado de um propósito em representar algo. No caso das imagens de *Anauê!*, ao estampar imagens muito semelhantes em diversas edições, a revista permitia que todos os seus leitores, em que sua maioria eram membros da AIB, fossem capazes de identificar outros grupos igualmente “integralistas de camisa”, tais quais a ele, em diversas partes do país. É como se eles se unissem não só em prol da nacionalidade, mas também em representarem a si mesmos como um corpo similar, havendo equivalência de ideal e postura, onde quer que o integralismo alcançasse.

Mais uma vez salienta-se a importância do uniforme nesse contexto, é ele quem identifica os membros e fornece o óbvio pertencimento ao movimento através das imagens. Caso apareça algum indivíduo sem a camisa verde, pode-se questionar seu real envolvimento. No entanto, é inquestionável a posição daqueles que envergam a indumentária. Dessa forma, mais uma vez a camisa verde configura-se em um instrumento aliado e potente da propaganda integralista. Ela auxiliou a organização interna e externa.



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 1, janeiro de 1935.

A fotografia acima ilustra a matéria “Conceitos Integralistas”, de autoria do Padre Mello, produzida em 20 de dezembro de 1934. O escrito sintetiza alguns preceitos do movimento, como a não crença em partidos políticos, a defesa de todas as religiões e da trilogia Deus, pátria e família contra o inimigo, o ateísmo e comunismo. Em meio a um texto de conteúdo corriqueiro na imprensa integralista, tem-se uma imagem ilustrativa com a legenda “O comp. Abílio Gomes Selma, da Prov. do Mar. Até os pimpolhos já dão ‘Anauê!’”. Os signos emergidos na fotografia alinham-se ao proposto no texto no que se refere à família e aos valores cristãos.

A imagem torna-se aqui interessante não só pelo gesto integralista realizado pela criança. A camisa verde possui um espaço privilegiado em seu arranjo. Além de ocupar toda porção central da foto, com destaque ao sigma posicionado no braço, o uniforme é o produtor de sentido para toda a composição fotográfica. Caso não houvesse uniforme, a imagem teria seu conteúdo pretendido inalcançado, seria apenas uma criança e um homem. O braço erguido poderia ser qualquer gesto comum à vida infantil. Todavia, ao trajar a camisa verde, o significado geral do retrato altera-se, o próprio gesto integralista pode ser identificado. A abstração emergida de um possível pai, que carrega e cria seu filho perante os valores do movimento, produz a atmosfera necessária ao complemento da matéria escrita pelo Padre Melo.

Não somente essa, mas inúmeras fotografias publicadas ao longo da *Anauê!* constroem essa relação entre família, valores e uniforme. Um dos recursos usados pela revista era a publicação de crianças e dos Plinianos devidamente uniformizados. Ressalta-se a edição n. 12, na qual abundantes fotos desse tipo foram estampadas. Uma vez que o movimento reforça em demasia a valorização da família, em *Anauê!* aos “poucos vai[se] elaborando uma imagem da família integralista.”<sup>481</sup>

Figura 45 – Plinianos em imagens



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 12, setembro de 1936.

Em virtude da grande preocupação do movimento com o futuro, principalmente com uma nação plenamente alicerçada no “Estado Integral”, educar e instruir as crianças a partir dos preceitos e valores integralistas era de suma importância. A família era a base da constituição da AIB, como também o pilar para seus propósitos. A geração do amanhã que

<sup>481</sup> BULHÕES, Tatiana da Silva. **"Evidências esmagadoras dos seus atos"**: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-19). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 82.

conduziria o projeto. Logo, esse grupo deveria ser moldado desde muito jovem. Por isso, a questão da família integralista mobilizada era de suma importância para garantir o imaginário da união familiar em torno dos ideais do movimento. O caráter privado que as famílias possuem, ao serem externalizados para o público através da imprensa, adquirem um caráter funcional em consolidar e irradiar as formas simbólicas valorosas aos integralistas. Em vista disso, ocorria um enaltecimento dos menores, sendo suas imagens largamente exploradas na *Anauê!*.

Um dos objetivos do movimento ao divulgar essas imagens da família era incentivar os membros da AIB a inscreverem seus filhos na juventude integralista. As fotografias promoviam a ideia de que os demais Camisas-verdes espalhados pelo Brasil já haviam conseguido trazer suas esposas e filhos para o movimento, sugerindo que era dever do homem integralista fazer o mesmo. Ao ter toda a sua família vinculada à AIB, criava-se a ilusão de que as corrupções e mazelas da sociedade não alcançavam os lares integralistas, representando uma espécie de “proteção” aos seus integrantes. Com isso, projetava-se a imagem de que a sociedade integralista estava imune aos males do mundo exterior, reforçando a ideia de que o integralismo era a única forma de preservação da família, da ordem e da moralidade.

As imagens abaixo refletem a valorização das linhagens filiadas à AIB, que são sempre representadas usando a camisa verde. Aqui, mais uma vez a camisa verde complementa as intenções de propaganda alcançadas pela revista e suas fotografias. Ela gera concepções de cumplicidade entre os membros da família que se doam à causa integralista. A família é indissociável ao integralismo de maneira geral, ela é tão importante quanto a pátria e Deus. Por isso, a família integralista veste a camisa verde, sendo representada dessa maneira.

Figura 46 – Família Rêgo



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 9, abril de 1936. p. 3.

Figura 47 – “Uma família integralmente integralista, a do Brig. Thompson.”



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 1, janeiro de 1935.

Representando um modelo ideal de família, as imagens e suas legendas revelam o enaltecimento daqueles núcleos familiares em que todos os integrantes eram alinhados ao

movimento. Emerge-se pelas fotografias que todas aquelas crianças são criadas e preparadas para o mundo sob os valores e preceitos que a AIB defendia. Na segunda foto, não é possível ter certeza se a mãe usa a camisa verde, mas as crianças, sem exceção, fazem seu uso. Envergam o uniforme que deveria ser usado pelos adultos, não dos Plinianos. Operação semelhante ocorre em outra família, mas dessa vez traz o traje Pliniano.

Figura 48 – “Que lindo! Uma família integralmente integralista!”



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 4, outubro de 1935.

Com a mesma legenda do exemplo anterior, mas acrescida da expressão “Que lindo!” e da marca que a família se encontra “tudo de camisa verde!”, a imagem indica a valorização da família integralista e dos que eram “integralistas de camisa”. O núcleo familiar é

equiparado a um “batalhão”, em que seus membros são soldados da causa, reivindicando desde muito cedo o pertencimento pleno ao movimento de Plínio Salgado.

A ênfase da “pliananizinha que ostenta sorridente a fotografia do Chefe Nacional” emerge a valorização do líder, em que todos enaltecem sua personalidade, digna de um sorriso da inocente criança. Dessa forma, a imagem das crianças e Plinianos uniformizados era recorrentemente explorada em *Anauê!*, indicando a mobilização de todas as instâncias da vida na defesa da “Revolução Integral”. A imagem abaixo ilustra mais uma vez essa questão. Sinalizando uma grande mobilização infantil, a fotografia fornece um número exacerbado de primaveris Camisas-verdes que vestem o uniforme e, mesmo pequenos, compreendem os propósitos e a seriedade do movimento.

Figura 49 – Crianças de Areado - MG



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 16, junho de 1937. p. 14.

Dentre essas fotografias de representação dos núcleos e pessoal, também era muito comum a exposição de imagens de aglomerações de rua ao longo do Brasil. Movimentações públicas eram prática recorrente da AIB, indicando para a exterioridade a mobilização dos defensores do “Estado Integral”. Apesar do *Monitor Integralista* - em meio à circunstância da Lei de Segurança Nacional - ter publicado, em maio de 1935, que não haveria mais desfiles, em *Anauê!* fica exposto o contrário da indicação:

Não realizaremos mais desfiles, mesmo porque não precisamos mais deles. No tempo que os jornais nada mencionavam sobre nós, tínhamos necessidade de fazer exposições públicas de marchas, para chamar atenção. Mas agora os jornais falam até demais do nosso integralismo. A propaganda está feita.<sup>482</sup>

A revista ilustrada teve início em janeiro de 1935, estampando inúmeras fotografias de Camisas-verdes pelas ruas até o encerramento de suas atividades em dezembro de 1937. Na edição de n. 2, datada de maio de 1935, é observada a presença da imagem de um desfile em Ponta Grossa-PR. Pode-se compreender que, diante da baixa velocidade no alcance de informações, enquanto havia a exposição pública pelo Paraná, a nova normativa possivelmente ainda não estava vigente. No entanto, a foto evidencia enfileirados Camisas-verdes, uniformizados, ocupando as ruas da cidade, estampando a organização e rigidez dos integralistas. A banda introduz o coletivo que segue atrás. A bandeira com o Sigma abre as alas dos milicianos que caminham atrás de seu propósito. A organização do grupo é evidente na foto, até mesmo os instrumentos musicais seguem um padrão.

Figura 50 – “Bandeira miliciana do núcleo de Ponta Grossa”



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 2, maio de 1935. p. 53.

<sup>482</sup> MONITOR INTEGRALISTA, Rio de Janeiro, n. 10, maio de 1935. p. 2.

A mesma operação seguiu-se nas edições seguintes, mesmo havendo a orientação em não promover mais desfiles. Ressalta-se um painel publicado em duas páginas na edição n. 4, de outubro de 1935. O sete de setembro, em 1935, foi comemorado com muitas movimentações integralistas nas ruas de todo o Brasil. A data nacionalista e patriótica, de grande importância ao movimento, aglomerou Camisas-verdes uniformizados nos espaços públicos. Sob o dia da independência, fazer alusão ao marco a partir das identificações integralistas, indicava qual vínculo aquela coletividade demandava com a pátria. Pelos registros, os Camisas-verdes e os Plinianos estavam devidamente trajados com seus uniformes. As calças brancas, mesmo fazendo parte da uniformização convencional, carregam um tom de festividade formal.

Figura 51 – Dia da Pátria na Bahia



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 4, outubro de 1935. p. 38-39.

A ideia de mobilização através de fotografias alcançou também o grupo feminino, as Blusas-verdes. De modo que a *Anauê!* publicou imagens de mulheres integralistas

uniformizadas, criou-se uma ideia de ampla aliança a AIB; homens, mulheres e crianças, todas as instâncias da vida na busca pela implementação do “Estado Integral”. Como a ala das senhoras também dispunha de uma uniformização, as imagens femininas foram exploradas na imprensa, como fica evidente nas fotografias abaixo.

Figura 52 – “Integralistas cariocas, uma hora antes do tiroteio da Praça da Sé”



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 1, janeiro de 1935.

Figura 53 – “Departamento Feminino de Manaus”



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 9, abril de 1936, p. 9.

Figura 54 – “Congresso Provincial Feminino de Pernambuco”



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 12, setembro de 1936. p. 13.

Em *Brasil Feminino*, as imagens das mulheres também foram amplamente instrumentalizadas como propaganda, externalizando a possibilidade de atuação feminina no integralismo, arregimentando possíveis Blusas-verdes. Tal função é em menor escala realizada em *Anauê!*. No entanto, a revista não deixa de estampar a atuação das mulheres na AIB por todo o Brasil. Elas também eram representadas usando a camisa verde, indicando que também poderiam ser “integralistas de camisa”, assumindo um papel importante no movimento. Diante de suas atuações voltadas à conservação da família e das atividades pertinentes às mulheres e a incumbência feminina, elas também eram representadas em seus ofícios, como as enfermeiras na clássica fotografia abaixo.

Figura 55 – Blusas-verdes de Botucatu-SP



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 20, outubro de 1937, p. 22.

Por tudo isso, a partir do observado pelas fotografias elencadas, percebe-se que a revista *Anauê!* pretendia transpor uma mesma mensagem a seus leitores: a mobilização do movimento. Estampando integralistas vestindo sua Camisa-verde, a narrativa emergida pela imprensa transmitia imagens de membros que de fato “vestiam a camisa” e se colocavam à exterioridade como um signatário da “Revolução Integral”. A vasta instrumentalização do uniforme como recurso identificatório dos indivíduos com a causa evidencia como as imagens são potentes em construir percepções. Mesmo diante da subjetividade em ler fotografias, os exemplares veiculados atravessavam interpretações subjetivas e evidenciavam a ampla filiação a AIB.

Portanto, a maneira pela qual é possível ter um vislumbre mais fidedigno e material daquela coletividade e realidade social é através das imagens. São elas que aproximam o presente do passado, sendo capaz de identificar, mesmo que muito limitadamente, a vida cotidiana integralista, os objetivos e símbolos que operaram no grupo. Podendo ser encenações ou não, são representações nas quais os integralistas desejavam externar-se e fazer-se registrado. A magnitude da camisa verde no seio do movimento é alcançada nas fotografias, sua presença cria um jogo dialético entre o visível e o invisível, evidenciando que o uniforme não foi uma simples vestimenta, mas sim denotou a promoção de inserção à AIB.

#### 4 AS BLUSAS-VERDES E OS PLINIANOS TAMBÉM POSSUÍAM CAMISAS VERDES

Na busca por Deus, pátria e família, a AIB contemplou a operação em englobar todas as instâncias da vida na busca pela implementação do “Estado Integral”. Mulheres, crianças e jovens não só foram nomeados como Blusas-verdes e Plinianos, como também possuíram uniformizações próprias. Dispondo de normatizações específicas, essas demais camisas verdes complementavam o exemplar masculino, externalizando que aqueles indivíduos também representavam e simbolizavam o ideal dos integralistas através de seus uniformes. A inclusão desses grupos no programa integralista fazia parte do repertório fascista, no qual, para a plena implementação do projeto, tornou-se necessário envolver todos os sujeitos na caminhada. Um dos objetivos do movimento, ao recrutar mulheres e jovens, era evitar qualquer espaço no seio familiar que fosse alheio ao discurso e às práticas integralistas. Cada membro poderia observar e garantir que a postura de todos estivesse em conformidade com os princípios defendidos pelo integralismo.

Por isso, a seção que segue pretende analisar os uniformes das Blusas-verdes, as mulheres do movimento, como também dos Plinianos, a juventude integralista. A fim de compreender melhor a maneira pela qual as camisas verdes foram alocadas a cada grupo, será brevemente investigado o papel dessas mulheres e crianças/adolescentes no seio do integralismo. A partir disso, realiza-se uma verificação sobre como esses diferentes uniformes foram inseridos no movimento, quais eram suas especificidades e como eram representados através da imprensa integralista.

##### 4.1. AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO SEIO DA AIB

*Um coração de mãe*

*Mulher! Eu te saúdo e te consagro!  
A ti que tens no peito bem trancado,  
Um coração de Mãe despedaçado  
Em seu amor.*

*És tu que ainda assim te entusiasmas  
Que o pranto enxugas, e grandiosa e bela,  
Sem temêres as fúrias da procela,  
Vibras de ardor!*

*A memória do filho venerado,  
Que outro peito maior lhe renderias,*

*Que corôa melhor lhe tecerias,  
De ouro e anil?!*

*Fazendo-te, por isso Integralista  
Bem mostras que te corre o mesmo sangue  
Do que tombou heroicamente, exangue  
Pelo Brasil!<sup>483</sup>*

O poema da Blusa-verde pernambucana Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha foi publicado na coletânea de poemas do integralismo acrescido de um texto introdutório, o qual assinala o fato de Maria ser “mãe de quatro fervorosos integralistas”. Viúva de marido militar, um de seus filhos teria sido “morto pelo vosso e pelo meu Brasil.” Não se sabe se a causa da morte se deu em função do integralismo, no entanto, a poética da poesia carrega em si os sentimentos de uma mãe, que mesmo com a morte do filho em razão da pátria, fez-se integralista; talvez essa opção tenha sido justamente em função do falecimento. A publicação na *Enciclopédia do Integralismo* é uma raridade, em vistas de:

Cabe destacar que dos 84 poemas constituintes desta antologia, apenas dois foram escritos por mulheres. Seus nomes: Haydée Machado Marques Porto e Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha, ambas representantes da primeira geração integralista. Embora um dos pilares contra a ofensiva anti integralista fosse justamente apregoar o caráter aberto, não preconceituoso e anti-machista do movimento, a estatística é clara: no universo das poesias integralistas, bem como na cosmologia da decisão partidária, as mulheres eram simplesmente figurantes<sup>484</sup>

Diante disso, a poesia ilustra com excelência a atribuição dada às mulheres na AIB: o papel de mãe e esposa. Sob Deus, pátria e família, as Blusas-verdes possuíam papéis enfaticamente circundados pelas questões de gênero, seja no nome, seja nas roupas. Tal denominação, Blusas-Verdes, é dada à ala feminina do movimento e buscou resgatar o traço de feminilidade das mulheres; enquanto os homens vestem camisas e calças, as mulheres vestem blusas e saias. Pelo senso comum, a diferença entre camisa e blusa se dá pelo estilo e formalidade. À medida que a camisa é uma peça de roupa mais formal e estruturada, com cortes ajustados ao corpo, colarinho mais rígido e botões na parte frontal, a blusa é um elemento mais versátil, apresentando modelagens diversas e geralmente usadas por mulheres e crianças.

Em certa forma, as mulheres do movimento obtiveram um protagonismo, de modo a serem contempladas por uma denominação própria. Essa especificidade da alocação do

<sup>483</sup> CUNHA, Maria Rita Vaz de Hollanda. Um coração de mãe. In: **Enciclopédia do Integralismo** – volume VII. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 170.

<sup>484</sup> CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. A Enciclopédia do Integralismo frente a Educação, Estética e Poética: ciências da mente e do corpo. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 10, n. 19, p. 113-132, jul./dez. 2016.

feminino demonstra um caso único dentre os fascismos do entreguerras. Entretanto, mesmo que esses grupos tivessem dado lugar às mulheres por sua concepção orgânica de sociedade, havia a predominância do domínio masculino, bem como a insistência de que o lugar da mulher era no lar heterossexualmente organizado e governado pelos homens.<sup>485</sup> Nesse sentido, pela acentuada inserção feminina, a AIB representou a organização de extrema-direita que mobilizou mais mulheres no Brasil até os anos sessenta.<sup>486</sup> Suas blusas verdes eram expostas nas paradas de rua, juntamente com suas saias, uma marca da posição do gênero. Mesmo em uma realidade em que as mulheres de modo geral não usavam calças no espaço público, a AIB reverberou essa marca do gênero, e não somente através da indumentária, as Blusas-Verdes deveriam ser femininas, mães e da família.

No entanto, embora a camisa verde feminina oferecesse identidade própria às mulheres integralistas, ainda assim elas possuíam um caráter secundário na AIB. As Blusas-verdes não foram contempladas, enquanto grupo uniformizado, ou envolvimento assíduo, desde o início do movimento. Elas também dispõem de uma trajetória de inserção e aquisição de espaços na AIB. Em um coletivo predominantemente masculino, as mulheres foram atraídas pelo discurso em defesa da família cristã, já que eram espaços em que lhes cabiam. O desejo de fazer parte de algo e o contexto social feminino na década de 1930<sup>487</sup> fizeram com que houvesse novas possibilidades de atuação das mulheres não só no mundo privado, como também naquele público. A AIB se estabeleceu como alternativa, “sobretudo para as mulheres que adentravam o espaço público, neste momento, em uma conjuntura de crise e mobilizadas pela ideia de ascensão social e de acesso a direitos, civis e políticos.”<sup>488</sup>

No entanto, nos anos iniciais da AIB, a datar de 1932 até 1934, as mulheres pouco foram incluídas no horizonte integralista; nos periódicos e jornais, quase não há menção ao público feminino ou a sua despercebível inserção nas fileiras do movimento, de modo que as

---

<sup>485</sup> PAYNE, Stanley. **A History of Fascism** (1914-1945). Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 13.

<sup>486</sup> MORANT I ARIÑO, Toni. Uma primeira aproximação comparada ao fascismo feminino no Brasil e na Espanha, 1932-1937. **Locus. Revista de História**, v. 25, n. 2, p. 121-137, 2019. p. 129.

<sup>487</sup> O contexto social no qual as mulheres brasileiras encontravam-se na insurgente República do Brasil, desde fins do século XIX até a década de 1930, mesmo em número reduzido e em modos sutis e indiretos, era de busca pela defesa dos seus direitos: participação política, direito pelo voto e também pela educação e trabalho. Em 24 de fevereiro de 1932, através do Decreto n. 21.076, com a abolição das restrições de gênero ao voto, as mulheres brasileiras conquistaram não apenas o direito de votar, como também de serem votadas. A Constituição de 1934 consolidou o voto feminino, mesmo que facultativo e suspenso com o início do Estado Novo em 1937. Além disso, a luta pelo direito das mulheres não se resumia somente a questão eleitoral, através do movimento feminista, buscou-se a igualdade de condições entre homens e mulheres, de modo a terem sido empreendidas lutas em prol da educação e do trabalho.

<sup>488</sup> POSSAS, Lídia Maria Vianna. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato Alencar et alii (Orgs.). **Integralismo: novos estudos e reinterpretaciones**. Rio Claro: Arquivo Público do Município, 2004, p. 107-126. p. 119.

fontes para análise são raras. Sandra Mcgee Deutsch no livro *Las Derechas: The Extreme Right in Argentina, Brazil and Chile (1890-1939)* coloca que a AIB não foi absolutamente masculina e, em vistas de planejar desde seu início a inclusão das mulheres, em dezembro de 1933, elas organizaram um grupo uniformizado em Teófilo Otoni-MG.<sup>489</sup>

Diante da informação trazida pela autora e da menção à revista *Fon-Fon* nas referências, é possível visualizar na fonte uma fotografia acerca do evento descrito na cidade mineira. Apesar da baixa qualidade da digitalização do periódico, observa-se as integralistas devidamente uniformizadas e realizando o soerguimento do braço direito. A menção não confirma que a fotografia é de dezembro, como Deutsch evidência, deixando em aberto a data da reunião feminina de Teófilo Otoni. No entanto, embora seja uma informação profícua ao entendimento da inserção feminina na AIB, não foram encontradas tais referências em mais nenhuma fonte consultada.

Figura 56 – As integralistas de Teófilo Otoni em 1933



Fonte: FON-FON, Rio de Janeiro, n. 52, 30 de dezembro de 1933, p. 36.

Através do “Resumo Histórico do Movimento do Sigma”, presente no *Monitor Integralista* n. 22,<sup>490</sup> tem-se a informação de que em meados de abril de 1933 “Vestiram pela 1ª vez, blusa-verde, em São Paulo: as Stas. Regina Reale e Maria Amélia Salgado, D. Ida Reale e D. Beatriz Guedes de Araújo.”<sup>491</sup> Não se sabe se o vestir, nesse caso, remete ao vestir metaforicamente ou literalmente. Porém, o que fica evidente é a presença de mulheres, mesmo sendo esposas dos líderes ou suas familiares, próximo ao desfile em São Paulo de 23 de abril de 1933. Mais à frente no resumo histórico da AIB, que pretendeu contemplar desde seus primórdios até o Congresso de Vitória ocorrido em março de 1934, é mencionado o

<sup>489</sup> DEUTSCH, Sandra McGee. **Las Derechas: The Extreme Right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890-1939.** Stanford: Stanford University Press, 1999. p. 283.

<sup>490</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 22, 07 de outubro de 1937. p. 13-16.

<sup>491</sup> *Ibid.*, p. 14.

primeiro desfile de Teófilo Otoni em junho de 1933 e não mais abordam a cidade em sua cronografia. Pode-se supor que a imagem veiculada na *Fon-Fon* seja deste dia, mas não há meios de confirmação.

As mulheres voltam a serem referidas a partir de outubro de 1933, carregando em si informações e sutilezas aqui importantes: “As primeiras senhoras que vestiram camisa verde no Rio (ainda não existia a blusa verde) foram: Stas: Leonor Fernandes, Carmem Mello, Belmira Mello e Senhoras: Santos Maia, Arthur Thompson e Berzilos Figueira Velloso.”<sup>492</sup> Primeiramente, constata-se que a camisa verde feminina ainda não existia até outubro de 1933, sendo compreensível que no caso paulista citado anteriormente se tratava de um vestir metafórico. Ademais, o breve verbete assinala que aquelas mulheres casadas passavam a serem remetidas pelo nome do marido. Tal colocação vai de encontro a um proposto no *Monitor Integralista* n. 19, em que sob o título “Esposas e Noivas em face do Integralismo”, tem-se:

Na proposta regulamentar de exclusão encaminhada pelo Chefe Provincial Fluminense, de uma “blusa-verde”, que alegou não poder continuar a ser integralista porque seu noivo era adversário do Sigma, o Chefe Nacional deu o seguinte despacho: “Cancele-se apenas o nome da petionária, sem nota de exclusão, porque o seu ato, deixando as atividades integralistas em consideração ao noivo, é digno de ser imitado por todas as noivas e esposas de integralistas que ainda não vestiram a gloriosa blusa-verde, prestigiando, dessa forma, a atitude de seus noivos e maridos, que se empenham numa áspera luta pela sustentação da família e do lar, da tradição e da dignidade da Pátria”.<sup>493</sup>

Mesmo publicado apenas em maio de 1937, o exposto auxilia a compreensão do papel no qual o integralismo depositava nas mulheres: a subjugação ao noivo ou marido. Ao sobrepor até mesmo o desejo de filiação a AIB, a palavra e o poder do homem estaria sempre acima de tudo, ou seja, mesmo que a causa integralista fosse defendida a todo momento pelo movimento, ela não estava acima das relações conjugais e da manutenção tradicional da ideia de família. O vestir a camisa verde para as mulheres, sendo literal ou metaforicamente, só era estimado quando não houvesse um marido ou noivo contra.

Assim, seguindo a cronologia, Deutsch coloca que as seções femininas ou departamentos de núcleos locais surgiram no distrito federal - atual Rio de Janeiro - e em São Paulo, a partir de junho de 1934, e rapidamente se espalharam por todo o país, representando uma média de 20% do grupo integralista em 1936.<sup>494</sup> De fato, as mulheres começaram a ser

<sup>492</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 22, 07 de outubro de 1937. p. 14.

<sup>493</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 19, 12 de maio de 1937. p. 4.

<sup>494</sup> DEUTSCH, Sandra McGee. **Las Derechas**: The Extreme Right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890-1939. Stanford: Stanford University Press, 1999. p. 283.

abarcadas no movimento no ano de 1934, sendo institucionalmente definido um “Departamento Feminino” pelo *Monitor Integralista* em dezembro deste ano.<sup>495</sup> Subordinado a “Secretaria Nacional de Organização Política - S.N.O.P.”, o “Departamento Feminino” dispunha de regulamento em que tinha “por finalidade orientar e dirigir a ação da Mulher Brasileira no movimento e prepará-la para ocupar eficientemente no regime integralista o lugar que de direito lhe cabe.”<sup>496</sup>

Pela normativa, haveria a instância do departamento em nível nacional e, em ordem hierárquica decrescente, o provincial, municipal e distrital. Suas atividades eram no campo do ensino e educação moral, cultura artística, propaganda política e assistência social. A direção, pelo exposto no regulamento e sua redação, seria sempre de algum indicado por um chefe “superior”, de maneira que nesse momento, possivelmente, apenas homens dirigiam o “Departamento Feminino”, já que o regulamento se refere a um chefe no masculino, como exemplo: “Art 4.º - Ao Chefe do Departamento cabe designar os Chefes de Divisão, de acordo com o secretário da S.N.O.P.”<sup>497</sup>

É a partir desse contexto e maior inserção das mulheres no seio do momento que surge o uniforme feminino, como exposto no *Monitor Integralista* n. 9 em março de 1935.<sup>498</sup> Tal ano é expressivo na história da AIB; apesar das mudanças advindas com o fim da “Milícia” pela Lei de Segurança Nacional de 04 de abril e a criação da “Secretaria Nacional de Educação moral, cívica e física”, o “Departamento Feminino”, ainda sob alçada da S.N.O.P., manteve o regulamento anterior, de modo a ter suas mesmas diretrizes publicadas no *Monitor Integralista* n. 13 em janeiro de 1936. O distintivo feminino somente foi criado a partir desse momento, sendo anunciado ao coletivo integralista apenas em maio de 1936.<sup>499</sup>

Meses mais tarde, em outubro do mesmo ano, as mulheres conquistaram a “Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos - S.N.A.F.P.”, de forma a possuírem uma maior abrangência e atuação no seio do movimento.<sup>500</sup> Pela primeira vez ficou claro que teriam uma “Chefe” mulher, visto que: “Art 6.º - Diretamente ligado à Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos funcionará um Gabinete, que se constituirá de uma Chefe e tantas auxiliares quantas se fizerem necessárias.”<sup>501</sup> Diante da nova organização, nesse mesmo mês, ocorreu no Rio de Janeiro o 1º Congresso Nacional Feminino, em que

<sup>495</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 8.

<sup>496</sup> *Ibid.*

<sup>497</sup> *Ibid.*

<sup>498</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 9, 03 de março de 1935. p. 7.

<sup>499</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 14, maio de 1936. p. 6.

<sup>500</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 15, 03 de outubro de 1936. p. 13.

<sup>501</sup> *Ibid.*

reuniu 100 Blusas-Verdes sob liderança da “Secretária Nacional” Irene de Freitas Henriques. Em comparação com o 1º Conclave Parlamentar Meridional que ocorreu na mesma época e recebeu praticamente 2 páginas de explanação no *Monitor Integralista*, a menção do evento feminino se resumiu a um pequeno parágrafo no final da página.<sup>502</sup>

Sendo assim, à medida que o movimento integralista se expandia por todo o Brasil e arregimentava centenas de pessoas, as estruturas organizacionais também foram se desenvolvendo. Ao lado do discurso, a socialização de seus membros foi se alargando e suas alocações nas funções pertinentes ao projeto integralista também. O envolvimento de toda família integralista confluiu para propagação das ideias do movimento, evidenciando seu modelo pré-estatal e sua pretensão totalizante. A burocratização da inserção feminina denota como seus papéis e funções se tornaram relevantes ao propósito integralista, de modo a serem designadas em espaços que eram apropriados, ao seu ver, às mulheres. Perante a necessidade de arregimentação e propagação da militância através da propaganda, as funções femininas foram alargadas para além do espaço privado e da manutenção da família, “construindo possibilidades de novas relações de gênero devido às outras oportunidades profissionais que também surgiam às mulheres”.<sup>503</sup>

A AIB preconizava um tipo específico de mulher e requeriam de suas Blusas-Verdes a adequação a esses parâmetros. Sua ação social deveria voltar-se para defesa e manutenção dos fundamentos da família cristã, fazendo valer sua missão educadora e altruísta, mas como um complemento das atividades do lar. A partir do regulamento da S.N.A.F.P. de 1936, o “Departamento Feminino” era composto por cinco divisões: Expediente, Cultura Física, Educação, Estudos e Ação Social.<sup>504</sup> Diante da enfática importância da “Divisão da Educação”, essa ala seria responsável pela orientação das atividades femininas nos setores de alfabetização, enfermagem, puericultura, datilografia, culinária, corte e costura, boas maneiras, contabilidade caseira e economia doméstica.

A “Divisão de Expediente”, enquanto linha de atuação mais burocrática, possuía três seções principais, aquelas de pessoal, estatística, correspondência e arquivo, em que havia a administração do quantitativo de membros, suas funções desempenhadas, a cobrança de mensalidades, além da organização de documentos, como correspondências e manutenção do arquivo. Já a “Divisão de Cultura Física”, prevendo que as atividades físicas deveriam ser

<sup>502</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 16, 05 de dezembro de 1937. p. 3-4.

<sup>503</sup> POSSAS, Lídia Maria Vianna. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato Alencar *et alii* (Orgs.). **Integralismo**: novos estudos e reinterpretções. Rio Claro: Arquivo Público do Município, 2004, p. 107-126. p. 111.

<sup>504</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 15, 03 de outubro de 1936. p. 13.

realizadas separadamente entre os gêneros, ocupava-se pelas aulas e pela prática dos esportes apropriados ao feminino, já que a mulher integralista não poderia, pela regulamentação, praticar esportes que não fossem adequados ao seu gênero.

Devido à preocupação com a questão educacional, a “Divisão de Estudos” tinha como alçada promover e orientar os cursos especializados de filosofia, sociologia e pedagogia, como também proporcionar conferências sobre economia, literatura, arte, formação moral e cívica. No tocante à “Divisão de Ação Social”, em vias de contribuir de modo eficiente e constante para o melhoramento material e moral das condições de vida da família brasileira, sendo responsável pela saúde e assistencialismo a famílias carentes através de auxílios sanitários e distribuição de remédios, atuavam em três setores: lactários, bandeirantes e dispensários.

Dessa forma, tal organização regulamentar da atuação feminina na AIB em nível nacional previa as formas de atuação nos espaços em que lhes cabiam. A coincidente alocação da energia feminina no ano de 1936 diz muito sobre diversas questões. Primeiramente, diante da transformação da AIB em partido político em 1935 e da conquista de cadeiras nas eleições municipais de 1936, o integralismo empreendeu uma luta eleitoral rumo à eleição presidencial que iria ocorrer em 1938. Almejando o futuro, em outubro de 1936 foi anunciada a urgência na fundação de “Escolas Integralistas de Alfabetização”.<sup>505</sup> Considerando que o mesmo decreto que instaurou o direito das mulheres de votar e serem votadas também continuou a vigorar a proibição do voto analfabeto,<sup>506</sup> esses possíveis eleitores seriam de grande ajuda na campanha presidencial de Plínio Salgado.

Assim, a partir deste momento, houve uma intensificação das campanhas de alfabetização de adultos por parte dos integralistas, em vista de ser a forma pela qual o título de eleitor pudesse ser obtido. Não só os integralistas eram alfabetizados, todos os brasileiros que desejassem, poderiam ser alfabetizados através das escolas de alfabetização da AIB.<sup>507</sup> Obviamente, essa intencionalidade se destinava a atrair mais eleitores ao candidato integralista e não eram sem “cor política”; os indivíduos aprendiam a ler e escrever a doutrina

---

<sup>505</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 15, 03 de outubro de 1936. p. 2.

<sup>506</sup> BRASIL. Decreto Nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Decreta o Código Eleitoral. Rio de Janeiro, RJ: **Diário Oficial da União**, 1932.

<sup>507</sup> PALHARES, Lenir. “**Educação integral para o homem integral**”: as escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. p. 95.

integralista.<sup>508</sup> Apesar de ter havido homens desempenhando a função, o encargo oficial ficava por conta das Blusas-Verdes.<sup>509</sup>

A oportunidade de desempenhar um compromisso tão importante ao movimento e aos rumos que a AIB pretendia tomar criava uma chance de inclusão em um ambiente além do doméstico, já que o ofício de professora no período em questão inaugura a ocupação feminina em posições sociais e políticas de certa importância através de uma qualificação profissional.<sup>510</sup> O movimento não só criou essas oportunidades para as mulheres, como também as capacitou através dos cursos especializados em pedagogia e orientações sobre alfabetização. Para além dessa questão, as mulheres também seriam relevantes na campanha eleitoral como eleitoras. Através da circular “A mulher e o Alistamento Eleitoral” de autoria de Irene de Freitas Henriques em 15 de abril de 1937, as Blusas-Verdes foram alertadas de sua significância ao movimento e nas eleições que seriam realizadas em um momento futuro.<sup>511</sup>

Ao sugerir que a sucessão presidencial e a renovação do legislativo federal dependiam em grande parte do sucesso da atividade das mulheres, houve a intensificação do discurso em torno da importância da atuação feminina, de modo que a “Secretária” Irene se dirigiu às Blusas-Verdes da seguinte maneira:

São, portanto, preciosos os momentos para o trabalho de qualificação de eleitores para o referido pleito. E a mulher brasileira e principalmente a integralista sabe querer e trabalhar até ao sacrifício pelas grandes causas, por isso, certa estou de que ao Departamento Feminino será dado a glória de conseguir alistar o maior número dos eleitores da AIB. Confiante de que a nossa vitória depende do esforço deste departamento, lembro à companheira as seguintes providências: [...]<sup>512</sup>

No elencamento das providências a serem tomadas pelas integralistas, a principal se destina à qualificação urgente daquelas mulheres iletradas, mas que possuíam qualidades para tal. De modo a formarem uma massa eleitoral integralista pela alfabetização rápida das companheiras analfabetas, o mesmo sucede para aqueles integralistas iletrados, necessitando, assim, de um empenho ágil para que eles fossem devidamente alfabetizados e se tornassem capazes de obter o título de eleitor para as futuras eleições.

<sup>508</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999. p. 104.

<sup>509</sup> PALHARES, Lenir. “**Educação integral para o homem integral**”: as escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. p. 103.

<sup>510</sup> GOMES, Ângela Maria de Castro. A escola republicana: entre luzes e sombras. In: GOMES, Ângela Maria de Castro *et al.* **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002. p. 385-437.

<sup>511</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 19, 12 de maio de 1937. p. 3.

<sup>512</sup> *Ibid.*

A orientação destinou-se até mesmo à qualificação das pessoas das famílias dos integralistas, simpatizantes e amigos. Grupos femininos deveriam ser organizados para irem em fábricas e residências, dividindo, dessa forma, os municípios em zonas, com a finalidade de alcançar todos os territórios em que houvesse eleitores em potencial. Caso houvesse cidades com núcleos e sedes fechadas, que cada lar de Blusa-Verde fosse transformado em um centro eleitoral. Por tudo isso, estabeleceram uma meta a ser seguida pelas alfabetizadoras, em vias de “Lembrar a toda Blusa-Verde que ela tem o dever de responder pelo preparo de um analfabeto pelo alistamento de um eleitor no mínimo”.<sup>513</sup> Assim, a AIB empreendeu sua caminhada rumo à presidência da república com a colaboração das Blusas-Verdes em angariar o maior número de eleitores e votos para Plínio Salgado.

A contemplação das mulheres nas expressões do movimento atingiu até mesmo a imprensa. O jornal *A Offensiva* e a revista *Anauê!* já alcançavam o público feminino através das seções voltadas para temáticas como práticas domésticas, moda, culinária, entre outras. No entanto, em maio de 1937, as Blusas-Verdes obtiveram uma publicação voltada para as mulheres integralistas e nomeada *Brasil Feminino*. A revista em questão já era atuante no mercado e, em relação aos outros exemplares, apresentava características e discursos considerados conservadores, embora, até aquele momento, não fosse uma publicação integralista. Diante das adversidades financeiras enfrentadas pela revista e sua diretora Iveta Ribeiro, a AIB se apropriou da publicação através de auxílios monetários e converteu a *Brasil Feminino* em uma publicação voltada para as Blusas-Verdes e participante da *Sigma-Jornais Reunidos*.<sup>514</sup>

Com apenas 4 publicações sob tutela integralista, os números 35, 36, 37 e 38 estabeleceram um diálogo imediato com as Blusas-Verdes e passou a ser o meio de comunicação oficial entre o movimento e sua força feminina. Não só destinada a mulheres integralistas, a *Brasil Feminino* representou um mecanismo de expandir sua propaganda ao público feminino de uma maneira geral, já que diluiu o discurso integralista em meio a suas publicações, arregimentando possíveis filiadas. Além disso, ao direcionar o discurso integralista às mulheres e oferecer um meio oficial de propagar o conjunto de valores morais, a AIB adquiriu um modo eficaz de levar para dentro dos lares domésticos as ideias

---

<sup>513</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 19, 12 de maio de 1937. p. 3.

<sup>514</sup> MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 211-236. p. 213.

elementares do movimento, uma vez que, respaldadas por tais concepções, o modo de conduta enquanto mães e esposas seria modificado.

Em vistas disso, a *Brasil Feminino* buscou moldar a mulher integralista do futuro “Estado Integral”, como também a mulher do movimento integralista, de modo que a S.N.A.F.P. reforçou as pautas a serem discutidas por todas as Blusas-Verdes do Brasil, como nos textos abaixo, nos quais disserta-se sobre o papel da mulher no movimento e no “Estado Integral”:<sup>515</sup>

Qual o papel da mulher no movimento?

No movimento é dever da mulher integralista dar o exemplo mais vivo:

- 1 - De convicção de ardor pela causa;
- 2 - De trabalho, iniciativa, esforço, sacrifício e perseverança;
- 3 - Disciplina, hierarquia e obediência;
- 4 - De união entre todas as companheiras, prestigiando-se mutuamente.

A mulher integralista no lar deve ser um permanente fator de incitamento ao esposo, pais, filhos, irmãos, levando-os a cumprirem rigorosamente seus deveres de camisas verdes, deve ser uma propagandista tenaz em todos os meios sociais em que tiver influência; deve ser um exemplo de simplicidade para com os humildes e sofredores; deve ser um modelo de coragem nos sofrimentos tão comuns na existência.

Deve ter sempre acesa a chama, sagrada do nacionalismo mais ardente, não admitindo que o Brasil seja amesquinhado por quem quer que seja; deve ser uma afirmadora de brasilidade contra o cosmopolitismo sustentando a superioridade de nossa pátria; deve vestir a blusa verde com orgulho penetrada do sentimento de amor a Deus, à Família e à Nação.

Qual o papel da mulher no Estado Integral?

Para responder a esta tese temos que afirmar os seguintes princípios integralistas.

- 1 - A mulher não é nem superior nem inferior ao homem, porém é diferente (sensibilidade, coração, intuição etc.).
- 2 - O homem e a mulher biologicamente se completam; sentimentalmente se harmonizam; moralmente se identificam; intelectualmente se unem, por uma superior aspiração comum.
- 3 - Suas tarefas se distinguem no lar, na sociedade e na pátria, essas tarefas não se chocam, pois, se originam da natureza própria de cada um (coisas que seria ridículo a mulher; coisas que seria ridículo o homem fazer).
- 4 - A mulher tem deveres de seu sexo e direitos de sua vocação. A mulher pode ser, portanto, cientista, artista, escritora, técnica e representar politicamente sua classe desde que tenha aptidões e vocação para tal, nunca, porém deixando de cumprir os deveres inerentes ao seu estado.
- 5 - Tanto o homem quanto a mulher tem direitos e deveres.
  - a) recíprocos
  - b) para com a prole
  - c) para com os semelhantes
  - d) para com a pátria; e fundamentalmente:
  - e) para com Deus.<sup>516</sup>

<sup>515</sup> Os mesmos textos publicados na *Brasil Feminino* em 1937 já haviam sido expostos no *Monitor Integralista* n. 16. **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 16, 05 de dezembro de 1937. p. 5-6.

<sup>516</sup> **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 35, maio de 1937. p. 54.

Em cada período em que o integralismo se encontrou e buscou estar, os papéis definidos para as mulheres foram determinados e guiados pelas proposições integralistas. Pelas colocações, questiona-se se o fascismo e a emancipação das mulheres são questões inerentemente opostas, como rotulado por alguns estudiosos do tema.<sup>517</sup> No entanto, no caso da AIB e do integralismo, ao analisar a participação feminina, compreende-se que, à sua maneira, as mulheres foram alocadas, contemplando suas especificidades e sendo destinadas a certos espaços de atuação. Embora sua participação tenha sido inovadora do ponto de vista da atuação feminina fora do ambiente privado e familiar dos lares domésticos, suas principais ocupações estavam relacionadas a funções tradicionalmente destinadas a mulheres, como o magistério e a enfermagem.

Esses ofícios são tidos como extensões do papel principal das mulheres, de mãe e esposa, na medida em que envolviam habilidades associadas ao cuidado, à sensibilidade, à paciência e outras questões frequentemente atribuídas ao gênero feminino. De todo modo, mesmo que suas posições fossem secundárias, elas obtiveram vias de influência, adquirindo e ocupando espaços burocráticos e importantes ao andamento do movimento, chegando a representarem em 1936 20% da massa integralista.<sup>518</sup> Além disso, as Blusas-Verdes possuíram sua uniformização e nomeação específica, sendo detentoras de identidade própria no seio do movimento.

#### 4.1.1 Homens usam calça e mulheres usam saia: o uniforme das Blusas-Verdes

Enquanto Blusas-Verdes, as mulheres integralistas foram contempladas não só com uma nomeação própria, mas também com uma uniformização voltada exclusivamente para elas. Como mencionado, a inserção feminina na AIB se deu através de um percurso, no qual foi gradual e se intensificou no ano de 1935, momento em que surge o uniforme das integralistas. Publicado no *Monitor Integralista* n. 9 em março de 1935,<sup>519</sup> a camisa-verde feminina foi exposta sob dois modelos distintos.

Figura 57 – Uniforme feminino

<sup>517</sup> YEOMANS, Rory. Militant Women, Warrior Men and Revolutionary Personae: The New Ustasha Man and Woman in the Independent State of Croatia (1941-1945). *The Slavonic and East European Review*, v. 83, n. 4, p. 685-732, 2005.

<sup>518</sup> CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Coleção O Brasil Republicano. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 52.

<sup>519</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 9, 03 de março de 1935. p. 7.



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 9, 03 de março de 1935. p. 7.

Até o momento da publicação desta imagem, não havia sido regulamentado o uniforme do “Departamento Feminino” via descrição em texto. Somente houve tal padronização detalhada das camisas verdes das Blusas-Verdes nos *Protocolos e Rituais* contidos na edição de n. 18 do *Monitor Integralista* em abril de 1937.<sup>520</sup> No entanto, na imagem veiculada, tem-se duas camisas: na primeira, a camisa verde é composta por mangas curtas e, em vez da gravata, há o enlaçamento de uma fita por ilhós. A cor dos sapatos segue a coloração clara da boina; a segunda camisa, em tom mais formal, segue o uniforme masculino, mangas longas, gravata, boina e sapatos pretos. Com relação às saias, suas colorações seguem brancas nas duas versões, havendo mudança apenas na tonalidade dos sapatos. Somente nos *Protocolos e Rituais* estabeleceram que “Art. 28 - As senhoras e senhorinhas usarão a mesma camisa, com saias pretas ou brancas”.<sup>521</sup>

Retornando às camisas demonstradas no *Monitor Integralista* n. 09, em ambas versões há a presença de uma espécie de distintivo acima do bolso direito. No entanto, a regulamentação deste acessório somente foi publicada em maio de 1936 no *Monitor Integralista* n. 14.<sup>522</sup> <sup>523</sup> Contudo, a capa da edição n. 35 da *Brasil Feminino* oferece uma oportunidade única de visualização do distintivo apresentado nas fontes periódicas da AIB, de modo a ser possível visualizar todos os detalhes do acessório. Seu tamanho aparenta ser maior que de fato os distintivos eram, permitindo uma melhor compreensão de sua composição.

<sup>520</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937. p. 3-4.

<sup>521</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>522</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>523</sup> Como mencionado anteriormente e exposto uma fotografia do respectivo distintivo presente no DELFOS.

Figura 58 – Capa *Brasil Feminino* n. 35Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 35, maio de 1937. Capa

Com relação às passadeiras, é percebido que as mulheres ocupantes de cargos de liderança no movimento deveriam utilizar as mesmas passadeiras esquematizadas no *Monitor Integralista* n. 16, já que pela S.N.A.F.P., elas ocupavam posições de “Secretária Nacional”, “Chefe de Gabinete”, entre outras. Em fevereiro de 1937, o comunicado a respeito da abolição da boina pertencente ao uniforme de verão das Blusas-Verdes instituiu um novo acessório a ser utilizado, mas que também não possui demonstrativo imagético no *Monitor Integralista*. Portanto, o que consta no boletim oficial da AIB acerca do uniforme feminino se restringiu a essas questões aqui mencionadas e anteriormente na seção 3.1 *A Trajetória da indumentária integralista*.

Buscando estabelecer um diálogo direcionado às Blusas-Verdes, em *Brasil Feminino* n. 36, no artigo intitulado “Nosso uniforme”, há uma orientação a respeito do uniforme a ser utilizado pelas mulheres integralistas.<sup>524</sup> Sob a argumentação abaixo, é colocado às senhoras o caráter indispensável na observância do correto uso dos uniformes em toda e qualquer reunião, festa ou solenidade da AIB.

<sup>524</sup> **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.

Uma das mais eloquentes provas de disciplina para uma “Blusa verde” é a observância rigorosa do uso do uniforme adotada pela S.N.A.F. e P. e que corresponde perfeitamente ao uniforme dos nossos companheiros “camisas verdes” e é a indumentária que nos distingue dentre as mulheres que não tomaram posições definidas em face da atual situação da nossa Pátria.<sup>525</sup>

Seja qual for o evento, os estranhos ao movimento deveriam observar sem censura e aplaudir a “unidade perfeita que deve existir entre nós e se manifestar em qualquer urgência”<sup>526</sup>, já que nada “mais belo do que uma concentração integralista!”<sup>527</sup>; e nada “mais expressivo do que uma perfeita uniformidade na apresentação de nossas massas, disciplinadas, coesas e arregimentadas”<sup>528</sup>. No entanto, o desvio da normativa dos uniformes era compreendido como algo chocante e desagradável, em vistas de:

mas também nada mais chocante do que vemos, nos quadros femininos, das concentrações ou solenidades, a diversidade de uniforme, que varia desde a cor e o modelo da própria “blusa” simbólica, até a cor e modelo das saias, do calçado e dos chapéus, contrastando com a severa observância apresentada pelos bravos “camisas verdes”, nossos companheiros e nossos irmãos de ideal e de civismo.<sup>529</sup>

Ao chamarem a responsabilidade pelos desvios observados em momentos de aglomeração e compararem o acatamento às regras de vestimenta entre homens e mulheres, o artigo em questão proclamou “um apelo a todas as ‘blusas verdes’ da Pátria para que, também nesse detalhe da grande obra de reeducação cívica nacional, deem o mais nobre e eficiente dos exemplos de disciplina e de unidade de ação.”<sup>530</sup> Através da *Brasil Feminino*, revista “que tanto se interessa por tudo quanto diz respeito à atuação da Mulher, integralista ou não, em favor da evolução da gente brasileira”<sup>531</sup>, as senhoras do movimento foram advertidas, em um tom impositivo e incisivo, sobre a não adequação das normativas do uniforme, algo tão enfatizado e buscado pela AIB e seu gerenciamento.

De modo a ser “simples e prático e com o intuito de nenhuma integralista afastar-se da ordem emanada da suprema autoridade feminina da AIB”<sup>532</sup>, a *Brasil Feminino* reforçou os uniformes de inverno e verão, detalhando aquelas informações que ficaram em falta no *Monitor Integralista*. Com relação ao uniforme de verão, tem-se:

<sup>525</sup> BRASIL FEMININO, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.

<sup>526</sup> *Ibid.*

<sup>527</sup> *Ibid.*

<sup>528</sup> *Ibid.*

<sup>529</sup> *Ibid.*

<sup>530</sup> *Ibid.*

<sup>531</sup> *Ibid.*

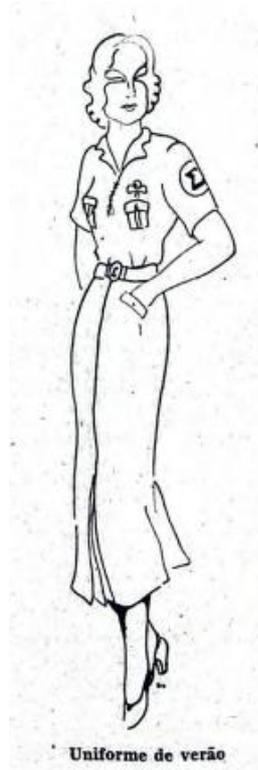
<sup>532</sup> *Ibid.*

### Uniforme de verão

Confeccionado pelo modelo indicado, em linho branco. Blusa de tecido fino de algodão, verde “integral”.

Chapéu de fustão branco igual ao modelo indicado. Cinturão integralista. Sapatos brancos, tipo sport. O uso das meias é obrigatório. Luvas brancas, laváveis, uso facultativo.<sup>533</sup>

Figura 59 – Uniforme de verão



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.

Figura 60 – Modelo do chapéu do uniforme de verão



<sup>533</sup> **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.

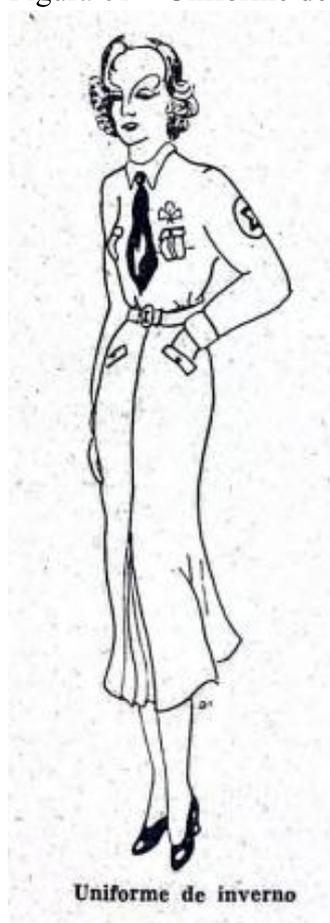
Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.

Uma vez disponibilizado o modelo do chapéu, há também a normatização do uniforme de inverno e sua imagem ilustrativa, como consta:

Uniforme de inverno

Confecionado pelo mesmo modelo do “de verão”, em tecido de lã, preto. Blusa em tecido de algodão consistente, “verde integral”. Cinturão integralista. Sapatos pretos, tipo sport. Boina de lã em feltro preto. Luvas pretas, de pelica ou “sued”, uso facultativo.<sup>534</sup>

Figura 61 – Uniforme de inverno

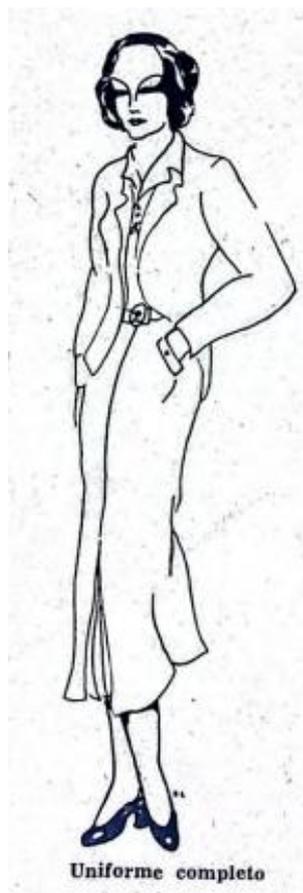


Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.

Mesmo não havendo uma explicação quanto a isso no artigo, há a publicação da imagem do uniforme completo, de modo que seria a camisa do uniforme de verão acrescida de um casaco e um sapato preto, que pertencem ao uniforme de inverno.

Figura 62 – Uniforme completo

<sup>534</sup> **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 38.

No entanto, em relação à saia preta, pode-se questionar o porquê dela não ter sido explanada nesta normativa. Como o texto se propõe a enfatizar o uniforme que seria utilizado em eventos e observado pelo público além daquele integralista, é possível considerar que a saia preta poderia ser usada em momentos de trabalho nos núcleos, já que pode ser percebida em algumas imagens veiculadas na imprensa a presença de saias pretas em mulheres que, pelo seu cargo, não poderiam utilizar uniformes que não os corretos, como exemplo as fotografias presentes na *Brasil Feminino*. Na primeira imagem, é representada a “Secretária Provincial de Arregimentação Feminina e dos Plinianos” da Guanabara, sendo sua “Secretária” a esposa de Plínio Salgado, Carmella Patti Salgado (a mais baixa entre todos). No segundo exemplar, tem-se mulheres que ocuparam posições de liderança na AIB, de modo que também fizeram o uso da saia preta para a fotografia.

Figura 63 – Carmella Salgado e os auxiliares da “Secretária Provincial da Guanabara”



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 35, maio de 1937. p. 38.

Figura 64 – Blusas-Verdes líderes

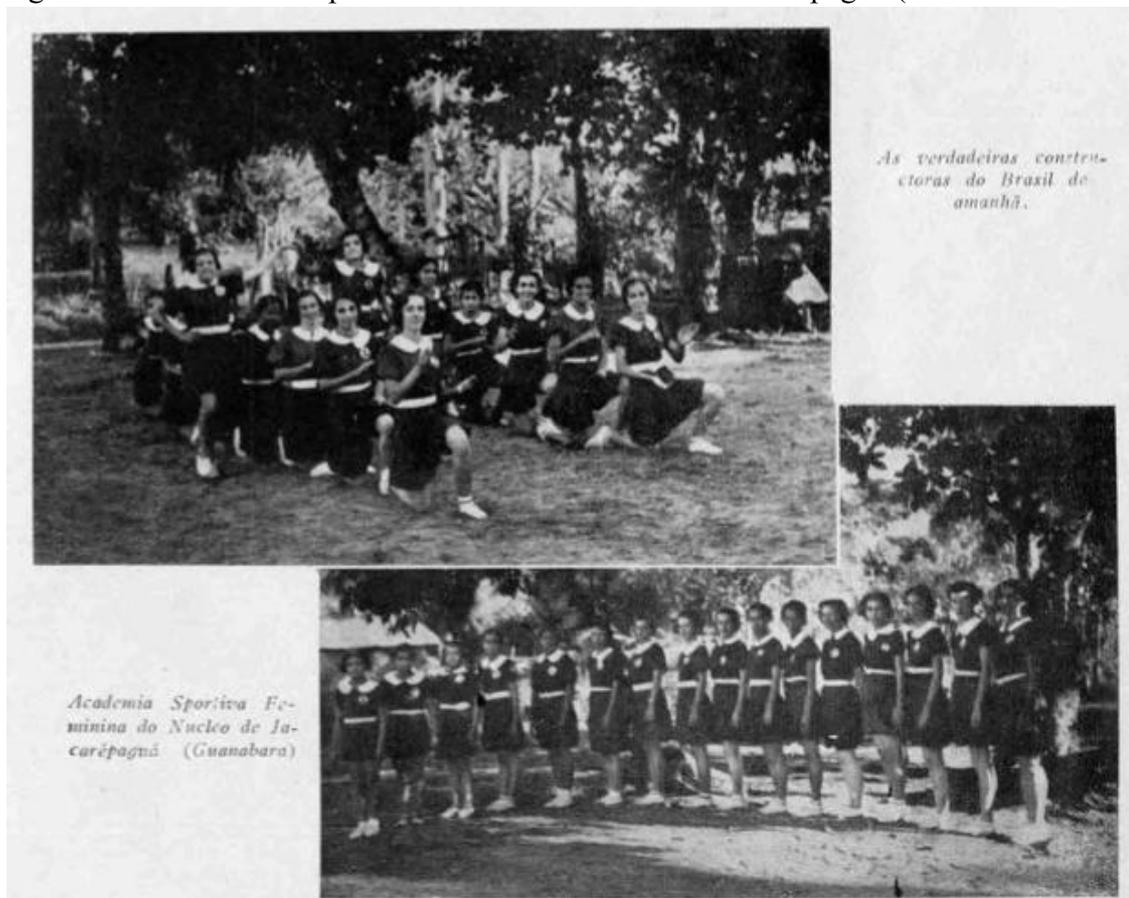


Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 37, setembro de 1937. p. 24.

Ademais, ao analisar as fontes do movimento, é percebida a presença de uniformes femininos voltados para a prática esportiva e que não estão presentes nas normatizações

gerais, de modo a ser possível considerar que eram uniformizações regionalizadas, que variavam de núcleo para núcleo, ou de situação para situação. Abaixo constam imagens de diferentes uniformes esportivos percebidos na revista ilustrada *Anauê!*.

Figura 65 – Academia Esportiva Feminina do núcleo de Jacarepaguá (Rio de Janeiro-RJ)



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 16, junho de 1937. p. 27.

Figura 66 – Uniformes esportivos



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 9, abril de 1936. p. 11.

Figura 67 – Nadadora integralista



Fonte: ANAUÊ!, Rio de Janeiro, n. 9, abril de 1936. p. 10.

Por tudo isso, as mulheres e sua indumentária uniformizante foram largamente representadas na imprensa integralista através de fotografias. Como mencionado anteriormente, a revista ilustrada *Anauê!* publicizou imagens das Blusas-Verdes em menor escala quando comparadas àquelas dos Camisas-Verdes. No entanto, a *Brasil Feminino*, mesmo sendo inserida apenas em 1937, realizou tal ato. As imagens femininas foram propagadas nos 4 números da revista, de modo a externar as mesmas composições observadas em *Anauê!*. É percebido que, nas duas primeiras edições (n. 35 e n. 36), apenas constam imagens das Blusas-Verdes e suas organizações da cidade do Rio de Janeiro, salvo algumas menções que abordam também outras cidades do estado do Rio de Janeiro. A partir da edição n. 37, as capixabas e mineiras foram contempladas, de modo que na edição n. 38 a ampliação também se deu presente.

Tal foco nos arredores cariocas pode ter sido dado em função da revista ter como sede a cidade do Rio de Janeiro. À medida que as edições da *Brasil Feminino* sob tutela da AIB foram se desenvolvendo, as demais Blusas-Verdes foram sendo divulgadas na revista.

Contudo, as maneiras pelas quais elas eram representadas são idênticas. Sejam as mineiras, sejam as capixabas, todas eram estampadas usando a camisa verde, indicando que também poderiam ser “integralistas de camisa”. Suas composições corporais indicam e requerem a seriedade e responsabilidade em assumir um papel importante no movimento. Apontam que aquelas mulheres almejam e lutam por um futuro melhor pelo movimento e para seus filhos.

Figura 68 – Blusas-Verdes do Núcleo de Cascadura



Nucieanas de Cascadura

Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 35, maio de 1937. p. 32.

Figura 69 – Blusas-Verdes da IVª Região da Província de Guanabara



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937. p. 35.

A ideia de mobilização emergida pelas fotografias utiliza como um de seus recursos o uso do uniforme, já que é ele quem identifica as Blusas-Verdes como membros atuantes e fornece o óbvio pertencimento ao movimento. Em um contexto predominantemente masculino e que as questões políticas são restritas aos homens, evidenciar que havia mulheres ocupando lugares políticos é de grande serventia à propaganda integralista, arregimentando outras senhoras e indicando que na AIB elas poderiam ocupar espaços e serem designadas em funções de trabalho.

Figura 70 – Congresso Feminino Integralista



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 37, setembro de 1937. p. 29.

Figura 71 – Blusas-Verdes de Minas Gerais



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937. p. 26.

Figura 72 – Blusas-Verdes do Espírito Santo



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937. p. 37.

Por tudo isso, as mulheres integralistas, denominadas Blusas-Verdes, se inseriram nas fileiras da AIB como membros, filiadas e trabalhadoras. Ao possuírem uniformização e nomeação própria, elas foram contempladas com uma identidade própria, reproduzindo aspectos que eram característicos de seu gênero e ofício. A uniformização, por si só, espelha uma marca de seu gênero; elas não usaram camisas e calças, mas sim blusas e saias, algo condizente e esperado de uma mulher no contexto em questão. Assim, mesmo possuindo representatividade e aquisição de espaço, suas ocupações se restringiam a questões menores, quando comparadas à atividade empenhada pelos Camisas-Verdes. Elas não foram assíduas desde o início do movimento em finais de outubro/início de 1933, mas conquistaram seus lugares enquanto Blusas-Verdes e empreenderam uma significativa participação.

#### 4.2 PLINIANOS: A INCORPORAÇÃO DA JUVENTUDE NO PROGRAMA INTEGRALISTA

*O verde integralista*

*Eu vejo o verde pelo campo em fora,  
Tapete imenso no vergel da serra;*

*Eu vejo o verde, quando a tarde chora  
Lá no bramir do mar da minha terra;*

*Eu vejo o verde ao despertar da aurora;  
No prado em flor, pela manhã deserta;  
Eu vejo o verde entre o botão que aflora  
Em cada folha de jasmim aberta.*

*Eu vejo ainda ao desfraldar, tão lindo,  
Todo em esperança e brio se vestindo  
No pendão pátrio, tremulando à vista;*

*Mas, só contemplo com amor ufano,  
O pedaço mais VERDE deste pano,  
Quando ele envolve um peito Integralista.<sup>535</sup>*

O poema em questão vem acrescido da idade do poeta: 17 anos. A necessidade de externar que um jovem o fez demonstra a valorização da AIB com relação aos jovens e crianças que se inseriram em suas fileiras e defenderam seus pressupostos. Na completa integração da família integralista pela busca pelo “Estado Integral”, a juventude vestiu camisas verdes e foi moldada para formar os futuros quadros do movimento; o sucesso do projeto a longo prazo dependia de sua sucessão na posteridade, de modo que ficaria a cargo da juventude a manutenção do amanhã integralista. A arregimentação juvenil por parte dos Camisas-Verdes é um ponto concomitante das expressões fascistas em institucionalizar e abarcar as categorias juvenis em sua lógica.<sup>536</sup>

A partir de uma educação à luz da doutrina nacionalista e autoritária, as crianças e jovens integralistas deram contornos a uma organização juvenil denominada Plinianos. Enquanto grupo contemplado por uma uniformização própria, a camisa verde pliniana representou uma maneira de gerar valores de fraternidade e patriotismo nas camadas mais jovens da AIB. Segundo consta na *Anauê!* de Joinville,

O seu manto verde confraternizava harmoniosamente com o verde de nosso uniforme, e o lenço branco assinalando (sic) a pureza que ali existia. [...] O mar, na sua imensa grandeza, e no seu gigantesco seio, as ilhas pequeninas e verdes, verdes como nosso uniforme, e as águas também verdes.<sup>537</sup>

<sup>535</sup> ARRUDA, Miguel Edmar Soares. O verde integralista. In: **Enciclopédia do Integralismo** – volume VII. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 163.

<sup>536</sup> DOGLIANI, Patrizia. Propaganda and Youth. In: R.J.B. BOSWORTH (ed.). **The Oxford Handbook of Fascism**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 185-202. p. 185.

<sup>537</sup> ANAUÊ!, Joinville, n. 106, p. 2 *apud* VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas (1934-1937)**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 88.

Enquanto coletividade organizada, os Plinianos, sob essa nomeação, somente surgiram em finais de 1934. No entanto, anteriormente a isso, a classe juvenil já havia adquirido espaço no interior da AIB a partir do Congresso de Vitória no início de 1934. Em maio do mesmo ano, o *Monitor Integralista* publicou os regulamentos dos departamentos acordados no evento mencionado, de modo que a juventude integralista passou a ser contemplada na milícia e como seção do “Departamento de Organização Política - D.P.O.P”. Em seu regulamento, tem-se que a organização da juventude estava a cargo de tal departamento.<sup>538</sup> Já no regulamento do “Departamento de Milícia”, o grupo juvenil também foi contemplado; mesmo não estando presentes na organização da milícia em si, receberam a normatização de um distintivo.<sup>539</sup>

Em dezembro de 1934, a estruturação do movimento se modificou diante do “extraordinário desenvolvimento do Integralismo, em todas as Províncias do país”.<sup>540</sup> Os departamentos foram transformados em secretarias e, subordinado à “Secretaria de Organização Política - S.N.O.P.”, criou-se o “Departamento da Juventude”. Em seu regulamento, que tinha por finalidade “reunir, disciplinar e educar todos os brasileiros natos de ambos os sexos, até 18 anos de idade”, é disposta a organização do setor, compreendendo as divisões, unidades, uniformes, distintivos, hierarquia e afins.<sup>541</sup> Os membros eram subdivididos em: Infantis – 5 a 8 anos, Vanguardeiros – 8 a 14 anos, e Pioneiros – 14 a 18 anos. Além disso, é nesse momento que, mesmo sem algum embasamento ou explicação, o *Monitor Integralista* publicou pela primeira vez a nomeação Plinianos. Assim, juntamente com o esboço do uniforme, acrescentaram tal informação, mas não deixaram claro seu contexto.

Figura 73 – Uniforme da juventude, ou Plinianos

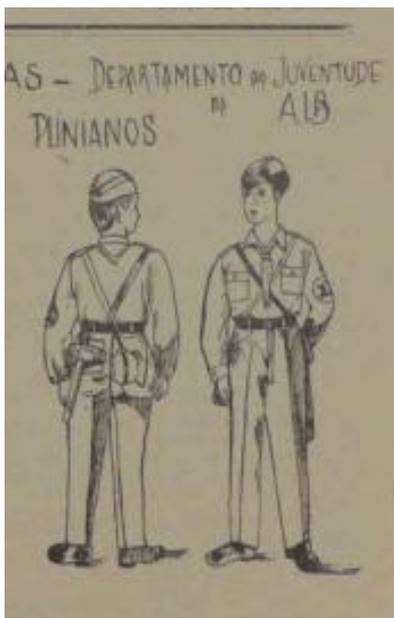
---

<sup>538</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, maio de 1934. p. 4.

<sup>539</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>540</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. Capa.

<sup>541</sup> *Ibid.*, p. 10.



Fonte: **MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 12.

Em maio de 1936, já cristalizados como Plinianos, foi publicada a “Cartilha do Pliniano”, de origem da “Seção da Juventude Integralista-S.N.D”.<sup>542</sup> Nela, tem-se um reforço das ideias e pressupostos do movimento e não se foca na questão juvenil, apenas expõe-se uma narrativa que era direcionada a todos os membros. Na edição seguinte do periódico, os Plinianos foram inseridos na “Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos - S.N.A.F.P.”. O “Departamento dos Plinianos” subordinado a esta secretaria passou a ter “por fim reunir, disciplinar e educar, através a escola ativa, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até 15 anos de idade, de modo a realizar o seu aperfeiçoamento moral, cívico, intelectual e físico.”<sup>543</sup> A partir desse momento, eles foram divididos em Infantis – 4 a 6 anos -, Lobinhos – 7 a 9 anos -, Vanguardeiros – 10 a 12 anos -, e Pioneiros – 13 a 15 anos.

Em maio de 1937, através da resolução n. 295 das “Resoluções da Chefia”, criou-se o “Departamento Nacional das Plinianas”, desmembrando o grupo juvenil feminino do “Departamento Nacional dos Plinianos”, agrupando as crianças por gênero.<sup>544</sup> Seu regulamento ou organização jamais foi publicado nos periódicos e, pela extinção do movimento em fins de 1937, não se sabe como foi a atuação desse grupo.

Por tudo isso, a inserção dos Plinianos na lógica integralista foi gradual e denota como “a juventude era entendida como uma porta de entrada, a primeira célula do organismo social. Penetrar aos jovens seria estabelecer a possibilidade de mobilização e transformação de toda

<sup>542</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 14, maio de 1936. p. 6.

<sup>543</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 15, 03 de outubro de 1936. p. 13.

<sup>544</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 19, 12 de maio de 1937. p. 6.

essa organicidade familiar.”<sup>545</sup> Inspirados na doutrina de Baden-Powell, criador do escotismo e do movimento educacional cívico patriótico na Inglaterra em 1907, o integralismo buscou:

Desenvolver entre os jovens e as crianças integralistas o sentimento de civismo, aprimorando-lhes o caráter, promover o seu desenvolvimento físico, pela prática de jogos desportivos, excursões e passeios, e o desenvolvimento intelectual moral e profissional, ensinando-lhes todos os serviços úteis à coletividade, trabalhos domésticos, além da instrução primária e da educação moral e profissional.<sup>546</sup>

Enquanto método de educação extraescolar apropriado por intelectuais e autoridades políticas para o disciplinamento moral, cívico e físico da infância e juventude, em busca de incentivar o senso de pertencimento à nação, a valorização dos símbolos nacionais e a obediência à ordem e à disciplina social,<sup>547</sup> o escotismo em muito influenciou a condução dos Plinianos na AIB. Embora houvesse uma aproximação ideológica entre a União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e o integralismo, o apoio mútuo entre as partes apenas durou até 1936, quando negada a proposta de incorporação dos Plinianos na UEB, já que o escotismo não permitia debates políticos e religiosos em sua organização.<sup>548</sup> Assim, seja na denominação das subdivisões no interior dos Plinianos, seja na questão dos uniformes como será exposto mais a frente, ou mesmo na valorização da prática de atividades ao ar livre, a AIB se aproximou do escotismo como modelo inspirador para organização de sua juventude.

#### 4.2.1 A juventude uniformizada

A uniformização pliniana está prevista na imprensa integralista desde maio de 1934. Sob o regulamento do “Departamento de Milícia”, a juventude deveria utilizar o uniforme geral da milícia, como mencionado anteriormente. A diferença seria marcada com o lenço branco circundando o colarinho, de modo a ser muito semelhante à indumentária do escotismo.

Capítulo VII. Dos Uniformes.  
XXXI - Os uniformes serão:

<sup>545</sup> SANTORUM, Andreise Gauterio. **Fascismo à brasileira**: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da ação integralista brasileira (1932-1937). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. p. 70.

<sup>546</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999. p. 69.

<sup>547</sup> COSTA, Jean Carlo de C.; LEANDRO, Andressa B. de F. “Bela escola de civismo”: O Escotismo como elemento de transformação social no Brasil. **História da Educação**, v. 26, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/117627>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>548</sup> SANTORUM, *op. cit.*, p. 71.

1º) Camisa de cor “verde-ínglês”, de colarinho pregado e preso por botões nas pontas; passadeiras com 6 cms na base e 5 na ponta, que deve ser em semicírculo terminando a 1 cm do colarinho; dois bolsos à altura do peito, com pestanas retas abotoadas; no terço médio do braço esquerdo um círculo branco com 9,5 cms de diâmetro, circundado por um vivo preto de 0,5 cm de largura e sobre o campo branco um “Sigma” preto, cujas dimensões são de 7 cm por 6.

2º) Gravata preta lisa, caindo até próximo ao cinto.

3º) Gorro verde de duas pontas, com distintivo idêntico ao braço, do mesmo lado, com as seguintes dimensões: 7 cm para o diâmetro do círculo, 0,5 cm para o friso envolvente e 5 cm por 3 para o “Sigma”.

5º) Calças pretas ou brancas, conforme o clima ou a estação, devendo os E.M. providenciarem no sentido do uso do uniforme das calças, de acordo com Diretivas Especiais.

6º) Cinto e sapatos pretos, de preferência.

Capítulo VIII. Dos Distintivos da 1ª e 2ª Linha e da Juventude.

XXXII - A Milícia de 1ª Linha usará a camisa descrita no Capítulo anterior. A de 2ª Linha usará a mesma camisa sem a passadeira nos ombros.

XXXIII- A Juventude Integralista distinguir-se-á por um vivo branco de 0,25 de largura circundando a orla do colarinho.<sup>549</sup>

A partir da institucionalização dos Plinianos em departamento próprio, o regulamento do “Departamento da Juventude” de dezembro de 1934 contemplou não somente uniformes e distintivos, como também os equipamentos individuais e coletivos a serem utilizados pelos Plinianos. Não só a regulamentação por escrito foi publicada, mas também um esboço ilustrativo, como presente na figura x. Com relação às normas escritas, tem-se:

#### CAPÍTULO XI - DO UNIFORME E EQUIPAMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO

Art. 26º - O **uniforme** da Juventude Integralista será o seguinte:

- a) - Camisa verde igual a do milicianos, com friso branco na gola;
- b) - Calça ou culote preto com meias ou perneiras pretas;
- c) - Lenço branco com passador de couro ou pano verde;
- d) - Botinas pretas;
- e) - Casquet integralista;
- f) - Cinto preto (tipo escoteiro) com o Sigma na fivela;
- g) - Pelerine de pano preto;

§ Único - O culote com as perneiras só será usado nos acampamentos e excursões nas matas;

Art. 27º - O **equipamento individual** será o seguinte:

- a) - Bernal verde;
- b) - Bolsa mochila “tipo integralista”;
- c) - Bastão;
- d) - Cantil;
- e) - Canivete;
- f) - Apito de veículos com dois sons;
- g) - Caderno de notas;
- h) - Seis metros de corda - fio;
- i) - Bolsas de curativo individual, linha, agulha, etc;

<sup>549</sup> MONITOR INTEGRALISTA, São Paulo, n. 6, maio de 1934. p. 6.

- j) - Material de asseio;
- k) - Cobertor-saco;

Art. 28º - O **equipamento coletivo** para cada decúria será o mesmo adotado para a patrulha no guia citado, e mais uma bolsa de pronto socorro contendo o necessário, especialmente talas para fraturas e injeções antiofídicas e antitetânicas. O equipamento coletivo de um terço será o mesmo que o Guia citado exige.

#### CAPÍTULO XII - DO SÍMBOLO E DOS DISTINTIVOS

Art. 29º - O símbolo das decúrias será o Sigma com o número da decúria a direita, numa flâmula de cor branca; Sigma e número de cor preta.

Art. 30º - Os Plinianos usarão, no braço direito, os distintivos das especialidades. No esquerdo, o Sigma e os distintivos dos pontos. Os oficiais usarão os distintivos dos postos nos ombros, como na milícia.<sup>550</sup>

Com a criação da “S.N.A.F.P” e a subordinação do “Departamento dos Plinianos” a ela, a normatização do uniforme mais uma vez foi publicada, sofrendo poucas alterações, como consta:

#### CAPÍTULO XI - DO UNIFORME E EQUIPAMENTO

Art. 28º - O uniforme pliniano será o seguinte:

- a) - Camisa verde;
- b) - Calça branca ou azul; culote preto com meias ou perneira de couro ou lona, quando em excursões ou acampamentos;
- c) - Lenço branco com passador de couro ou pano verde;
- d) - Botinas pretas;
- e) - Casquet integralista preto para passeio e chapéu para as excursões, bivaques acantonamentos e acampamentos;
- f) - Cinto preto com o Sigma na fivela;
- g) - Pelérine de pano preto, facultativo;

Art. 29º - O equipamento coletivo para cada decúria será o mesmo adotado para a patrulha, além do material de socorro, contendo medicamentos, telas para fraturas, injeções antiofídicas e antitetânicas.

Art. 30º - O equipamento individual será o seguinte:

- a) - Bernal de pano verde;
- b) - Bolsa mochila “tipo integralista”;
- c) - Bastão;
- d) - Cantil;
- e) - Canivete, machadinha, encapada e pá;
- f) - Apito de veículos com dois sons;
- g) - Seis metros de corda - fio;
- h) - Cobertor-saco;

#### CAPÍTULO XII - DO SÍMBOLO E DOS DISTINTIVOS

---

<sup>550</sup> MONITOR INTEGRALISTA, São Paulo, n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934. p. 10.

Art. 29º - O símbolo das Decúrias será flâmula branca, sem o “totem” ao centro.

Art. 30º - Os Plinianos usarão no braço direito os distintivos de sua especialidade e no esquerdo o Sigma com os distintivos dos postos, que serão os seguintes:

- Sub-decurião
- Decurião
- Sub-monitor
- Monitor
- Guia.<sup>551</sup>

Meses mais tarde, os Protocolos e Rituais também contemplaram o uniforme Pliniano, de modo a constar:

Art. 29 - Os Plinianos usarão a mesma camisa integralista, sendo a gravata substituída por um lenço branco com passador de couro ou de pano verde, calça branca ou azul, culote preto, com meia ou perneiras de couro ou lona; casquete integralista preta, para passeio e chapéu para as excursões, bivaques, acantonamentos e acampamentos.<sup>552</sup>

Assim, a partir de tais normatizações, os Plinianos faziam o uso de camisas verdes e lenços brancos ou verdes em torno do pescoço. Anteriormente, no tópico “3.3. As representações da camisa verde”, foi demonstrada a instrumentalização da imagem dos Plinianos na revista *Anauê!* e a maneira pela qual as fotografias construíram a relação entre família, valores e uniforme. Ao estamparem crianças e jovens inseridos no movimento, produziam um demonstrativo aos leitores dos periódicos de maneira geral, sendo integralistas ou não, de que a AIB possuía como compromisso organizar um espaço específico em sua estrutura interna para as camadas juvenis, evidenciando que havia adesão desses membros. Nesse sentido, aqueles que ainda não se tornaram discípulos, poderiam inclinar-se à aderência nas fileiras do movimento, já que cada gênero e instância da vida possuía um espaço destinado na AIB. Não só a revista *Anauê!* como também o periódico *A Offensiva* publicaram fotografias dos plinianos, em vista de evidenciá-los

em atividades junto aos seus núcleos ou escolas integralistas, vestindo os seus uniformes e fazendo juntos a saudação *Anauê!*, as fotos de crianças integralistas visavam, em sua maioria, demonstrar a quantidade de plinianos já arregimentados pelo movimento. Destaca-se que no ano de 1935, de 41 exemplares que fizeram algum tipo de menção a juventude, 29 trouxeram consigo fotografias de plinianos.<sup>553</sup>

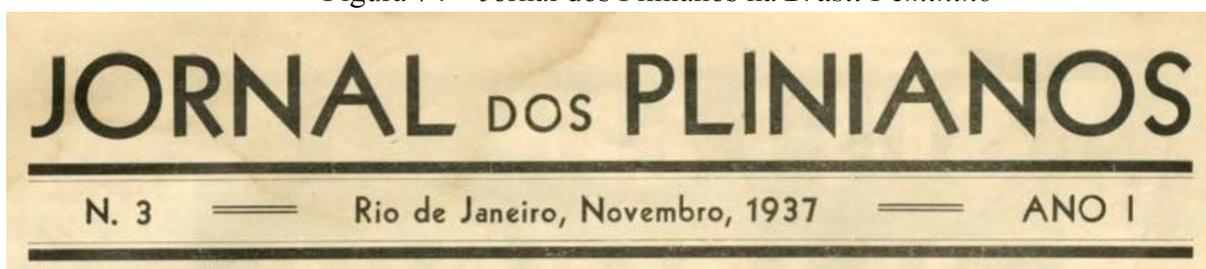
<sup>551</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 15, 03 de outubro de 1936. p. 14.

<sup>552</sup> **MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937. p. 4.

<sup>553</sup> SANTORUM, Andreise Gauterio. **Fascismo à brasileira**: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da ação integralista brasileira (1932-1937). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. p. 184.

Tal operação se tornou enfática na edição n. 38 da *Brasil Feminino*, quando houve a criação do *Jornal dos Plinianos*, espaço destinado somente ao público infanto-juvenil. Mesmo que apenas um exemplar tenha sido publicado, já que após novembro de 1937 o movimento foi extinto, o esforço em estabelecer um modo de comunicar direto com as camadas mais novas do integralismo denota a capilarização do movimento e a necessidade de instituir meios de diálogo com todo público. O movimento possuía a pretensão de dar continuidade ao projeto, já que há menção de uma previsão para a edição seguinte, em que publicariam “No próximo número: Sinhá arrumadeira”.<sup>554</sup> Ainda, na narrativa do periódico juvenil, demonstra-se ser importante a publicação de imagens de Plinianos em suas atividades, evidenciando que havia espaço para toda família integralista.

Figura 74 – Jornal dos Plinianos na *Brasil Feminino*



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937. p. 42.

Figura 75 – Plinianos da Tijuca na aula de Educação Física



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937. p. 42.

A partir de um conteúdo infantil, dispendo de até mesmo de um conto da história do integralismo sob uma narrativa voltada para crianças, o *Jornal dos Plinianos* possuiu a

<sup>554</sup> **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937. p. 44.

pretensão de agradar e se direcionar à categoria juvenil. Em meio à divulgação de concursos de aviação e de boneca e berço, por exemplo, publicaram fotografias de Plinianos uniformizados.

Figura 76 – Plinianos de Porto Alegre



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937. p. 44.

Figura 77 – Pliniana carioca



Fonte: **BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937. p. 44.

A imagem acima revela uma uniformização não prevista nas normatizações das camisas verdes Plinianas. Assim como uma das indumentárias femininas, utilizou-se em meninas a camisa com uma fita transpassada em ilhós, de modo a ser como o exemplar de camisa verde pliniana presente no DELFOS (Figura 10). É comum ver tal camisa nas fotografias do movimento, mas não há uma explicação sobre essa questão nos periódicos consultados.

Portanto, a AIB implementou um modelo pioneiro na mobilização expressiva das parcelas juvenis presentes em movimentos políticos, por meio da educação física, esportes, acampamentos, ginástica, concursos e rituais. Ao dispor de uma série de conjuntos e práticas voltados para a juventude integralista, buscando a arregimentação juvenil e a instrumentalização desse grupo como um mecanismo de propaganda, o movimento evidenciou que toda a “família integral” estava unida em busca do “Estado Integral” e na lógica salvacionista defendida pelo integralismo. As características de rebeldia e desobediência, comuns à faixa etária, eram combatidas e mitigadas, uma vez que os princípios de ordem e obediência eram profundamente inculcados no grupo. Assim, a “Revolução Espiritual” deveria ser arquitetada pela juventude e para a juventude. Uniformizados e sendo integralistas de camisa, as crianças e jovens foram disciplinados para sacrificarem alguns prazeres da infância em prol do movimento, incluindo a própria vida, na defesa dos valores integralistas.<sup>555</sup>

---

<sup>555</sup> VIANA, Giovanny Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade**: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas (1934-1937). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 130.

## CONCLUSÃO

Havendo compreendido as maneiras pelas quais a Ação Integralista Brasileira e o integralismo inseriram as indumentárias uniformizantes em sua lógica e cotidiano, a pesquisa buscou analisar a camisa verde como um instrumento moral, doutrinário e revolucionário, em vias de assimilar como homens, mulheres e crianças externaram os pressupostos do movimento – ordem e disciplina e também Deus, pátria e família – através de seus uniformes. O almejado projeto político do integralismo, o “Estado Integral”, foi pretendido e buscado utilizando os uniformes em questão; as camisas verdes operaram como revestimento corporal de luta e pretensão totalizante, simbolizando e representando o ideal integralista. Para que a nação brasileira fosse organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz, como pretendido desde o *Manifesto de Outubro de 1932*, a AIB demandou a união entre os cidadãos, de modo a estarem em comunhão através da homogeneidade gerada e ocasionada pela camisa verde.

Contudo, a camisa verde não foi originada pelo integralismo, como também não foi uma expressão inédita na história global em insurgência no entreguerras. Incorporando aspectos colhidos em sua viagem a Roma no ano de 1930, Plínio Salgado baseou-se no movimento italiano e se inseriu no fluxo dos *shirt-movements* em evidência por todo o mundo na temporalidade em foco, criando o exemplar brasileiro das camisas coloridas. A partir do detalhamento da forma pela qual o contexto italiano originou os uniformes coloridos e os alocou no cenário fascista a datar da década de 1920, a abrangência da presença das camisas coloridas em diversos movimentos políticos nacionalistas se tornou clara diante do elenco trazido por essa pesquisa acerca dos numerosos casos de extrema-direita que também apresentaram os uniformes coloridos. Em muitos desses exemplares, o uso estratégico do vestuário serviu como um mecanismo de demonstrar conexão a uma posição política transnacional, bem como reafirmar sua inserção na política nacional.

Adornada de aspectos simbólicos intrínsecos, a camisa colorida fascista pode ser analisada como um produto dos processos de nacionalização e constituição da consciência nacionalista em curso desde o século XVIII. Em vias da AIB ter como pressuposto a defesa do nacionalismo e carregar em si elementos de patriotismo, a camisa verde integralista evocou uma causa definitiva para a nação. Ela simbolizou, ou melhor, transformou em objeto, a “nação fascista” por meio de uma simbologia própria, auxiliando a constituição do “novo homem integral”, inspirado no “novo homem fascista”, em que seria caracterizado por sua

orientação baseada em princípios morais, cívicos, espirituais, buscando, assim, estabelecer uma nova maneira de viver e se relacionar em sociedade.

A amplitude de alcance das camisas coloridas e dos *shirt-movements* no entreguerras é elucidada quando sobreposta ao fenômeno do fascismo transnacional, em que apresentou o uniforme como um elemento do repertório fascista e recurso propagandístico altamente eficiente em arregimentar membros e transpor a uma indumentária a pretensão e aspiração fascista como solução para o cenário político nacional. Aliado a isso, enquanto expressão de apelo visual, as camisas coloridas são altamente potentes na estetização da vida política a qual o fascismo buscou, promovendo a ideia de homogeneidade aos membros e criando uma identidade visual consolidada, colonizando o interior do seres e apelando para as emoções e sentimentos de quem a vestisse.

Sendo assim, entende-se que as camisas verdes integralistas não podem ser compreendidas sem analisar os componentes destacados, já que a indumentária deve ser encarada como fruto de um processo histórico, em que o conjunto de acontecimentos, mentalidades e ações confluíram para que o fenômeno dos *shirt-movements* fosse possível. De maneira idêntica, pretendeu-se analisar como as camisas verdes foram inseridas na lógica integralista, já que seu uso se deu gradualmente, como também foi balizado pelos acontecimentos do movimento na própria busca pela implementação do “Estado Integral”.

Por isso, para subsidiar a análise de como os uniformes foram instaurados na AIB, investigou-se as fontes periódicas de abrangência nacional, como o boletim *Monitor Integralista* e as revistas *Anauê!* e *Brasil Feminino*. A pretensão corporativista do integralismo evidencia como as ordens, normas e fluxos advindos da “chefia nacional” eram regra e lei a ser seguida por todos os núcleos e membros. Em vista disso, analisou-se como os tais periódicos e revistas conduziram e implementaram os uniformes, percebendo como os Camisas-Verdes e as Blusas-Verdes recebiam as diretrizes de suas camisas verdes e a maneira a qual deveriam usá-la nos momentos de socialização dos membros.

Enquanto o primeiro passo para se tornar integralista e ser reconhecido como um Camisa-Verde era justamente fazer o uso do uniforme, a indumentária operou uma síntese verbal e material do que era ser integralista. A ideia em ser um “integralista de camisa” denota que aqueles corpos vestidos estavam imbuídos e reproduzindo a doutrina, se comportando moralmente como o esperado por todo pensamento integralista e, conseqüentemente, almejando e lutando para que a pretendida “revolução integral” fosse empreendida e se conquistasse o tão sonhado “Estado Integral”.

Portanto, a camisa verde, utilizada por homens, mulheres e crianças que buscavam a solução integralista para a nação brasileira, simboliza toda a luta e os ideais utópicos almeçados pelos militantes, proporcionando uma sensação de “verdade” e “caminho certo” para quem a vestisse; era como se ela representasse simultaneamente uma armadura protetora e uma arma de combate. Assim, circundada pelo ideal integralista, a camisa verde legitimou o discurso e a causa buscada pela AIB, bem como produziu o inverso. O discurso integralista validou a camisa verde como um instrumento moralizador, doutrinário e revolucionário.

Por todas essas razões, ao se debruçar sobre as camisas verdes e sua complexidade histórica, sociológica e doutrinária, a pesquisa aqui apresentada constitui uma valiosa contribuição para a historiografia da AIB e do integralismo. O uniforme é frequentemente mencionado em diversos, senão em todos, os trabalhos sobre o movimento, sendo sempre entendido como uma das principais simbologias da organização. Contudo, até o momento, ele nunca havia sido analisado como objeto central de estudos com tamanha profundidade que esta pesquisa propõe. Nesse sentido, a partir dos componentes investigados, pode-se concluir que a camisa verde integralista não se limitou a ser mais um símbolo do movimento, mas operou como o símbolo supremo dos integralistas, funcionando como um elo de conexão ao fascismo transnacional e apresentando uma versão brasileira do fascismo. O imaginário social construído e consolidado pela atuação da AIB nos anos de 1930 implica a presença indiscutível da camisa verde, que se inseriu de maneira profunda na sociabilidade integralista, tornando-se um de seus maiores referenciais.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 1, janeiro de 1935.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 2, maio de 1935.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 4, outubro de 1935.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 6, primeira quinzena de janeiro de 1936.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 8, março de 1936.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 9, abril de 1936.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 12, setembro de 1936.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 16, junho de 1937.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 18, agosto de 1937.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 20, outubro de 1937.

**ANAUÊ!**, Rio de Janeiro, n. 22, dezembro de 1937.

**A NOITE ILUSTRADA**, Rio de Janeiro, n. 161, entre abril e maio de 1933.

**A OFFENSIVA**, Rio de Janeiro, n. 13, 09 de agosto de 1934.

**A RAZÃO**, São Paulo, n. 10, 05 de julho de 1935.

**BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 35, maio de 1937.

**BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 36, junho de 1937.

**BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 37, setembro de 1937.

**BRASIL FEMININO**, Rio de Janeiro, n. 38, outubro de 1937.

**FON-FON**, Rio de Janeiro, n. 52, 30 de dezembro de 1933.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 1, primeira quinzena de dezembro de 1933.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 2, segunda quinzena de dezembro de 1933.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 3, primeira quinzena de janeiro de 1934.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 4, segunda quinzena de janeiro de 1934.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 5, segunda quinzena de fevereiro de 1934.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 6, maio de 1934.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 7, segunda quinzena de agosto de 1934.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo n. 8, primeira quinzena de dezembro de 1934.

**MONITOR INTEGRALISTA**, São Paulo, n. 9, 03 de março de 1935.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 10, maio de 1935.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 11, 25 de agosto de 1935.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 12, 03 de outubro de 1935.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 14, maio de 1936.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 15, 03 de outubro de 1936.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 16, 05 de dezembro de 1937.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 17, 20 de fevereiro de 1937.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 18, 10 de abril de 1937.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 19, 12 de maio de 1937.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 20, 11 de julho de 1937.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 21, 17 de julho de 1937.

**MONITOR INTEGRALISTA**, Rio de Janeiro, n. 22, 07 de outubro de 1937.

**O ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 14 de maio de 1978.

ARRUDA, Miguel Edmar Soares. O verde integralista. *In: Enciclopédia do Integralismo* – volume VII. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 163.

BARROSO, Gustavo. **O Integralismo e o Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1936.

BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista deve saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1935.

CUNHA, Maria Rita Vaz de Hollanda. Um coração de mãe. *In: Enciclopédia do Integralismo* – volume VII. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d.

JOSETTI, Rodolpho. O sentido estético do integralismo. *In: Enciclopédia do Integralismo* – volume VII. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Plínio Salgado, meu pai**. São Paulo: GRD, 2001.

MOTTA, José Mayrink de Souza. A Revolução Necessária. *In: Enciclopédia do Integralismo – volume VII*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, s/d.

MOTTA, José Mayrink de Souza. Minha bandeira azul e branca. *In: Enciclopédia do Integralismo – volume VII*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d.

MOTTA, José Mayrink de Souza. Minha camisa verde. *In: Enciclopédia do Integralismo – volume VII*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d.

REALE, Miguel. O Capitalismo internacional. *In: \_\_\_\_\_*. **Obras Políticas: 1ª fase – 1931/1937**. Brasília: Editora UnB, 1983, Tomo II.

REALE, Miguel. Perspectivas Integralistas. *In: \_\_\_\_\_*. **Obras políticas: 1ª fase – 1931-1937**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983, Tomo III.

SALGADO, Plínio. **A Doutrina do Sigma**. São Paulo: Ed. Verde-Amarelo, 1935.

SALGADO, Plínio. **A Quarta Humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SALGADO, Plínio. **Cartas aos Camisas Verdes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

SALGADO, Plínio. Manifesto-diretiva. Enviado por Plínio Salgado aos integralistas em julho de 1945. *In: \_\_\_\_\_*. **O integralismo perante a nação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1950.

SALGADO, Plínio. **O que é o Integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

SALGADO, Plínio. **Protocolos e Rituais**: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Vanessa K.; INÁCIO FILHO, Geraldo. A Educação Moral e Cívica. Doutrina, Disciplina e Prática educativa. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, n. 24, p. 125-134, dez. 2006. Disponível em: <[https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4955/art11\\_24.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4955/art11_24.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2023.

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

ALBA Verde Inglês. **Tacolor**. 2024. Disponível em: <<http://es.tacolor.com/hex/1f5135/>>. Acesso em: 15 de julho de 2024.

ALEX, Nicholas; JOSEPH, Nathan. The Uniform: A Sociological Perspective. **American Journal of Sociology**, v. 77, n. 4, p. 719-730, jan. 1972. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2776756>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ALMEIDA, Adilson J. Uniformes da Guarda Nacional (1831-1852): a indumentária na organização e funcionamento de uma associação armada. **Anais do Museu Paulista**, v. 8, n. 1, p. 77-147, 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5371/6901>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ALMEIDA, Luisa Guerra de. **Mulheres fascistas**: A atuação feminina na Ação Integralista Brasileira por meio do jornal A Offensiva (1936). Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade. **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 5, p. 161-167, 2007.

ALPINI, Alfredo. **La derecha política en Uruguay en la era del fascismo 1930-1940**. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARISTÓTELES. Poética. *In*: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ATHAIDES, Rafael. O fascismo genérico e o Integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo. **Diálogos** (Maringá. Online), v. 18, n.3, set.-dez./2014, p. 1305-1333. DOI: <[10.4025/dialogos.v18i3.929](https://doi.org/10.4025/dialogos.v18i3.929)>. Acesso em: 25 jun. 2023.

AULETE, Caldas. Metonímia. *In*: **Aulete Digital**. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://aulete.com.br/meton%C3%ADmia>>. Acesso em 04 abr. 2024.

BACKAL, Alicia Gojman. **Camisas, escudos y desfiles militares**. Los Dorados y el antisemitismo en México (1934-1940). México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

BACZKO. B. Imaginação social. *In*: **Enciclopédia Einaudi**. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 296-332, 1985.

BAUERKÄMPER, Arnd; Grzegorz ROSSOLIŃSKI-LIEBE. “Introduction”. *In*: \_\_\_\_\_. **Fascism without Borders**. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe (1918-1945). New York: Berghahn, p. 1-18, 2017.

BAUMGARTEN, A. G. **Estética**: a lógica da arte e do poema. Trad. Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BAYLY, C. A.; *et al.* AHR Conversation: On Transnational History. **American Historical Review**, v. 111, n. 5, p. 1440-1464, dez. 2006. DOI: <<https://doi.org/10.1086/ahr.111.5.1441>>. Acesso em: 25 de jul. 2024.

BEEKMAN, Scott. **William Dudley Pelley: A Life in Right-Wing Extremism and the Occult**. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 2005.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. 2ª Reimpressão. Porto Alegre: Zouk, 2014.

BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. *In*: AZEVEDO, Cecília et al. **Cultura Política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do Integralismo: Controle e propaganda política no Brasil dos anos 1930. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 7, p. 87- 110, jul/dez 1992.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. 2. ed. rev. e atual. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

BERTONHA, João Fábio. **O Integralismo e sua história: Memória, fontes, historiografia**. Salvador: Ed. PontoCom, 2016.

BETCHERMAN, Lita-Rose. **The swastika and the maple leaf: Fascist movements in Canada in the thirties**. Canada: Fitzhenry & Whiteside, 1975.

BRASIL. Lei Nº 4.897, de 9 de dezembro de 1965. Declara Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Patrono da Nação Brasileira. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1965.

BRASIL. Lei Nº 38, de 4 de abril de 1935. Define crimes contra a ordem política e social. Rio de Janeiro, RJ: **Diário Oficial da União**, 1935.

BRASIL. Decreto Nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Decreta o Código Eleitoral. Rio de Janeiro, RJ: **Diário Oficial da União**, 1932.

BRENHA, Maria Rita Chaves Ayala. **As Cortes do Sigma e seu papel no Estado Integral: uma análise prosopográfica de seus membros**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

BROXSON, Elmer. **Plínio Salgado and the Brazilian Integralism (1932-1938)**. Washington: The Catholic University of América, 1972 (tese de doutorado em História).

BULHÕES, Tatiana da Silva. **"Evidências esmagadoras dos seus atos": fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-19)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. *In*: SILVA, Giselda Brito (org.). **Estudos do integralismo no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 307-331.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão**. São Paulo: Annablume, 1999.

CALDEIRA NETO; Odilon. Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição. **L'Ordinaire des Amériques**, n. 226, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.4000/orda.5853>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. **Locus: Revista de História**, v. 18, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufrf.br/index.php/locus/article/view/20367>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro. Fascismo nas urnas: o integralismo nas eleições. In: RICCI, Paolo; ZULINI, Jaqueline Porto (Orgs.). **Eleições na primeira fase da Justiça Eleitoral, 1932-1937**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2025. p. 161-170.

CALIL, Gilberto. Grassi. O integralismo no pós-guerra: a formação do partido de representação popular (1945-1950). **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 117-142, 2012. DOI: 10.36449/rth.v2i1.6859. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/6859>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa**. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CALIL, Gilberto Grassi. Os integralistas e o golpe militar de 1964. **Revista História & Luta de Classes**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 55-76, 2005.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar (Org.). **Dos papéis de Plínio: contribuições do Arquivo de Rio Claro para a historiografia brasileira**. Rio Claro, SP: Oca, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário político da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999.

CAZETTA, Felipe. **Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

CECIM, Arthur Martins. Baumgarten, Kant e a teoria do belo: conhecimento das belas coisas ou belo pensamento? **Paralaxe**, v. 2, n. 1, p. 2-19, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/view/31114>>. Acesso em: 07 jan. 2023.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado – forma de regressividade no capitalismo hipertardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. *In*: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

CHEN, Chiao In. As origens do fascismo chinês: o impacto da colaboração nacionalista-comunista e a legitimidade da luta nacional (1927-1931). **Locus: Revista de História**, v. 28, n. 2, p. 146–166, 2023. DOI: <<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.37511>>. Acesso em: 3 abr. 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. A Enciclopédia do Integralismo frente a Educação, Estética e Poética: ciências da mente e do corpo. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 10, n. 19, p. 113-132, jul./dez. 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

CIDREIRA, Renata P. A moda como expressão cultural e pessoal. **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 227-244, dez. 2010.

CLAVIN, Patricia. Defining Transnationalism. **Contemporary European History**, v. 14, n. 4, p. 421-39, 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1017/S0960777305002705>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

COSTA, Jean Carlo de C.; LEANDRO, Andressa B. de F. “Bela escola de civismo”: O Escotismo como elemento de transformação social no Brasil. **História da Educação**, v. 26, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/117627>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CRAIK, Jennifer. The Cultural Politics of the Uniform. **Fashion Theory**, v. 7, n. 2, 2023, p. 127–47. DOI: <<https://doi.org/10.2752/136270403778052140>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CRONIN, Mike. The Blueshirt Movement, 1932-5: Ireland's Fascists? **Journal of Contemporary History**, v. 30, n. 2, p. 311-332, 1995. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/261053>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Coleção O Brasil Republicano. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEUTSCH, Sandra McGee. Christians, Homemakers, and Transgressors: Extreme Right-Wing Women in Twentieth-Century Brazil. *Journal of Women's History*, v. 16, n. 3, p. 124-137, 2004. DOI: <<https://doi.org/10.1353/jowh.2004.0062>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

DEUTSCH, Sandra McGee. **Las Derechas**: The Extreme Right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890-1939. Stanford: Stanford University Press, 1999.

DEUTSCH, Sandra McGee. Spartan Mothers: Fascist Women in Brazil in the 1930s. *In*: BACCHETTA, Paola e POWER, Margaret (Eds.). **Right-Wing Women**. From Conservatives to Extremists around the World. Londres: Routledge, 2002, p. 155- 167.

DEUTSCH, Sandra McGee. What Difference Does Gender Make? The Extreme Right in the ABC Countries in the Era of Fascism. *EIAL - Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 8, n. 2, 1997. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/What-Difference-Does-Gender-Make-The-Extreme-Right-Deutsch/7735afdc0c529cfb0801eb8b74246c91bd04935f>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

DIAMOND, Sander A. **The Nazi Movement in the United States, 1924–1941**. Ithaca: Cornell University Press. 1974.

DOGLIANI, Patrizia. Propaganda and Youth. *In*: R.J.B. BOSWORTH (ed.). **The Oxford Handbook of Fascism**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 185-202.

DORRIL, Stephen. **Blackshirt**: Sir Oswald Mosley and British Fascism. London: Penguin Books, 2007.

DOTTA, Renato Alencar. **Elementos verdes**: os integralistas brasileiros vigiados pelo DOPS-SP (1938- 1981). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DUGGAN, Christopher. **The Force of Destiny**. A History of Italy since 1796. London: Penguin Books Ltd, 2007.

EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

EATWELL, Roger. **Fascism**. London: Pimlico edition, 2003.

ECO, Umberto. **Psicologia do vestir**. 2ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

ENTELIS, John P. Party Transformation in Lebanon: Al-Kata'ib as a Case Study. *Middle Eastern Studies*, v. 9, n. 3, p. 325-340, 1973. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4282494>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

Essa Bandeira tem História - Bandeira de Minas Gerais destaca marco da história do Brasil. **Tv Senado**, 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/essa-bandeira-tem-historia/2022/12/bandeira-de-minas-gerais-destaca-marco-da-historia-do-brasil>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

FALASCA-ZAMPONI. Simoneta. **Fascist Spectacle**: The aesthetics of Power in Mussolini's Italy. Oakland: University of California Press, 1997.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latim-português**. Rio de Janeiro: MEC, 1994.

FERREIRA, Ana Júlia; SILVA, Larissa Frazão. Propaganda e imaginário social na imprensa integralista: os casos de *A Offensiva* e *Monitor Integralista*. **História e Cultura**. v. 13, n. 1, p. 198-224, ago. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/213>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. **As Plinianas de Pernambuco**: o cotidiano das mulheres na Ação Integralista Brasileira (1932-1938). Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Departamento de História Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

FERREIRA, Lilian Tavares de Bairros. **Blusas-Verdes à beira-mar**: Mulheres Integralistas - Santos (1932-1937). Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FINCHELSTEIN, Frederico. **Do fascismo ao populismo na História**. São Paulo: Almedina, 2019.

FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista Anauê!** (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira - a “netinha” que não cresceu. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

FORLENZA, Rosario; THOMASSEN, Bjorn. From Myth to Reality an Back Again: The Fascist and Post-Fascist Reading of Garibaldi and the Risorgimento. **Bulletin of Italian Politics**, v. 3, n. 2, p. 263-281, 2011.

FRAZÃO, Larissa. Os Camisas-verdes: vestidos para o fascismo brasileiro. **Revista Casa D'Italia**, Juiz de Fora, ano 4, n. 31, 2023. Disponível em: <<https://casaditaliajf.com.br/revista-casa-ditalia-ano-04-no31-2023/#Texto-5>>. Acesso em 15 out. 2023.

FUENTES, Juan Francisco. Shirt Movements in Interwar Europe: a Totalitarian Fashion. **Ler História**, n. 72, p. 151-173, 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/3560>>. Acesso em 02 mar. 2024.

FURLONG, Patrick J. **Between Crown and Swastika**: The Impact of the Radical Right on the Afrikaner Nationalist Movement in the Fascist Era. Hanover: Wesleyan University Press, 1991.

GALIMI, Valeria; GORI, Annarita. Hybridizing ideas in the Latin space: Transnational agents and polycentric cross-border networks. In: \_\_\_\_\_. **Intellectuals in the Latin Space during the Era of Fascism**. Routledge: New York; Oxford, 2020.

GENTILI, Emilio. **The struggle for modernity**: nationalism, futurism, and fascism. USA: Praeger Publishers, 2003.

GERSHONI, Israel; JANKOWSKI. The Young Egypt Movement: An Egyptian Version of Fascism? Confronting Fascism. *In: Egypt: Dictatorship versus Democracy in the 1930s*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOMIDES, Fernanda. **História da Educação e livro didático: ideologia e memória na obra Compêndio de Instrução Moral e Cívica de Plínio Salgado (1965)**. *In: II Congresso Nacional de Educação*, 2015, Campina Grande. Políticas, Teorias e Práticas, 2015.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

GONÇALVES, Leandro Pereira. Un ensayo bibliográfico sobre el integralismo brasileño. *Ayer*, v. 105, p. 241- 256, 2017. DOI: <<https://doi.org/10.55509/ayer/105-2017-10>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

GONÇALVES, Leandro Pereira; GRECCO, Gabriela de Lima. Introducción: ¿Por qué fascismos iberoamericanos? *In: \_\_\_\_\_*. **Fascismos Iberoamericanos**. Madrid: Alianza, p. 37-63, 2022.

GONÇALVES, Leandro Pereira; MANSAN, Jaime Valim. Educação Moral e Cívica e Pensamento Autoritário durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. *In: GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA Maurício. (Org.). Políticas educacionais e regimes autoritários: intelectuais, projetos e instituições*. 1ed. Rio de Janeiro; Porto Alegre: Autografa; EDUPE; EDIPUCRS, 2017, v. 1, p. 213-241.

GONÇALVES, Leandro Pereira; OLIVEIRA, Alexandre. “Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil”: vivendo na ilusão com os verdadeiros números do integralismo. O PRP como resposta à nova realidade do Brasil. **História e Cultura**, Franca, v. 5, n. 3, p. 155-174, dez. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.18223/hiscult.v5i3.2002>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

GONÇALVES, Leandro Pereira; PACHECO, Gabriela. Fascismo e Modernismo: a atuação de Plínio Salgado na década de 1920. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 35, n. 1, p. 57–81, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.14393/cdhis.v35n1.2022.65633>>. Acesso em: 09 fev. 2023.

GONÇALVES, Leandro P.; REZOLA, Maria Inácia ; Introdução. *In: \_\_\_\_\_* (orgs). Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional. **Tempo e Argumento**, v. 14, p. 1-9, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.5965/2175180314352022>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. Simbologia e sugestão: ideal de homem integral em protocolos e rituais (1937). **Temáticas**, Campinas, v. 20, n. 39, p. 181–198, 2012. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11443>>. Acesso em: 9 set. 2024.

GONÇALVES, Leandro Pereira; VIEIRA, Samuel M. **Plínio com que roupa eu vou?!**: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira. CES Revista, v. 24, p. 187-200, 2010. Disponível em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/article/view/671>>. Acesso em: mai. 2022.

GOMES, Ângela Maria de Castro. A escola republicana: entre luzes e sombras. In: GOMES, Ângela Maria de Castro *et al.* **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

GRIFFIN, Roger. **Modernism and Fascism: The Sense of a Beginning under Mussolini and Hitler**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. London and New York: Routledge, 1991.

GUT, Nicolau de Flue Gut. **Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira**. Tese de doutorado, Munique, Ludwig-Maximilians-Universität München, 1940.

HAGTVET, B.; LARSEN, S. U.; MYKLEBUST. **Who Were the Fascists: Social Roots of European Fascism**. Oslo: Universitetsforlaget, 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, John. **Homens de preto**. São Paulo: UNESP, 2004.

HITLER, Adolf. **Minha Luta** (Mein Kampf). Lisboa: Ed. Guerra e Paz. Lisboa, 2016.

HOBSBAWM, E. J. **Nations and nationalism since 1780: Programme, myth, reality**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992

HOBSBAWM, E. J. **The age of empire: 1875-1914**. London: Book Club Associates by arrangement with Weidenfeld and Nicolson, 1987.

HOBSBAWM, E. J. A. The invention of tradition. In: HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. (Org.). **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HUNSCHE, Karl-Heinrich, **Der Brasilianische Integralismus: Geschichte und Wesen der faschistischen Bewegung Brasiliens**. Stuttgart: Verlag von W. Kohlhammer, 1938, 239 pp.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

JAY, Martin. “The Aesthetic Ideology” as Ideology; Or, What Does It Mean to Aestheticize Politics? **Cultural Critique**, n. 21, p. 41-61, 1992. DOI: <<https://doi.org/10.2307/1354116>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

JENKINS, Philip. ‘It Can’t Happen Here’: Fascism and Right-Wing Extremism in Pennsylvania, 1933-1942.” **Pennsylvania History: A Journal of Mid-Atlantic Studies**, v. 62,

n. 1, p. 31–58, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27773772>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do império à república. **Mana**, v. 18, n. 3, p. 471-509, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000300003>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

KORSHAK, Yvonne. The Liberty Cap as a Revolutionary Symbol in America And France. **Smithsonian Studies in American Art**, v. 1, n. 2, p. 52-69, 1987. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3108944>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 311-313.

KOTT, Matthew. Latvia's Pērkonkrusts: Anti-German National Socialism in a Fascistogenic Milieu. **Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies**, v. 4, n. 2, p. 169-193, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.1163/22116257-00402007>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

LACERDA, Lucas O.; LOPES, Nislene do N.; MONTENEGRO, Maria Aparecida de P.; SOUSA, Bruna N. F. de. A estética como disciplina filosófica. **Encontros Universitários da UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2018.

LIMA, Moisés. **A verdadeira origem da camisa verde**. Youtube, sem data. 1 vídeo (22:43 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-s4l-AJK-nY&t=1217s&ab\\_channel=Mois%C3%A9sLima](https://www.youtube.com/watch?v=-s4l-AJK-nY&t=1217s&ab_channel=Mois%C3%A9sLima)>. Acesso em: 05 abr. 2024.

LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938: revendo o passado: gênero e representações**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

LORIA, Guillermo. Así nacieron los camisas blancas... El nacimiento de los camisas blancas. Narrado por uno de sus fundadores, el Cmda. Guillermo Loria. **Antorcha - Gaceta oficial de Falange Socialista Boliviana**, 2019. Disponível em: <<https://falangesocialistaboliviana1.blogspot.com/2019/02/asi-nacieron-los-camisas-blancas.html>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista Brasil Feminino e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 211-236.

MANN, Michael. **Fascists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MARQUEZ, Luis Corvalán. Identidad, ideología y política en el Movimiento Nacional Socialista de Chile, 1932-1938. **Izquierdas (Santiago)**, n. 25, p. 76-119, 2015. DOI: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-50492015000400004>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MEDEIROS, Sabrina Evangelista Medeiros; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; VIANNA, Alexander Martins (Orgs.). **Dicionário Crítico do Pensamento das Direitas: ideias, personagens e instituições**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

MELO, Gildete Pereira Tavares de. **O papel das mulheres na Ação Brasileira Integralista (1932-1937)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

MINAS GERAIS. Lei estadual Nº 2793, de 8 de janeiro de 1963. Institui a bandeira do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: **Assembléia Legislativa de Minas Gerais**, 1963.

MORALES, Tirso Molinari. El Partido Unión Revolucionaria y su proyecto totalitario-fascista. Perú 1933-1936. **Revista UNMSM- Investigaciones Sociales**, n. 16, p. 321-346, 2006. Disponível em: <<https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/sociales/article/view/7029>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MORANT I ARIÑO, Toni. Uma primeira aproximação comparada ao fascismo feminino no Brasil e na Espanha, 1932-1937. **Locus. Revista de História**, v. 25, n. 2, p. 121-137, 2019.

MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. **Identidades brasileiras: composições e recomposições** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 7-29.

MOSSE, George L. Fascist Aesthetics and Society: Some Considerations. **Journal of Contemporary History**, London, v. 31, n. 2, p. 245-252, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/261165>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

MOSSE, George L. **Le guerre mondiali dalla tragedia al mito dei caduti**. Roma: Laterza, 1990.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Estampa, 1988.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. “O Esperado”: a construção da imagem messiânica de Plínio Salgado como chefe da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 288–306, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.31458>>. Acesso em: 1 abr. 2025.

NGAI, M. M. Promises and Perils of Transnational History. Perspectives on history. **The Newsmagazine of American Historical Association**, v. 50, n. 9, Dezembro 2012.

OLIVEIRA, Maurício. **Garibaldi: herói dos dois mundos**. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PACHECO, Gabriela Santi. **Panorama e o projeto integralista**: uma análise da revista intelectual. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

PALHARES, Lenir. **“Educação integral para o homem integral”**: as escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PARENTE, Josênio. **Os Camisas-verdes no poder**. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

PAYNE, Stanley. **A History of Fascism (1914-1945)**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAXTON, Robert O. **Le temps des chemises vertes**. Révoltes paysannes et fascisme rural. 1929-1939. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

PAXTON, Robert O. The Five Stages of Fascism. **The Journal of Modern History**, v. 70, n. 1, p. 1-23, 1998.

PELKA, Anna. El significado de la moda en los sistemas dictatoriales. Una nota de semiótica histórica. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, v. 33, p. 277-283, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez. 2006.

PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

PINTO, António Costa. **Os Camisas-azuis**: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal (1914-1945). Lisboa: Editora Estampa, 1994.

PINTO, António Costa. **Os Camisas-azuis**: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife :EDUpE, 2016.

PINTO, Marcos Rogério. **O perfil feminino no integralismo no Brasil pela revista Anauê!**: o pertencimento à família integralista. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. O integralismo e a mulher. *In*: DOTTA, Renato Alencar et alii (Orgs.). **Integralismo**: novos estudos e reinterpretações. Rio Claro: Arquivo Público do Município, 2004, p. 107-126.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938). *In*: GOMES, Ângela de Castro (org.). **A escrita de si. A escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 257-277.

RAFAELI, A.; WORLINE, M. Symbols in organizational culture. *In*: ASHKANASY, N. M.; WILDEROM, C.; PETERSON, M. F. (Ed.). **Handbook of organizational culture and climate**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. **Intelectuais e Carisma: a Ação Integralista Brasileira na década de 1930**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RAPOSO, Maurício Antunes. **A cidade e o professor integralista: Nova Friburgo, a Ação Integralista Brasileira e a trajetória intelectual de Júlio Ferreira Caboclo (1934 - 1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos semióticos**, v. 6, n. 1, p. 46–53, 2010.

RIDLEY, Jasper. **Garibaldi**. London: Phoenix Press, 2001.

ROSA, Frederico. Da religião do sangue à organização social da natureza: breve história do debate totêmico (1887-1929). **Etnográfica** [Online], v. 6, n. 2, p. 225-249, 2002. DOI: <<https://doi.org/10.4000/etnografica.4590>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

ROWLAND, Thomas. **Of Fasces and Fascists: On the Role of Aesthetics in the Development of 20th-Century Italian Fascist Ideology**. A Thesis in the Field of Philosophy for the Degree of Master of Philosophy of Political Science, Leiden University, November 2020.

SANTORUM, Andreise Gauterio. **Fascismo à brasileira: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da ação integralista brasileira (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SANTOS, Leonel R. dos. A concepção Kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 33, n. 2, p. 35-76, 2010. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1031>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SAUNIER, Pierre-Yves. Learning by Doing: Notes about the Making of the Palgrave Dictionary of Transnational History. **Journal of Modern European History**, v. 6, n. 2, p. 159–180, set. 2008. DOI: <[https://doi.org/10.17104/1611-8944\\_2008\\_2\\_159](https://doi.org/10.17104/1611-8944_2008_2_159)>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador: reflexões sobre a construção da figura pública do monarca tropical D. Pedro II**. 1998. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SEIGEL, M. Beyond compare: comparative method after the transnational turn. **Radical History Review**, v. 91, p. 62-90, Inverno 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1215/01636545-2005-91-62>>. Acesso em: 04 fev. 2024.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Os fascismos. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. (orgs.). **O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, v. 2, p. 109-164.

SILVA, Giselda Brito. **A lógica da suspeição contra a força do sigma**: discursos e política na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SILVA, Hélio. **Terrorismo em Campo Verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, Larissa Frazão. **As performances do Sigma**: a estética integralista. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

SILVA, Larissa Frazão. Perceber e sentir: a estética do movimento integralista. **Manduarisawa** - Revista Discente do Curso de História da UFAM, v. 7, ano 1, p. 140-166, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/12535>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SIMÕES, Renata Duarte Simões. **A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932-1938)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SIMÕES, Renata Duarte; Simões, SIMÕES, Ricardo Duarte; SILVA Ticiano Ribeiro da. Mulheres integralistas: enfermeiras "blusas-verdes" a serviço da nação. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 140-149, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000100016>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SIMONS, Jon. Aestheticisation of Politics: From Fascism to Radical Democracy. **Journal for Cultural Research**, v. 12, n. 3, p. 207-229, 2008. DOI: <<https://doi.org/10.1080/1479758080252210>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SMITH, A. D. **National identity**. Nevada: University of Nevada Press, 1991.

SÔNAGO, Marcio J. Ferreira. A Fotografia como fonte histórica. **História**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366/1248>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. *In*: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35.

STERNHELL, Zeev. Fascism: Reflections on the Fate of Ideas in Twentieth Century History. **Journal of Political Ideologies**, London, v. 5, n. 2, p. 139-162, 2000. DOI: <<https://doi.org/10.1080/713682939>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

TANAGINO, Pedro Ivo Dias. E o fogo imortal de uma mística”: literatura, política e linguagem na construção do paradigma integralista por Plínio Salgado, 1927-1937. **Faces de Clio**, v. 1, n. 1, p. 148-167, 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.ufrj.br/index.php/facesdecli/article/view/26426>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**, n. 15, p. 7–23, 2001/2002.

THOMÀS, Joan Maria. FET y de las JONS y la dictadura (1939-1977). *In*: HERAS, Manuel Ortiz (Org.). **¿Qué sabemos del franquismo?** Estudios para comprender la dictadura de Franco. Granada: Comares, 2018, p. 23-42.

TRAVERSO, Enzo. **Interpretar el fascismo**. Notas sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. **Ayer**, n. 60, p. 227-258, 2005. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41324908>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

TREJO, Javier Teófilo Suárez. Espantando a los Uriburu: la poética política de Oliverio Gironde en la década de 1930. **Tropelías**: Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada, n. 31, 2019, p. 391-413. DOI: <[https://doi.org/10.26754/ojs\\_tropelias/tropelias.2019313045](https://doi.org/10.26754/ojs_tropelias/tropelias.2019313045)>. Acesso em: 03 abr. 2024.

TRINDADE, Hélió. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979.

TRINDADE, Hélió. **L'Action Intégraliste Brésilienne**: un mouvement de type fasciste des années 30, Paris, Fondation Nationale des Sciences Politiques, Cycle Supérieur d'Études Politiques, Thèse pour le Doctorat soutenue à L'université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), 1971, 606 pp.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE, 2017.

VEIGA, Edison. Vovó Índio, el personaje brasileño "ideal" con el que trataron de reemplazar a Santa Claus hace casi un siglo. **BBC News**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-59781805>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade**: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas (1934-1937). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. Maria do Pilar de Araújo. **Em busca do sigma**: estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978.

WALDECK, Rosie Goldschmidt. **Athene Palace**: Hitler's 'New Order' comes to Rumania. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

WANDER, Philip. The Aesthetics of Fascism. **Journal of Communication**, v. 33, n. 2, june/1983. p. 70-78. DOI: <<https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1983.tb02389.x>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

WATENPAUGH, Keith. Steel shirts, white badges and the last qabadāy: fascism, urban violence and civic identity in Aleppo under French rule. *In*: MÉOUCHY, Nadine (Ed.). **France, Syrie et Liban 1918-1946: Les ambiguïtés et les dynamiques de la relation mandataire**. Damas: Presses de l'Ifpo, 2002.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 14, p. 9- 36, 2013. DOI: <<https://doi.org/10.46752/anphlac.14.2013.2331>>. Acesso em: 05 jan. 2024.

WHITE, Martin. **The Greenshirts: fascism in the Irish Free State 1935-1945**. Ph. D. Thesis, History Department, University of London, London, 2004.

WILSON, Perry. The nation in uniform? Fascist Italy, 1919-43. **Past & Present**, n. 221, p. 239-272, Nov. 2013. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24543616>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

WILSON, Perry. White blouses in the blackshirt nation: women and uniforms in Fascist Italy. **Women's History Review**, v. 31, n. 7, p. 1107-1126, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.1080/09612025.2022.2055272>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

YEOMANS, Rory. Militant Women, Warrior Men and Revolutionary Personae: The New Ustasha Man and Woman in the Independent State of Croatia (1941-1945). **The Slavonic and East European Review**, v. 83, n. 4, p. 685-732, 2005.

ZACHARIAH, Benjamin. A Voluntary Gleichschaltung? Perspectives from India towards a non-Eurocentric Understanding of Fascism. **Transcultural Studies**, v. 5, n. 2, p. 63-100, 2014. DOI: <<https://doi.org/10.11588/ts.2014.2.15554>>. Acesso em: 15 jan. 2024.